

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**DAVID KEIRSEY E A RELIGIÃO:  
O PAPEL DA TIPOLOGIA NA *COMPREENSÃO*  
DE PERFIS RELIGIOSOS**

ENIO STAROSKY

São Bernardo do Campo — Janeiro de 2020

UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO

DIRETORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

**DAVID KEIRSEY E A RELIGIÃO:  
O PAPEL DA TIPOLOGIA NA *COMPREENSÃO*  
DE PERFIS RELIGIOSOS**

ENIO STAROSKY

Tese apresentada em cumprimento parcial  
às exigências do Programa de Pós-  
Graduação em Ciências da Religião, para  
obtenção do grau de doutor. Orientação do  
Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza

São Bernardo do Campo — Janeiro de 2020

## FICHA CATALOGRÁFICA

Starosky, Enio  
St28d David Keirse e a religião: o papel da tipologia na compreensão de perfis religiosos / Enio Starosky -- São Bernardo do Campo, 2020.  
277 p.

Tese (Doutorado em Ciências da Religião) --Diretoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2020.  
Bibliografia  
Orientação de: Vitor Chaves de Souza.

1. Religião 2. Religião – Psicologia religiosa 3. Tipos de temperamento 4. Perfil psicológico 5. Compreensão 6. David Keirse I. Título

**CDD 200.19**

A tese de doutorado sob o título *David Keirse e a religião: o papel da tipologia na compreensão de perfis religiosos*, elaborada por Enio Starosky e defendida aos 20 de março de 2020, perante banca examinadora composta por: Dr. Vitor Chaves de Souza (Presidente, UMESP), Dr. Rui de Souza Josgrilberg (Aposentado, UMESP), Dra. Blanches de Paula (Titular, UMESP), Dr. João Sérgio Lauand (Titular, USP/EDT) e Dra. Chie Hirose (Titular, USP/FICS).

Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza  
ORIENTADOR E PRESIDENTE DA BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Lauri Wirth  
COORDENADOR DO PROGRAMA

**PROGRAMA**  
Pós-Graduação em Ciências da Religião

**ÁREA DE CONCENTRAÇÃO**  
Linguagens da Religião

**LINHA DE PESQUISA**  
Teologias das Religiões e Cultura

*People are different from each other*

David Keirsey

Se todos tivessem experiência de Deus da mesma forma e o adorassem de maneira idêntica, o cântico da Igreja triunfante não teria sinfonia, seria como uma orquestra em que todos os instrumentos tocassem a mesma nota. Aristóteles nos informou que uma cidade é uma união de dessemelhanças, e São Paulo disse que um corpo é uma unidade de membros diferentes. O céu é uma cidade, e um Corpo, porque os benditos permanecem eternamente diferentes: uma sociedade, porque cada um tem o que contar a todos os demais – notícias frescas e sempre frescas do “Meu Deus” que cada um encontra naquele que todos louvam como o “Nosso Deus”. Pois sem dúvida a tentativa continuamente vitoriosa, todavia jamais completada, pelas almas individuais no sentido de comunicar sua visão ímpar a todas as outras (e isso através de meios dos quais a arte e a filosofia terrenas não passam de grosseiras imitações), acha-se também entre os propósitos para os quais o indivíduo foi criado. A união existe apenas entre os dessemelhantes; e, talvez, deste ponto de vista, tenhamos um vislumbre momentâneo do significado de todas as coisas.

C. S. Lewis

## Dedicatória

Dedico esta tese à minha esposa Simone, pelo incondicional e incansável apoio em todos os momentos. Pela paciência e por compreender minha frequente ausência; pelas noites, madrugadas, finais de semana e períodos de férias não compartilhados; pelas palavras constantes e decisivas de incentivo.

Aos meus filhos, Henrique e Gabriel pelo amor e admiração mútuos, sentimentos nutridos muitas vezes em silêncio.

Aos meus pais, Raymundo e Tecla e aos meus irmãos, Melânia, Egon e Edson e ao meu sogro Alfredo. Ofereço este trabalho *in memoriam* destes entes queridos que acompanharam minha trajetória de vida e contribuíram significativamente para minha formação pessoal.

Ao Colégio Luterano e sua Mantenedora pelo incentivo, apoio e compreensão.

*Esta pesquisa foi financiada pela  
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.*

*À essa instituição e aos professores que me recomendaram à bolsa de estudos,  
expresso aqui a minha gratidão.*

## Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus ilustres e magnânimos orientadores: ao Prof. Dr. Jean Lauand (pela orientação nos dois primeiros anos deste doutorado), por ser a fonte de toda a inspiração desta tese, pelo permanente incentivo, incansável encorajamento e especial atenção. Ao Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza, pela exemplar disposição, dedicação e entusiasmo; pelas muitas horas de orientação, pelas conversas informais e descontraídas sempre profundamente proveitosas; e pela amizade.

Aos Professores da Banca de Qualificação, Dra. Blanches de Paula e Dr. Rui Josgrilberg, pela leitura atenta do Projeto de Pesquisa, pelas observações e valiosas contribuições para a tese.

Agradeço a todos os professores do Curso de Pós-Graduação da UMESP pelas aulas, sempre inspiradoras, durante estes quatro anos de doutorado. A notável amplitude de horizontes e assuntos apresentados também foram importantes para a lapidação desta tese.

E agradeço ao Centro de Estudos Medievais Oriente e Ocidente (CEMOroC) da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. À extraordinária equipe de professores e pesquisadores dessa instituição pela luminosa e inspiradora presença e pelo modelar incentivo à pesquisa.

STAROSKY, Enio. *David Keirsey e a religião: o papel da tipologia na compreensão de perfis religiosos*. São Bernardo do Campo, 2020. 280f. Tese. Doutorado em Ciências da Religião – Linguagens da Religião — Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2020.

## RESUMO

Esta pesquisa pretende estudar o papel dos tipos de David Keirsey na compreensão de diversos perfis religiosos. Essa proposta apresenta-se como metodologicamente apropriada e efetiva na identificação, caracterização e compreensão dos vários tipos no campo religioso. Essa compreensão é tanto mais necessária quando se considera, entre outras razões, que a religião é – também do ponto de vista do temperamento – universal, para todos e que cada líder tem seu tipo específico. E que, especialmente para o líder religioso, é muito necessário evitar o preconceito psicológico de que seu tipo é o “correto” no que diz respeito à religião e seus valores. Conhecer o próprio estilo é uma base segura para exercer uma boa liderança, pois permite compreender e apreciar e valorizar todos os outros tipos, que ocorrem nas igrejas. “Compreender” é precisamente uma palavra chave para Keirsey (integra o próprio título de seus dois livros principais: *Please Understand me – I & II*) e é um imperativo para as religiões e igrejas. E ademais, não por acaso, de acordo com Pieper, é também palavra chave em nossa metodologia do “tipo ideal” pela *Verstehen*. A partir dessa base a presente tese examina e discute os conceitos e tipos de Keirsey – os quatro pares de preferências I/E, S/N, F/T e J/P; os quatro temperamentos SP, SJ, NF e NT; e os dezesseis tipos mais detalhados – em suas relações com preferências em diversas dimensões religiosas: espiritualidade, devoção, liderança, pregação, vida cristã, moral, pastoral, política etc.

**Palavras-chave:** Religião; preferências religiosas; tipos de temperamento; perfil psicológico; compreensão.

STAROSKY, Enio. *David Keirsey and Religion: the Role of Typology in Understanding Religious Profiles*. São Bernardo do Campo, 2020. 280f. Thesis. Doctor Degree in Religious Sciences – Languages of Religion – Methodist University of São Paulo, 2020.

## ABSTRACT

This research aims to study the role of David Keirsey's types in understanding the various religious profiles. Such approach seems to be methodologically reasonable and very effective in order to identify and characterise the various types in religious field. This understanding is all the more necessary considering, among other reasons, that religion is – even from a temperament point of view – universal, for everyone and each leader has his (/her) specific type, And especially for a religious leader is very necessary to avoid the psychological bias of considering his (/her) own type the “right” one in religious realm and in religious values. Knowing his (/her) own style is a good basis for leadership, because it allows understanding (and appreciating) all the other types there are in church. Precisely “understanding” is a keyword for Keirsey (it is in the very title of his two main books: *Please Understand me – I & II*) is also a must for religions and churches. Besides all this, it is not by chance that “understanding” is also, according to Josef Pieper, a methodological keyword in our *Idealtypus* method of *Verstehen* (to understand). According to all these purposes, this work examines and discusses the concepts and types of Keirsey – the four pairs of preferences I/E, S/N, F/T and J/P; the four temperaments SP, SJ, NF and NT; and the sixteen more detailed types – in their relationship with preferences in several religious dimensions: devotion, spirituality, pastoral, belonging, leadership, predication, christian life, politics, morals etc.

**Palavras-chave:** Religion; religious preferences; temperament types; understanding.

## NOTA SOBRE O AUTOR

Meu nome é Enio Starosky. Nasci no hospital regional da cidade catarinense de Ituporanga, na região do Alto Vale do Itajaí – também chamado de Vale Europeu –, em 14 de janeiro de 1964. Vivi minha primeira infância e a pré-adolescência (os primeiros 15 anos), na minúscula cidade de Petrolândia (com 6406 habitantes segundo o IBGE/2015), cuja população é predominantemente de origem germânica. Sou filho caçula, o décimo, de Tecla Schvambach Starosky e de Raymundo Starosky. Minha mãe era dona de casa e zelosa cuidadora dos filhos; o pai, um legítimo “joão faz tudo”, para sustentar a enorme família. Agricultor, alfaiate, fotógrafo, eletricista, zelador na única escola do município na época e, por fim, exemplar professor primário em duas escolas multisseriadas.

Desde cedo sustentei o sonho de me tornar pastor. Alguém que, de alguma forma, através da pregação e do ensino, pudesse ajudar a orientar pessoas a viver e a morrer melhor. E a trajetória da minha vida tem a marca da companhia de pessoas extraordinárias que foram grandes exemplos de como ver o mundo, de como viver e de como fazer as coisas – inspiradoras para as minhas realizações até aqui. Portanto, eu não poderia escrever esta nota autobiográfica sem mencionar pelo menos algumas e sem expressar a profunda gratidão que sinto por cada uma. Assim, tomo a liberdade de fazer um breve resgate histórico das memórias que me são suscitadas incluindo algumas pessoas que me acompanharam por essa estrada. Afinal, sou o que também elas fizeram de mim!

Lembro que nos anos 1960 e 1970 na pequena Petrolândia só tínhamos um culto por mês. Como a paróquia luterana era muito grande, o então pastor Walter Otmar Steyer só podia celebrar uma vez a cada quatro ou cinco semanas. Mas o “*Onkel Hermann*” (tio Germano) – culto e experiente ancião, querido e respeitado por toda a comunidade – oficiava o *Lesegottesdienst* (Culto de Leitura – totalmente em língua alemã) uma vez por mês. Tanto o pastor Steyer como o “*Onkel Hermann*” me inspiraram com suas pregações e leituras solenes e cerimoniosas. Mas as primeiras reais inspirações para minha caminhada educacional/pastoral vieram do meu pai e do meu irmão mais velho. A carreira profissional do meu pai me legou o ímpeto de nunca desistir dos sonhos, por mais difíceis e sacrificantes que se apresentassem na vida real. O seu espírito inventivo e aventureiro o levaram a tentar várias profissões e a não desistir quando uma ou outra não davam certo. Ou quando o salário não era suficiente para sustentar a família. Depois de passar por várias profissões ao longo da juventude e já com 10 filhos para criar, ele fez o magistério tendo como colegas seus dois filhos mais velhos, meus queridos irmãos, hoje também já falecidos, Melânia e Egon, enquanto trabalhava como zelador no Grupo Escolar Hermes Fontes. Depois de formado, assumiu a função de professor com grande dedicação. Pegava a sua bicicleta muito simples às cinco e meia da manhã e pedalava por sete quilômetros até chegar à escola. Como nunca tive a oportunidade de acompanhar uma aula dele (isso era inimaginável na época), só posso registrar o que um dos seus alunos relatou recentemente: “*O seu Raymundo era bravo e exigia muito na hora de ensinar, mas na hora do recreio ele até brincava com a gente*”. Do meu irmão Egon guardo a lembrança de que o admirava muito. Especialmente pela coragem de sair de casa e ir para a cidade grande (à época, atitude muito ousada, dadas as circunstâncias sociais e econômicas). A saída dele causou grande comoção na família. Como nos víamos só uma ou, no máximo, duas vezes por ano, quando que ele voltava, além de matar a saudade, meu orgulho e a minha admiração por ele aumentava. Ele tinha 14 anos e eu apenas 4. Lembro que por volta dos 6 anos eu dizia em alemão que quando ele fosse um pastor velho, eu seria um pastor novo (“*ein neue Pfarrer*”). Riam-se de mim, pois em bom alemão jamais se diz “*Neue*” para pessoas (uma singularidade encantadora do português). A expressão é reservada apenas para *coisas*, e, claro, o meu erro rendeu uma recorrente jocosa brincadeira nos reencontros familiares por muito tempo.

Em fevereiro de 1979, aos 15 anos, imitando a coragem do meu irmão, tomei o mesmo rumo. Saí de perto dos meus familiares com o coração apertado e entrei no Instituto Concórdia, São Leopoldo, cidade vizinha de Porto Alegre. Lá realizei o pré-teológico, curso que hoje corresponde ao Ensino Médio e em seguida entrei na Faculdade de Teologia do Seminário Concórdia, em Porto Alegre. No decorrer do curso de Teologia também muitas pessoas foram importantes, mas um professor e um pastor de prática pastoral me marcaram especialmente de maneira positiva na trajetória dessa primeira formação acadêmica. O Prof. Dr. Donaldo Schüller, profundo conhecedor da língua e da filosofia gregas, me incentivou a fazer leituras fora do escopo dos livros tradicionais da teologia histórica, sistemática, exegética e prática. *“A literatura profana é uma rica fonte de conhecimento para o teólogo”*, dizia. Sem dúvida, foi o professor Schüller (atualmente escritor conhecido no cenário riograndense e brasileiro), que depois da formação teológica, me levou a considerar a continuação dos estudos como essenciais para o trabalho pastoral. E o pastor que muito me inspirou na prática pastoral durante o curso de teologia foi Willem C. Van Hattem, teólogo luterano de nacionalidade holandesa. Dele guardo profundo respeito, admiração e especial carinho, sobretudo pelo modo paternal com que me tratou durante os dois anos que tive a grata satisfação de estar ao seu lado na congregação dele em Dois Irmãos, uma pequena cidade localizada nas proximidades da serra gaúcha. O pastor Van Hattem, além de ter sido um grande incentivador para a reflexão teológico-filosófica, foi também um extraordinário exemplo de pastor. Era admirável a forma amorosa e humana com que tratava os seus congregados. Isso se revelou também no modo como me acolheu em sua casa; os cafés aos sábados à tarde sempre acompanhados de excelentes conversas sobre a prédica dele ou a minha que seria pregada no domingo; as permanentes provocações de ótimas leituras apresentando-me diferentes pensadores consagrados no mundo protestante, como Jürgen Moltmann, Oscar Cullmann, Martin Buber, Bonhoeffer e tantos outros. E dona Wiebrecht, sua esposa, e seus filhos sempre muito queridos, me tratavam como filho e irmão caçula. Assim, aquele ambiente acolhedor e fraterno favoreceu uma profunda amizade que se estabeleceu de maneira natural e foi tão intensa que, poucos dias depois de me despedir para seguir com meu estágio oficial de um ano no Bairro Petrópolis, em Porto Alegre, recebi uma pequena carta pelo correio que expressava mais uma vez o profundo carinho do pastor Van Hattem e da família durante aqueles dois anos de convívio (1983 e 84).

Passados mais de trinta e cinco anos, ainda guardo comigo aquela pequena carta, sinal de que marcou profundamente minha trajetória de vida.

No final de 1986 concluí o curso de Teologia e em janeiro do ano seguinte assumi as atividades pastorais numa paróquia no centro da cidade de Pelotas, RS. Foram sete anos de muitas e intensas atividades pastorais, de vida pessoal, familiar e acadêmica. Conheci minha esposa, casei, tive dois filhos, iniciei e terminei o curso de Filosofia na UFPEL (Universidade Federal de Pelotas). Foi um período incrível em que também tive a oportunidade de conhecer muitas pessoas excepcionais e fazer amizades inesquecíveis. Durante dois anos assumi o cargo de Coordenador da Pastoral Ecumênica da região sul do Rio Grande do Sul, em que adotamos o lema: *“O que nos une é maior do que o que nos distingue e o que nos distingue não nos deve separar”!* Tive o privilégio de participar também da fundação da Escola Paroquial da Redenção que iniciou suas atividades no início de 1989 e na qual atuei como professor de Ensino Religioso. No final de 1993 recebi o convite para vir para São Paulo, capital, para assumir a função de Capelão Escolar (Pastoral Escolar) e de professor de Filosofia e Ensino Religioso no Colégio Luterano São Paulo. Abracei esse serviço até o início de 1997 quando fui incumbido pela Mantenedora do Colégio do cargo de vice-diretor. Para poder realizar apropriadamente a nova missão fui cursar Pedagogia e Administração Escolar. Os desafios decorrentes dessa função pedagógica/administrativa são enormes. O contexto das diversas atividades cotidianas de uma escola particular confessional como o Colégio Luterano apresenta inúmeras oportunidades de conhecer mais de perto a equipe administrativa e pedagógica, a mente e o coração de crianças e adolescentes no ambiente escolar e, por extensão, também a complexa vida familiar dos estudantes. Semelhante à atividade pastoral numa paróquia em que a orientação e o aconselhamento são partes da função, também é o exercício do gestor numa escola que busca formar para a vida. A partir de 2004 assumi a direção do Colégio Luterano São Paulo, no Bairro Ipiranga. Desde então tenho sob minha responsabilidade a orientação de professores e a condução do Projeto Político Pedagógico da instituição – que já completou 86 anos de atividades educacionais na capital paulista. Como a parte do gerenciamento administrativo e financeiro é feito por um profissional da área, posso dedicar muito do meu tempo à orientação de professores, alunos e familiares, tendo uma oportunidade única de conjugar intensamente a filosofia da educação com a teologia pastoral. E sendo este o foco

principal da minha trajetória de vida percebi a necessidade de voltar aos estudos e à pesquisa acadêmica.

No início de 2012, buscando um curso com alta qualificação, me matriculei como aluno especial no mestrado em Educação na UMESP. Logo percebi o acerto da iniciativa e a conveniência de entrar no curso como aluno regular. Tinha mesmo tomado a decisão acertada, pois mais uma vez me vi cercado de pessoas extraordinárias e de sábios mestres. Entre eles, o Prof. Dr. Jean Lauand, que orientou meu mestrado em educação concluído em 2015, e me apresentou David Keirse e sua teoria dos temperamentos, que imediatamente me interessou, tanto do ponto de vista meramente intelectual, como também como poderosa luz para meu trabalho educacional e pastoral. No início de 2016, já matriculado no doutorado, nasce o desafio de correlacionar a teoria keirseana com a religião e de tematizar a presente tese.

Como dizia, pelo Prof. Jean, desde logo passei a nutrir profundo respeito, grande admiração e intensa proximidade acadêmica e pessoal. A grata satisfação de tê-lo como orientador nos dois primeiros anos deste doutorado, nos conduziram àquele amor-amizade do qual tão bem falou C. S. Lewis quando dois companheiros, no início da amizade, usam a típica expressão: *“O que? Você também? Pensei que eu fosse o único”*<sup>1</sup> Amigos buscam proximidade “simplesmente” para repartir visões de mundo semelhantes. E fazem isso melhor ainda se mantiverem *“Offenheit für das Ganze”*, na expressão felicíssima de Josef Pieper<sup>2</sup>, atitude que preserva a mente aberta para o *todo* enquanto deseja uma compreensão unificadora (não monolítica) do mundo, pois, mesmo diante de pontos de vista diferentes, amigos almejam alcançar – ainda que sempre de forma inacabada e provisória – a razão e o sentidos das coisas. Portanto, ao Prof. Jean – como o descrevi na dedicatória do livro *“A imortalidade da Ressurreição”*, de minha autoria – *“prodigioso ‘brincador de palavras’, originalíssimo filósofo brasileiro, lembrador dos esquecentes, mente instigante, viva, lúdica; cultura profunda, vasta erudição; magnânimo professor e admirável ser humano”*,<sup>3</sup> registro aqui meu profundo

---

<sup>1</sup> C. S. Lewis. Os quatro amores, p. 93

<sup>2</sup> Filósofo alemão Josef Pieper, um dos autores estudados no meu mestrado em educação. Pieper usava com frequência a referida expressão – sua tese mais fundante – com a qual queria dizer que toda pessoa deve manter *abertura para o todo* e jamais incorrer no grave erro da clausura racional e do pensamento condicionado.

<sup>3</sup> STAROSKY, Enio. A imortalidade da Ressurreição, p. 5

reconhecimento e eterna gratidão pela grande importância da sua presença na trajetória da minha vida acadêmica!

No início de 2018, a continuidade da orientação da tese ficou a cargo do Prof. Dr. Vitor Chaves de Souza. Sou grato ao Colegiado do curso pela feliz escolha do Prof. Vitor para me orientar nesta segunda metade do doutorado. Como procurei dizer nesta breve nota autobiográfica, as pessoas que entraram na trajetória de minha vida devem ser reconhecidas e reverenciadas com especial gratidão. Gratidão que também agora tenho o prazer e o orgulho de estender ao Prof. Vitor, que com suas muitas, valiosíssimas e refinadas contribuições, me mantém seguro no percurso para a defesa da presente tese: **“David Keirse e a religião: o papel da tipologia na *compreensão* de perfis religiosos”**.

# SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>21</b>
<b>Capítulo I: A compreensão do <i>Verstehen</i> para o contexto da compreensão .....</b>	<b>30</b>
<b>I.1 David Keirse</b> y.....	<b>32</b>
<b>I.2 Contexto da pesquisa.....</b>	<b>45</b>
<b>I.3 Referencial teórico.....</b>	<b>53</b>
<b>I.4 Contexto hermenêutico .....</b>	<b>59</b>
I.4.1 Tradição do <i>Verstehen</i> .....	60
<b>I.5 Compreendendo a religião .....</b>	<b>69</b>
<b>I.6 Considerações intermediárias do capítulo I .....</b>	<b>73</b>
<b>Capítulo II: Perfis e tipos de David Keirse</b> y .....	<b>75</b>
<b>II.1 Os 4 temperamentos, igreja e religião: primeiras aproximações .....</b>	<b>75</b>
II.1.1 Os SJ na versão oficial keirseyana .....	75
II.1.2 Os SJ e sua atração pela Igreja .....	77
II.1.3 Os SP na versão oficial keirseyana.....	78
II.1.4 SJ e SP na religião .....	80
II.1.5 Um caso: SJ x SP - liturgia e tradição .....	85
II.1.6 SJ x SP na “Igreja dos ateus” .....	90
II.1.7 O NF, na caracterização oficial de DK .....	95
II.1.8 O NT, na caracterização oficial de DK.....	98
<b>II. 2 Considerações intermediárias do capítulo II .....</b>	<b>101</b>
<b>Capítulo III: David Keirse</b> y e a religião .....	<b>103</b>
<b>III.1 A(s) ESPiritualidade(s) À LUZ DE DK – S/N; E/I.....</b>	<b>103</b>
III.1.1 A espiritualidade e sua complexidade .....	104

III.1.2 As preferências: <i>E x I</i> .....	108
III.1.3 As preferências: <i>S x N</i> .....	110
<b>III.2 Keirsey, fatores J/P, tradicionalismo religioso e a virtude cardeal da <i>prudentia</i> .....</b>	<b>118</b>
III.2.1 A volta do tradicionalismo religioso .....	118
III.2.2 A clássica virtude da <i>Prudentia</i> – a virtude da decisão certa .....	119
III.2.3 O tradicionalismo religioso e a virtude da <i>Prudentia</i> .....	122
III.2.4 As preferências: <i>J x P</i> .....	124
III.2.5 Ainda os fatores J/P de Keirsey: a tomada de decisões e os tradicionalistas .....	126
III.2.6 Ainda o par J/P: os tradicionalistas e a supressão da <i>prudentia</i> .....	128
III.2.7 Considerações conclusivas sobre o par J/P .....	130
<b>III.3 Keirsey, tradicionalismo religioso e o fator T (/F).....</b>	<b>131</b>
III.3.1 Os fatores T e F de Keirsey .....	131
III.3.2 A religião e as preferências pessoais.....	133
III.3.3 O fator F e o servir religioso (e uma possível disfunção) .....	136
<b>III.4 Considerações intermediárias do capítulo III .....</b>	<b>143</b>
<b>Capítulo IV: A compreensão do religioso, do líder e da religião .....</b>	<b>146</b>
<b>IV.1 Religião em alguns dos 16 tipos de Keirsey – os 4 tipos NF .....</b>	<b>146</b>
IV.1.1 Religião nos tipos .....	146
IV.1.2 Agostinho de Hipona, o padroeiro dos NF .....	153
IV.1.3 O ENFP .....	160
IV.1.4 O ENFJ.....	164
IV.1.5 O INFP – João, o discípulo amado. ....	168
IV.1.6 O INFP no site de DK .....	169
IV.1.7 João como INFP .....	170
IV.1.8 Os INFJ .....	177
<b>IV.2 Religião em outros tipos de Keirsey: ISTJ x ISFP .....</b>	<b>181</b>
IV.2.1 ISTJ.....	182
IV.2.1 ISFP .....	184
IV.2.2 Um caso antológico de ISTJ x ISFP: Bento de Núrsia e Francisco de Assis .....	185
IV.2.3 O beneditino, ISTJ – evocação de um sábio monge.....	185
IV.2.4 São Bento de Núrsia.....	188
IV.2.5 Francisco de Assis, o ISFP, e os franciscanos. ....	190
<b>IV.3 Ainda outros tipos de Keirsey: ESTP e ISFJ .....</b>	<b>193</b>
IV.3.1 A Vocação de Serviço: Madre Teresa – ISFJ .....	193
IV.3.2 ISFJ (Protector) .....	194
IV.3.3 Dois ESTP antípodas: Donald Trump e Sérgio Vieira de Mello.....	196
IV.3.4 ESTP .....	198
<b>IV.4 Os tipos básicos de DK (SJ, SP, NT e NF) e os 4 evangelhos .....</b>	<b>200</b>
IV.4.1 Keirsey e os 4 evangelhos .....	201
IV.4.2 Os evangelhos S – Mateus e Marcos .....	204
IV.4.2.1 O evangelho SJ – Mateus.....	204
IV.4.2.2 O evangelho SP - Marcos .....	208
IV.4.3 Os evangelhos N – Lucas e João .....	212

IV.4.3.1 O evangelho NF – Lucas .....	212
IV.4.3.2 O evangelho NT – João.....	216
<b>IV.5 Considerações intermediárias do capítulo 4 .....</b>	<b>221</b>
<b>Considerações finais: “Por favor, compredeí-vos” .....</b>	<b>224</b>
<b>Referencial bibliográfico .....</b>	<b>232</b>
ANEXO 1.....	250
ANEXO 2.....	262
Glossário de Siglas utilizadas por David Keirseý .....	250

# INTRODUÇÃO

A tese analisa a relação produtiva entre a teoria dos temperamentos de David Keirsey e o método hermenêutico da compreensão. Para isso, parte-se de um fundo hermenêutico tendo na *compreensão* a chave de leitura para a aquisição do pensamento de David Keirsey. A religião é tematizada no autor e, com isso, propõe-se estudar os limites da interpretação keirseynana, bem como as suas origens no pensamento psicológico.<sup>4</sup> Com isso, a tese faz uma crítica do desdobramento desta teoria numa análise de perfis religiosos, de líderes religiosos e de uma interpretação da religião motivada pela autonomia dos sujeitos segundo a tradição do *Verstehen*<sup>5</sup> e na mesma linha de pensamento de Paul Ricoeur para quem "*explicar mais para compreender melhor*" (RICOEUR, Paul. *A Crítica e a Convicção*, 2009, pp. 121-122.). Explicar mais – o que também faremos com a tipologia keirseynana – é compreender melhor, e compreender melhor é viver melhor.

Coloca-se, portanto, a seguinte problematização teórica: sendo o líder religioso um agente da promoção da vida, qual seria a sua principal função em prol de uma vida justa? Apesar das variedades de métodos, sugerimos o caminho da *compreensão*, que estabelece os fundamentos metodológicos a partir da *Verstehen* proposta por Josef Pieper, Julian Marías e adotada também por Jean Lauand, unida à clássica metodologia

---

<sup>4</sup> Acolho integralmente o sentido junguiano da palavra “psicológico”. De acordo com Jung há uma profunda dificuldade com esta palavra: “*Sei que muitas pessoas têm dificuldades com a palavra ‘psicológico’.* Para tranquilizar estes críticos, eu gostaria, portanto, de acrescentar que ninguém sabe o que é a ‘psique’, como ninguém sabe até onde a natureza da psique se estende. Uma verdade psicológica é, portanto, uma coisa tão boa e respeitável quanto uma verdade física que se limita à matéria, como àquela à psique”. JUNG, 2018, p. 320.

<sup>5</sup> Usarei ao longo do trabalho – especialmente no primeiro capítulo – tanto a expressão “*O Verstehen*” como “*A Verstehen*”, referindo-me, por vezes, ao verbo “compreender” e ao seu respectivo substantivo “compreensão”, e, por vezes, à tradição filosófica alemã.

do *Idealtypus*. A tese se apropria desse conceito fundamental nesses autores e o correlaciona com os dois livros fundamentais deste estudo que, por uma feliz coincidência, intitulam-se precisamente “*Por favor, compreenda-me*”, pois estamos lidando com a *compreensão* de seres humanos (no caso, em suas tendências de temperamento e posições religiosas) e, como David Keirse, também propomos uma *psicologia da compreensão* na interface com a religião. O recorte insere-se no campo hermenêutico da compreensão de textos e contextos – em especial os contextos vivenciais, inaugurados pela filosofia da compreensão alemã e refletida na psicologia dos afetos. O contexto do problema pressupõe não apenas a apropriação de narrativas, mas também a tarefa da realização do si-mesmo como um outro. Conhecer, neste caso, implica em compreender. A compreensão permite um viver mais justo e fiel com o devir individual. Se o líder religioso não se inserir neste contexto por intermédio de textos justos, a convivência religiosa estaria comprometida uma vez que o diálogo<sup>6</sup> proposto não teria o efeito da promoção da vida justa.

Para analisar este problema, primeiro destacamos a seleção do autor: David Keirse. Um autor ainda pouco conhecido no Brasil e com pesquisas acessíveis para o grande público, em especial, líderes religiosos. Keirse aprimorou, a seu modo, o modelo comportamental de Isabel Briggs Myers (sobretudo introduzindo o conceito de tipos de temperamento), adicionando aos estudos dos tipos e perfis uma carga de compreensão útil para a reflexão da convivência e da liderança. Feita a escolha do principal referencial, optou-se, a fim de investigar o problema da compreensão, o recorte na religião, isto é, na comunidade religiosa como uma esfera própria. A religião, de fato, implica em uma abordagem original, tendo no recorte a pergunta originária: o que pode vir desta relação entre estudos de tipologia e perfis com a compreensão do que é

---

<sup>6</sup> O caráter autenticamente dialógico ao qual nos referimos no presente trabalho, na interface entre a teoria keirseana dos temperamentos e a psicologia da compreensão na religião, também se alinha ao pensamento de Gregory C. Ellison em “*Fearless Dialogues – a new movement for justice*”. Nesta obra primorosa o autor destaca a essencialidade do *diálogo sem medo* entre todos os seres humanos. Para isso, sugere fomentar o diálogo entre pessoas que nunca se falaram com o objetivo de estabelecer mudanças reais e duradouras através de encontros presenciais e análise dos problemas enfrentados por comunidades divididas buscando encontrar um terreno comum. Gregory propõe aquilo que chama de “*hospitalidade radical*” – um diálogo sem fronteiras e sem medo – que nasce de perguntas do tipo: de que modo podemos criar espaços em nossos lares e em nossas igrejas para enfrentar as questões mais difíceis da vida? Como podemos olhar com mais atenção e menos espírito punitivo e julgador para improváveis irmãos de diferentes religiões, de ideologias políticas diferentes das nossas, de relações interpessoais diferentes das que estamos acostumados a aceitar, e como acolher o outro na sua individualidade e acender uma chama de esperança?

religioso? Para prolongar o problema, propomos o caminho dividido em quatro etapas, a saber: O (1) papel da (2) tipologia na (3) compreensão dos (4) perfis religiosos.

( 1 ) **Papel:** termo para designar uma função genérica, uma posição na vida e no cosmo, não definitiva nem decisiva, mas aberta para a posição fluída e a atitude das pessoas nas relações em geral. O papel, no caso, metaforicamente, no teatro significa a função da personagem na trama. Aqui, o termo é usado tanto para as funções individuais como também para a aplicação e relação dos termos e conceitos na atividade da compreensão reflexiva e empírica.

( 2 ) **Tipologia:** termo central da teoria keirsejana, assim como de outras teorias psicológicas. A tipologia é a “porta de entrada” do estudo de Keirsey; palavra-chave a fim de correlacionar os seus conceitos mais próprios. Durante toda a tese a tipologia estará presente promovendo coesão nos ideais keirsejanos.

( 3 ) **Compreensão:** termo que, a nosso ver, é o elemento unificador da tese. Situando a pesquisa no contexto da *Verstehen* (tradição filosófica alemã) amplia-se para a compreensão como um todo: metodologia da compreensão, compreensão da teoria, compreensão do outro, compreensão do religioso, compreensão do líder, compreensão da religião. No fundo, a tese se estrutura e se projeta como um trabalho hermenêutico e, justamente pelo caráter interpretativo,<sup>7</sup> abre o método em direção à uma reflexão psicológica (tal como feita por Wilhelm Dilthey e Josef Pieper). Isso confere delimitação para a pesquisa, com fundo filosófico, teológico e psicológico, apropriando-se de um autor importante da psicologia, fazendo-o dialogar com outros teóricos. Por fim, compreensão não apenas do texto e do outro, mas também de si-mesmo na tarefa da comunhão.

( 4 ) **Perfis religiosos:** a originalidade da tese: o ponto de chegada: visamos os perfis religiosos como a motivação de questões de método, de análise e de compreensão, tanto das teorias como dos sujeitos. Por perfil religioso temos o ponto crítico da tese ao

---

<sup>7</sup> Bem observa Bultmann (1986) que o contexto vivencial ou “*Lebenszusammenhang*”, no qual se encontra o intérprete, é uma das suas premissas. Só há falsificação, segundo Bultmann (1986), quando o exegeta considera sua compreensão prévia uma compreensão definitiva.

tentar compreender estes perfis em suas ambiguidades e o papel destes perfis para o indivíduo e para a comunidade religiosa.

Portanto, de maneira sucinta e objetiva, sugerimos o projeto de tese **David Keirsey e a religião: o papel da tipologia na compreensão de perfis religiosos** para criar referenciais da aplicação da tipologia de David Keirsey à religião, o que permite a análise potencial de um sem número de outros casos no âmbito das ciências da religião e a reflexão do trabalho pastoral com fundo hermenêutico.

A tese tem por objetivo geral aplicar a metodologia de DK a realidades religiosas em geral e a algumas instâncias concretas, criando assim referenciais da aplicação da tipologia de DK à religião, o que permite a análise potencial de um sem número de outros casos no âmbito das Ciências da Religião. A aplicação da metodologia keirsejana dentro de realidades religiosas, portanto, terá, ao longo do presente trabalho, importantes desdobramentos (especialmente aproximando esses dois mundos – o da psicologia e o da religião) –, a fim de compreender melhor o campo religioso, sobretudo pelo caminho da *psicologia da compreensão*.

Dentro do proposto no Objetivo Geral, analisaremos concretamente: no capítulo 1, com o título: *A compreensão do verstehen para o contexto da compreensão*, será apresentada a fundamentação teórica a partir do contexto hermenêutico da tradição do *Verstehen*, particularmente no pensamento de Josef Pieper, Julian Marías, e do contexto de David Keirsey. Assim, propiciaremos o reconhecimento de cada tipo em uma abordagem discursiva, descritiva, com ênfase no método *Verstehen*.

No capítulo 2, com o título *Perfis e Tipos de David Keirsey*, serão analisados os 4 temperamentos básicos relacionando-os com a igreja e a religião; os SJ (Guardian) na versão oficial keirsejana; os SJ e sua atração pela Igreja; os SP na versão oficial keirsejana; retrato do tipo SP (Artisan); SJ e SP na religião; um caso: SJ x SP - liturgia e tradição; SJ x SP na “Igreja dos ateus”; o NF, na caracterização oficial de DK; retrato do tipo NF (Idealist); o NT, na caracterização oficial de DK; retrato do tipo NT (Rational).

No capítulo 3, sob o título *David Keirsey e a religião*, analisarei a(s) espiritualidade(s) à luz de DK – S/N; E/I; a espiritualidade e sua complexidade; as preferências: E x I; as preferências: S x N; Keirsey, fatores J/P, tradicionalismo religioso e a virtude cardeal da *prudentia*; a volta do tradicionalismo religioso; a clássica virtude da *Prudentia* – a virtude da decisão certa; as preferências: J x P; ainda os fatores J/P de

Keirsey: a tomada de decisões e os tradicionalistas; ainda o par J/P: os tradicionalistas e a supressão da *prudentia*; considerações conclusivas sobre o par J/P; Keirsey, tradicionalismo religioso e o fator T (/F); os fatores T e F de Keirsey; a religião e as preferências pessoais; o fator F e o servir religioso (e uma possível disfunção); o fator T na religião: a “defesa da verdade”.

E no quarto e último capítulo, cujo título é: *A compreensão do religioso, do líder e da religião*, será analisada a Religião em alguns dos 16 tipos de Keirsey – os 4 tipos NF; a Religião nos tipos; Agostinho de Hipona, o padroeiro dos NF; o tipo ENFP; o tipo ENFJ; o INFP – João, o discípulo amado; o INFP no site de DK; João como INFP; os INFJ; Religião em outros tipos de Keirsey: ISTJ x ISFP; um caso antológico de ISTJ x ISFP: Bento de Núrsia e Francisco de Assis; Francisco de Assis, o ISFP, e os franciscanos; ainda outros tipos de Keirsey: ESTP e ISFJ; a Vocação de Serviço: Madre Teresa – ISFJ; o ISFJ (Protector); dois ESTP antípodas: Donald Trump e Sérgio Vieira de Mello; os tipos básicos de DK (SJ, SP, NT e NF) e os 4 evangelhos; Keirsey e os 4 evangelhos; Keirsey e a religião – a compreensão da individualidade: implicações pastorais.

Tenha-se em conta que DK ainda é muito pouco conhecido em nosso meio acadêmico e que esta é a primeira tese relacionando a tipologia de DK com a religião no Brasil e isto nos obriga a – junto com análises mais aprofundadas de casos – oferecer também uma perspectiva ampla do terreno de que nos ocupamos, dado que não há mestradados nem doutorados relacionados diretamente ao tema. Obriga-nos também a algumas citações mais longas, sobretudo as tomadas do site oficial de DK, sem as quais o leitor não especialista nada iria compreender e teria a impressão de estar diante de um hermético esoterismo. Daí a necessidade desses procedimentos, atípicos para temas que não tenham a especificidade do nosso – pense-se por exemplo na dificuldade do leitor não familiarizado em lidar com as abreviaturas dos 16 tipos: ENFP, ISTJ, ESTP etc.

Quanto ao método de pesquisa, aplicamos a metodologia tipológica clássica de DK a realidades religiosas em geral e a algumas instâncias concretas, tendo em conta as limitações próprias do método de tipos.

Essas ressalvas, conforme expressas pelos irmãos Lauand (2018, p.7), dizem respeito ao uso que faremos dessas preferências, temperamentos e tipos e sujeitas às

ressalvas metodológicas próprias de qualquer abordagem tipológica. Deve-se reconhecer sempre:

- seu caráter caricato (no sentido de “carregado”);
- a possibilidade de mistura de fatores opostos dentro de um mesmo sujeito (que pode ser, por exemplo, em alguma medida S e N ao mesmo tempo e não necessariamente um tipo puro S ou N);
- a neutralidade ética e valorativa dos diversos tipos (um tipo não é “melhor” do que o outro).

E sobretudo não confundir o tipo com conceitos e menos ainda com a realidade<sup>8</sup> etc. E ter em conta, sobretudo, que o tipo psicológico é **só um fator** para a compreensão do indivíduo; ao lado de tantos outros fatores: gênero, classe social, família (p. ex. pai tirano ou ausente), geração, classe social, substrato cultural etc. etc. etc. A própria linguagem comum já nos ensina algo sobre os tipos e previne contra sua absolutização: em espanhol, “tipo (ou tío)” é qualquer pessoa, equivalente ao nosso “cara”; afinal, ninguém é tão original que não se encaixe em algum tipo... Já a gíria “tipo” (ou “tipo assim”)<sup>9</sup> indica imprecisão, inexatidão. Max Weber adverte:

Um tipo ideal é normalmente uma simplificação e generalização da realidade. Partindo desse modelo, é possível analisar diversos fatos reais como desvios do ideal: Tais construções (...) permitem-nos ver se, em traços particulares ou em seu caráter total, os fenômenos se aproximam de uma de nossas construções, determinar o grau de aproximação do fenômeno histórico e o tipo construído teoricamente.

---

<sup>8</sup> A realidade é muito mais híbrida do que imaginamos. No extraordinário recente estudo de António Damásio – no campo da neurobiologia – esse pesquisador aponta justamente para a necessidade de estabelecer uma ponte de mão dupla entre a neurobiologia e as humanidades, proporcionando, assim, um caminho para a melhor compreensão dos conflitos humanos e para uma explicação mais abrangente da criatividade...pois, para pensar bem e tomar decisões corretas não é preciso manter a cabeça fria e afastar todos os sentimentos e emoções. Na verdade, a ausência de emoção e sentimento pode destruir a racionalidade. Damásio lembra que é necessário desafiar os dualismos tradicionais do pensamento ocidental – mente e corpo, razão e sentimento, explicações biológicas e explicações pessoais e culturais – e oferece uma visão científica e integrada do ser humano. Nossa realidade é simultaneamente psicossomática e somatopsíquica... a mente verdadeiramente incorporada não renuncia aos seus níveis mais refinados de funcionamento, aqueles que constituem sua alma e seu espírito. DAMÁSIO, 2018, p. 208 e 220.

<sup>9</sup> Em minhas caminhadas cotidianas entre alunos, tanto nos intervalos, como em sala de aula, fui percebendo que a expressão "tipo" ou "tipo assim"... não era uma tentativa frustrada de precisão linguística, mas o achado consciente e intencional de uma comparação (meramente) caricata.

Sob esse aspecto, a construção é simplesmente um recurso técnico que facilita uma disposição e terminologia mais lúcidas” (WEBER, Max. “As rejeições religiosas do mundo e suas direções” cit. in Quintaneiro 2003, p. 103).

E um parágrafo weberiano clássico na caracterização do Tipo Ideal:

...acentuação unilateral de um ou mais pontos de vista e como uma síntese de um grande número de fenômenos concretos individuais, que são difusos, descontínuos, mais ou menos presentes ou então ocasionalmente ausentes, que são ordenados de acordo com esses pontos de vista acentuados unilateralmente, de modo a formar-se uma construção analítica unificada” (cit. por Barreto 1999).

Essas afirmações são importantes e têm consequências, porque há situações que requerem a condição aberta dos tipos; em outras pode-se fechar com conceitos bem estabelecidos. Claramente, em Matemática, há, digamos, o conceito de triângulo retângulo e é rígido e imutável; em outras ciências, podemos também falar do conceito de mamífero, ou de isótopo etc. O problema surge em situações (como é o caso tantas vezes em Ciências Humanas) nas quais não fica claro se se trata de um conceito ou de um tipo, o que é frequentemente discutido em Direito e deve sê-lo também em Religião. No Direito Tributário, por exemplo, há casos nos quais há a necessidade do emprego de tipos e em que os conceitos não são apropriados. É o que lembra o tributarista Castro:

Limitar o fenômeno tributário aos conceitos significa condenar a atividade tributária a uma miopia inaceitável, considerando a necessidade de financiamento das despesas públicas por intermédio de novas manifestações econômicas que demonstram, de forma inequívoca, capacidade contributiva. Por outro lado, o tipo mostra-se como “um sistema elástico de características”, marcado pela abertura, pela gradação, pela flexibilidade e facilitador ou viabilizador da apreensão dos fenômenos econômicos mais importantes para a tributação, justamente aqueles descritos pelo constituinte. Nesse rumo, o tipo funciona como uma categoria alternativa ao conceito e visceralmente mais adequada para lidar com as flutuações intensas da realidade econômica. Portanto, os vocábulos constitucionais delimitadores da realidade econômica tributável são, em verdade, tipos. Erroneamente, o tipo foi introduzido no direito tributário brasileiro com o sentido de algo “fechado” ou “hermético”. Daí surgiram as expressões “tipo tributário” e “princípio da tipicidade fechada ou cerrada”. Em verdade, o “tipo fechado” mostra-se como uma contradição em termos. Se é tipo é aberto. Se é fechado é conceito. Não existe o “tipo fechado”,

assim como não existem o “frio quente” ou o “branco preto”. (Castro 2011)

O embate entre a “clareza” dos conceitos e a adaptabilidade dos tipos se dá tanto no campo do Direito quanto no campo das interpretações religiosas e permite que cheguemos a outras chaves de leitura de vida, ponto medular da presente pesquisa. Uniremos a tipologia que já nos vem dada por DK à compreensão (*Verstehen*) de instituições e famílias religiosas, e até de pessoas singulares. É evidente que se pode falar, digamos, de um tipo beneditino, em tantos aspectos, oposto ao franciscano; como também Bento de Núrsia é distinto de Francisco de Assis; ou Ratzinger de Bergoglio e assim por diante.

A presente tese, portanto, investiga a hipótese de que, de modo geral, muito do debate contemporâneo e das controvérsias religiosas, na verdade, pode não ser propriamente sobre religiosidade, mas ter mais relação com o modo como as pessoas encaram a vida. Busca compreender que tipo de abordagem as pessoas fazem ao se defrontarem com a sua espiritualidade e como as diversas práticas e espiritualidades – sobretudo dos líderes religiosos – se ajustam – em maior ou menor grau – aos diversos perfis psicológicos. Busca compreender também o espantoso fato de que todos nós temos *vozes interiores* as quais, o tempo todo, ouvimos ou não, ignoramos ou não, resistimos ou não, cedemos ou não. Alguns acreditam serem diretamente de Deus, enquanto outros acreditam que sejam simplesmente a consciência de si ou meramente arquétipos residuais do passado impressas em nossa psique.

Independentemente do que acreditamos, certo é que todos referem-se a si mesmos como “religiosos” ou “não religiosos”, como “espirituais, mas não religiosos”, como “pessoas de fé”, “ateus” ou ainda como “agnósticos”. Nossa pesquisa indica que, dependendo do temperamento, provavelmente cada um abordará a fé, a espiritualidade ou a religião – e mesmo a alegação da ausência delas – de maneira diferente. Poderá ser este um novo paradigma em gestação que apontará para futuras outras formas de enxergar os diferentes modos de aproximação da prática religiosa, sobretudo de líderes religiosos? É tentador e encorajante observar que a teoria keirseana dos temperamentos pode ajudar a atenuar os constantes sofrimentos humanos com relação aos jeitos e modos de ser de cada um, assegurando que – não somente na vida familiar e profissional, como também

na prática religiosa ou espiritual – não há certo nem errado em ser mais ou menos racional, mais ou menos emocional, mais ou menos reservado, mais ou menos expressivo, mais ou menos introspectivo, muito ou pouco organizado e que é possível cada um encontrar a sua forma de gerir sua vida. Pois o que é de fato necessário é que a liberdade espiritual, a qual não pode ser tirada, seja configurada, até o último suspiro, de modo que tenha sentido. Aquele mesmo sentido do estar à vontade num ambiente de plena confiança, total tranquilidade e segurança. Talvez o mesmo sentido que reúne a expressão: “*sinta-se em casa*”.

# CAPÍTULO I:

## A COMPREENSÃO DO *VERSTEHEN* PARA O CONTEXTO DA COMPREENSÃO

Estamos convencidos de que grande parte do sofrimento psíquico, físico e do estresse de nosso mundo resulta de desentendimentos entre pessoas bem-intencionadas e não de divergências irreparáveis. Sendo assim, poderemos melhorar muito a qualidade de nossa vida cotidiana se compreendermos como somos e o modo próprio como reunimos e processamos nossas informações; se compreendermos como chegamos a esta ou àquela conclusão ou decisão e como comunicamos os nossos pensamentos, sentimentos e desejos. Assim, se entendermos os diferentes perfis nas lideranças religiosas, vendo sob as diversas perspectivas tipológicas, poderemos descobrir o seu potencial de liderança e apreciar e valorizar os pontos fortes e as diferenças de cada tipo.

A correlação entre tipos psicológicos e posturas religiosas é base importante para o conhecimento (e autoconhecimento...) das propostas das igrejas e famílias religiosas. Todas proclamam a universalidade de sua mensagem, mas precisamente essa universalidade pode estar comprometida já na própria proposta ou mesmo na prática real da igreja, que, na verdade, está dimensionada para acolher melhor determinado tipo em

detrimento dos outros. Pense-se, por exemplo, na extrema distinção entre a igreja F (como veremos já em I.1: de abordagem pessoal, enfatizando sentimentos) do Papa Francisco (que quer alterar o Código de Direito Canônico para facilitar o acolhimento de divorciados ou para facilitar o perdão do aborto) e a visão T (como também veremos em I.1: de abordagem fria e “objetiva”) de um Bento XVI, inflexível.

Se um São Francisco de Assis, extremamente SP (em uma palavra, impulsivo), era avesso a regulamentos, planejamentos, normas, padrões, horários e prazos; um São Bento era o típico SJ (amante do dever e da regra), no extremo oposto e as congregações que fundaram espelham essa distinção: os *easygoing* franciscanos e os beneditinos apegados à Regra. Comunidades e famílias religiosas são compostas de “diferentes”, não de “iguais”. David Keirse é enfático ao dizer que “*people are different from each other*” (Keirse, 1998). Mais do que qualquer outro espaço social, espera-se que o espaço religioso seja de tolerância 100%, no qual se vive um “*tratado da compreensão*” onde há ciência e consciência da riqueza da eterna dicotomia entre semelhanças e diferenças. Afinal, somos imagem e semelhança de Deus, não uns dos outros. Somos únicos e, por isso mesmo, diferentes uns dos outros e podemos adotar livremente diferentes maneiras de habitar o mundo. Distintos e únicos que olham as mesmas “verdades”, porém, a partir de filtros temperamentais diferentes.

Assim, a importância do tema torna-se evidente quando consideramos que se trata da aplicação de uma poderosa ferramenta de análise psicológica (e sociológica, pois os tipos de David Keirse podem também ser aplicados a grupos sociais e comunidades) a um tema tão importante como a tipologia de indivíduos e comunidades religiosas. Sobretudo porque é pressuposto básico da *psicologia pastoral*<sup>10</sup> o conhecimento profundo das pessoas. E, como é evidente, o conhecimento do outro também deve ser precedido e acompanhado pela compreensão de si mesmo. Dentro das limitações próprias do método de tipo ideal, permite valiosa compreensão das realidades a que se volta.

---

<sup>10</sup> “Psicologia pastoral” na presente pesquisa será compreendida no mesmo sentido de BLANCHES de Paula, in: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/522/1/Blanches%20de%20Paula.pdf> p. 65 para quem o conceito é tomado sobretudo como “*o cuidado pastoral de forma curativa e preventiva, incluindo o envolvimento das igrejas que se abrem à interlocução com outros grupos cujo objetivo primordial é o cuidado com o humano. Não há como definir cuidado pastoral, considerando somente sua faceta intereclesialística. Aliás, essa dimensão ainda está em processo de reinvenção em muitas comunidades que perderam os fios da rede de apoio ao ser humano. Cuidado pastoral está envolvido com educação para a vida*”.

Destacamos que se trata de trabalho original e pioneiro, sendo a primeira tese de doutorado em nosso meio acadêmico a realizar a conexão entre tipos de David Keirsey e religião.

Neste primeiro capítulo, portanto, introduziremos o autor, a sua teoria e o fundo metodológico, bem como as principais referências e o horizonte da tese. Não se trata apenas de revelar modos concretos dos tipos psicológicos, mas, sobretudo, de aprofundar o método keirseiano em diálogo com a religião e outras fontes tipológicas, tendo na hermenêutica o solo fecundo para as reflexões propostas.

## I.1 David Keirsey

David West Keirsey nasceu em 31 de agosto de 1921 e faleceu em 30 de julho de 2013, aos 91 anos. Foi professor da Universidade do Estado da Califórnia Fullerton, e autor de vários livros. Sua publicação mais popular é *Please Understand Me* de 1978 em co-autoria com Marilyn Bates. Em 1998 publicou um segundo volume revisto e ampliado *Please Understand Me II*. Estabeleceu um questionário de personalidade auto-avaliada, conhecido como *Keirsey Temperament Sorter*, onde associa os padrões comportamentais humanos a **quatro temperamentos básicos** que, em nível de detalhamento, se subdividem em outros dezesseis tipos. Especializou-se na gestão de conflitos e cooperação, aconselhamento familiar e parceria e treinamento de crianças e adultos.

O estudo do comportamento humano talvez seja um dos mais fascinantes temas de pesquisa e de indagação. Tentar conhecer os motivos que se encontram na raiz dos meus atos e das ações dos outros sempre foi um grande desafio. Desde a Antiguidade filósofos e pensadores se debruçaram sobre as diferenças de reações entre seus semelhantes e começaram a construir as teorias de temperamento. De acordo com essas teorias a Humanidade poderia ser dividida em grupos, de tal forma que os integrantes individuais de cada um deles teriam reações parecidas quando colocados diante dos mesmos estímulos. Uns seriam mais passionais e emotivos; outros frios e indiferentes, e assim por diante, até esgotar as possibilidades de atuações e respostas humanas.

É relativamente fácil para todos perceber ou observar que não somos iguais. E perceber também que, pelo fato de não sermos iguais, mas com frequência buscarmos

padrões, essas dessemelhanças podem nos colocar uns contra os outros – “eu contra você” ou “nós contra eles”. A história está repleta de exemplos em que dessemelhanças foram causa de eliminação sumária do outro. A história de Caim e Abel é apenas um exemplo. Como seres humanos, temos dificuldade em celebrar a diversidade. Dividimo-nos por classes ou castas, por status econômico ou raça, por filosofia política, por orientação religiosa, por privilégio de etnia, etc. Através dos séculos, uma das maneiras como os observadores da natureza humana dividiram os seres humanos foi de acordo com seu temperamento. Esses observadores perceberam que é possível agrupar quatro temperamentos bastante distintos na população humana.

A noção de que a humanidade pode ser dividida em quatro diferentes grupos parece mesmo ter atravessado a história e criado raiz no inconsciente coletivo de várias civilizações. Trata-se de um simbolismo especial, pois faz a ligação entre a plenitude, a totalidade, a abrangência e a universalidade. Expressa o concreto, o visível, o aparente, portanto, o criado; enquanto, curiosamente, o número três remete ao transcendental, espiritual, abstrato e divino. Para os pré-socráticos, na Grécia, quatro são os elementos primordiais: água, terra, fogo e ar; no bramanismo hindu o número quatro representa as quatro partes do Brama que têm relação com os quatro domínios do universo; no cristianismo, liga-se às quatro pontas da cruz. Aliás, na Bíblia, de Gênesis à Apocalipse, o número quatro aparece com muita frequência. O nome de Deus em Hebraico se escreve com quatro letras; da mesma forma, Adão; na visão do profeta Ezequiel aparecem quatro faces e quatro asas; quatro são também os evangelhos (como veremos mais profundamente no quarto capítulo da presente tese). No Apocalipse repete-se esse número nos textos sobre os quatro cavaleiros, quatro pragas, quatro anjos, quatro emblemas das tribos de Israel, quatro muralhas de Jerusalém, quatro cantos da terra. E não para por aí. Chama a atenção do observador atento o fato de que o cruzamento de um meridiano com um paralelo é a clássica divisão da terra em quatro partes. Encontramos também na história referências aos quatro mares, quatro reinos, quatro ventos, quatro partes do mundo – norte sul, leste e oeste –; quatro estações do ano; quatro fases da lua; quatro fases da vida (pelo menos numa das classificações mais antigas: infância, juventude, maturidade e velhice). E, como é sabido, para Jung, há o reconhecimento no quaternário o arquétipo da totalidade dos processos psíquicos conscientes e inconscientes e enumera em quatro as funções fundamentais da consciência: o pensamento, o sentimento, a intuição e a sensação. Recentemente a pensadora e escritora

contemporânea, Angeles Arrien, reconheceu essa variedade no seu livro intitulado *The Four-fold Way* (publicado em 1998 e traduzido para o português como “*O caminho quádruplo – trilhando os caminhos do guerreiro, do mestre, do curador e do visionário*”). Arrien, como antropóloga interessada em pesquisar as tradições dos povos indígenas, descobriu que também a tradição xamânica usa *quatro Arquétipos*<sup>11</sup> para trazer uma sensação de totalidade à vida e ao mundo. O assombroso é que também esses quatro arquétipos espelham – evidentemente, com significativas dessemelhanças – os quatro antigos temperamentos.

Um olhar em retrospectiva na história, portanto, faz constatar que vários dos grandes pensadores e tradições que se dedicaram ao tema dos temperamentos, também chegaram a modelos constituídos por quatro temperamentos básicos.<sup>12</sup> Platão fala na *República* de quatro tipos de caráter que correspondem claramente aos quatro temperamentos que eram atribuídos a Hipócrates. Seu discípulo Aristóteles também divide a Humanidade em quatro grandes grupos. Depois deles, o mesmo fizeram Galeno, Paracelso e muitos outros até chegarmos ao Século XX com Kretschmer, Fromm e Myers.<sup>13</sup>

---

<sup>11</sup> Arrien, Angeles. *O caminho quádruplo*, p. 24

<sup>12</sup> A atualidade da teoria dos temperamentos também pode ser percebida quando lemos que “*a doutrina da patologia humoral guiou a prática médica por mais de dois mil anos e só começou a perder terreno com a descoberta da estrutura celular dos seres vivos graças ao desenvolvimento da microscopia. Os órgãos e os tecidos deixaram de ser considerados como massas consistentes resultantes da solidificação dos humores e passaram a ser vistos como aglomerados de células individuais, adaptadas à natureza e função de cada órgão (Virchow, 1859). Coube a Rudolf Virchow (1821-1902) estabelecer as bases da nova patologia, fundamentada nas alterações celulares causadas pelas doenças. A milenar doutrina da patologia humoral foi substituída pela patologia celular, o que representou um marco na evolução da teoria e da prática da medicina. Ao mesmo tempo, o estudo da embriologia e do processo de divisão celular levou à descoberta das estruturas intracelulares, em especial do núcleo, dos cromossomos, dos genes, e, finalmente, do dna (ácido desoxirribonucleico), substância primordial de todas as formas de vida, aquela que encerra o código genético, define os caracteres hereditários e assegura a continuidade das espécies. A identificação cristalográfica e química do dna permitiu identificar a sua estrutura helicoidal e pode ser considerada um dos feitos mais notáveis da pesquisa biológica. Na complexidade e diversidade das diferentes formas de vida, uma surpresa: o ressurgimento do número quatro nas quatro bases que integram o dna: adenina, timina, guanina e citosina. Todos os seres vivos – animais, plantas, bactérias e muitos vírus – são o resultado de diferentes sequenciamentos e combinações dessas quatro bases na dupla hélice do dna. E as quatro bases, por sua vez, são formadas de quatro elementos químicos: carbono, oxigênio, hidrogênio e nitrogênio. No dizer do prof. Spyros Marketos, presidente da Fundação Internacional Hipocrática de Cós, o modelo quaternário da escola hipocrática mostrou-se compatível com as recentes descobertas da biologia molecular*”. (in: REZENDE, Joffre Marcondes de. *À sombra do plátano – Crônicas de história da medicina*, p. 53). Grifo nosso.

<sup>13</sup> Keirse, 1998, p. 331

É conhecido entre nós o teste de Myers-Briggs, mais conhecido como MBTI (Meyers-Briggs Type Indicator), criado em 1943, ao qual muitas pessoas já se submeteram, para conhecer seu tipo psicológico.

Nas últimas décadas, DK publicou suas teorias em dois livros com o sugestivo título de *Please, Understand Me*. Ele tinha trabalhado com Isabel Myers. O mérito de Keirsey foi o de se aprofundar na proposta de Myers, precisamente por sua ênfase nos temperamentos, e dar-lhe uma forma final com grande aplicação prática.<sup>14</sup> Após muitos anos de pesquisa, em 1978 Keirsey lança o primeiro *Please Understand Me*. Esse livro causou um profundo e duradouro impacto em todo o mundo e em 1998, publica *Please Understand Me II – Temperament, Character, Intelligence*, revendo, ampliando e aprofundando os temas do vol. I. De acordo com o site oficial [www.keirsey.com](http://www.keirsey.com) (maio de 2019), a série já vendeu mais de 4 milhões de exemplares, foi traduzido para mais de 20 diferentes línguas, mais de cem milhões de pessoas no mundo já utilizaram o teste keirseyano e nada menos que 75% das 500 maiores empresas americanas classificadas na “*Fortune 500*” também fizeram uso do teste.

Para DK cada ser humano tem um conjunto de dons, um conjunto de ferramentas mentais que se acostuma a usar e do qual lança mão em sua vida cotidiana. Um conjunto singular de *preferências* que forma sua personalidade e que o faz parecer semelhante e diferente dos outros.

---

<sup>14</sup> The Keirsey Temperament Sorter is used... . It's also used extensively in government, education, and corporations such as Coca-Cola, AT&T, and Bank of America. Disponível em: <https://www.betterhelp.com/advice/temperament/what-can-the-keirsey-temperament-sorter-reveal-about-me/> - Acesso em 10.03.2019.



DK - [https://en.wikipedia.org/wiki/David\\_Keirseley](https://en.wikipedia.org/wiki/David_Keirseley)

DK lança o desafio de abandonarmos o “Projeto Pigmaleão”<sup>15</sup> – essa interminável e infrutífera intenção de tentar esculpir o outro em uma figura ideal ou à imagem precisa de si mesmo, de não deixar o outro ser outro. Assim como em qualquer outro âmbito da vida cotidiana, o casamento, por exemplo, não nos dá licença para pretender fazer do nosso cônjuge ou dos nossos filhos uma cópia de nós mesmos. *“Larga o seu cinzel de escultor – desafia DK – e permita que os outros sejam de acordo com o temperamento deles. Aprecie-os como são”!* (KEIRSEY, 1998, p. 2)

Para DK (1998) temperamento é uma das facetas da personalidade, sendo a outra, o caráter. Temperamento é como uma marca inata<sup>16</sup>, uma inclinação ou pré-disposição da

---

<sup>15</sup> DK utiliza-se do mito grego de Pigmaleão, hoje amplamente utilizado no mundo da psicologia, que retrata as nossas expectativas em relação ao outro. O mito conta que um escultor e rei de Chipre procurava a mulher ideal (Galateia). Não encontrando, esculpiu uma mulher de acordo com seu sonho. Certo dia, ao voltar para casa, para seu completo deleite, a escultura havia ganhado vida...

<sup>16</sup> Vale ressaltar aqui a profunda observação no verbete “Corpo e Religião” do *Compêndio de Ciência da Religião*, p. 373 e 378, ao tratar precisamente a questão da religião como algo que também tem possível relação com a fisiologia humana: “...A questão à qual ele e outros advertiam não era de que nas experiências religiosas não se considerassem os processos fisiológicos, mas sim a redução da experiência somente a eles. Aliás, experiência psicológica alguma é idêntica aos processos envolvidos nela. *Isso não quer dizer que os processos fisiológicos, tais como algumas excitações, não estejam envolvidos em alguns aspectos da experiência religiosa.* ...O mundo humano é, pois, uma grande narrativa enquanto tal, e os seus mediadores em

pessoa, enquanto o caráter é uma “configuração de hábitos” fruto da interação com o ambiente (KEIRSEY, 1998, p.20). Ou, como bem expressou JSLauand (2014, p. 85), o temperamento pode ser comparado ao *hardware* de um computador e o caráter, ao *software*. O resultado de ambos será a personalidade. Portanto, de acordo com DK, os sinais desta *constituição subjacente* (uma espécie de *memória individual*), visto ser única em cada *indivíduo*<sup>17</sup>, podem ser observados logo após o nascimento, antes mesmo que a família ou outros grupos sociais possam influenciar o caráter. Isso significa que toda pessoa, no curso do seu desenvolvimento – excetuando aqueles casos em que tenha sofrido uma intercorrência (traumática ou não) mais séria – desenvolverá um padrão consistente de atitudes *a partir do seu temperamento*.

Aproveitando a terminologia de Jung, Myers e Keirsey trabalham com quatro pares de características:

E (Extraversion) ou I (Introversion)

S (Sensible) ou N (iNtuition)

T (Thinking) ou F (Feeling)

J (Judgement) ou P (Perception)

Eles estabelecem quatro grandes grupos de temperamentos, que por sua vez voltarão a se dividir em outros quatro, resultando em 16 possibilidades.

A primeira divisão é entre as características S ou N. De fato, é uma distinção importante que vai levar os de tipo S a serem “artesãos” (SP) ou “guardiães” (SJ) e os de característica N a serem “racionalis” (NT) ou “idealistas” (NF).

---

grande parte estão presentes em sua biologia, em sua neurologia, em sua corporeidade, seja na forma de palavras, seja em forma de gestos e até na simples forma da presença bioquímica.

<sup>17</sup> No sentido de *indivisível* ou de *não se tornar outro*, porém um autêntico “si mesmo”. Quando não sou mais eu mesmo, perco a identidade e incorro em grave risco de esquizofrenia, verbete que – não por acaso – é descrito nos dicionários de Psicologia, entre outros sinônimos, como “*personalidade desagregada*”. Também no sentido da riquíssima expressão alemã “*nicht verzweifeln*” que carrega o sentido de *não desesperar* ou, literalmente, de *não tornar-se dois*. Por fim, na presente tese ainda recolhemos o sentido filosófico de *indivíduo* que concebe que duas coisas não podem ser duas senão quando oferecem alguma diferença de qualidade e diferem por outra coisa além do número, considerando a disposição geral do espírito de procurar em tudo, ao mesmo tempo, o semelhante e o dessemelhante, o parecido e o diferente. “Antinomias que se complementam enquanto se opõem, mas não se excluem, pois precisam uma da outra para se tornarem inteligíveis”. (SANTOS, 2018, p. 203)

As pessoas em que predomina o fator S sobre o N são as mais realistas e ligadas ao seu ambiente. Servem-se de seus sentidos para conhecer e captam o que as impressiona: veem os objetos ao seu redor, escutam os sons, etc. Já os de tipo N trabalham não com o que está diante dos olhos, mas sim diante de sua imaginação.

Como é lógico, todos realizamos observações (S) e introspecções (N) mas é difícil encontrar alguém que as realize em igual medida. A maioria de nós (85%) somos do tipo S, e somente os outros 15% dão preferência à imaginação, possibilidades e intuições. Portanto, começa-se indagando se a pessoa tem uma preferência S ou N (Sensible ou iNtuition): S é a preferência por fatos, o realismo dos fatos, “pé no chão”, sem contemplos, sem devaneios: achar que os fatos falam por si. Para compreendermos melhor o N – em contraste com o S –, recorramos a M. L. Ramos da Silva:

Enquanto a pessoa realista e sensata (S) é geralmente prática, não tolera falta de bom senso e é cuidadosa na observação dos detalhes, a pessoa intuitiva é geralmente inovativa, utiliza metáforas, imagens vívidas, convive com devaneios e desfruta a fantasia e a ficção. A pessoa que se caracteriza pela sensatez, acredita nos fatos, lembra-se deles, aprende com a experiência e, quando conversa e interage com outras pessoas, está basicamente interessada em suas experiências, em suas histórias de vida.

Para a pessoa intuitiva, que Keirsey/Bates denominam com a letra N (2ª. letra da palavra intuição) para não confundir com a letra I, de introversão, o possível está sempre diante dela, excitando-a e atraindo sua imaginação, pois, para ela, a vida é repleta de possibilidades. (...) Para a pessoa realista, o intuitivo se configura como uma pessoa inconstante, "voadora". A pessoa S configura-se para o intuitivo como exasperantemente lenta em perceber as possibilidades do amanhã, muito "pés no chão"(...) Finalmente, enquanto a pessoa realista valoriza a experiência, a sabedoria do passado e é essencialmente prática, a pessoa intuitiva, valoriza a intuição, a visão de futuro, é mais especulativa e voltada para a inspiração do momento (...) as palavras-chave que caracterizam a pessoa intuitiva são: possível, fantasia, ficção, imaginação<sup>18</sup>.

Se a preferência for S, o tipo de temperamento se complementa com a união com um dos dois átomos da oposição P/J. Assim, temos já dois dos quatro possíveis

---

<sup>18</sup> Silva, Maria de Lourdes Ramos da: *Personalidade e Escolha Profissional – subsídios de Keirsey e Bates para a orientação Vocacional*, São Paulo, EPU, 1992, pp. 39-40.

temperamentos: SP e SJ. P é a preferência por situações abertas, por agir sem procedimentos padrão, rotinas, esquemas e prazos; já a preferência J é pelos procedimentos bem-ordenados, com normas estabelecidas, prazos etc.

O temperamento SP move-se pela ação, pela ação impulsiva; pela busca do prazer, do lúdico. Ou em um artigo mais recente de Ramos da Silva:

Em função das reações que o caracterizam, o tipo SP (realista perceptivo) necessita de ação e liberdade, repudiando planos e objetivos a longo prazo. Indiferente a hierarquias baseadas em títulos e regulamentos rígidos, é o mais fraternal de todos os tipos e o mais apto a resolver situações de crise.

O tipo SJ (realista judicativo), ao contrário, não gosta de improvisações e adapta-se com facilidade aos regulamentos, às regras e aos diversos modos de trabalho nas organizações, respeitando sempre as hierarquias. Por essa razão, o dever e a responsabilidade em relação a tudo que lhe diz respeito representam suas características pessoais marcantes<sup>19</sup>.

Se a preferência for N, a complementação – como dizíamos assimétrica – dar-se-á com algum dos “átomos” do par F/T, respectivamente, a preferência pela abordagem pessoal (F de *Feeling*) e sensível em oposição à abordagem fria e “objetiva” (T de *Thinking*). No artigo citado, Ramos da Silva resume os correspondentes temperamentos NT e NF:

O perfil NT (intuitivo racional) orienta-se para a competência, a capacidade e o saber. Aprender é uma preocupação constante, já que é o mais autocrítico de todos os perfis, sentindo compulsão para modificar o ambiente em que atua.

O NF (intuitivo sensível), por sua vez, orienta-se essencialmente para a sua auto-realização e a defesa de sua individualidade, integridade e coerência interna, trabalhando mediante uma visão de perfeição interior.

Finalmente define-se o par I ou E. As pessoas cuja preferência é por este último tipo são as que se enchem de energia no contato com os outros, gostam de estar rodeadas de companhia, inclusive de estranhos, e isso lhes é agradável. Pelo contrário, as reservadas

---

<sup>19</sup> Silva, Maria de Lourdes Ramos da “O Referencial de Keirsey e Bates como um dos Fundamentos da Ação Docente”, Revista *Mirandum*, São Paulo, CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ do Porto, 2003, N. 14. <http://www.hottopos.com/mirand14/malu.htm>, acesso em 19-03-16.

de tipo I se desgastam e se “descarregam” no contato social. Depois de poucos minutos em uma festa, na qual podem até ter se divertido muito, necessitam de isolamento para repor as energias exauridas e “recarregar as baterias”.

Calegari e Gemignani<sup>20</sup>, em estudo sobre Keirsey, dão exemplos dos temperamentos com personalidades brasileiras.

SP: Juscelino Kubitschek, Carmen Miranda, Ayrton Senna e Cândido Portinari

SJ: Duque de Caxias, Rachel de Queiroz, Roberto Marinho e Irmã Dulce

NF: Dom Hélder Câmara, Chico Xavier e Clarice Lispector.

NT: Assis Chateaubriand, Mário Henrique Simonsen, Santos Dumont e Lina Bo Bardi

Esses quatro temperamentos básicos, não por acaso, no site oficial de Keirsey ([www.keirsey.com](http://www.keirsey.com)) são apresentados com rótulos que pretendem ilustrar cada um:



Artesão



Guardião



Idealista



Racional

[www.keirsey.com](http://www.keirsey.com)

Cada temperamento tem seu modo peculiar de se instalar no mundo.

O SP (Artesão) na sua impulsividade e urgência de fazer o que tem que ser feito tão velozmente quanto um raio, torna tudo rapidamente familiar e imediatamente cria operação de inferência e sentimento de causalidade; possui a força dionisíaca do mundo – deus Dionísio ou também Baco, o deus romano do vinho – e um desmedido e forte

---

<sup>20</sup> Calegari, Maria da Luz & Gemignani, Orlando. *Temperamento e carreira*, São Paulo, Summus, 2006.

impulso profundamente criativo e criador. É o tipo que provavelmente mais carrega a força inconsciente de um impulso natural. Não por acaso, o SP já em Platão recebe esse nome porque possui um impulso natural de criar ícones (*eukoniké*) – ou, como o próprio Keirsey o chama: “*arti-maker*”.<sup>21</sup> Detentor de uma incrível capacidade de traduzir imagens transpondo-as com precisão – sempre de forma concreta – naquele sentido dos termos latino *transducere* e do alemão *über-tragen*, ambos derivados do grego *metapherein*. O tipo de inteligência mais bem desenvolvido do Artesão é a inteligência tática.

O SJ (Guardião), preocupado em preservar a tradição e fazer as coisas como devem ser feitas, é também identificado com Epimeteu, o deus do dever. A palavra Guardião corresponde segundo Keirsey, à palavra grega *pistike*, “*aquele com convicção confiável*”.<sup>22</sup> Para Platão – de quem Keirsey recolhe o termo – os Guardiões são os que têm a responsabilidade de manter as crenças moralmente corretas, confiam no senso comum e no passado. Sua fala é fundamentalmente ortodoxa. Buscam voltar-se para o que é “caseiro” e “territorial”, que dá segurança e confiabilidade, por isso representados pela “casa”. Como busca ordenamento, a ordem das coisas e deseja o mesmo nas outras pessoas, sua inteligência mais bem desenvolvida é a logística.

O NF (Idealista), na sua busca incansável para amar o mundo inteiro e fazer todo mundo feliz, tem o pensamento abstrato e fixo em ideias e no futuro. Keirsey destaca que o idealista é o temperamento que pode ser descrito como mais inclinado a ser “religioso”, por características como entusiasmo, simpatia, capacidade imaginativa, sonhador, sentimental e otimista.<sup>23</sup> Como sua abordagem sempre é pessoal e regida pela intuição, a imagem que mais bem retrata um idealista é um coração. Como sempre quer ver a conciliação e a harmonia entre todos, tem naturalmente uma inteligência diplomática melhor desenvolvida.

E o NT, Racional, por causa do seu desejo de saber, de entender e de transformar o mundo possui mente engenhosa, inteligência estratégica e grande capacidade inventiva. Busca os significados das coisas de maneira pragmática e quer entender o significado e a finalidade das coisas – sobretudo porque pensa que o mundo, coisas e pessoas, estão dispostos e bem definidos por linhas e coordenadas. Resoluto e autônomo, o Racional

---

<sup>21</sup> Keirsey, 1998, p. 33.

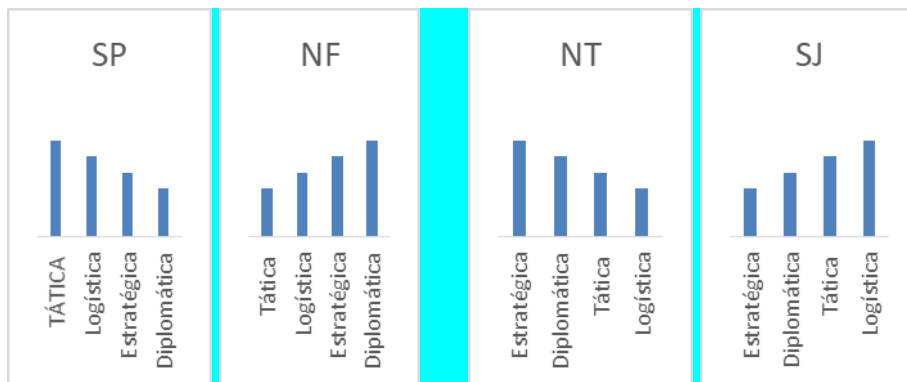
<sup>22</sup> Keirsey, 1998, p. 77.

<sup>23</sup> Keirsey, 1998, p. 120

quer descobrir como o mundo funciona. Devido a estas características o racional é simbolizado com a imagem de uma lâmpada.

As diferentes inteligências podem ser melhor vistas da seguinte maneira em Keirsey, 1998, p. 83:

#### Os tipos de inteligência e os temperamentos



KEIRSEY, David. Please Understand Me II, p. 83

Como veremos ao longo deste trabalho, os temperamentos “simplesmente” provocam comportamentos (predisposições emocionais, racionais, inteligências etc) diferentes. E não deveria surpreender a ninguém que o comportamento humano – como pode ser observado<sup>24</sup> cotidianamente – é basicamente resultado da interação da comunicação e da ação, de palavras e de ações, ou simplesmente o que é dito e o que é feito. Keirsey percebeu que as pessoas podem ser agrupadas pelo tipo de coisas que falam e fazem. Quanto ao que falam, as conversas das pessoas, se ouvirmos atentamente, geralmente podem ser divididas em duas amplas e distintas áreas. Uma fala sobre coisas concretas e outras sobre coisas abstratas. Todos, evidentemente, com alguma frequência podem falar ao mesmo tempo sobre coisas concretas e coisas abstratas, mas é observável que existem pessoas que têm maior predileção por umas em detrimento de

---

<sup>24</sup> Discordamos da visão behaviorista para a qual, para ser verdadeiramente científica, uma análise do comportamento humano deve preocupar-se somente com aquilo que pode ser diretamente observável; que uma completa compreensão do comportamento deve limitar-se à análise dos fenômenos psicológicos. Entendemos equivocado o pressuposto de que somente o estudo de comportamentos mensuráveis são objetivos e, portanto, científicos, uma vez que não considera outros processos mentais.

outras. De acordo com Keirsey os Artesãos e os Guardiões falam mais sobre fatos e realidade, gostam mais de falar sobre o mundo externo e concreto da realidade cotidiana, de contar sobre o que lhes aconteceu, sobre o trabalho e o lazer, sobre a família, sobre notícias, esportes, clima, itinerários de viagens. São pessoas que preferem falar sobre tudo o que, como, quando, quem e quanto da vida. Enquanto outros, os Idealistas e os Racionais, gostam mais de falar sobre ideias e ideais, têm uma comunicação mais inclinada para o mundo interno e abstrato. Gostam de falar sobre sonhos, filosofias, conjecturas, teorias, crenças e fantasias. A comunicação é mais voltada para os porquês, para o que é e o que pode ser da vida.

Uma outra distinção bem evidente e observável entre os quatro temperamentos é que a todo momento as pessoas desejam realizar seus objetivos e agem de determinada forma para alcançá-los. Se observarmos bem, vamos notar que as pessoas se valem de diferentes e até opostos modos para atingir o que querem. Para Keirsey, os Artesãos e os Racionais são pragmáticos (utilitaristas) na ação e não se preocupam com as regras para alcançar seus objetivos. O mais importante é alcançá-los de maneira eficaz ou mais eficientemente possível, e só depois verificam se estão observando as regras. Já os Guardiões e os Idealistas agem de maneira cooperativa e ou socialmente aceitável. Eles tentam, antes de mais nada, fazer a coisa certa, se estão seguindo as normas, as convenções e regras sociais e só depois verificam a eficácia de suas ações.

Como é evidente, cada temperamento tem seus defeitos e qualidades, seus pontos fortes e seus desafios. O que é absolutamente fundamental em qualquer análise ou descrição tipológica é lembrar que, *“sempre onde houver grandeza e inteligência, todos os temperamentos podem ser inspiradores e admiráveis”*.<sup>25</sup> E, ainda que haja *uma inescapável equação pessoal psicológica*, como definia Jung,<sup>26</sup> ninguém possui pureza temperamental de um único tipo que não preserve, em alguma medida, características minimamente perceptíveis dos demais tipos. Este aspecto, como veremos, não anula a

---

<sup>25</sup> Lauand, Jean. Referência em aula do curso de Temas Avançados da Linguagem da Religião, setembro de 2017 – PPGCR/UMESP.

<sup>26</sup> Jung, Carl Gustav. O livro Vermelho, 2015, p. 14.

possibilidade de encontrar um *pattern of behavior* (padrão de comportamento)<sup>27</sup> – coração e alma da análise científica –, pois cada indivíduo é particular e continuará a ser *in-dividual* em seus complexos e afetos, não obstante neles permanecem imagens *arquetípicas* que podem ser encontradas em outras pessoas, em grupos de pessoas ou até mesmo em diferentes culturas e, é claro, no próprio pesquisador. Jung, em sua obra “*Tipos Psicológicos*” assim descreve:

O ideal e objetivo da ciência não consiste em dar a mais exata descrição possível dos fatos – a ciência não pode competir com um instrumento de gravação como a câmera ou o gramofone – mas em estabelecer certas leis, que são meramente expressões abreviadas para muitos processos diversos que são, entretanto, concebidos como estando de alguma forma relacionados. O objetivo vai além do puramente empírico para o conceito, que, embora possa ter sua validade geral provada, vai ser sempre um produto da constelação psicológica subjetiva do investigador. Na construção de teorias científicas e conceitos muitos fatores pessoais e acidentais estão envolvidos. O efeito da **equação pessoal**<sup>28</sup> começa já no ato da observação. O sujeito vê apenas aquilo que ele pode ver melhor. Mas a equação pessoal tem ainda mais influência na apresentação e comunicação das observações, para não dizer interpretação e abstração do material empírico (Jung, 1990, p. 8-9). Grifo nosso.

---

<sup>27</sup> Afinal, procuramos um *pattern of behavior*. E, quando alguém se comporta como não estamos acostumados, dizemos: “esse não é ele”, “essa não é ela” etc... porque de alguma forma esperamos certa regularidade comportamental.

<sup>28</sup> Entre as décadas de 1860 e 1870 a *equação pessoal* deu origem a muitas pesquisas, uma década antes do nascimento da psicologia como disciplina científica independente da filosofia. A psicologia científica que estava nascendo era voltada para as pesquisas psicofisiológicas, procurando demonstrar empiricamente (em laboratórios e com mensurações fisiológicas) as diferenças individuais. Jung começou a estudar as diferenças individuais com o teste de associação de palavras no início do século XX e os resultados destes estudos o tornariam mundialmente conhecido. Através do teste de associação de palavras, Jung conseguiu demonstrar as diferenças individuais através de um estudo experimental, aos moldes das ciências naturais. Até o fim de sua vida (1971) ele definia a psicologia analítica como estando inclusa no ramo das ciências naturais (*Naturwissenschaften*).

## I.2 Contexto da pesquisa

Penso que a célebre afirmação de Benedetto Croce de que “*toda história é contemporânea*”<sup>29</sup>, aplica-se também à presente pesquisa visto que, assim como toda história possui aspectos de permanente atualidade, também “*toda pesquisa é contemporânea*”, ainda que contenha anacronismos (que ademais, de alguma forma, também são ilusórios – como na curiosa e aguda observação de Agostinho de Hipona: “*O que de fato temos é o presente. Lembrança presente das coisas passadas; sensação presente das coisas presentes; esperança presente das coisas futuras*”<sup>30</sup>). Sempre escrevemos a partir da ótica da nossa época, e necessariamente escreveremos não só sobre aquilo que de nossa parte consideramos ser relevante, mas também esperançosos<sup>31</sup> de que o que escrevemos tenha alguma relevância para nossos próprios contemporâneos e nunca deixamos de ter pelo menos um de nossos pés apoiados no nosso tempo.

Um campo temático que em uma época anterior pode ter sido tachado de irrelevante, ou que naquele momento sequer foi cogitado, pode perfeitamente ser numa outra época uma escolha extremamente significativa e fornecer caminhos em pontilhado para diferentes e outras pesquisas correlacionadas. Os olhares da sociedade atual sobre a religião e a espiritualidade em geral, o seu envolvimento (ou não) com estes âmbitos vivenciais, oferecem uma oportunidade muito especial para estudar o cotejamento dos diferentes tipos psicológicos.

Por isso, tomo a liberdade de, antes de mais nada, dedicar este tópico a narrar como se desenvolveu meu encontro com a teoria de David Keirse (a partir de agora, por vezes, abreviado por DK), pois estou convencido de que isso pode lançar muita luz para a compreensão da própria tese: em seu significado e alcance do ponto de vista meramente “externo”, como produto objetivo (o fator T, da linguagem keirseana); como também do que tem representado para o autor em termos profissionais e, mais ainda, pessoais,

---

<sup>29</sup> CROCE, Benedetto. Teoria e storia della storiografia, Bari: Laterza & Figli, 1943. In: Lucien FEBVRE, Combates pela História. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

<sup>30</sup> SANTO AGOSTINHO. As Confissões. São Paulo: Paulus, 2002.

<sup>31</sup> A esperança sempre precisa ser abertura – como bem lembra a língua alemã que, não por acaso, ajunta a raiz trilítere *OFF* das palavras *Öffnung* (abertura) e *Hoffnung* (esperança). Uma esperança que não possui abertura para deparar-se com “*coisas que não se vêem*”, não carrega consigo a autêntica e indispensável atitude do esperar.

existenciais (o fator F, da linguagem keirsejana). Em meu caso, o profissional e o pessoal andam evidentemente muito unidos, pois sou diretor de um colégio, o Colégio Luterano São Paulo e corresponsável – em virtude da minha formação teológica – por zelar pela filosofia luterana de educação dessa instituição de ensino junto à mantenedora, a Congregação Evangélica Luterana Redentor.<sup>32</sup>

Também é muito elucidativo indicar, desde já, o papel que, pelo menos desde 2013, tem desempenhado em minha formação as atividades do grupo de pesquisas keirsejano do Cemoroc (Centro de Estudos Medievais Oriente & Ocidente, da Faculdade de Educação da USP), do qual tenho a honra de participar.

Esse grupo é liderado pelo Prof. Dr. Jean Lauand e é, ao que consta, o único no Brasil, ao menos no que tange às pesquisas em Educação e Religião: tenha-se em conta que, se os estudos sobre DK estão muito avançados no exterior; entre nós, são ainda incipientes – um dado significativo é o de que não dispomos ainda (em 02-05-2018) sequer de um verbete Keirsej na Wikipedia em língua portuguesa!

Jean Lauand, pioneiro em DK no Brasil (desenvolvi algumas importantes pesquisas sob sua direção), supervisionou o pós-doutorado – sobre DK e as religiões – de Chie Hirose na Faculdade de Educação da USP (também com a Profa. Hirose desenvolvi algumas importantes pesquisas); supervisionou o pós-Doutorado de Nadia Wacila H. Vianna, sobre Keirsej e a escola, também na Faculdade de Educação da USP. Seu irmão, João Sérgio Lauand, defendeu o primeiro doutorado sobre Keirsej e a Educação, também na Faculdade de Educação da USP. O sinólogo Sylvio Roque de Guimarães Horta, coordenador da área de Pensamento Chinês na FFLCHUSP, também integra o grupo; junto com outros pesquisadores, como a Dra. Aida R. Hanania e o Dr. Roberto Carlos Gomes de Castro.

Tenho tido o privilégio de participar de todos os eventos acadêmicos dedicados (integral ou tematicamente a DK) organizados pelo Cemoroc (cf. <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/page03.htm>):

---

<sup>32</sup> Essa proximidade é evidente, sobretudo porque a pesquisa de DK já tem grande aplicabilidade em empresas e mais recentemente também em escolas. Agora abrimos um amplo leque de aplicação (a nosso ver de absoluta necessidade) no campo das religiões – nesta tese voltado mais à religião cristã.

- VII Encontro Cemoroc Educação - Pesquisas em Keirse: novas perspectivas (fui organizador e proferi uma conferência)
- XIX Seminário Internacional Filosofia & Educação (2018) – abrigou uma seção dedicada ao pensamento de DK (proferi uma conferência)
- XVIII Seminário Internacional Filosofia & Educação (2017) – abrigou uma seção dedicada ao pensamento de DK (proferi uma conferência)
- XVII Seminário Internacional Filosofia & Educação (2016) – abrigou uma seção dedicada ao pensamento de DK (proferi uma conferência)
- XVI Seminário Internacional Filosofia & Educação (2015) – abrigou conferências sobre DK.

Além desses eventos, o Cemoroc promove todos os anos, desde 2013, Cursos de Formação para Professores no Colégio Luterano e DK é sempre um tema presente nesses eventos. Orgulho-me de que todos os integrantes do Grupo Keirse estiveram dando conferências nesses cursos e diversas pesquisas keirseanas tiveram como base entrevistas realizadas no Colégio.

Meu primeiro contato formal com a teoria de DK deu-se no Curso para Professores do Colégio Luterano São Paulo 2013, nas duas conferências que, então, o Dr. João Sérgio Lauand proferiu no evento: “*Educação e personalidade: as diferenças individuais segundo David Keirse*” e “*Keirse e a Escola*”. (cf. <http://www2.fe.usp.br/%7Ecemoroc/page06l.html>). Já o título dessa primeira conferência “...*diferenças individuais...*” imediatamente atingiu-me de modo muito impactante: como diretor de colégio e como pastor enfrento-me diariamente com situações de aconselhamento (formal ou não) que requerem, evidentemente, um discernimento que envolve a apreciação pessoal do outro, em seu peculiar modo de ser.

Claro que todo educador e todo agente pastoral tem, ao menos intuitivamente, um *feeling* para compreender o outro, mas é muito melhor poder contar com uma poderosa ferramenta científica nessa tarefa. Recordando as aulas do Prof. Jean Lauand, sempre generosas em etimologias, “*inteligência*” é “*ler dentro*” (*inteligir = intus legere*). Por

exemplo, a inteligência enxadrística: para alguém que desconheça os rudimentos do xadrez, uma determinada posição do tabuleiro é um enigma indecifrável; já o grande mestre é capaz de jogar brilhantemente 30 simultâneas, fazendo em poucos segundos a *leitura* de um tabuleiro, dar seu lance, e partir para o próximo. E em geral não perde nenhuma das partidas.

Eu, como um típico e intenso SJ na classificação de DK (mais adiante veremos que o SJ propende à organização e ao ordenamento das ideias) interessei-me viva e imediatamente por essa teoria e não demorei em adquirir a bibliografia correspondente e inscrever-me – então ainda como aprendiz – no Grupo Keirsey, de Jean Lauand (em 2016 fui nomeado Membro Adjunto do Cemoroc e só em outubro do ano passado, nomeado oficialmente Membro pleno desse Centro de Pesquisas da Universidade de São Paulo).

Se, como veremos, as pessoas distribuem-se (sempre tipicamente, e com todas as ressalvas que faremos à metodologia dos tipos) em 4 temperamentos e 16 tipos, evidentemente não posso tratar um aluno SJ do mesmo modo como devo tratar um SP. Não posso orientar, digamos sobre um problema matrimonial, um fiel NF do mesmo modo como aconselho um NT. Obviamente, um intenso ISTJ como, digamos, Geraldo Alckmin, não tem a mesma base temperamental de uma intensa ESFP, como Hebe Camargo...<sup>33</sup> Não por acaso, os livros fundamentais de DK trazem como título *Please understand me* (I e II). Sem a compreensão pessoal, o aconselhamento escolar e a orientação pastoral, recaem em conselhos estereotipados, como no caso do legendário médico charlatão que deu origem a um dos mais tradicionais provérbios espanhóis: “*Dios te la depare buena!*” – ele puxava uma das receitas prontas ao acaso do bolso, entregava-a ao doente e dizia: “Deus te faça melhorar com essa receita!”. Infelizmente, não são poucos os educadores e pastores que improvisam seus conselhos nessa mesma linha.

---

<sup>33</sup> Mais um exemplo. Estávamos eu e minha esposa num Shopping na zona Sul de SP. Uma criança completamente desconhecida de mais ou menos 4 anos de idade diz à sua mãe, apontando em nossa direção enquanto causalmente nos aproximávamos: “será que aquela moça gosta de abraço?” Nós nos entreolhamos, admirados com a espontaneidade da menina e, claro, minha esposa logo correspondeu àquele apelo... Um tipo claramente ESFP para quem o prazer é um fim em si mesmo e a variedade é o tempero da vida: aberto a experimentar quase tudo que ofereça “*a good time*”, nem sempre avaliando bem as consequências.

Não se trata de transformar o trabalho pastoral em meras técnicas, mas a teoria de DK nos dá poderosos elementos de “inte-ligência” e compreensão. Foi com imensa alegria que constatei, em artigo de João Sérgio Lauand (2010), que um dos maiores gênios da Pastoral e um dos primeiros a tematizá-la, o pai da Igreja Gregório Magno (m. em 604), responsável pela conversão de inúmeros bárbaros de seu tempo, já pensava em educação e pastoral personalizada.

Personalizar é “descer” do abstrato aluno (ouvinte, fiel, eleitor...) ao indivíduo concreto, com sua história, condicionamentos, pré-requisitos etc. É o que propõe o papa Gregório Magno (c. 540-604) na parte III de sua *Regra Pastoral* - um dos livros formadores do Ocidente - parte dedicada precisamente ao ensino do pastor (ensino que deve ser voltado para as particularidades de cada um). [...] Em um de seus ainda recentes discursos sobre Gregório Magno e sua *Regra Pastoral* (citaremos o de 04-06-08), o Papa Bento XVI chama a atenção precisamente para sua proposta educativa personalizada. [...]Gregório é tão radical em seu projeto, que, no capítulo 1 distingue 68 tipos diferentes de educandos (levando em conta sexo, estado social, hábitos morais adquiridos, idade, condições diversas etc.), dispostos em 34 pares de opostos (caps. 2 a 35), com as correspondentes indicações de como deve ser o ensino, em cada caso. (LAUAND, J. S., 2010)

E o mais genial é que Gregório, não por acaso cognominado Magno, já incluía em sua proposta de personalizar a pastoral, a teoria dos temperamentos, evidentemente como era tratada pela “psicologia” de sua época. Nesse aspecto, não posso pretender originalidade, pois a ideia já é sesquimilenar...

Em meio a essa imensa variedade, Gregório indica também um fator básico de alguns casos: a *conspersio*, que, no caso<sup>34</sup>, indica temperamento. Um exemplo. Falando de pessoas alegres ou tristes, diz Gregório (III, 3) que a tristeza ou a alegria podem decorrer não das ocorrências da vida, mas pelo temperamento (*conspersionibus*), do mesmo modo que, nos tipos de temperamento de Keirsey, a alegria (e a sensualidade) é associada aos SP. E nessa mesma linha, afirma que certos vícios estão mais próximos de certos temperamentos (*conspersionibus*)

---

<sup>34</sup> Cf. Gregorio Magno *La Regla Pastoral*, Madrid, Ciudad Nueva 1993, p. 244n. e A. Blaise *Dictionnaire Latin-Français des Auters Chrétiens*, Brepols, 1958.

(como a luxúria para os alegres) e que cada um deve ter em conta o que carrega consigo como temperamento e as tendências que lhe são próprias... O próprio pregador deve estar atento à sua *conspersio*. Como no caso dos SP de Keirse, que, propensos naturalmente à alegria, deixam-se abater facilmente por problemas e dificuldades e têm o mais baixo índice de tolerância à ansiedade<sup>35</sup>, o pregador alegre por *conspersio* deve estar prevenido quanto à sua vulnerabilidade ante tristezas que aparecem repentinamente e não se deixar abater.

Já se deixa entrever também a imensa variedade, riqueza e profundidade dos já mais de 30 artigos publicados pelos pesquisadores do Grupo e que ajudei a elencar (até 2017) no artigo “Estudos sobre Keirse nas revistas do Cemroc” (Starosky et al. 2017)

De especial e profundo impacto foi para mim a leitura do livro *Please Understand Me II* que, já na página 1 com o título “Different Drummers”, sintetiza o pensamento central e fundante de David Keirse:

If you do not want what I want, please try not to tell me that my want is wrong.

Or if my beliefs are different from yours, at least pause before you set out to correct them.

Or if my emotion seems less ou more intense than yours, given the same circumstances, try not to ask me to feel other than I do.

Or if I act, or fail to act, in the manner of your design for action, please let me be.

I do not, for the moment at least, ask you to understand me. That will come only when you are willing to give up trying to change me into a copy of you.

If you will allow me any of my own wants, or emotions, of beliefs, or actions, then you open yourself to the possibility that some day these ways of mine might not seem so wrong, and might finally appear as right – for me. To put up with me is the first step to understand me.

Not that you embrace my ways as right for you, but that you are no longer irritated or disappointed with me for my seeming waywardness. And one day, perhaps, in trying to understand me, you might come to

---

<sup>35</sup> Keirse, David & Bates, Marilyn *Please Understand me*, 4th ed., Del Mar, Prometheus Nemesis, 1984, p. 198.

rize my differences, and, far from seeking to change me, might preserve and even cherish those differences.

I may be your spouse, your parent, your offspring, your friend, your colleague. But whatever our relation, this I know: You and I are fundamentally different and both of us have to march to our own drummer.<sup>36</sup>

A meu ver, o ponto particularmente extraordinário levantado por DK no qual diz que “*se o que eu creio é diferente daquilo que você crê, pense um pouco antes de corrigir minhas crenças*”, abria uma importante interface com a religião. E a refinada observação de que “*suportar o meu jeito de ser, é o primeiro passo para me compreender*” me fez lembrar a recomendação paulina: “*Suportai-vos (ἀνεχόμενοι) uns aos outros*” (conforme registrado nos livros de Paulo aos Colossenses 3 e Efésios 4), e também a clássica descrição comparativa, outra vez de Paulo na sua carta aos Romanos, de que, assim como o corpo<sup>37</sup> tem diferentes membros e cada qual tem função diferente, assim também as pessoas agem de modo diferente, me fez pensar na indispensável necessidade de valorizar os diferentes tipos:

Assim como cada um de nós tem um corpo com muitos membros e esses membros não exercem todos a mesma função, assim também em Cristo nós, que somos muitos, formamos um corpo, e cada membro está ligado a todos os outros. Temos diferentes dons, de acordo com a graça que nos foi dada. Se alguém tem o dom de profetizar, use-o na proporção da sua fé. Se o seu dom é servir, sirva; se é ensinar, ensine; se é dar ânimo, que assim faça; se é contribuir, que contribua generosamente; se é exercer liderança, que a exerça com zelo; se é mostrar misericórdia, que o faça com alegria.<sup>38</sup>

---

<sup>36</sup> David Keirse, 1998, p. 1.

<sup>37</sup> Nesta pesquisa o corpo é visto como integrante indispensável na tarefa de *ser humano* – jamais o pensar e o sentir são atividades separadas do corpo. Afinal, o “jeito de ser” entrelaça corpo e mente, cérebro e coração, a totalidade do ser. Portanto, passamos de largo ao apelo cartesiano de separar a “*res cogitans*” da “*res extensa*”. Esse é o erro abissal de Descartes – comenta António Damásio, Neurobiologista português – segundo o qual essa divisão cartesiana domina tanto a investigação como a prática médica: “*a separação entre o corpo e a mente, entre a substância corporal, infinitamente divisível, com volume, com dimensões e com funcionamento mecânico, de um lado, e a substância mental, indivisível, sem volume, sem dimensões e intangível, de outro... a razão pode não ser tão pura quanto a maioria de nós pensa que é ou desejaria que fosse, e as emoções e os sentimentos podem não ser de todo uns intrusos no bastião da razão, podendo, pelo contrário, ser enredados nas suas teias, para o melhor e para o pior*”. DAMÁSIO, António. O erro de Descartes, 2018, p. 17.

<sup>38</sup> Carta do Apóstolo Paulo aos Romanos, capítulo 12.3-8.

O aspecto peculiar a comentar sobre a diversidade de dons e dos talentos é a absoluta necessidade de não esquecer que o mundo será tanto mais desencantado, quanto mais quisermos padroniza-lo e homogeneizá-lo. O grande mérito desse texto paulino é precisamente o de nos lembrar que somos mesmo diferentes, de considerar a singularidade do outro e o de agudizar a consciência de que mais um extraordinário benefício da compreensão dos temperamentos (através do cotejamento entre os diferentes tipos) é a prevenção contra os fanatismos, contra o exagero de achar que todos precisam “andar na linha”. Lembro-me que, nos tempos da faculdade de teologia, um professor meu, valendo-se da metáfora da partitura musical, para lembrar que somos únicos na criação, jocosamente disse: “*somos todos ‘filhos da pauta’. Não somos ‘filhos da linha’*”! Ora, de fato, se Deus é o ser *absoluto* (totalmente solto/livre), é de se esperar que suas criaturas também sejam – pelo menos minimamente para os “padrões” da sua humanidade – soltas, livres, sem arregimentações, sem laços que as prendam e impeçam de fazer aquilo que seu temperamento as inclina a fazer. O que segue nesta tese, portanto, ainda que seja um esforço consciente de distinguir, discernir, estabelecer modelos e descrever quadros sintéticos de perfis psicológicos – sempre de forma caricaturesca, mas sem simplificações abusivas nem coleiras mentais – não será muito além de organizar um pouco a imensa profusão do real. E, sobretudo, mantendo a consciência de que nossa personalidade é composta de tantas dimensões e pode ser observada por tantos diferentes ângulos, que é altamente improvável que um dia teremos alguma metodologia, técnica ou tecnologia que nos permita dizer que conhecemos alguém em sua plenitude.

Para concluir essa trajetória, devo dizer da feliz oportunidade de ter cursado a disciplina de doutorado da UMESP, no 1º. semestre de 2017, “Filosofia da Religião”, na qual toda a temática do Prof. Jean Lauand (mais da metade da disciplina) foi dedicada a Keirse e a Religião. E do privilégio de dividir com a Dra. Chie Hirose duas importantes pesquisas sobre o conservadorismo religioso e os fatores básicos de Keirse.

Assim, dentro do imenso campo de pesquisas, DK e a religião, tema praticamente virgem em nosso meio acadêmico, dedicar-me-ei nesta tese a explorar, entre outros tópicos, esses, principalmente:

- Os 4 temperamentos básicos, igreja e religião

- A espiritualidade e sua complexidade
- A religião e as preferências pessoais
- Aspectos gerais das preferências religiosas em função da tipologia de DK.
- Uma análise do apóstolo João como típico NF, na tipologia de DK.
- O conservadorismo religioso brasileiro contemporâneo e a preferência pelo fator J de DK.
- O conservadorismo religioso brasileiro contemporâneo e a preferência pelo fator T de DK.
- Keirsey e a religião – a compreensão da individualidade: implicações pastorais.

### I.3 Referencial teórico

Meu referencial teórico – como não poderia deixar de ser – é a obra de David Keirsey, especialmente a reunida nos dois livros *Please Understand Me* e *Please Understand Me II*. Usarei estas duas obras fazendo-as dialogar com o tema do trabalho. Dada a importância das duas obras – que figuram como manuais para a compreensão humana a partir de uma tipologia – descrevo brevemente aqui alguns pontos centrais, que, ademais, transitam pelas páginas desta tese.

Keirsey, em 1978, tendo como co-autora Marilyn Bates, lançou um livro original e inovador que revolucionou o estudo de temperamentos, *Please Understand Me*. Alguns anos mais tarde apareceu o volume II do mesmo título. Ambos começam da mesma forma: *Se você não necessita do que eu necessito, por favor, não me diga que minha necessidade é errada. Se minhas crenças são diferentes das suas, pare ao menos um instante antes de começar a corrigir as minhas. Se minhas emoções parecem mais intensas que as suas, ou menos, nas mesmas circunstâncias, tente não me pedir para reagir de outra forma. Se eu não faço o que você acha que se deve fazer, por favor, deixe-me agir do meu jeito. Por enquanto, não lhe peço que me compreenda; já sei que isso só ocorrerá quando você estiver disposto a deixar de tentar me converter em uma*

*cópia sua*. Só essas primeiras afirmações já bastam para perceber que trata-se de um chamado à compreensão e ao entendimento. Seu trabalho de muito anos em escolas é clara demonstração de que estava preocupado em solucionar conflitos entre alunos, pais, educadores e administradores que não conseguiam se relacionar sem atritos.

O teste de Myers-Briggs (mais conhecido como MBTI – Myers Briggs Tipe Indicator – criado em 1943 por Isabel Myers e sua filha Katherine Briggs) caiu em suas mãos e, ao respondê-lo, viu que a descrição apontada para ele correspondia exatamente ao que era, seus gostos, aptidões e dificuldades. Percebeu que não estava sozinho, pertencia a um grupo e havia muitas pessoas semelhantes. Esse evento causou-lhe uma impressão muito profunda. Conta-nos que compreendeu então porque se sentia tão diferente de algumas pessoas e tão parecido com outras. O teste de Myers e Briggs parte da ideia de que aquilo que nos diferencia não deve ser procurado no exterior ou nas circunstâncias, mas dentro de cada um de nós. Pessoas diferentes têm reações diferentes, e podem ser agrupadas de acordo com algumas características. O teste, portanto, é um retrato falado de cada um de nós e dos que estão ao nosso redor. Ao observar a teoria de Myers e Briggs, Keirsey concordou em parte. Seus conhecimentos dos trabalhos de vários antecessores (Adickes, Spränger, Kretschmer e Fromm, além dos clássicos Platão, Aristóteles e Galeno) levaram-no a dividir as pessoas em Artesãos (SP), Guardiães (SJ), Idealistas (NF) e Racionais (NT). Para chegar aos NF e NT, ele teve que descartar os SF e ST que não tinham muito em comum. Essa descoberta foi genial e coroou a teoria. E, embora elabore toda sua teoria sobre os quatro tipos básicos (SJ e SP; NF e NT) e os 16 sub-tipos, parece que para Keirsey o núcleo central da sua tipologia está na verdade nos dois tipos S x N. Os N, que valorizam ideias e abstrações, com comunicação abstrata e voltados para o futuro; e os S, voltados para fatos e o passado, inclinados a confiar na experiência e na comunicação concreta. Curiosamente, a centralidade nesses dois fatores nos parece remeter ao famoso afresco conhecido como Escola de Atenas, de Rafael Sanzio (de 1509-1511), no qual os dois filósofos mais conhecidos da Grécia antiga, Platão e Aristóteles, figuram no centro. O quadro fala por si.



[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c4/Escola\\_de\\_Atenas\\_-\\_Vaticano\\_2.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/c/c4/Escola_de_Atenas_-_Vaticano_2.jpg)

Platão e Aristóteles representam todo o pensamento filosófico e as filosofias contrastantes e estão cercados (cada um ao seu lado) por outros grandes pensadores filósofos e matemáticos. Platão é interessado no etéreo, no teórico, no que não pode ser visto o que está bem simbolizado por Rafael porque aparece apontando para cima lembrando que este mundo das aparências não é a verdade final, que existe um outro domínio que é baseado na matemática e nas ideias puras – que há coisas por trás das coisas. Aristóteles, por sua vez, tem a palma da mão voltada para baixo e foca sua atenção naquilo que é observável, no mundo físico. Portanto, de um lado temos uma ideia *mais* daquilo que está escondido e do outro, daquilo que é *mais* prático. É igualmente interessante observar que ao lado de Platão está Parmênides e ao lado de Aristóteles, Heráclito que na filosofia pré-socrática representavam, respectivamente, a fixidez e o movimento. Sem devaneios excessivos, podemos perfeitamente conectar “A escola de Atenas” ao pensamento keirseiano cuja base fundante está justamente nas duas bases fundamentais de se instalar no mundo (S e N).

Aspecto igualmente de grande relevância para o presente trabalho é a pergunta primordial desde tempos imemoriais “Que é o homem?” (e que remete àquela ainda mais fundamental: quem sou eu?) que aparece em inúmeros lugares. Da Bíblia à música popular, passando por inúmeras ciências. Talvez seja a pergunta mais importante já feita, para a qual cada um tem as suas respostas, muito diferentes umas das outras. São tantas

as variáveis envolvidas que é muito difícil fazer resumos e sistematizações. Em uma das classificações possíveis a questão levantada é: nós somos basicamente iguais ou diferentes? Nossas reações diferentes procedem de escolhas individuais independentes em cada caso ou há uma tendência observável que podemos analisar e que indica um padrão em nosso comportamento? Podemos resumir as respostas a essas indagações em dois grandes grupos. Um grupo diz que somos basicamente iguais e que nossas reações não têm nenhum padrão diferente dos outros. As diferenças são meras escolhas e amanhã as reações de dois indivíduos poderiam ser invertidas. Outro grupo prega a divisão da humanidade em quatro grandes grupos, que se assemelham entre si e diferem dos outros. É o caso de Keirsey, Myers e tantos outros ao longo da história. Com relação a Freud, por exemplo, Keirsey diz que sim, somos motivados todos pelo prazer, mas de formas diferentes e com intensidades e motivações distintas, moduladas pelo nosso tipo psicológico. Para Keirsey as pessoas podem ser divididas em quatro grandes grupos que podem se subdividir cada um em mais quatro, chegando a dezesseis “sub grupos”. Mas a grande diferença na teoria keirseiana é que para ele a base fundamental está nos fatores S ou N, o que aproximadamente poderíamos chamar de realista sensorial (S) ou imaginativo (N). Com o fator S combinamos o J ou P, que aponta para a preferência por situações fechadas, de decisões tomadas (J) ou abertas, em processo (P). Já com o fator N combinamos F ou T, que seria sentimental ou legalista. Juntando o elemento I ou E, introvertido ou extrovertido (o par menos essencial nos 4 pares de DK), Keirsey chega a 16 possibilidades, ou sub-tipos. O grande trunfo da teoria de Keirsey é o autorretrato que ela proporciona. Ele próprio fala da profunda impressão de ver-se retratado como um INTP no resultado do seu teste e essa experiência é compartilhada por muitas outras pessoas.

Concordamos com grande parte do que Keirsey apresenta nas suas duas obras principais. Porém, fazemos uma ressalva ao que diz quando se refere à essência dos seus dois livros (Keirsey, 1998, p.1):

As in the original Please Understand Me, the point of this updated and expanded edition is that people are different from each other, and that no amount of getting after them is going to change them. No is there any reason to change them, because the differences are probably good.

Como é evidente, todo processo educativo tem como base fundamental a transformação da pessoa e parece-nos pelo menos estranho dizer que não há porque procurar fazer mudanças. Compreendemos o ponto de Keirsey, mas julgamos que essa observação seja necessária, pois se não houvesse nada a ser trabalhado nas pessoas não seriam necessários os estudos, as escolas, a transmissão da cultura. É óbvio que há muitas coisas a serem aprendidas por todos e um mínimo de civilidade no comportamento é indispensável. Como bem lembra J.S.Lauand (2014, p. 53), “*a própria palavra educação remete a essa extração daquilo que há de melhor em nós e deve aparecer. E todos estamos de acordo em que ao mesmo tempo que precisamos de muita tolerância há também coisas intoleráveis*”. E esse será também um ponto central e um dos propósitos do presente trabalho: ajudar as pessoas, pela compreensão e aceitação de si mesmas e dos outros a viver e conviver melhor. Por isso, o autoconhecimento e o conhecimento do outro tem lugar importante nas relações, sobretudo para evitar aquela tendência que todos temos, em maior ou menor grau, de querer reformar os outros de acordo com nossas regras que se observarmos bem, na maior parte das vezes, *não precisam ser as mesmas*. A obra de Keirsey ajudará nesse sentido.

A obra fundamental de David Keirsey, reunida nos livros *Please Understand Me* (1978) – este publicado em conjunto com Marilyn Bates – e em *Please Understand Me II* (1998), é, portanto, a principal literatura utilizada neste trabalho. Neles, Keirsey apresenta um importante mapeamento das preferências pessoais e tipos psicológicos. Fundamentando-se em vários estudos anteriores, sobretudo nos de C. G. Jung (a partir da obra desse pensador chamada *Tipos Psicológicos*), Keirsey afirma que cada ser humano é diferente e que cada um tem um modo de se instalar no mundo; que sente, pensa, percebe e vê o mundo de modo diferente. Cada um ouve a “sinfonia da vida” a partir de uma determinada clave ou timbre distinto, ideia central que perpassa toda a obra. Keirsey chamou de Projeto Pigmaleão a malfadada, infrutífera e interminável intenção de fazer do outro uma cópia de si mesmo e lança o desafio de “largar o cinzel de escultor” que sempre se inclina ao desejo de mudar os outros a partir da visão de si mesmo. A obra tornou-se um *best seller* especialmente por ajudar as pessoas a encontrarem seu estilo de personalidade e pela simples mensagem de que cada um pode ser do jeito que é justamente por ser diferente do seu semelhante – que ninguém é igual a ninguém, apenas semelhante. A mensagem de que membros de famílias ou instituições são fundamentalmente diferentes uns dos outros, e que todos fariam bem em apreciar essas

diferenças e desistir de tentar transformar os outros em cópias de si mesmos é, talvez, o motivo do grande sucesso dos seus escritos.

O refinamento da teoria keirseyanos dos quatro temperamentos é apresentado no segundo volume (*Please Understand Me II*), uma atualização e edição ampliada do primeiro livro, mais abrangente e coerente do que o original. O Keirsey Temperament Sorter é atualmente o teste de personalidade mais vendido no mundo e milhões de pessoas já se submeteram a ele. “The point of this book”, escreve Keirsey, “is that people differ from each other, and that no amount of getting after them is going to change them”.<sup>39</sup> E as diferenças se assemelham em apenas alguns padrões distintos que podem ser agrupados apenas de maneira caricata, grotesca ou aproximativa. Porém, o reconhecimento desses padrões (Keirsey recupera a terminologia de Platão – Artesão, Guardiã, Idealista e Racional) e renomeia respectivamente como SP, SJ, NF e NT pode ser aprendido pela investigação empírica na medida em que observamos atentamente a vida das pessoas. O desenvolvimento dos tipos keirseyanos levou seu autor, depois de longos anos de estudos, a perceber dois fatores basilares (*Sensible x iNtuition*) que estabelecem o autorretrato mais elementar de cada pessoa. 75% ou 80% das pessoas é *S* e apenas 25% ou 20% é *N* (*iNtuitions*), por isso a oposição *S / N* é central para a definição dos 4 temperamentos básicos, particularmente para a interface com a religião, aspecto medular deste trabalho.

Outro destaque na obra keirseyanos é a aguda percepção de que as aparentes deficiências ou fragilidades pessoais geralmente são compensadas por forças naturais em outras áreas. As inteligências não são maiores ou menores, mas apenas diferentes. E exemplifica dizendo que assim como não se deve comparar um grande pintor com um professor sábio, nem um contador com um físico brilhante porque todos devem ser respeitados pelo que são, assim é com o temperamento, com os diferentes tipos de inteligência. Keirsey argumenta que o que mais precisamos é mesmo aprender que somos diferentes uns dos outros.

Segundo Keirsey, as características dos quatro temperamentos não se modificam com o tempo (com exceção, acrescentaríamos, de mudanças sob condições muito específicas como traumas emocionais fortes, acidentes etc) e parecem refletir um padrão

---

<sup>39</sup> Keirsey, 1998, foreword.

fundamental na trama do tecido da natureza humana. Claro que Keirsey (assim como Jung) não pensava em uma espécie de determinismo cego dirigindo as pessoas. Não estava desdenhando da educação transformadora nem do mínimo de civilidade, muito menos de que existam coisas intoleráveis. Ele se referia à diferenças como: mais ou menos emoção, sociabilidade, decisões lógicas ou sentimentais, preferência pelo rotineiro ou pelo imprevisível, e tantas outras.

Destacaremos ainda na obra de Keirsey o forte estímulo à compreensão e convivência harmoniosa, pois, plenamente em conformidade com seu pensamento, tolerar é o primeiro passo para compreender. Trata-se, evidentemente, de um texto muito forte e muito claro, que remete imediatamente à inúmeras experiências pessoais, pois por diversas vezes em nosso cotidiano não compreendemos alguém e também não fomos compreendidos. Como veremos ainda neste primeiro capítulo, para Keirsey a religião parece ser um elemento da virtude humana. Para ele, idade, raça, *religião* e nível educacional influem diretamente nas relações e nas estruturas do perfil individual.<sup>40</sup>

## I.4 Contexto hermenêutico

Desde o começo da pesquisa, estabelecemos – Lauand, então meu orientador, e eu – os parâmetros metodológicos: a *Verstehen* proposta por Pieper,<sup>41</sup> Marías<sup>42</sup> e adotada pelo próprio Lauand; unida à clássica metodologia do *Idealtypus*. Essas adoções devem-se ao fato de se adequarem claramente ao tema e à proposta desta tese. Sendo assim, ficam excluídas quaisquer pretensões de originalidade neste tópico e limitar-me-ei a, resumidamente, indicar alguns pontos que pareçam oportunos e, em boa medida, remeter-me a textos de Pieper e sobretudo de Lauand, que já dão melhor conta da proposta.

---

<sup>40</sup> Cf. Keirsey, David. *Please Understand Me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1998, p. 120.

<sup>41</sup> Renomado filósofo, catedrático da Universidade de Münster, falecido em 06-11-97. O texto piperiano a que nos referiremos neste capítulo é um pequeno clássico. O original encontra-se em *Verstehen*, Freiburg im Breisgau, IBK, 1977.

<sup>42</sup> Filósofo espanhol, considerado o principal discípulo de Ortega y Gasset, falecido em 15.12.2005.

Felizmente, em junho de 2018, o Prof. Lauand proferiu uma conferência “Escrever um artigo científico – ideias para iniciantes (ou não)” – no Colégio Luterano São Paulo – da qual tive a honra de ser debatedor (junto com a Dra. Sílvia Colello e o Dr. João Sérgio Lauand) e um dos temas foi intitulado precisamente “Compreender”<sup>43</sup>.

#### I.4.1 Tradição do Verstehen

Começamos pelo *Verstehen*. O Verstehen não é apenas um verbete para a compreensão. No alemão, sim, origina-se com esta significação. Entretanto, na tradição hermenêutica, o Verstehen torna-se num movimento filosófico catártico da aquisição do mundo do outro – no caso, a princípio, o mundo do texto – para colocar-se, enquanto leitor – e interlocutor – no mundo do outro.

Para Dilthey, o Verstehen só acontece no domínio das humanidades. A ciência natural não se interessa e nem possui ferramentas para esse julgamento. Os cientistas, segundo Dilthey, não procuram o Verstehen: procuram as leis da natureza e as regras do mundo físico. Feita esta distinção, Dilthey alerta: para ser um bom cientista natural é preciso inteligência. Ser capaz de trabalhar com os padrões e as leis das ciências naturais. Por outro lado, para trabalhar com humanidades, ser esperto ou inteligente é necessário, porém, não é suficiente. Experienciar o que os outros experienciam é preciso de *sensibilidade* – ou, inteligência emocional.

Dilthey coloca no centro do conhecimento a experiência pessoal do indivíduo que pesquisa e trabalha com ciências humanas. A humanidade não apenas prevê a própria humanidade como produz a humanidade. A *vivência*<sup>44</sup> é o princípio que dá lugar para o Verstehen, possibilitando aos pesquisadores ampliarem a sua noção de mundo para além das descrições científicas de suas épocas.

---

<sup>43</sup> Disponível em: LAUAND, Jean. “Escrever um artigo científico – ideias para iniciantes (ou não)” In: *Convenit Internacional* 30 (Convenit Internacional coepta 1) mai-ago 2019 Cemoro-Feusp / IJI - Univ. do Porto / Colégio Luterano São Paulo. <http://www.hottopos.com/convenit30/17-28jeanConf.pdf> Acessado em 13 de Julho de 2019.

<sup>44</sup> A noção de vivência foi elaborada primeiramente por Dilthey e incorporada na história do pensamento filosófico ocidental nas últimas décadas. Trata-se de um princípio filosófico caro ao autor, uma vez que tal princípio denota toda uma estrutura de pensamento filosófico, a saber, o edifício da Verstehen.

Dilthey trabalha a filosofia na esfera da vivência como um “re-viver” (*re-living*). Há um movimento humano de uma dupla faceta, onde o ato da compreensão e a experiência da vivência se entrelaçam e se dependem. O melhor exemplo, para a nossa tese, deste movimento circular da hermenêutica da compreensão encontra-se na sua filosofia refletindo sobre a sua leitura de Martinho Lutero.

The possibility of experiencing religious statis in one's own life is a narrowly limited for me as for most of my contemporaries. But, when I read through the letters and writings of Luther, the reports of his contemporaries, the records of religious disputes and councils, and those of his dealings with officials, I experience a religious process, in which life and death are at issue, of such eruptive power and energy as is beyond the possibility of direct experience for a man of our time. But I can re-live it.<sup>45</sup>

Para Dilthey, na origem da tradição hermenêutica como a temos hoje, a experiência pessoal de acesso à outras experiências, como a religiosa, tornam acessível a possibilidade de se pensar a própria vivência por intermédio da compreensão da vivência de outrem. O texto carrega importância fundamental; entretanto, a perspectiva de uma vida mediada pela reflexão das próprias experiências é colocada no centro. Dilthey conclui,

Thus the inner-directed man can experience many other existences in his imagination. Limited by circumstances he can get glimpse alien beauty in the world and areas of life beyond his reach. Put generally: man, tied and limited by the reality of life, is liberated not only by art – as has often been explained – but is also by historical understanding. This effect of history, which its modern detractors have not noticed, is widened and deepened in the further stages of historical consciousness.<sup>46</sup>

Para ele, arte e história permitem a experiência de vivências não experimentadas normalmente pela ciência em si. Isso é libertador das limitações da vida cotidiana, cuja

---

<sup>45</sup> DILTHEY, W In: RICKMAN, H.P. *Dilthey Selected Writings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976, p. 227.

<sup>46</sup> DILTHEY, W In: RICKMAN, H.P. *Dilthey Selected Writings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976 p. 228.

leitura estaria limitada por um ou outro aspecto da personalidade de cada sujeito em razão de suas orientações práticas, culturais e laborais. Com esta motivação, o fundo hermenêutico permite o trabalho da compreensão dos tipos e dos perfis religiosos na tradição da *Verstehen*.

Partindo deste contexto, David Keirse segue, de modo geral, o contexto hermenêutico e, especificamente, a metodologia de Josef Pieper a respeito da compreensão. A vantagem da metodologia pieperiana da *Verstehen* é a de que o tratamento científico não se divorcia do uso comum da palavra compreensão. Quando temos em conta que os dois livros fundamentais do autor que estudamos, David Keirse, intitulam-se precisamente “Por favor, *compreenda-me*” e que estamos lidando com a “compreensão” de seres humanos (no caso, em suas tendências de temperamento e posições religiosas), fica evidente que estamos utilizando metodologia especialmente adequada.

Josef Pieper nos dá as bases dessa metodologia “sob medida”<sup>47</sup> para a temática keirseiana da compreensão. O artigo foi publicado em alemão e se intitula precisamente “*Verstehen*”<sup>48</sup>, recentemente traduzido por Lauand e por mim e publicado na *Revista Internacional d’Humanitats*.<sup>49</sup> Pelo vigor do texto original optamos aqui por mantê-lo, por vezes, junto à tradução. Essa análise nos servirá não só como base metodológica do trabalho, mas também tematicamente para compreender DK, que propõe uma psicologia da compreensão.

Pieper, como sempre, não se afasta do uso comum da linguagem e começa por examinar o uso corrente para, depois, purificar esses usos dessa linguagem – como que em dialética socrática – e atingir o sentido profundo do “compreender”:

---

<sup>47</sup> Veja-se, a propósito, o artigo de Jean Lauand “Método e Linguagem no Pensamento de Josef Pieper” Educação & Linguagem - <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/6688>.

<sup>48</sup> Disponível em PIEPER, Josef. “Verstehen – liebendes Erkennen” In: *Revista Internacional d’Humanitats* 41 set-dez 2017 CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona. <http://www.hottopos.com/rih41/89-90Pieper.pdf> Acessado em 12 de Julho de 2019.

<sup>49</sup> PIEPER, Josef. “Compreender (Verstehen)” In: *Revista Internacional d’Humanitats* 50 set-dez 2020 CEMOrOc-Feusp / Univ. Autònoma de Barcelona. Trad.: Jean Lauand & Enio Starosky. <http://www.hottopos.com/rih50/97-98PieperVerst.pdf> Acessado em 27 de Julho de 2019.

“Compreender”, uma palavra batida, esvaziada em múltiplos usos, pensa-se talvez. E à primeira vista parece ser assim mesmo. Diz-se que alguém “compreende” seu negócio [no sentido que em português, diríamos: ele entende de mecânica de automóveis] ou “compreende” uma língua estrangeira; que Fulano “compreende” [sabe muito bem] colocar a si mesmo ou suas realizações em evidência; dizemos com admiração, ou também ironicamente, que ele, sim, “compreende” viver [sabe viver]; e assim por diante.<sup>50</sup>

Em seguida Pieper aplica uma de suas “regras” metodológicas fundamentais: sabemos que uma palavra não está sendo usada em seu sentido próprio, quando podemos substituí-la por outra sem alteração de sentido:

No entanto, trata-se em todos esses usos de um uso impróprio da palavra “compreender” – o que se mostra por exemplo no fato de que podemos substituir “compreender” por outro vocábulo sem que haja qualquer alteração de sentido. Quem dissesse por exemplo: habilidade no negócio, conhecimento da língua, apontar a própria competência, saber a arte de viver; ter o conhecimento, proficiência e habilidades que se requerem..., teria dito exatamente o mesmo sem usar a palavra “compreender”.<sup>51</sup>

O que há então de específico, qual o sentido próprio, insubstituível do compreender?

Qualquer um que ouça atentamente o falar cotidiano das pessoas percebe imediatamente que nós só usamos a palavra "compreender" no sentido estrito, se alguém puder captar o que uma pessoa disse, tal como ela o concebeu. Aquele que compreende não tem que ver só com um

---

<sup>50</sup> »Verstehen«? Ein Allerweltswort, denkt man vielleicht; und auf den ersten Blick scheint es das auch wirklich zu sein. Man »versteht« sein Geschäft oder eine fremde Sprache; jemand »versteht« es, sich selbst oder seine Leistung ins rechte Licht zu setzen; man sagt, bewundernd oder auch ironisch, von seinem Nachbarn, er »verstehe« zu leben; und so fort.

<sup>51</sup> Dennoch handelt es sich, in all diesen Redewendungen, um einen uneigentlichen Gebrauch des Wortes »Verstehen« – was sich zum Beispiel schon darin zeigt, daß, ohne irgendwelche Sinnveränderung, auch eine andere Vokabel an die Stelle treten könnte. Wer etwa sagen würde: Erfolgreichsein im Beruf, Sprachenkenntnis, die eigene Tüchtigkeit herausstellen, »Lebenskunst«, all das verlange Sachverstand, Wissen, Beschlagenheit, Geschick – der hätte, ohne vom »Verstehen« zu reden, genau das Gleiche gesagt.

estado objetivo de coisas [Sachverhalt], mas também ao mesmo tempo com um Alguém vivo que “se” expressa.<sup>52</sup>

Claro que – para além do *Sachverhalt* – está o apreender a mensagem pessoal do outro que “se” expressa é metodologicamente problemático e não podemos pretender para as ciências humanas uma “metodologia certinha”, com critérios operacionais, asséptica e impessoal, como os que usamos – tomando um exemplo banal – para resolver uma equação do primeiro grau (“Movemos tudo o que tem x para um lado da equação e tudo o que não tem x para o outro – Somamos os componentes com x de um lado e os sem x do outro – Dividimos pelo multiplicando de x e obtemos a solução”).

$$35x - 17 = 30x + 8$$

$$35x - 30x = 17 + 8$$

$$5x = 25$$

$$x = 5$$

Bem diferentes são as coisas quando se trata não do *Sachverhalt*, mas de compreender a poesia, a arte, a religião etc.

Como “operacionalizar” a compreensão da genial poesia “Mattina” – de apenas duas palavras – de Giuseppe Ungaretti?

M'illumino d'immenso...

...com imenso apelo estético, filosófico religioso etc. em forma incomparavelmente sintética.

Por mais que não possamos expressar os “mecanismos” metodológicos, isso não invalida apreciações que não podem ser descartadas como “subjetividades”,

---

<sup>52</sup> Wer mit Bedacht dem alltäglichen Sprechen der Menschen zuhört, der wird eines Augenblicks gewahr, daß wir das Wort »Verstehen« im strengen Sinn nur dann gebrauchen, wenn einer das von jemand anders Gesagte so zu erfassen vermag, wie es gemeint ist. Der Verstehende hat es also gar nicht allein mit einem Sachverhalt zu tun, sondern zugleich mit einem lebendigen Jemand, der »sich äußert«.

simplesmente porque temos dificuldade (ou impossibilidade...<sup>53</sup>) de expor como a elas chegamos. Um exemplo fulminante está na genial aula ministrada por Ariano Suassuna no TST, com milhões de visualizações na Internet, na qual se referia à banda Calypso (vídeo em <https://www.youtube.com/watch?v=APeIWKVCLeK>):

Para ilustrar seu posicionamento, Suassuna – após ter relatado que viu na televisão uma canção da Calypso que dizia: “*Se você quiser me conquistar, você tem que suar / Se você quiser me conquistar, você tem que balançar / Se você quiser me conquistar, você tem que rebolar / Uou uou uou uou uou*” – lê uma matéria da Folha (Ilustrada), na qual o jornalista Eduardo Miranda afirma que “A Calypso é a verdade do povo brasileiro” e comenta:

Eu me senti pessoalmente insultado: “Uouuouuou?”! “Chimbinha, é um guitarrista genial”? Eu sou um escritor brasileiro e meu material de trabalho é a língua portuguesa. Se eu admito, se eu uso a palavra *genial* para o Chimbinha, o que que eu vou dizer de Beethoven?”

A força do argumento é arrasadora: ninguém pode ter a menor dúvida de que Beethoven é Beethoven e de que o outro nem merece ser mencionado.

Mas como o talento artístico não pode ser avaliado em termos quantitativos ou por critérios operacionais, a Banda Calypso reagiu veementemente às críticas de Suassuna, alegando falta de critério do escritor e que a Banda é sucesso nacional... (<https://m.blogs.ne10.uol.com.br/jamildo/2007/03/20/banda-calypso-repreende-ariano-suassuna-ele-deveria-ter-orgulho-de-nos-conquistamos-o-brasil/>)

O episódio mostra claramente que valorações de estética, filosofia etc. não são necessariamente arbitrários; podemos apreender com verdade, dentro do rigor próprio de cada caso.

---

<sup>53</sup> Pois nas ciências humanas – intencionalmente voltamos a insistir nesse ponto no contexto do presente estudo – a observação pelos sentidos nem sempre é possível e, quando possível, nunca é suficiente, uma vez que todo ato ou situação humana tem sempre um significado, que remete a um horizonte de experiência muito além dele próprio e que só pode ser reconstituído nas subjetividades do pesquisador. Nenhum dado é completamente externo ao sujeito cognoscente, que para apreendê-lo tem de revivenciá-lo. Assim, não é difícil de entender que, mesmo conjuntos de dados aparentemente externos e puramente objetivos, como por exemplo estatísticas, cronologias, mapas demográficos, etc., não são dados “puramente” objetivos e externos em si mesmos, mas o resultado de uma objetivação artificial construída a partir das intenções e pensamentos humanos que originaram os atos e situações aí representados.

Como disse, neste campo não tenho a menor pretensão de originalidade, mas somente a de seguir os clássicos dessa linha. Peço licença, portanto, para um par de citações mais longas.

O rigor de cada caso. É o que Pieper nos ensina em “Dois modos de ser crítico”, referindo-se principalmente à “imprecisão” do filosofar e do crer (<http://www.hottopos.com/mirand12/pieper.htm#3>).

Evidentemente, há dois modos distintos de ser "crítico". Pensar criticamente caracteriza-se por uma certa vigilância e cuidado. Esse cuidado dirige-se a evitar "engolir" com demasiada facilidade determinadas coisas que costumam passar despercebidas ao espírito acrítico.

Neste contexto, não deixa de ser natural lembrarmos logo do pesquisador científico. Para ele, "ser crítico" significa zelar para que, apenas e tão somente, o que foi suficientemente comprovado seja aceito como válido. No entanto, para além da ciência, que por sua natureza lida com objetos que, se por um lado podem ser tratados de modo exato, por outro são particulares, há, ainda, outros modos pelos quais a verdade se nos torna acessível.

Em todo o caso, para nós, enquanto seres chamados à reflexão, não nos basta chegar a conhecer, por exemplo, como se estrutura o átomo, como se desenvolvem as doenças cancerosas ou, então, em que consiste a morte de uma pessoa do ponto de vista fisiológico.

Tais conhecimentos são-nos insuficientes e não abrimos mão de alcançar alguma concepção, seja de que tipo for, sobre a totalidade do real, bem como sobre a própria existência humana; em última análise, nosso desejo de conhecer tem por objetivo aquilo que o filósofo anglo-americano Alfred N. Whitehead chama de *the complete fact*, o "fato completo", a coesão global do mundo e da existência. Quanto a isto, é para nós absolutamente claro que jamais será possível um conhecimento humano exaustivo a respeito deste "objeto" e que, pelos métodos das ciências exatas, o homem talvez nem sequer possa divisar esta coesão global. No entanto, insistimos em perguntar-nos acerca dela e em procurar uma resposta para ela.

[...]

Evidentemente, porém, este filosofar e este crer, se tudo corre bem, não acontecem de modo acrítico ou simplesmente aleatório. Para quem filosofa, como para quem crê, não é permitido ignorar dificuldades ou objeções de pensamento; ambos têm por obrigação serem igualmente "críticos", ainda que cada um a seu modo específico. Em todo o caso, também eles são movidos pelo cuidado de evitar "engolir" algo

determinado, o que, uma vez mais, pode muito facilmente ocorrer para o pensamento acrítico.

Aliás, este cuidado refere-se a algo completamente diverso daquilo que orienta a vigilância do pesquisador científico, que visa em especial, para usar uma formulação breve, "não deixar passar nada" (*nichts durchlassen*) que não tenha sido comprovado, enquanto que para o que filosofa, tal como para aquele que crê, o que vale é "não deixar de fora nada" (*nichts auslassen*), absolutamente nada, nem perder algo do *todo* do mundo e daquilo que nos foi destinado e adjudicado pela Palavra reveladora de Deus. Para evitar que nem ao menos o menor elemento da totalidade da verdade lhe escape, estaria antes pronto a contentar-se com provas menos exatas do que assumir um possível comprometimento do contato com a verdade. E no que se refere àquele que crê, permanece para reflexão a sentença de John Henry Newman, que afirma que o cuidado crítico, cuidado de quem crê, pode manifestar-se precisamente no fato de "não esperar pela prova mais perfeita que se possa imaginar".

Para terminar nossa reflexão sobre a *Verstehen*, recolho da conferência citada de Lauand, alguns parágrafos do capítulo "Compreender".

[Falando de Pieper diz] Somente reparamos no conteúdo semântico (e humano, existencial) próprio do "compreender" – a apreensão não somente do **algo**, do conteúdo objetivo de uma mensagem (o que se pode expressar por um sinônimo como "entender"), mas também de um **alguém** pessoal, vivo e concreto, que a emitiu – quando verificamos que há certos contextos de linguagem – como quando dizemos: "Não quero dinheiro, mas compreensão" – nos quais o vocábulo "compreender" não se deixa substituir, sem alteração de significado, por nenhum "sinônimo".

Nessa mesma linha do compreender como método, Julián Marías, sempre tão rigoroso, não hesita em afirmar (e o faz em nada menos do que em um prefácio a uma erudita tese de doutoramento!) uma contundente e necessária indicação:

O método? Sentir, como se fossem minhas, as tuas dores.  
[...] Sim, [este é o método] mas a indagação dos métodos intelectuais, de maneira que se veja claramente que isto é um método, requereria outra tese de doutoramento, que alguém deveria escrever<sup>54</sup>

---

<sup>54</sup> Marías, Julián *Hispanoamérica* Madri, Alianza, 1986, p. 369.

Para aprofundar no sentido do “compreender” – da captação que envolve não só o “algo”, mas o alguém –, comecemos por contrastar as ciências humanas com as que não comportam o uso desse recurso metodológico.

Mais do que o objeto de estudo, o que diferencia as ciências é o particular ponto de vista sob o qual elas tratam esse objeto: cada ciência assume seu enfoque e todo o resto não lhe interessa. Assim, uma mesma realidade, por exemplo, o homem, é estudada por diferentes ciências sob diferentes ângulos: um é o enfoque da Medicina; outro, o da Psicologia; outro, o da Bioquímica etc. Tomemos um clássico problema de Física:

Um corpo de massa 20 kg é abandonado, verticalmente, a partir do repouso de uma altura de 15 m em relação ao solo. Determine a velocidade do corpo quando atinge o solo. Dado  $g = 10 \text{ m/s}^2$ . Despreze atritos e resistência do ar.

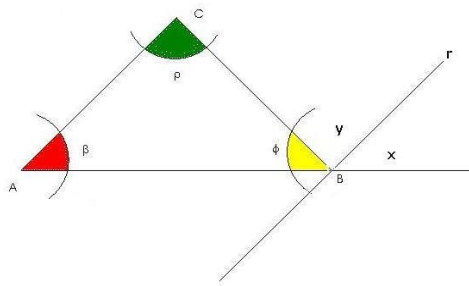
Esse problema pode muito bem referir-se ao humano (o homem, afinal, tem um corpo, com uma massa...), digamos à suspeita de assassinato de uma menina pelo pai. Mas, de seu ponto de vista, a Física ocupa-se somente de  $mgh$  e  $mv^2$ , de energias potencial e cinética, de velocidades e acelerações etc., e não de intenções e motivações: se se trata de homicídio culposo ou doloso; ou talvez de um acidente etc.

O objeto de estudo de uma ciência e, principalmente, seu peculiar ponto de vista<sup>55</sup> condicionam, obviamente, sua metodologia: de que servem, digamos, a *verstehen* para o matemático empenhado em demonstrar seus teoremas ou, reciprocamente, os teoremas do matemático para um historiador? (E, como é evidente, o mesmo pode-se dizer do instrumental de cada ciência, também neste caso o objeto é decisivo: é pelo seu objeto que a astronomia emprega o telescópio e não o microscópio; a física - ao contrário da matemática - requer um laboratório; etc.)

À matemática só interessam demonstrações, tipicamente pelo método axiomático. Por exemplo, consideremos um teorema elementar de Geometria: A soma dos ângulos internos de um triângulo qualquer é sempre  $180^\circ$ .

---

<sup>55</sup> Além, é claro, das diferentes teorias, concepções, paradigmas dentro de uma mesma ciência...



- 1- Construir um triângulo ABC qualquer
- 2- Construir a reta r passando por B paralela ao lado AC
- 3- O ângulo x é congruente a  $\beta$  (correspondentes)
- 4- O ângulo y é congruente a  $\alpha$  (alternos internos)

Como  $\alpha + x + y = 180^\circ$ , por 3 e 4, concluímos

$$\alpha + \beta + \gamma = 180^\circ$$

Evidentemente, a demonstração desse teorema, é um problema estritamente de lógica dedutiva: seria puro *nonsense* pretender, digamos, uma compreensão empática do triângulo: como ele se sente; seus sofrimentos, alegrias e traumas, suas expectativas e motivações, qual dos três ângulos é o seu predileto etc.

## I.5 Compreendendo a religião

Em *Please Understand Me 2*, David Keirsey analisa Eduard Spränger<sup>56</sup>, filósofo e psicólogo alemão. Spränger foi aluno de Wilhelm Dilthey, um dos responsáveis pela hermenêutica compreensiva.

Eduard Spränger, em *Types of Men*, afirma que a religião volta-se para as noções de belo e beleza. Ao analisar inicialmente o tipo estético, Spränger diz: “God is for him the highest ordering and form giving Power; a soul breathing in the world itself. And the universe is a harmony and an ocean of beauty. His creed is a religion of beauty”.<sup>57</sup> Dentre os seus tipos – a saber, o econômico, o estético, o social, o político e o religioso – a

<sup>56</sup> Cf. Keirsey, David. *Please Understand Me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1988, p. 120.

<sup>57</sup> SPRÄNGER, Eduard. *Types of Men*. Karras Wiemeyer Verlag: Halle, 1942, pp. 154, 156, 159.

religião aparece, primeiro, no perfil inclinado aos valores e à harmonia das relações. Segundo Annie Willie Young, a atitude estética se opõe à teórica, i.e., preocupa-se com a diversidade das identidades e coloca na experiência humana a primordialidade do acesso ao conhecimento humano.<sup>58</sup>

Neste sentido, contraria o perfil econômico, uma vez que este se volta para os temas práticos da vida enquanto o estético se preocupa com a contemplação intrínseca da natureza humana. O tipo religioso, por outro lado, prolonga as preocupações estéticas, mas caracteriza-se pela estrutura mental disposta e voltada às preocupações últimas dos valores da experiência humana.<sup>59</sup>

Para Spränger, o tipo religioso é o mais misterioso. Algumas pessoas deste tipo, segundo ele, são eminentemente místicas. Elas encontram em sua experiência religiosa a afirmação da vida e, de certo modo, participam da vida a partir da sacralização de mundo. Dependendo da intensidade da experiência e adesão religiosa, há os “místicos transcendentais”: aqueles que encontram a experiência da unidade com uma realidade superior pela meditação e negação das contradições humanas. Aqui começa o traço do perfil religioso nos seis tipos de Spränger.

O estudo da personalidade já era tido como razoavelmente antigo no início do século XX, como nota Ross Stagner, em *Psychology of Personality*, publicado em 1937.<sup>60</sup> Quatro grandes pesquisadores se debruçaram sobre o tema: Erich Adickes (1866-1928), Ernst Kretschmer (1888-1964), Eduard Spränger (1882-1963) e Erich Fromm (1900-1980). O que estes quatro pensadores têm em comum – além da nacionalidade germânica – é o princípio do pensamento grego e romano a respeito da personalidade.

O médico e físico Cláudio Galeno de Pérgamo (cerca de 190 AD), cujas teorias perduraram por mais de um milênio, influenciado por Hipócrates propôs o papel irrelevante dos astros e dos deuses na vontade e na ação humana. A novidade surge na harmonia interior dos fluídos fisiológicos. Em outras palavras, os *quatro humores* e o fluxo

---

<sup>58</sup> YOUNG, Annie Willie, "A study of the dominance of six basic motives in personality as set forth by Eduard Spranger in his book, "Types of Men"" (1942). ETD Collection for AUC Robert W. Woodruff Library, p. 5.

<sup>59</sup> SPRANGER, Eduard. *Types of Men*. Karras Wiemeyer Verlag: Halle, 1942, p. 213.

<sup>60</sup> STAGNER, Ross. *Psychology of Personality* (New York, 1937), p. 15.

deles determinam a personalidade de cada indivíduo.<sup>61</sup> Há uma filosofia por de trás dos quatro humores, a saber, o simbolismo do quatro: plenitude, totalidade, abrangência e universalidade.

Além disso, há um jogo entre o três e o quatro, contrapondo-se: de um lado, o tripé transcendental das coisas espirituais, abstratas e divinas, enquanto, do outro lado, o quaternário cheio de concreto, visível, aparência e criação. Essa concepção aparece na filosofia de Platão quando ele remete o ternário ao mundo das ideias e o quaternário à realização das ideias. A intuição de Galeno ficou conhecida como *teoria humoral* (ou *teoria dos quatro humores*, bem como *teoria humoral hipocrática*) e passou a designar o marco fundamental no estudo dos tipos e perfis psicológicos.

Leitor de Stagner, Spränger situa na religião semelhante carga de exigência, não a diferenciando tanto da social na medida em que padrões de comportamentos são esperados para a participação religiosa. Curioso notar que a formação do tipo se dá nestes interstícios contraditórios. Ainda assim, Spränger não efetua nenhuma elaboração de princípio hermenêutico para o perfil religioso, a não ser a orientação pela noção de unidade com a realidade manifestada. Os seus interesses, após identificar as características do perfil, preocupam-se em listar as atitudes dos sujeitos de tipo religioso diante dos outros tipos. É mais importante para ele, por exemplo, explicar a atitude religiosa correlata às demais, como a estética, diferenciando-se da política e da econômica.<sup>62</sup>

Segundo Keirse,

Spränger thought of the Idealists as the “Religious” types, in the sense of having a creed of personal ethics, a frame of moral orientation. Thus religion for Spränger was a cause, a principle, an activity pursued with conscientious devotion, not an object of piety. The religious types seek the meaning of life and the meaning of Self, refusing to believe that they are insignificant or that life is meaningless. Tims Idealists in Spränger’s view have what can be called an “Identity Seeking Personality”.

---

<sup>61</sup> Cf. REZENDE, J.M. “Dos quatro humores às quatro bases” *In: À sombra do plátano: crônicas de história da medicina* [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009, pp. 49-53. ISBN 978-85-61673-63-5.

<sup>62</sup> Cf. a conclusão da pesquisa de YOUNG, Annie Willie, "A study of the dominance of six basic motives in personality as set forth by Eduard Spranger in his book, "Types of Men" (1942). ETD Collection for AUC Robert W. Woodruff Library, p. 24.

A despeito de Spränger e Keirsey concordarem com o aspecto idealista da religião, Keirsey oferece um salto interpretativo na direção da busca do tipo religioso (tipicamente o NF) pelo sentido da vida e pelo sentido do Self. O tipo religioso, portanto, é, para Spränger, um *idealista*.<sup>63</sup> Qual seria a repercussão deste perfil em Keirsey? Uma das características do tipo religioso, se já pudermos inferir em Keirsey, é o sentimento de unidade: experiência única e una com o mundo sagrado e os demais participantes de tal mundo. A unidade do perfil religioso proporciona as experiências fundantes para a convivência comunitária.

Adiantando um traço da religião segundo uma leitura tipológica de Keirsey, parece-nos ser um elemento da virtude humana. Em *Please Understand Me 2*, David Keirsey situa a religião dentro os fatores afetivos decisivos. Para ele, idade, raça, religião e nível educacional influem diretamente nas relações e nas estruturas do perfil individual.<sup>64</sup> Ao apresentar o tema da religião pela primeira vez em *Please Understand Me 2*, Keirsey introduz Isabel Briggs Myers – uma pesquisadora que criou e publicou em 1958 o sistema *The Myers-Briggs Type Indicator* – e, usando-a como exemplo, sugere o tema da religião no temperamento NF.

Thus Myers, an INFP herself, saw her fellow NFs as “humane” and “sympathetic” — as “enthusiastic” and “religious” — as “creative” and “intuitive” — and as “insightful” and “subjective.” Again this is a distinct picture of attitude and action, showing NFs to be very much like each other and greatly different from SPs, SJs, and NTs.<sup>65</sup>

Assim, para Keirsey, “conflict in those around them is painful for NFs, something they must deal with in a very personal way, and so they care deeply about keeping morale high in their membership groups, and about nurturing the positive self-image of their loved ones”<sup>66</sup>. Seria esta a origem da intuição pela busca de unicidade nos perfis religiosos?

---

<sup>63</sup> Cf. Keirsey, David. *Please Understand Me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1998, p. 334.

<sup>64</sup> Cf. Keirsey, David. *Please Understand Me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1998, p. 120.

<sup>65</sup> Keirsey, David. *Please Understand Me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis, 1998, p. 19.

<sup>66</sup> Keirsey, David. *Please Understand Me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus

Indeed, while they might differ from each other on how important judging schedules (J) or probing for options (P) is in acting on their friendly feelings, and while their social address can be expressive (E) or reserved (I), all NFs consider it vitally important to have everyone in their circle — their family, friends, and colleagues — feeling good about themselves and getting along with each other.

O tema da religião no temperamento é ainda pouco abordado no recorte dos testes psicológicos bem como no foco de interesse das pesquisas de Keirsey. Vemos quão variada é a abordagem deste tema e quão profícua a sua análise. A partir deste primeiro capítulo, a contribuição de Keirsey a respeito dos tipos na religião ganha força. Não por acaso Keirsey oferece um panorama histórico, filosófico e literário sobre o tema. Naquela época, preocupou-se com casos de pessoas sendo submetidas à regras rígidas para determinar sua personalidade. No caso da religião, o nível de estresse colocado sobre os novos convertidos de acordo com as exigências litúrgicas e religiosas a fim de que estas pessoas pudessem ser aceitas na membresia oficial da comunidade. Afinal, segundo Stagner, “before a boy is accepted into the status of manhood, he must have proven his fortitude, his emotional stability and other traits to the satisfaction of the elders of the group”<sup>67</sup>.

## I.6 Considerações intermediárias do capítulo I

Neste primeiro capítulo, fizemos notar a contribuição fundamental para a escrita da tese: a história do autor, suas principais ideias, o contexto da compreensão e o método de pesquisa, todos correlacionados ao tema central: a religião. Apesar de primeiro, ele foi o último a ser composto. A intenção de tal estratégia foi ampliar a fundamentação metodológica, mapeando a presença da religião nas obras *Please Understand Me* e prolongar as seguintes questões: ( 1 ) É possível compreender melhor não apenas o outro, mas, também, o papel da religião pelo estudo da tipologia keirseyaniana? ( 2 ) Qual a originalidade keirseyaniana quando contrastado com o círculo hermenêutico? Essas questões,

---

Nemesis, 1998, p. 19.

<sup>67</sup> STAGNER, Ross. *Psychology of Personality* (New York, 1937), p. 16.

que na verdade possibilitam a tese, serão respondidas ao longo do texto, tendo em vista a formulação de um trabalho teórico para a compreensão tanto do autor David Keirse quanto do próprio objeto de pesquisa: perfis religiosos diante da difícil e complexa tarefa da compreensão do outro.

## CAPÍTULO II:

### PERFIS E TIPOS DE DAVID KEIRSEY

Este segundo capítulo se divide em duas partes: A primeira faz uma síntese da tipologia de Keirsey e a segunda introduz a tipologia nos tipos religiosos que serão aprofundados nos capítulos 3 e 4.

#### II.1 Os 4 temperamentos, igreja e religião: primeiras aproximações

O recente livro (Lauand, 2018, cap. III), nos brinda com as traduções das caracterizações oficiais do site de Keirsey dos 4 temperamentos, o que, obviamente vale a pena recolher aqui, com nossos comentários em cada caso:

##### II.1.1 Os SJ na versão oficial keirsejana

**Os 4 temperamentos** (em <http://www.keirsey.com/> - trad. Michel Nahas Filho)

### **1. Retrato do tipo SJ (*Guardian*)**

Os SJ são as pedras angulares da sociedade, porque eles têm o temperamento que possuem aqueles que preservam e servem às instituições mais importantes de nossa sociedade. Os SJ têm um talento natural em administrar bens e serviços – da supervisão à manutenção e fornecimento – usando todas as suas habilidades para manter as coisas e procedimentos funcionando sem atritos e dificuldades em suas famílias, comunidades, escolas, igrejas, hospitais e negócios.

Todos os [4 “sub” tipos] SJ compartilham as seguintes características principais:

- orgulham-se em serem confiáveis, auxiliares e trabalhadores.
- são companheiros fiéis, pais responsáveis e líderes que trazem estabilização.
- tendem a ser conscientes de seus deveres, cautelosos, humildes, e focados em tradições e autoridades.
- valorizam a cidadania, confiam nas autoridades, juntam-se a grupos, procuram segurança, valorizam a gratidão, e sonham em propagar e encontrar justiça.

Os SJ podem se divertir muito com seus amigos, mas são muito sérios em seus deveres e responsabilidades.

Orgulham-se de serem confiáveis e pessoas em quem se pode acreditar: se há um trabalho a ser feito, querem que se conte com eles para arregañar as mangas e meter a mão na massa.

SJ também acreditam na lei e na ordem, e às vezes se preocupam com a perda do respeito pelas autoridades, e que até o próprio senso do que é certo ou errado esteja sendo perdido. Provavelmente é por isso que respeitam costumes e tradições tão

intensamente, pois acreditam que estes são padrões familiares a todos que ajudam a trazer estabilidade a esse mundo moderno e acelerado em suas mudanças.

Práticos e com o pé no chão, os SJ acreditam em seguir as regras e cooperar com os outros. Eles não se sentem confortáveis em “viajar” em seus pensamentos ou empreender novas rotas: trabalhar continuamente dentro do sistema é o seu método, porque a longo prazo fidelidade, disciplina e trabalho em equipe traz resultados e assegura um trabalho feito corretamente. São meticulosos quanto as suas programações e têm um olhar aguçado quanto aos procedimentos corretos. São cautelosos em relação a mudanças, embora sejam conscientes que mudanças podem ser saudáveis para uma instituição. É melhor ir devagar, eles dizem, e olhar bem antes de dar um salto. Os SJ perfazem de 40 a 45 por cento da população, o que é uma boa coisa, porque no final eles acabam fazendo todos os trabalhos indispensáveis, e normalmente não reconhecidos, com que o resto da população conta, mesmo que nem notem.

### II.1.2 Os SJ e sua atração pela Igreja

Pareceu-me oportuno indicar, desde já, algumas características gerais da relação de cada tipo com a religião, para já ir situando o leitor. Nunca é demais insistir sobre a advertência (cf. II. 4) de que os tipos são tipos e não a realidade concreta e qualquer reducionismo absolutista seria cientificamente desastroso. Tendo isto em conta, podemos adiantar, sem prejuízo de retomadas mais consistentes no decorrer deste trabalho, alguns pontos sobre cada temperamento. Basta um olhar para o tipo SJ, acima descrito, para verificar imediatamente que se sente temperamentalmente atraído para os trabalhos (e cargos) de organização das igrejas: “pedras angulares que preservam e servem às instituições, com um talento natural para administrar bens e serviços, usando todos as suas habilidades para manter as coisas e procedimentos funcionando sem atritos e dificuldades em suas igrejas”.

Assim, é natural que muitos ministros, sacerdotes e pastores sejam SJ, passando para a comunidade e para os fiéis a sensação de estabilidade e confiabilidade, próprias do seu tipo.

Sempre em termos puramente ideais, tendem ao conservadorismo e têm muito mais resistências às mudanças do que, digamos o SP. Podem aceitar mudanças, mas preferem que as mudanças sejam paulatinas, gradativas e cautelosamente acompanhadas.

Respeitam e fazem respeitar a hierarquia da Igreja e sentem-se seguros com o fato de que as coisas andem normalmente.

Não é difícil imaginar que são eles que organizam (e majoritariamente participam) das atividades da paróquia: festas, serviço social, bazar, clube da terceira idade, escola dominical, sopa dos pobres etc.

Para eles o divino e o transcendental se traduzem e se entrelaçam com essas instituições sociais e atividades; os SJ valorizam o *belonging*, não só espiritual, mas também “terreno” da comunidade.

Desnecessário dizer que os SJ prezam muito nas religiões o código moral, as regras de conduta cristã (ou correspondentemente muçulmana, judaica etc.) que o fiel deve ter, o cumprimento exato dos preceitos eclesiásticos etc.

Nisso, como em tantos outros pontos, como veremos, haverá divergência com os outros tipos, especialmente com seus “primos S”: os SP.

### II.1.3 Os SP na versão oficial keirsejana

#### **2. Retrato do tipo SP (*Artisan*)**

Os SP são do tipo de temperamento com capacidade natural para sobressair em qualquer arte [Keirse os denomina *Artisans*], entretanto não só em belas artes (*fine arts*) como pintura e escultura, mas também nas artes de performance, como música, teatro ou dança, mas ainda nas “artes”: atlética, militar, política, mecânica e industrial, bem como na “arte” dos negócios.

Todos os [4 (sub) tipos] SP compartilham as seguintes características principais:

- tendem a ser amantes do divertimento, otimistas, realistas e focados no aqui e agora.
- se orgulham em serem não-convencionais, corajosos e espontâneos.
- são cônjuges brincalhões, pais criativos e líderes que “apagam incêndios”.
- são excitantes, confiam em seus impulsos, querem impactar, procuram estímulos, valorizam a liberdade e sonham em dominar habilidades de ação.

Os SP estão à vontade com o mundo real de objetos sólidos que podem ser criados e manipulados, bem como em eventos “da vida real” que podem ser vividos aqui e agora. Os SP têm os sentidos muito aguçados e adoram trabalhos manuais. Eles estão confortáveis usando instrumentos e ferramentas, veículos de todos os tipos, e suas ações são normalmente dirigidas a levá-los aonde eles desejam ir, tão rapidamente quanto possível. Assim, são capazes de corajosamente tomarem caminhos que os outros podem achar exageradamente arriscados ou mesmo impossíveis, fazendo o que for necessário, seguindo regras, ou não, para atingirem seus objetivos. Esta atitude de “meter as caras” também dá aos SP um ar de vencedores e são considerados irresistivelmente charmosos com a família, amigos e colegas de trabalho.

Os SP querem estar onde a “ação” está; eles procuram aventuras e mostram uma “fome” constante por prazer e agitação. Eles acreditam que variedade é o tempero da vida e que fazer coisas que não são divertidas ou excitantes é um desperdício de tempo. São impulsivos, adaptáveis, competitivos e acreditam que o próximo lançar de dados será a jogada sortuda. Eles também podem ser generosos com os defeitos das pessoas, e estão

sempre prontos a dividir com seus amigos as bênçãos da vida. Acima de tudo, os SP precisam estar livres para fazerem o que desejam, quando eles desejam. Eles resistem a serem “amarrados” ou presos, confinados ou obrigados a fazerem algo. Eles preferem não esperar, não economizar, poupar ou viver para o amanhã. Na sua visão, o hoje deve ser aproveitado porque o amanhã... nunca chegará!

Existem muitos SP, talvez 30 ou 35 por cento da população, o que é bom, porque eles criam muito do belo, da graça da excitação que o resto de nós aproveitamos.

#### II.1.4 SJ e SP na religião

Neste tópico exploraremos os tipos SP e SJ, apontando as correlações desses temperamentos com a liderança religiosa. Os principais dados reunidos neste estudo estão fundamentados no livro “*Personality Type and Religious Leader*”, de Roy Oswald e Otto Kroeger.

Começamos pelo líder SP. Como sabemos, o líder religioso SP é orientado para a ação. Sua atividade é realizada de maneira intensa. Tem necessidade compulsiva de agir e fazer coisas e é naturalmente atraído a se engajar em alguma atividade. Como o líder SJ, também está enraizado nos sentidos e deseja estar com contato direto com a realidade exatamente como experimentada pelos sentidos; é pé no chão e prático e tem pouca tolerância para a abstração. O fator P leva a procurar novas possibilidades e, no caso do SP, permanente ação. Por isso mesmo o líder SP é impaciente com discussões estáticas, longas teorias ou encontros que não “levam a lugar algum”. O SP é um dos temperamentos mais extraordinários (lembramos especialmente S. Francisco de Assis, entre outros). Outra singularidade dos SPs é buscar inserir bom humor e praticidade nas situações estáticas. Quando falham nisso também perdem rapidamente o interesse e passam a outro projeto.

De acordo com os estudos de Roy e Otto, menos de 8% dos líderes religiosos são SP, enquanto na população em geral os SP são 38%. Isso mostra que as atividades religiosas, de modo geral, atraem poucos SPs. De fato, se compararmos o número

expressivo de outros profissionais de temperamento SP – atletas, artistas, comediantes, mecânicos, vendedores, soldados ou médicos – constataremos que esse tipo seja pouco atraído para atividades religiosas por achá-lo muito estático e teórico (dependendo, é claro, do grupo religioso ser mais “animado” ou não...). É importante considerar esse aspecto, sobretudo porque, enquanto os SJs querem organizá-las, os NFs tentam amá-las e os NTs teorizam sobre elas, os SPs querem se engajar nelas – de todas as formas sempre em atividades e assuntos práticos. Mas, é muito provável que este também seja o motivo porque tão poucos SPs estão presentes nas lideranças religiosas. SPs são encarados como hedonistas e hedonistas têm pouco espaço nas religiões de modo geral – especialmente nas mais tradicionais que prezam a ordem, a “seriedade” e a organização.

O aspecto paradoxal é que a enorme variedade das atividades práticas nas religiões estariam melhor supridas e mais bem executadas se contassem com um SP em postos de liderança. Isso é ainda mais significativo quando consideramos que particularmente o atendimento às necessidades práticas é muito valorizado nos grupos religiosos. Portanto, mais SPs na liderança poderia suprir uma importante lacuna nas atividades religiosas que deveriam estar mais disponíveis para o expressivo número de SPs na população em geral (38%).

Ainda que sejam em número muito reduzido em cargos eclesiásticos, os SPs se destacam onde estiverem. Seu jeito espontâneo, atrevido e impulsivo aplica-se também ao seu estilo de pregar. Os pregadores SP, especialmente os extrovertidos, levam as pessoas às lágrimas com suas palavras comoventes e bem-humoradas. Muitas situações na vida do grupo religioso exigiriam a presença de um líder SP, pois muitas ocasiões estão voltadas mais para a ação e menos para a organização.

Outra característica cativante e deliciosa de alguns SPs é que eles são perpetuamente jovens – nunca crescem. Como seu foco é liberdade e espontaneidade, esperar (*wait*) por qualquer coisa é sua morte psicológica. O Evangelho SP é o de São Marcos.<sup>68</sup> Jesus é retratado como um homem (Leão de Judá) de ação, sempre em movimento; ele é visto como aquele que tem uma missão urgente. No primeiro capítulo do Evangelho, Jesus já reuniu alguns discípulos em volta dele; fez milagres na Galileia e se

---

<sup>68</sup> Não por acaso São Jerônimo ligou o Evangelho de Marcos à figura de um leão, representando a ação e a força. A análise completa do Evangelho de Marcos será apresentada no capítulo 4 da tese.

envolveu em um problema político. No evangelho todo, Jesus trata uma crise depois da outra até ser crucificado. Veremos mais sobre esses aspectos na descrição do evangelho SP no 4º capítulo.

Por ora apenas inferimos que, talvez, as religiões seriam muito mais interessantes sem a grande escassez de líderes SPs e, a vida religiosa, mais interessante e animada. Especialmente porque SPs preservam fortemente a sua maior grandeza: um coração inteligente e uma inteligência cordial (no caso F)!

### *Disfunções:*

Os outros três temperamentos (SJ, NF e NT), mas especialmente os SJs – que são a grande maioria nas comunidades religiosas em geral – tendem a ver os SPs como pouco sérios, frívolos. E os próprios SPs frequentemente se consideram loucos de alguma forma. A habilidade SP para permanecer aberto, flexível e espontâneo também pode deixá-lo com problemas quando sua comunidade religiosa clamar por maior conformidade com as regras e princípios regimentais. Por um lado os liderados querem exatamente um SP autêntico; querem familiaridade, boas e empolgantes pregações, mas, por outro, também querem estabilidade, organização e seriedade. Aí o líder SP pode ter dificuldade. E, por não gostar de rotina, pode entediar-se e negligenciar os aspectos mais rotineiros do trabalho de administração. Como a maioria dos SPs não gosta de planejamentos, tendem a enfrentar tensão com a comunidade religiosa que gosta de viver na ordem e na estrutura bem ordenada.

### *O líder religioso SJ*

O líder religioso SJ tem atividade conservadora e é realizada com exemplar dedicação. É um servo que procura pertencer ao grupo e servir aos outros. Um tipo que sabe se instalar perfeitamente nas comunidades religiosas. Um líder que já vem “pronto”. Oferece de maneira natural ações concretas, práticas de assistir (especialmente os F, SFJ) os que estão em dor, necessidade ou angústia. Desde a sua formação o SJ se prepara arduamente e suas perspectivas são ampliadas e aprofundadas e com natural facilidade também tornam-se a norma pela qual seu trabalho será julgado. SJs são os mais

dependentes de autoridade de todos os tipos. Podem ser criticados, mas, já que possuem grande força resiliente, seguem em frente porque entendem que é isso mesmo que a instituição requer deles. Submetem-se às regras e aprendem com elas e as repetem com maestria. Seu estilo de liderança está focado na denominação e a ela mantém fidelidade e nela constroem o melhor que vem do passado. Enfatizarão os fundamentos da religião, procurarão transmitir a tradição, a fé simples e as regras práticas às pessoas. São “pés-no-chão” sempre apontando para o modo de viver a vida religiosa.

O líder SJ tende a ser o mais tradicional de todos os temperamentos religiosos, trazendo estabilidade e continuidade em qualquer situação. Tenderá a ser leal aos ritos denominacionais e às doutrinas. Preocupar-se-á com uma rigorosa instrução dos fiéis. O líder SJ deseja ser um servo da sua religião e leal às autoridades. Só deixa de lado sua rígida fidelidade quando acredita que aqueles que têm autoridade “abandonaram a fé”. O líder SJ pode fazer mudanças, mas, de preferência, paulatinamente, e apenas se reconhecer que a mudança realmente é necessária. O líder NT pode enxergar as mudanças necessárias, mas o líder SJ é o mais apto para implementá-las. É politicamente sagaz e enraizado na realidade; sempre está ciente dos passos necessários para a mudança e jamais permitirá uma mudança se a achar desnecessária. Para ele, o que é testado e validado pelo passado deve ser preservado. Adora a continuidade do passado e se vê como protetor, *guardião* e conservador da riqueza do passado. Se a mudança for necessária, ela é entendida como uma evolução, nunca como uma revolução. Como seu espírito é conservador e naturalmente servidor, anseia por associação e pertencimento; destaca-se na construção e preservação de uma comunidade religiosa. Deseja que o grupo ao qual pertence e lidera seja saudável e útil, que aqueles que pertencem à sua comunidade religiosa sejam tão leais quanto ele e trabalhará para que todos adotem esse mesmo senso de lealdade e pertencimento.

As frases preferidas do líder SJ são: “*vocês devem*” e “*vocês não devem*”, procurando implantar o senso de obrigação social, moral e espiritual. Gosta de sentir que necessitam dele e trabalha melhor com pessoas que têm motivação similar. Procura maneiras tangíveis, concretas para doar-se aos outros. Ser “*salvo pela graça*” é quase negar ao SJ seu temperamento, pois dever e obrigação são parte de sua personalidade. A admoestação de Jesus ao jovem rico: “*faça isso e você terá vida eterna*” é o caminho espiritual natural do líder SJ. Como líder, o SJ traz ordem e estabilidade às suas

comunidades. Raramente comete erros e tende a ser excepcional no trabalho. Não descansa até que as coisas sejam estabelecidas e decididas. É superconfiável e geralmente trabalhará com uma agenda planejada, ordenada.

O temperamento SJ é a coluna vertebral que sustenta a maioria das instituições da sociedade – a família, a comunidade religiosa, os clubes sociais, as escolas, governos, indústria. O líder religioso SJ verá a família nuclear como a unidade familiar mais básica da sociedade que precisa ser preservada. Para ele, uma sólida família é a melhor maneira de cuidar das crianças e pessoas mais velhas.

As pregações do líder SJ são discursos bem organizados e centrados nos textos da tradição religiosa. Sempre será pé-no-chão, realista e direto, refletindo as lições apontadas para o dia. E o fará que tal modo que os seus ouvintes facilmente se lembrarão do seu trabalho e de suas obrigações.

#### *Disfunções:*

As potenciais dificuldades do temperamento SJ não são poucas. Também o líder religioso SJ não se desenvolve bem sem ao menos um pequeno desenvolvimento do fator N. A preferência para o tipo J implica menos tolerância para a natureza aberta e não-estruturada do tipo P.

Áreas em que pode necessitar atenção:

**Literalismo:** o líder SJ tende a ler literalmente tudo o que está escrito. Isso em geral resulta em uma abordagem mais conservadora da Escritura e da Doutrina. Torna-se nervoso quando as mensagens são interpretadas figurativa ou simbolicamente – acha que as fronteiras desaparecem e ninguém mais saberá esboçar novas diretrizes e ficarão sem fundamentos. Por isso mesmo, inclina-se para o literalismo textual e acha que deve tomar as coisas escritas simplesmente como estão escritas.

**Pessimismo:** Um tipo de cinismo/pessimismo pode acompanhar o temperamento do SJ. Keirse pontua que os realistas SJ em geral tendem a antecipar reveses e eventos

desfavoráveis. Eles são simplesmente realistas sobre erros e faltas. A lei de Murphy também é completamente SJ: *"Se algo pode dar errado, dará"*.<sup>69</sup>

Esgotamento: O fenômeno do esgotamento se aplica a todos os tipos; cada tipo se torna esgotado a sua maneira. Porém, o líder SJ parece ser particularmente vulnerável, pois adiciona mais e mais fardos para a sua já longa lista de *"tu debes"*. E este mesmo senso de dever pode ser constantemente martelado com suas regras, políticas e moralismos aos seus liderados. A habilidade do SJ em organizar e ordenar a vida paroquial é uma força que, quando usada desmedidamente, pode direcionar muitos ao completo aborrecimento da vida religiosa. O líder SJ precisa observar essa tendência. Se não a corrigir, pode tornar-se mesquinho e levar as pessoas a fazer o que supostamente devem fazer de maneira artificial. O líder SJ poderá irritar-se quando seus liderados não seguirem os seus procedimentos padrão, por violarem os prazos ou por não cumprirem o que foi estabelecido. Como tende ao pessimismo, o líder SJ pode arrastar seus liderados para o mesmo caminho.

#### II.1.5 Um caso: SJ x SP - liturgia e tradição

É mais do que evidente que a perspectiva religiosa típica dos SP será muito diferente (e muitas vezes conflitante...) da dos SJ.

Um exemplo de que nos ocuparemos neste tópico: tipicamente os SJ, especialmente os ultraconservadores ISTJ, investirão contra as *"inovações"*, *"típicas"* dos SP, na liturgia católica: se aqueles preferem a missa tradicional (e, nos casos mais radicais, voltando à missa em latim); estes querem introduzir na liturgia da missa instrumentos musicais mais *"agitados"* (em vez do órgão, bateria e percussão); e em nome de *"maior participação dos fiéis"*, danças, testemunhos *"inspirados"* pelo Espírito Santo etc.

E veremos (sempre típico-idealmente falando) o ISTJ acusar o ESFP de heresia; e este acusar aquele de Inquisidor. Um exemplo rápido e facilmente colhido no Google, entre milhares de outros:

#### **Falta de espiritualidade séria leva a abusos na liturgia**

---

<sup>69</sup> Keirse, 1998, p. 99

### **Entrevista com o bispo brasileiro responsável por comunidade que celebra missa antiga**

CAMPOS (Rio de Janeiro), quarta-feira, 19 de março de 2008 ([ZENIT.org](http://ZENIT.org)).- O bispo de uma comunidade brasileira que celebra a missa antiga (forma litúrgica extraordinária do Rito Romano, liturgia chamada Tridentina ou de São Pio V) considera que os abusos na liturgia são ocasionados pela «falta de uma espiritualidade séria».

**Na Agência Zenit nós recebemos muitos e-mails de leitores comentando do descuidado com a liturgia em suas comunidades. Que indicações o senhor dá para frear a banalização e o descuidado com a liturgia?**

– Dom Fernando Rifan: Falando dos abusos consequentes à Reforma Litúrgica, o então Cardeal Joseph Ratzinger lamentava: a “Liturgia se degenera em ‘show’, onde se tenta tornar a religião interessante com a ajuda de asneiras em moda... com sucessos momentâneos no grupo dos fabricantes litúrgicos” (Introdução ao livro *La Réforme Liturgique*, de Mgr. Klaus Gamber, pag. 6 e 8).

E o Cardeal Eduardo Gagnon era da mesma opinião: “Não se pode, entretanto, ignorar que a reforma (litúrgica) deu origem a muitos abusos e conduziu em certa medida ao desaparecimento do respeito devido ao sagrado. Esse fato deve ser infelizmente admitido e desculpa bom número dessas pessoas que se afastaram de nossa Igreja ou de sua antiga comunidade paroquial” (...) (“*Integrismo e conservatismo*” – Entrevista com o Cardeal Gagnon, “*Offerten Zeitung – Römisches*”, nov.dez. 1993, p.35).

Creio que o ponto central dos abusos foi detectado pelo próprio Cardeal Ratzinger: a porta aberta que foi deixada a uma falsa criatividade dos celebrantes (entrevista ao *L’homme Nouveau*, nº 7, outubro de 2001).

Por trás disso, está a falta de uma espiritualidade séria, que pensa que para atrair o povo se deve inventar novidades. A Santa Missa atrai por si mesma, pela sua sacralidade e seu mistério. No fundo, trata-se de diminuição da Fé nos mistérios eucarísticos, procurando supri-la por novidades e criatividades. Quando o Celebrante quer se tornar o

protagonista da ação litúrgica, começam os abusos. Ele se esquece de que o centro da Missa é Jesus Cristo.

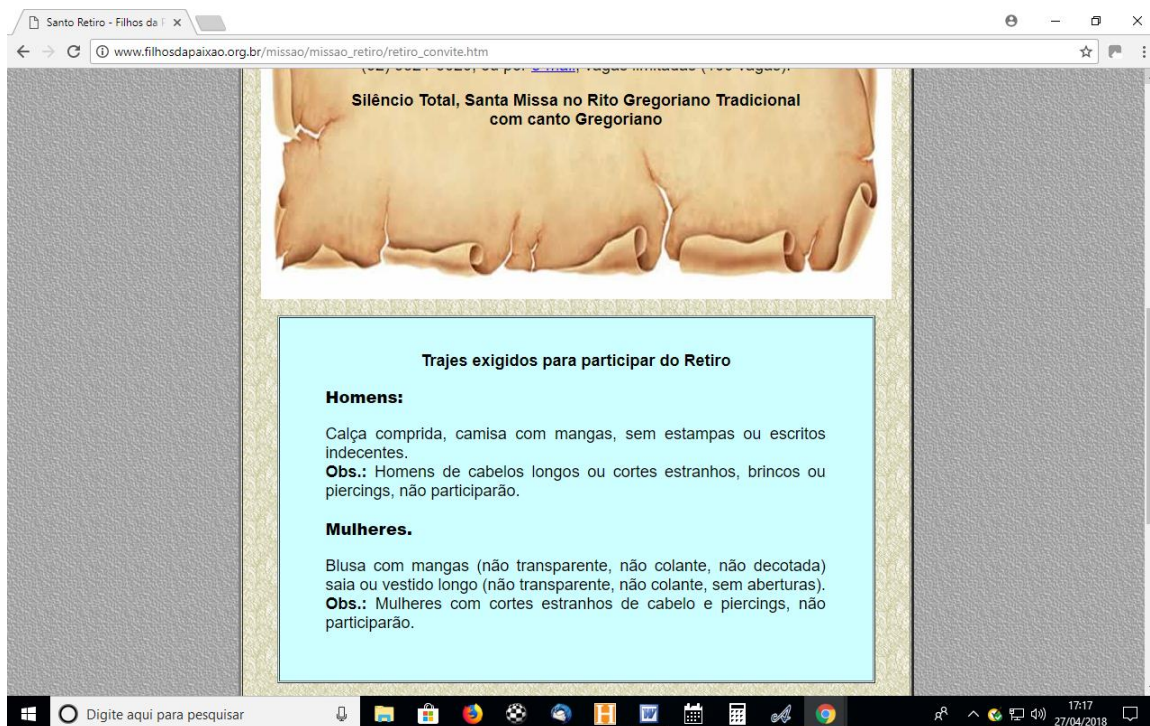
O atual secretário da Congregação para o Culto Divino, Dom Albert Malcolm Ranjith, lamenta: “A Santa Missa é sacrifício, dom, mistério, independentemente do sacerdote que a celebra. É importante, mesmo fundamental, que o sacerdote se coloque de lado: o protagonista da Missa é Cristo. Não compreendo, portanto, as celebrações eucarísticas transformadas em espetáculo com danças, cantos ou aplausos, como infelizmente muitas vezes ocorre com o Novus Ordo”.

A solução para os abusos está nas normas dadas pelo Magistério, especialmente no documento “Redemptionis Sacramentum”, de 25 de março de 2004, que preceitua que “todos procurem, segundo seus meios, que o Santíssimo Sacramento da Eucaristia seja defendido de toda irreverência e deformação, e todos os abusos sejam completamente corrigidos. Isto, portanto, é uma tarefa gravíssima para todos e cada um, e, excluída toda aceção de pessoas, todos estão obrigados a este trabalho” (183).

Mas, como diz Dom Ranjith, existem tantos documentos (contra esses abusos) que lamentavelmente ficaram letra morta, deixados em estantes cheias de poeira ou, pior ainda, no cesto de lixo. (<https://www.veritatis.com.br/falta-de-espiritualidade-seria-levar-a-abusos-na-liturgia/>)

O site da congregação religiosa “Instituto Missionário dos Filhos da Paixão de Cristo” chegou a criar uma página “Profanações”, exclusivamente para denúncia (por meio de fotos) de performances (não nos esqueçamos de que os ESFP são identificados por DK como performers), que, segundo eles, constituem profanações da Sagrada Liturgia: [http://www.filhosdapaixao.org.br/profanacoes/profanacoes\\_fotos/profanacoes\\_fotos.htm](http://www.filhosdapaixao.org.br/profanacoes/profanacoes_fotos/profanacoes_fotos.htm).

Em outra página, convidam os fiéis para um retiro espiritual, de acordo com as seguintes regras:



[http://www.filhosdapaixao.org.br/profanacoes/profanacoes\\_fotos/profanacoes\\_fotos.htm](http://www.filhosdapaixao.org.br/profanacoes/profanacoes_fotos/profanacoes_fotos.htm)

De outro site muito semelhante, <https://www.icatolica.com/2013/08/abusos-na-liturgia.html>, por conta da melhor definição das imagens, recolhemos algumas denúncias em fotos:



<https://www.icatolica.com/2013/08/abusos-na-liturgia.html>



<https://www.icatolica.com/2013/08/abusos-na-liturgia.html>



<https://www.icatolica.com/2013/08/abusos-na-liturgia.html>

Naturalmente, o problema não se reduz a temperamentos, tipicamente no superlativo: ISTJ x ESFP. Claro que pode haver SPs conservadores e SJs progressistas e claro que há sérias questões doutrinárias e de fé por detrás de divergências sobre o modo de celebrar a Liturgia. Os fiéis de Anápolis, diocese *tradicionalmente tradicionalista* (o rigoroso retiro espiritual citado acima é em Anápolis), podem esgrimir códigos e normativas jurídicas, enquanto os SP de perfil carismático podem invocar que o Espírito sopra onde quer. Cada um a seu modo pode invocar as Escrituras: “*minha casa é casa de oração*” e a oração deve se dar em reverente silêncio; enquanto outros podem arguir que o próprio Jesus Cristo seria proibido de fazer o retiro de Anápolis, por conta dos cabelos longos; que o rei Davi dançou, que no Domingo de Ramos, Jesus fez uma performance etc.

E assim os fiéis vão trocando anátemas e mútuas acusações e alimentando intermináveis discussões exegéticas... Pensamos ser oportuno introduzir o fator Keirsey nessas polêmicas e seu lema “*Please understand me!*” e discutir se há lugar (e qual lugar) para todos na Igreja.

#### II.1.6 SJ x SP na “Igreja dos ateus”

Antes de prosseguirmos na apresentação keirseiana dos quatro tipos de temperamento, detenhamo-nos em um fenômeno recente muito interessante: a “*igreja dos ateus*”.

Com o esvaziamento moderno das Igrejas, quando as autênticas práticas religiosas são abandonadas ou desvirtuadas, assistimos ao crescente fenômeno de *Ersatzreligion*: em lugar do “*Deus que morreu*”, vemos a instalação de novos absolutos: partidos políticos, causas ecológicas, veganas, de gênero, de proteção aos animais etc.

Claro que não temos nada nada contra essas bandeiras, mas outra coisa é a devoção “religiosa”, fanatismo no *Ersatz*, que passa a vigorar. Tal ideal, por exemplo, político, passa a ser o Paraíso, a ser alcançado por um “Messias”, após combate apocalíptico com as forças do mal. Crianças pequenas tornam-se patrulheirinhos do combate ao fumo (novo absoluto que lhes foi inculcado) etc.

Mas ao lado dos elementos fundamentais, que integram uma religião: Doutrina da fé, Mandamentos e Moral, Teologia, Liturgia etc. há também aspectos menores (mas não

menos importantes sociologicamente), como: o sentimento de pertença, um norte para os deveres, a organização social que permite praticar a caridade, questionar o sentido da vida, pôr seus talentos a serviço do próximo etc.

A religião, nessa dimensão social, apresenta um espaço no qual, em princípio, todos devem ser acolhidos, como irmãos, e isso abre uma possibilidade de “inclusão” para aqueles que se sentem rejeitados em outros âmbitos: com a “vantagem” de que na religião não há títulos específicos – não se requerem diplomas, certificados, nem outros pré-requisitos além de um bom coração que busca a Deus. E com isso já temos uma “turma” que nos pertence e à qual pertencemos: posso chamar de irmão – e igualar-me nessa comunidade – a alguém muito mais capacitado profissional, acadêmica, social e financeiramente. O círculo da paróquia oferece, gratuitamente, além dos bens espirituais, a possibilidade de convívio e contatos também terrenos (e, eventualmente, alguma proposta de emprego, bolsa para o filho estudar na escola confessional, enfim, uma espécie de *clube de serviços*).

Não estamos afirmando que é por interesse interesseiro que alguém busca a comunidade religiosa, mas também não é uma realidade a ser simplesmente desconsiderada.

É em torno a esses aspectos “colaterais”, que recentemente têm surgido as surpreendentes “*Igrejas dos ateus*”. Vale a pena recolher a reportagem de 2014 da Folha de São Paulo:

### **Culto ateu em Londres tem música pop, sacolinha e comunhão com biscoito**

**Leandro Colon** de Londres 02/02/2014 02h40

É domingo, 11h. Cerca de 300 pessoas estão num anfiteatro no centro de Londres. Não sobra uma poltrona vazia. Todos cantam músicas, silenciam o ambiente em reflexão, e alguns relatam histórias de vida.

A sacolinha do dinheiro aparece rapidinho. "Sugerimos doações de 3 a 5 libras (R\$ 12 a R\$ 20), algo assim, ou o que você puder. Obrigado pela generosidade", diz Sanderson Jones, 32. A

maioria contribui. "Nossa missão é tentar ajudar as pessoas, celebrar o fato de estarmos vivos", lembra Jones.

Todos aplaudem.

Uma banda está no palco. Palmas introduzem "I'm So Excited", da banda pop Pointer Sisters, sucesso nos anos 70 e 80. Jovens, casais, idosos e crianças levantam da poltrona e cantam em coro. Depois, euforia com o hit do ano, "Get Lucky" (Daft Punk).

Agora, silêncio geral. Um neurocientista então explica o poder da mente, o fenômeno da sinapse, como controlar sensações, sentimentos. Cabe a uma jovem contar seu drama de superação após um dano cerebral.



<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2014/02/1406332-culto-ateu-em-londres-tem-musica-pop-sacolinha-e-comunhao-com-biscoito.shtml>

Cerca de 300 pessoas se reúnem para culto da Sunday Assembly, igreja sem religião, em Londres.

Sanderson Jones retorna ao microfone: "Pessoal, é o momento de refletir a sorte que temos em ter uma mente em funcionamento". Todos quietos, olhos fechados, cabeça baixa, por dois minutos.

Agora, a banda no palco levanta os fiéis com "Always on my Mind", clássico eternizado por Elvis Presley. Uma hora se passa, fim de culto, todos comungam biscoitos, leite, café e chá. Ninguém arrisca saudar o colega ao lado com "amém", "glória a Deus", "fique com Deus", algo parecido. Ali, praticamente todos são ateus frequentando a Sunday Assembly (assembleia de domingo).

É uma espécie de igreja ateu criada há um ano em Londres e que já virou um pequeno fenômeno com ao menos 30 "filiais" nos Estados Unidos, Austrália e Canadá – o Brasil pode ganhar uma em breve. Segundo o site oficial, trata-se de "uma congregação sem Deus que celebra a vida". Em Londres, tem a fama de "igreja dos ateus".

A **Folha** acompanhou um culto da "matriz", em um auditório do Conway Hall, espaço de debates em Londres. O tema era "cérebro".

### **CABELUDO**

Além de pregador oficial, Sanderson Jones, um homem de cabelos e barbas compridos, é também o fundador da Sunday Assembly.

Oficialmente, sua profissão é de comediante. Nascido em família religiosa, diz que perdeu a crença em Deus aos 10 anos, quando a mãe morreu de câncer.

Questionado se ainda tem alguma crença, faz um trocadilho em inglês: "I don't believe in God, but in good" (não acredito em Deus, mas no bem). A ideia de um culto ateu (expressão de que não gosta muito), conta, surgiu há seis anos, durante o Natal. "Tudo aquilo era fantástico, as músicas, a comunidade, o fato de melhorar a si mesmo. Nós devemos celebrar a vida, é o nosso foco, o sentimento de comunidade", diz.

Em seu site, a Sunday Assembly dá suas diretrizes: é um lugar para quem quer viver melhor, ajudar, discutir o mundo e 100% de celebração só da vida. A meta de Jones é atingir mil igrejas em uma década. Alguns brasileiros já o procuraram para abrir filial no país, diz. "Devo ir ao Brasil em setembro, mas estamos em fase de montagem, não posso dar detalhes."

Não há, em tese, requisito para que os frequentadores sejam ateus, desde que entendam que ali não haverá menção a Deus – mas também não há pregação contra, ao menos no culto presenciado pela **Folha**.

"Ninguém aqui pergunta sua religião", diz o engenheiro Gerard Carlin, 31, que atua como voluntário. Foi católico e hoje se declara "fortemente ateu".

Ele é um dos que ajudam a contar as doações, cujo valor não revela. "É pouca coisa que arrecadamos, só para pagar os custos, como locação, o piquenique depois, a banda", afirma.

"E aí, gostou?", pergunta a jornalista alemã Gabi Thesing, 21, frequentadora há quatro meses dos cultos. "Já fui católica, mas hoje não acredito em Deus, religiões. Acredito no poder das pessoas, da energia", diz.

## **O VELHO E O NOVO**

Estudiosos em teologia no Reino Unido, como Nick Spencer, do centro de estudos Theos, tem dito que a Sunday Assembly não chega a ser um fenômeno necessariamente novo e se parece com movimentos antigos de pessoas que não creem em Deus, mas usam ritos tradicionais religiosos em seus encontros privados.

O empresário britânico Andrews Wett, 47, se diz um "adepto não praticante do budismo". Foi levado pela namorada ao culto. Opina sobre a grande quantidade de jovens: "Isso mostra um pouco como as igrejas tradicionais têm perdido fiéis".

Antes de a reportagem deixar o local, alguns entrevistados se despediram com um "veja você da próxima vez". Não deu para responder "se Deus quiser".

Neste caso a *Ersatzreligion* oferece os aspectos colaterais das igrejas “normais”: “Tudo aquilo era fantástico, as músicas, a comunidade, o fato de melhorar a si mesmo. Nós devemos celebrar a vida, é o nosso foco, o sentimento de comunidade”.

Não é o fato de eu ser ateu que vai me privar dos benefícios terrenos de uma igreja: o NF em busca do sentido e do humano, que ele vai construir no encontro com o outro, tem na igreja um espaço privilegiado para a realização desses seus ideais. E não precisa frequentar uma igreja cristã para isso.

Uma igreja, uma religião, é sempre a “típica” forma para os campeões do “voluntariado de serviço” (ISFJ e ESFJ) encaminharem seu enorme potencial de servir e de ajudar ao próximo (claro que os outros tipos NF, SP e NT, podem exercer o voluntariado a seu modo). A “religião” é sempre o que dá a segurança dos valores da sociedade e sua transmissão para novas gerações (como anseiam os ESTJ e ISTJ), além da sensação de *belonging*, tão importante para os SJ.

Para os SP, a grande atração é a ocasião de uma vivência “religiosa”, muito apoiada nas “performances”, sem a chateação das farisaicas regrinhas morais etc.

Para os NF, como dizíamos, a possibilidade do protagonismo do encontro, a interação em busca do sentido humano, sem a mediação de pesados fatores tradicionais.

Para os NT, a possibilidade do pensamento crítico e científico, longe dos dogmas e dos sistemas cristalizados.

## II.1.7 O NF, na caracterização oficial de DK

### **3. Retrato do tipo NF (*Idealist*)**

Os NF, como temperamento, são apaixonadamente preocupados com crescimento e desenvolvimento pessoal. Empenham-se em descobrir quem eles são e como podem se tornar o melhor que

eles podem ser - esta constante busca pelo autoconhecimento e autodesenvolvimento impulsiona sua imaginação. E eles querem ajudar os outros a fazer esta mesma jornada. Os NF são naturalmente atraídos para trabalhar com pessoas, seja em educação ou aconselhamento, nos serviços sociais ou na área de recursos humanos, em jornalismo ou ministério. Eles são dotados em ajudar outros a achar seus caminhos na vida, frequentemente inspirando-os a crescer como indivíduos e a realizar seu potencial.

Todos os [4 tipos] NF compartilham as seguintes características principais:

- são entusiásticos, confiam em sua intuição, anseiam por romance, procuram seu “eu” verdadeiro, valorizam relações significativas, e sonham em atingir sabedoria.
- orgulham-se em serem amorosos, de bom coração e autênticos.
- tendem a ser dádivosos, confiáveis, espirituais, e estão focados em jornadas pessoais e potenciais humanos.
- são companheiros intensos, pais estimulantes, e líderes que inspiram outros.

Os NF “têm certeza” de que uma cooperação amigável é o melhor método para as pessoas atingirem seus objetivos. Conflito e confrontação os transtornam porque colocam barreiras de ira entre as pessoas.

Sonham em criar relações pessoais carinhosas e harmoniosas e têm um talento especial em ajudar as pessoas a se relacionarem bem uns com os outros e a trabalhar juntos para o bem de todos. Esta harmonia interpessoal pode ser vista como um ideal romântico, mas, afinal, os NF são românticos incuráveis que preferem focar no que poderia ser, em lugar da realidade de fato.

O mundo real, o mundo prático, para os NF, é tão somente um ponto de partida; eles acreditam que a vida é cheia de possibilidades à espera de serem realizadas, enriquecida de sentidos clamando para serem compreendidos. Esta noção de uma dimensão mística ou espiritual da vida, não visível, ou não ainda realizada que só pode ser conhecida através da intuição, ou de um “salto de fé”, é muito mais importante para os NF do que o mundo de coisas materiais.

Altamente éticos em suas ações os NF se mantêm em um padrão rígido de integridade pessoal. Eles precisam ser verdadeiros, para si mesmos e para os outros, e por isso podem ser bem duros consigo mesmos quando são desonestos, ou falsos, ou insinceros. Mais frequentemente, no entanto, são a própria essência da gentileza. Particularmente em suas relações pessoais, os NF são indubitavelmente cheios de amor e boa vontade. Acreditam em se doar para ajudar aos outros. Eles cultivam poucas amizades, mas calorosas e significativas. Eles buscam uma comunicação/re-lação especial com seus filhos; no casamento eles procuram pela “alma gêmea”, alguém com quem eles podem conectar-se emocional e espiritualmente, compartilhando seus mais profundos sentimentos e seus complexos mundos interiores.

Os NF são relativamente raros, compondo não mais de 15 a 20 por cento da população. No entanto sua habilidade de inspirar pessoas com seu entusiasmo e seu idealismo, tem provocado uma influência muito além de seus números.

A própria descrição acima do site de DK já indica imediatamente a dimensão religiosa que impregna o NF em sua própria constituição: “Esta noção de uma dimensão mística ou espiritual da vida, não visível, ou não ainda realizada que só pode ser conhecida através da intuição, ou de um *“salto de fé”*, é muito mais importante para os NF do que o mundo de coisas materiais” e “Altamente éticos em suas ações os NF se mantêm em um

padrão rígido de integridade pessoal.”. Mais adiante analisaremos diversos casos de grandes líderes religiosos NF.

## II.1.8 O NT, na caracterização oficial de DK

### **4. Retrato do tipo NT (*Rational*)**

Os NT têm o temperamento voltado a resolver problemas, principalmente se o problema tem a ver com sistemas complexos que compõe o mundo à nossa volta. NT atacam problemas em sistemas orgânicos (como plantas e animais) ou em sistemas mecânicos (como ferrovias e computadores), ou mesmo em sistemas sociais (como famílias, empresas ou governos). Mas qualquer que seja o sistema que desperta sua curiosidade, os NT irão analisá-los a fim de entender como eles funcionam, com o objetivo de fazê-los funcionar ainda melhor.

Todos os [4 tipos] NT compartilham as seguintes características principais:

- Tendem a ser pragmáticos, céticos, autônomos e focados em resolução de problemas e análise de sistemas.
- Orgulham-se de ser engenhosos, independentes e determinados.
- São cônjuges razoáveis<sup>70</sup>, pais individualizadores e líderes estratégicos.
- são ponderados, confiam na lógica, anseiam por realizações, procuram conhecimento, apreciam a tecnologia e sonham em entender como o mundo funciona.

---

<sup>70</sup> *Reasonable*, aqui, obviamente, não no sentido de medianos, mas como quando se fala em “chefe razoável”, “sargento razoável” ou “nutricionista razoável”, que se pauta pelo razoável (não esqueçamos que Keirsey dá aos NT o nome *rationals*).

Ao trabalhar com problemas, os NT tentam achar soluções que tenham aplicações no mundo real, mas estão ainda mais interessados nos conceitos abstratos envolvidos no problema, nos princípios fundamentais ou leis naturais subjacentes ao caso em análise. Eles são absolutamente pragmáticos sobre os caminhos e meios para atingir seus fins. Os NT não se preocupam em ser politicamente corretos. Eles estão interessados nas soluções mais eficientes possíveis, e ouvirão a qualquer um que tenha algo de útil para ensiná-los, enquanto ignoram qualquer autoridade ou procedimento habitual que desperdice tempo e recursos.

Os NT têm uma fome insaciável de alcançar seus objetivos e trabalharão sem descanso em qualquer projeto a que dedicarem suas mentes. Eles são rigorosamente lógicos e implacavelmente independentes quanto a seu pensamento – são de fato céticos em relação a quaisquer ideias pré-concebidas, inclusive as suas próprias – e acreditam que podem superar qualquer obstáculo com sua força de vontade. Frequentemente são vistos como frios e distantes, mas isso na realidade reflete a concentração em que estão absorvidos ao atacar o problema em que estão trabalhando. Seja projetando um arranha céu ou um experimento, desenvolvendo uma teoria ou a tecnologia de um protótipo, construindo uma aeronave, uma corporação, ou uma aliança estratégica, os NT valorizam a inteligência, em si mesmos e nos outros; eles se orgulham da engenhosidade com que contribuem para a resolução de problemas.

Os NT são bastante raros, constituindo os poucos 5 a 10 por cento da população. No entanto por sua atração e entusiasmo em destravar os segredos da natureza, e em desenvolver novas tecnologias, eles fizeram e fazem muito em termos de moldar o mundo em que vivemos.

Não é difícil inferir que a presença reduzida de líderes NT no contexto das religiões também, talvez, se deva a algumas características tipológicas peculiares. Como todo líder NT, também o líder religioso, tem apreço por justiça e tende a achar que as pessoas cometem os mesmos erros por serem perdoadas indefinidamente (especialmente o INTJ). Como possui mente analítica, pensa que os objetivos não foram alcançados e sente-se muitas vezes irritado pela falta de lógica na atitude das pessoas e a ineficiência de resultado no comportamento delas. Cético e crítico severo, o líder NT sempre está caçando erros e sonha com um sistema que possa erradicá-los de uma vez por todas. Visto ser perfeccionista, também possui espírito inquisitorial, obsessão com o erro e pensa fazer ciência sem se equivocar. Inflexível, aposta na própria inflexibilidade como forma mais eficiente para obter resultados. Por isso também o líder religioso racional pode ferir as pessoas, não com repreensão (como faz o SJ), mas com ironia e desdém, duvidando da capacidade delas, ou simplesmente ignorando seu ponto de vista. É visionário e possui inteligência estratégica e não valoriza trabalhos rotineiros. Para ele importante é a competência e os resultados. Para um líder religioso NT não é suficiente – como o é para um líder SJ – a presença fiel, a manutenção da organização e a ajuda nas crises. Importante é o impacto intelectual de longo prazo. O que realmente conta é a competência teológica, “*arrumar o sistema*” e estabelecer os princípios e as diretrizes gerais, conceitualmente. Analisar, conceituar e pensar, por isso, são as características mais fortes do líder NT. É mais competente em criar programas, projetar e reformular atividades futuras e menos em implementá-los. Por isso, o líder NT necessita de líderes SJ ao seu lado para a execução dos seus ideais. No entanto, como fazem notar Kroeger e Oswald (1988, p. 159), o líder religioso NT pode ser muito eficiente em situações que envolvam crises emocionais, pois sua mente analítica e “distante” favorece maior capacidade de manter-se neutro e imparcial. Porém, de modo geral sua preferência no trabalho é uma exposição racional dos conteúdos religiosos. Portanto, o lugar ideal de trabalho para o líder religioso NT é um ambiente acadêmico, servindo numa comunidade de pesquisa, por exemplo.

## II. 2 Considerações intermediárias do capítulo II

Analisamos nesse segundo capítulo os 4 temperamentos básicos (SJ, SP, NF e NT) relacionando-os com a igreja e a religião. Referimo-nos a cada um no seu aspecto caricato e destacamos aqueles elementos que melhor correspondem ao seu retrato (funções e disfunções). Ao tipo SJ referimo-nos como as pedras angulares da sociedade, que tendem mais ao conservadorismo e têm apreço por zelar pelo código moral, pelas regras de conduta religiosa e pelo cumprimento exato dos preceitos eclesiásticos. Aos SP, por sua vez, nos referimos como os espontâneos, os que são mais atraídos por atividades paroquiais ligadas ao serviço social em geral; que são otimistas, amantes do divertimento, realistas, brincalhões, confiam nos seus impulsos e valorizam a liberdade. Da mesma forma fizemos importantes comparações entre os tipos SJ e SP apresentando exemplos reais na religião, na liturgia, na tradição e na “*igreja dos ateus*”. O mesmo fizemos ao apresentar os dois tipos N (NF e NT). O NF, com a sua forte e natural dimensão religiosa que impregna sua própria constituição, pois vê o mundo ideal como uma eterna busca. Seu idealismo e seu entusiasmo lhe dão grande habilidade de inspirar pessoas e facilidade de conectar-se emocional e espiritualmente. E o NT (um grupo pequeno da população - de 5 a 10%), de mente estratégica, é o tipo que mais valoriza sua inteligência, se orgulha da sua engenhosidade e a resolução de problemas.

Feitas estas colocações, pode parecer ao leitor que estamos sugerindo que basta o reconhecimento dos diferentes tipos psicológicos para que os conflitos entre as pessoas desapareçam e a harmonia nas diversas relações humanas se estabeleça. Nada mais distante da nossa proposta. O cotidiano nos faz recordar, perceber e vivenciar que também entre os mesmos temperamentos, entre os mesmos tipos psicológicos, travam-se muitas vezes conflitos e discordâncias reais. A vida é muito mais híbrida e ambígua do que podemos imaginar ou gostaríamos que fosse e a tipologia dos temperamentos apenas aponta tendências e traços. Nunca é uma fotografia da realidade. E esse deve ser mesmo um princípio realmente inegociável, pois muitas vezes os conflitos reais precisam de outro processo de resolução. Não basta a compreensão, a psicologia compreensiva (o *Verstehen*, o *Understand*, a *Compreensio* – o “apreender no conjunto”) para resolver todos os conflitos. O que afirmamos, sim, é que a compreensão é *um* dos modos, *um* dos antídotos para as relações humanas conflitivas.

E a discussão nesse capítulo foi justamente em que medida a igreja e outros grupos religiosos favorecem a presença e a atuação dos diferentes tipos temperamentais. Se as formas reais, os modos como estão organizadas as instituições religiosas favorecem ou dificultam o acolhimento dos diferentes tipos que têm cada um um modo próprio de aproximar-se da espiritualidade. Além disso, vimos como talvez precisamente a incompreensão (que na maioria das vezes é um estreitamento dogmatizante, uma visão dicotômica que orbita entre ortodoxia X heresia) desses distintos modos de viver a espiritualidade pode ter favorecido o surgimento do crescente fenômeno de *Ersatzreligion* – com sua variada instalação de absolutos. Esse pensamento nos remete ao centro da hipótese fundamental do presente trabalho que, ademais, é uma possibilidade pensável: que muito do debate contemporâneo e das controvérsias religiosas, na verdade, pode não ser propriamente sobre religiosidade, mas ter mais relação com o modo como as pessoas encaram a vida. Que dentro e mesmo fora das comunidades religiosas, uma das tarefas mais fundamentais (embora existam muitas outras) continua sendo a do reconhecimento do outro em sua individualidade e no seu modo próprio de se instalar no mundo, o real e total acolhimento, a radical inclusão de todas as formas de crer.

## CAPÍTULO III:

### DAVID KEIRSEY E A RELIGIÃO

Neste terceiro capítulo temos por objetivo aprofundar as interfaces da teoria keirseyana dos temperamentos (nas alternativas tipológicas S/N, E/I, F/T e J/P) com a religião apresentando diversos exemplos práticos ao leitor.

#### III.1 A(s) ESPIRITUALIDADE(S) À LUZ DE DK – S/N; E/I

Após a primeira aproximação feita no capítulo anterior, é hora de nos aprofundarmos em alguns aspectos: passando pelos “átomos” até os tipos mais definidos de cada um dos 4 temperamentos.

Porém, antes de analisar o par *S/N* no contexto específico da teoria keirseyana dos temperamentos, faremos uma breve introdução sobre a complexidade do que chamamos “espiritualidade”.<sup>71</sup>

---

<sup>71</sup> No contexto deste trabalho – embora também assim seja compreendido de modo geral – o termo “espiritualidade” refere-se a todas as formas de religiosidade, independentemente de confissões e igrejas,

### III.1.1 A espiritualidade e sua complexidade

Embora apresente crescente interesse em pesquisas científicas na atualidade, sobretudo entre os estudiosos das ciências da religião, o tema “espiritualidade” continua sendo um assunto complexo.<sup>72</sup> Muitos cursos, seminários e workshops sobre espiritualidade tem grande popularidade também em círculos religiosos, especialmente entre pessoas em posições de liderança nas igrejas. Fato é que, de modo geral, cristãos têm o desejo de sempre aprender mais e com razão dizemos que quando falamos em espiritualidade somos todos aprendizes. Isso é particularmente verdadeiro porque a espiritualidade abrange uma área mais ampla da vida humana que normalmente se imagina. Concordamos com Schleiermacher que afirmou na sua mais célebre obra: *Über die Religion. Reden an die Gebildeten unter ihren Verächtern*, que a espiritualidade é *um aspecto fundante e determinante no ser humano*,<sup>73</sup> um “jeito humano de ser”, do seu desejo de se relacionar com a Totalidade (com o Todo); a busca por algo que amenize a ânsia.

Experiências espirituais nos permitem permanecer no *temor*<sup>74</sup> na medida em que nos tornamos conscientes de que há algo (ou Alguém) acima de nós mesmos; permitem deleitar nossos sentidos ao admirarmos algo belo como a arte, a música, as flores ou uma paisagem; e permitem sermos animados quando experimentamos amor e perdão e sentimos afixada a nossa própria existência. Independentemente do que acreditamos, o modo

---

que abrange uma pluralidade de fenômenos religiosos. Ou ainda como traço básico da natureza humana, um *consensus gentium* no sentido junguiano para quem “o mundo, tanto por fora como por dentro, é sustentado por bases transcendentais, tão certo quanto nossa própria existência” (*Obras Completas de C. G. Jung (OC) 14/II, § 442*).

<sup>72</sup> Não deixa de ser espantoso, por exemplo, que, em recente livro publicado, a geriatra e gerontologista Claudia Arantes – do Hospital das Clínicas da FMUSP – tenha destacado essa complexidade ao afirmar: “Sempre digo que a medicina é fácil. Chega a ser simples demais perto da complexidade do mundo da psicologia. No exame físico, consigo avaliar quase todos os órgãos internos de um paciente. Com alguns exames laboratoriais e de imagem, posso deduzir com muita precisão o funcionamento dos sistemas vitais. Mas, observando um ser humano, seja ele quem for, não consigo saber onde fica sua paz. Ou quanta culpa corre em suas veias, junto com seu colesterol. Ou quanto medo há em seus pensamentos, ou mesmo se estão intoxicados de solidão e abandono...cada ser humano é único. Mesmo em gêmeos idênticos, com o mesmo DNA, temos expressões de sofrimento absolutamente diferentes”. (Arantes, 2019, p. 42-43)

<sup>73</sup> SCHLEIERMACHER, 2016, p. 33.

<sup>74</sup> No sentido de profundo respeito diante do inefável, imensurável, incognoscível. Também no sentido lewisiano (C. S. Lewis) de que existe um ‘quadro maior’ que dá sentido aos quadros menores da existência humana – que nem sempre são nomináveis (que permanecem no âmbito do *mysterium*). Como acontece na Divina Comédia de Dante, essa visão do ‘quadro maior’ permite uma visão imaginativa e persuasiva de uma unificada ordem cósmica e de mundo. Realidades que exigem saber lidar com a indeterminação, com o não controlável, pois quem através de tudo vê, não vê mais nada (*Wer alles durchschaut, sieht nichts mehr*).

como expressamos nossa espiritualidade pode assumir formas muito diferentes. Encontrar o caminho espiritual mais próximo do nosso jeito de ser a fim de enriquecer nosso propósito e significado de vida é essencial para experimentar plenamente nossos dons mais profundos.

Para analisar os S/N partimos do pressuposto de que o modo como as pessoas percebem o mundo e se relacionam com ele pode afetar diretamente o seu entendimento sobre fé e vida religiosa. Atualmente casas de retiro são vistas como excelentes recursos para renovar a vida religiosa. É provável que isso tenha algo que ver com a perda geral da confiança em narrativas culturais que desconsideram ou negam a transcendência. É verdade que muitos não voltam para as igrejas, mas já não estão mais assumindo que o pensamento lógico e científico eliminou a necessidade do lado espiritual da vida.<sup>75</sup> De um modo geral, as pessoas aceitam uma abertura para a dimensão mística ou espiritual da vida. No entanto, muitas não assumem automaticamente que as igrejas são os lugares onde podem encontrar essa dimensão. O que se tem visto é o surgimento de grupos religiosos “radicais” e grupos “alternativos” que oferecem às pessoas um caminho para novos entendimentos de sua experiência cotidiana de alegria e sofrimento, de angústia e busca de sentido.

Jung costumava dizer que nunca teve um único paciente cujo problema não era, em última análise, religioso.<sup>76</sup> Com isso ele queria dizer que qualquer pessoa criada na sociedade europeia, ainda que seus pontos de vista religiosos fossem bem diversos, consciente ou inconscientemente, tinha que encarar questões morais, religiosas ou

---

<sup>75</sup> Talvez algo como descrito por uma jovem estudante de Odontologia da Universidade Federal de Pelotas, RS, (LSH), que, ao ser perguntada pelo que a havia motivado a tatuar a palavra “inefável” no seu calcanhar, explicou: “Depois de ler um livro que se referia aos modos como enxergamos a vida e as coisas que acontecem conosco, nossas diversas formas de reagir a determinados acontecimentos, o autor dizia que essa palavra também o intrigava. Depois que estudei seu significado, também me encantei com ela e comecei a fazer analogias com a vida; ela expressa algo que é impossível de descrever por conta de sua magnitude, beleza e força. Quero que ela também me faça lembrar que, muitas vezes, em algumas situações é absolutamente impossível nomear o que acontece... e, especialmente, que me leve a aceitar que nem tudo está sob meu controle e não ser meus atos e reações perante as adversidades”.

<sup>76</sup> Jung, Carl Gustav. Obras Completas, Vol. 11/1 – Psicologia e religião, p. 130 seção 167. Um pequeno trecho merece ênfase: A experiência religiosa é algo de absoluto. Não é possível discutir acerca disso. Uma pessoa poderá dizer que nunca teve uma experiência desse gênero, ao que o oponente replicará: ‘lamento muito, mas a tive’. É indiferente o que pensa o mundo sobre a experiência religiosa: aquele que a tem, possui, qual inestimável tesouro, algo que se converteu para ele numa fonte de vida, de sentido e de beleza, conferindo um novo brilho ao mundo e à humanidade. Ele tem *pistis* e paz. Qual o critério válido para dizer que tal vida não é legítima, que tal experiência não é válida sendo essa *pistis* mera ilusão? Haverá uma verdade melhor, em relação às coisas últimas, do que aquela que ajuda a viver?”

espirituais. Algumas pessoas são capazes de lidar bem com essas questões e estabelecem com facilidade um sistema de crenças (ortodoxo ou não). Outras, por uma enorme variedade de motivos, reprimem este sistema no inconsciente. Mas, ainda que estejam momentaneamente adormecidos, em algum momento da vida emergirão.

Mas qual é a natureza dessa busca espiritual? A que se destina? Como se dá esse processo? Como as pessoas fazem suas escolhas dentro de um vasto leque de opções disponíveis? E por que há tantas? É surpreendente que, com tantas pessoas investindo tempo em oração e contemplação, o caminho ainda esteja tão escondido por trás de tantas práticas diferentes (e frequentemente com enormes contradições).

Práticas religiosas existem para todos os gostos e o cardápio é quase imensurável. Contudo, é curioso observar que nas próprias denominações há uma grande diversidade de formas de as pessoas entenderem um texto bíblico, uma oração, a adoração, a conversa sobre a fé e o testemunho. Em todas há a expectativa de experimentar a presença de Deus, mas sempre na esperança de que seja *do seu jeito*. Compreender que tipo de abordagem as pessoas fazem ao se defrontarem com sua espiritualidade e entender tais diferenças é fundamental para a presente investigação e possibilitará o planejamento de outras análises acadêmicas bem como intervenções práticas.

Para muitas pessoas, a busca espiritual é comparada a uma viagem interior. É a exploração de um mistério em que descobrem quem realmente são. E esta descoberta só tem lugar nas suas vidas quando se abrem à realidade e ao mistério de Deus. É uma busca profundamente pessoal e privada. Outras, porém, descobrem a realidade sobre Deus – e provavelmente sobre si mesmas – à medida em que se envolvem com outras pessoas. Refletindo sobre as experiências e eventos do mundo descobrem seu próprio sentido e significado. O que as sustenta na jornada espiritual é mais um envolvimento com o mundo do que uma fuga dele.

Algumas pessoas necessitam uma base racional para sua peregrinação. Como suspeitam das emoções e estão sempre alertas à possibilidade de ficarem rodeadas por muita “religião”, desejam *pensar* enquanto abordam questões de fé. Reconhecem que não serão capazes de atingir Deus apenas através da inteligência, mas também não admitem estarem satisfeitas com uma fé que exige deixar o intelecto de lado e não permite questionar nada. Outras pessoas precisam *sentir* e experimentar, sobretudo, um relacionamento de aceitação com “aquilo que está acima delas”. Encontram encorajamento

no relacionamento com as outras pessoas. A ênfase é procurar estar acima da própria busca individual por sentido e significado, e provavelmente são mais movidas por um apelo do coração do que da razão.

Outra área onde há diferenças no modo como as pessoas se aproximam da sua espiritualidade é no uso e entendimento dos símbolos e do estímulo visual. Algumas pessoas são ajudadas significativamente na sua vida religiosa por meio da música, por cores e texturas, enquanto outras não acham isso nada relevante. Umam gostam de incenso enquanto outras são repelidas por ele; umas gostam de meditar por longas horas, talvez utilizando-se de uma vela para manter a atenção, enquanto outras vão achar isso uma tolice. Nenhuma abordagem é certa ou errada. Apenas são diferentes. Muito diferentes, aliás. Assim como algumas pessoas podem manter contato com Deus através da música, outras simplesmente o fazem observando a semeadura de uma semente, cheirando uma madeira serrada, ou simplesmente no relacionamento afetoso com amigos.

Fato é que a falta de compreensão de “*por que funcionamos como funcionamos?*” e “*por que somos tão diferentes?*” é fator de grande perda para a espiritualidade em geral. A grande maioria dos religiosos não está preparada para perceber o valor dessas distinções e a falta do autoconhecimento tem destruído o trabalho de muitos. Entender por que somos tão diferentes é entender que somos resultados de genética, construção familiar, social e religiosa. Ortega y Gasset aponta para a essencialidade do *eu* na sua conhecida afirmação: “*Yo soy yo y mi circunstancia*”. Se antes de mais nada, eu sou *eu*; a circunstância, também faz com que o eu o seja.<sup>77</sup> Daí a relevância do estudo dos temperamentos (que, afinal, regulam também o “lado” circunstância do eu).

---

<sup>77</sup> Esse aspecto “circunstancial” e seu amplo e profundo significado também é visto em outras ciências, inclusive na medicina. Não por acaso encontra-se em um livro de medicina a preciosa informação de que o “olho clínico” é a “capacidade [que o médico tem] de levar em conta **tudo o que se relaciona** àquela pessoa: família, trabalho ou aposentadoria, plano de saúde, local de residência, nível cultural, condições financeiras...é a capacidade de levar em conta esses fatores para que o diagnóstico seja **personalizado**, ou seja, adquira significado específico para cada paciente”. (in: PORTO, Celmo Celeno. Cartas aos estudantes de medicina, 2018, p. 30). Grifo nosso.

### III.1.2 As preferências: E x I

É evidente que extroversão e introversão são fatores importantes nas preferências religiosas. Uma pessoa I terá, por exemplo, imensas dificuldades temperamentais em participar de um ruidoso grupo de oração, sobretudo se esse grupo estiver configurado a partir da premissa de que cada um deve abrir sua intimidade para os demais. É-lhe muito mais convincente o conselho do próprio Jesus Cristo (Mt 6.6): “*Quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora ao teu Pai em segredo; e teu Pai, que vê num lugar oculto, recompensar-te-á*”.

Se um retiro espiritual em silêncio é uma prática insuportável para um acentuado E, para o I é encarado com naturalidade.

Descendo ao campo do concreto, evidentemente, uma prática religiosa como o tradicional retiro espiritual de alguns dias em silêncio – que evoca os 40 dias de Jesus no deserto – será bem considerada por um sujeito de preferência I e talvez insuportável para um de acentuada preferência E. Reciprocamente, o I terá grandes dificuldades em participar de encontros ou grupos de oração nos quais a proposta é a de abrir (no jargão religioso, “partilhar” ou “dar um testemunho”) – ou até escancarar – a intimidade espiritual para o grupo, escancarar emoções, abraçar pessoas que acabou de conhecer, falar em línguas etc.

Em um site de grupo católico de perfil ISTJ (na medida em que é cabível falar assim, com as licenças metodológicas deste artigo de exploração prévia e *data venia* da antecipação dos tipos completos) recolhem-se críticas à RCC (Renovação Carismática Católica) e seu acentuado perfil E e F (já antecipando o fator F):

“Chego a pensar que para esses carismáticos a RCC detém uma missão quase revolucionária; destruir as estruturas “antiquadas” e “arqueológicas” da Igreja, criando uma nova cara “moderna” e “jovem”; o triunfo da bateria e da guitarra, a aposentadoria do missal e do órgão, o fim da mística e contemplação, o reino do oba-oba litúrgico.” (<http://www.veritatis.com.br/conheca-mais/7266-a-polemica-continua-a-rcc-e-certos-leitores>).

LAUAND, STAROSKY 2016 <http://www.hottopos.com/rih38/75-86EnioJl.pdf>

As preferências I/E em práticas religiosas são evidentes e só para concluir este tópico, não resisto a recolher a experiência vivenciada por Jean Lauand, ele mesmo um acentuado I, na Igreja do Bonfim, em Salvador.

Recorrendo ao conceito de *vigencia* de Ortega y Gasset, aqueles procedimentos que a sociedade “*da por supuesto*”, todos dão por válido e vigente e assim se impõe, Lauand trabalha com a hipótese de que as *vigencias* brasileiras (também as religiosas) são ESFP; ou seja, o I não tem vez no Brasil.

As liberdades na liturgia. Eu [Jean Lauand], como acentuadamente I, sempre sofri com um determinado exagero da *vigencia* E brasileira (associada ao nosso, também transbordante, fator F) nas missas em que tinha que viver uma experiência de transbordamento ESFP tupiniquim. O católico brasileiro, tipicamente ESFP (passe mais esta antecipação), ficou felicíssimo, depois do Vaticano II, com a introdução na liturgia da missa, pouco depois do Pai Nosso, do convite – “conforme a oportunidade” –, feito pelo sacerdote aos fiéis: “Meus irmãos, saudai-vos uns aos outros em Cristo”. *Coeteris paribus*, o católico, digamos, alemão, inglês ou japonês, discretamente fará um pequeno gesto, um aperto de mão ou uma reverência aos 3 ou 4 que o circundam, dirá “a paz de Cristo” e em questão de meio minuto a paz está dada. Agora, em uma missa da qual participei na Bahia, esse “dar a paz” era o ponto alto da cerimônia: cada um procurava cumprimentar efusivamente, com vagar, o maior número possível de irmãos. Mesmo sendo um visitante ocasional (e, como bom introvertido, sentindo-me deslocado), foram pelo menos 10 minutos em que fui abraçado, beijado (em alguns casos, cheirado...) etc. numa explosão de alegria, que, certamente, para nós brasileiros, é o melhor selo de garantia da paz do Senhor... Recentemente o Papa Francisco confirmou as indicações da Congregação para o Culto Divino que tornam mais sóbrio o “rito da paz”: evitando o deslocamento dos fiéis, do próprio sacerdote etc. Resta saber, se no Brasil – e na Bahia – “vai pegar”.  
LAUAND, STAROSKY 2016 <http://www.hottopos.com/rih38/75-86EnioJl.pdf>





<http://www.hottopos.com/rih38/75-86EnioJ1.pdf>

### III.1.3 As preferências: $S \times N$

Analisemos agora estes diferentes aspectos de abordagem da espiritualidade à luz da tipologia keirsejana nos tipos  $S$  e  $N$ .

Estima-se que cerca de três quartos (ou um pouco mais) da população são pessoas cuja preferência é  $S$  (*Sensible*). Ou seja, 75% ou 80% das pessoas é  $S$  e apenas 25% ou 20% é  $N$  (*iNtuitions*). Mas, o que se tem visto nos círculos religiosos, sobretudo, nos círculos das igrejas, é uma presença proporcionalmente muito maior de tipos psicológicos com preferência  $N$ . Então, se os  $S$  são maioria na população em geral e não o são nos círculos participativos das Igrejas isto apresenta à igreja um “problema” bastante interessante. Se as igrejas atraem mais  $N$  do que  $S$ , isso provavelmente significa que quando pessoas cuja preferência  $S$  vão para as igrejas, encontrarão um padrão de espiritualidade mais direcionado para o tipo  $N$ . Este fato foi comentado em um livro interessante de Bruce Duncan chamado *Pray Your Way (Ore do Seu Jeito)*. Duncan citou um artigo do *The Daily Telegraph* que acusa os líderes de igrejas de subestimarem a importância de traduzir os grandes mistérios religiosos em conceitos que meros mortais possam compreender. A maioria dos líderes religiosos, diz Duncan, são  $N$  e a minoria,  $S$ . Os símbolos religiosos dos  $N$  são conceituais, abstratos e filosóficos. Não gostam de simplificar conceitos complexos da teologia e seus mistérios. E não apenas não gostam para si mesmos, como também não apreciam que seja feita qualquer simplificação para aqueles a quem lideram e influenciam. Os líderes  $N$  acham que os próprios  $S$  precisam fazer essa leitura para a simplicidade e para os fatos.

Quais são as principais características dos *S*? São pessoas<sup>78</sup> que valorizam a informação advinda dos sentidos. Sua consciência de mundo e da dimensão espiritual da vida se origina desta visão. Para eles é importante ouvir música, falar, tocar e experimentar. Os *S* tendem a se preocupar com coisas específicas, com “o aqui e o agora”. “Não me fale de amor, mostre-me”! diz Eliza Doolittle em *My Fair Lady*. Então, no terreno espiritual, os *S* estão sempre preocupados com o que está acontecendo hoje, aqui e agora – para eles fatos são fatos; não gostam ou estão pouco preocupados com planos vagos e generalizações sobre o futuro. Apreciam a espiritualidade do “já” (*jetzt*) – uma teologia da experiência. Se o cristianismo é para ser relevante, então tem que ser relevante já, agora, nas circunstâncias cotidianas e ser prático. Em essência, a abordagem dos *S* para a espiritualidade é simples. Dizem: “Corte todas as complexidades, não me confunda com palavras e ideias abstratas, apenas me deixe conhecer tudo de maneira simples”. Certamente, argumentam eles, Deus está perto e é amor, por isso o importante é redescobrir a verdade simples que permite apreciar essa proximidade e amor e buscar o que é essencialmente simples, não o que é complexo e está fora do alcance.

Para um *S* existem muitas coisas que, ordinariamente, podem abrir a mente para Deus. Um dia de verão, a beleza dos formatos das nuvens, a delicadeza de uma flor, o cheiro de uma grama recém cortada, os sons dos passarinhos ou a batida das ondas na praia. Uma espiritualidade de preferência *S*, provavelmente começará assim uma oração – mesmo depois que uma terrível tempestade tenha acabado completamente com a sua plantação: “Nós te agradecemos, ó Deus, porque quase nunca nos mandas um temporal como este”! Para os *S* tudo o que está relacionado aos sentidos pode ser uma lembrança de Deus!

Outro aspecto de relevância na espiritualidade de um *S* está ligado ao seu corpo. A atenção ao corpo e à respiração tem lugar especial na espiritualidade dos *S*. Respirar fundo, ficar quieto e conscientizar-se de corpo da ponta dos dedos das mãos até a ponta dos pés, é exemplo disso. E achará muito bom tirar os sapatos, dar uma volta e sentir o chão debaixo

---

<sup>78</sup>. Sempre pressupondo no leitor as ressalvas e a consciência das limitações do procedimento tipológico, que aqui apresentamos em caso ideal, mas reconhecendo que, na realidade há casos mistos e nunca o tipo puro; que há exceções; que a teoria nunca é a realidade pura, mas uma edição da realidade filtrada pelos olhos do pesquisador amparado por teorias anteriormente mais ou menos consolidadas etc.

dos pés. Mas um exercício assim – que é puro deleite para um *S* – será, talvez, difícil, chato e sem sentido para um *N*.

É significativo lembrar que a igreja cristã ao longo de séculos, sobretudo a igreja católica (sem qualquer conhecimento da teoria keirsejana dos temperamentos), revelou extraordinária capacidade de aplicação da psicologia pastoral (ou cuidado pastoral), ao capturar os sentidos dos *S* encantando-os com a oferta do que mais lhes atrai: as cinzas da Quarta-Feira de Cinzas, as velas, a hóstia e o vinho, os paramentos e vestimentas sacerdotais, o vermelho forte do Sagrado Coração, a Virgem vestida de azul e branco, o aroma do incenso, o cheiro do azeite e o bálsamo sacramental, o gosto do peixe na Sexta-Feira Santa, o som do sublime canto gregoriano, o genuflexório e o fúnebre *Dies Irae*. E algo semelhante também aconteceu (talvez precisamente uma das marcas do tremendo sucesso para a atração das massas) com algumas igrejas evangélicas, sobretudo as pentecostais como a IURD e a Igreja Mundial do Poder de Deus. Embora o discurso seja o de “torcer o nariz” para toda e qualquer oferta que possa evocar idolatria, as lideranças dessas igrejas “cedem aos apelos do povo” introduzindo objetos e artefatos para agradar os *sentidos* do grande número de fiéis com perfil *S*. Um lenço abençoado pelo pastor, as pedras do monte Calvário, o sal do mar morto, sabonetes de purificação espiritual etc. Portanto, os objetos e os artefatos a que recorrem, precisam ser analisados muito para além do aspecto mercadológico (como podemos ver registrado na maioria dos estudos acadêmicos recentes sobre o assunto)<sup>79</sup>, pois provavelmente estejam alinhados ao perfil psicológico do fiel, e fazem o papel de “mediadores do sagrado”. Pois os *S* precisam da experiência concreta e dependem de seus sentidos para a percepção. E, sobretudo, porque as palavras são meros símbolos para os *S* e precisam ser traduzidas para a realidade. Entendem que palavras têm menos sentido que a experiência concreta, por isso estão permanentemente à procura de sinais tangíveis da fé.

Com relação à leitura de um texto bíblico também é possível fazer várias observações quanto ao que agrada a preferência *S*. Gostam mais de prestar atenção aos detalhes específicos e de trabalhar sistematicamente um livro em particular ou um determinado Evangelho. Segundo Goldsmith, alguns estudiosos dizem que – embora ele

---

<sup>79</sup> Refiro-me, sobretudo, às magistrais obras de Leonildo Silveira Campos em “**Teatro, templo e mercado**” (1997) e de Ricardo Mariano em “**Pentecostais – Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil** (1999).

próprio tenha reservas com relação a esse ponto em particular – os *S* frequentemente são mais atraídos pelo Evangelho de Marcos (e Mateus, como veremos no capítulo 4) que pelos outros Evangelhos devido a forma como foi escrito. É conciso, específico e em ordem. Certo é que, de fato, a maioria dos *S* (tanto os *SJ* como os *SP*) querem que as coisas sejam claras, descomplicadas e “fincadas” factualmente na realidade. Isso não sugere que sejam incapazes de lidar com a complexidade, nem que sejam menos inteligentes. Apenas que, embora utilizem imaginação, a preferência deles é pelos *sentidos* e suas características principais são imediação, simplicidade e relevância.

Passemos agora para os principais aspectos da espiritualidade dos *N* (*iNtuitives*). Como já afirmamos, pessoas cuja preferência é por *N*, *tendem a ser orientadas para o futuro* – provavelmente mais inclinados a uma teologia da esperança (*Hoffnungstheologie*). Procuram olhar para as possibilidades (*Möglichkeiten*) atrás dos fatos e viver num mundo ainda não explorado. Estão sempre procurando novidades e esperando situações melhores. Essas preferências são formativas também na sua vida espiritual. Moldam e esculpem a sua abordagem para a adoração e a oração, bem como para o pensamento geral sobre Deus e o mundo. Estão mais preocupadas com o “grande quadro da existência”. Nutrem especial apreço por descrever uma cosmovisão (*Weltanschauung*), uma mundividência, um quadro geral do mundo (*Weltbild*). Estão menos preocupadas com detalhes e podem se entediar rapidamente com repetições, práticas, minúcias e com as circunstâncias presentes. São magneticamente atraídas por uma teologia ou espiritualidade do “ainda não” (*noch nicht*), por um reino ainda não instaurado, mas que no futuro manifestará as características de Deus – a justiça, a paz, a harmonia e a re-união das diversas partes, ora caóticas, da criação. Buscam participar do universo, têm visão prioritariamente transcendente de Deus e gostam de abrir a mente para novas possibilidades. Para os *N*, Deus é tão misterioso e maravilhoso que usar palavras para descrevê-lo significa negar seus atributos divinos ou, pelo menos, limitar o que ele é, pois mesmo as palavras não conseguem lhe dar sentido.

Os *N*, portanto, procuram *transformar* o mundo e por isso raramente estão satisfeitos. Tendem a estar sempre à procura de “melhores” maneiras de explorar o que significa ser um discípulo. Vivem insatisfeitos com a vida espiritual, o que pode ser desafiador e cativante, mas também, por vezes, irritante por causa da constante necessidade de querer desafiar e mudar tudo. Muitos líderes religiosos com esse perfil estão o tempo todo perguntando a si mesmos como podem consertar o mundo.

Os *N* gostam de pensar em muitas coisas ao mesmo tempo e suas orações tendem a perder foco. Quando um *N* para para orar e começa a pensar sobre o conteúdo da sua oração, muitas possibilidades lhe vêm à cabeça e reluta em seguir uma delas. E, como não gosta de rotina, é improvável que estabeleça um padrão. Os *N* gostam de falar sobre o futuro e, como são insaciavelmente curiosos, tendem a querer responder questões a respeito de tudo. Pouquíssimas coisas têm valor em si mesmo e quase tudo pode conduzir a outras possibilidades. Sentem que há risco de falhar ao agir, por isso estão mais interessados em pensar em alternativas e possibilidades! Isto é particularmente verdadeiro para aqueles *N* que também são *P*. Jung alertou que os *N* – especialmente os extrovertidos – são um tipo psicológico que gastam a vida toda em coisas e em pessoas, mas que, no fim, correm o risco de saírem vazios.

Os *N* são suscetíveis a orar por generalizações mais do que por particularidades e quando focam uma particularidade é para, muito rapidamente, torná-la uma oração geral outra vez. Um pedido para orar por uma criança em um hospital, por exemplo, pode conduzi-los a orar por todas as crianças nos hospitais, por todas as crianças que passam necessidade, por todas que passam perigo..., e então se torna uma oração pela paz mundial que vislumbra uma sociedade perfeita na qual todos viverão sem medo, sem dor e sem sofrimento.

Pessoas com preferência *N* estão inclinadas a acreditar que ler a Bíblia, ainda que considerem isso importante, é apenas um ponto de partida para refletir sobre um leque enorme de outras questões. Não é tanto a narrativa bíblica que importa, pois acreditam que Deus pode usar uma passagem da Bíblia para trazer outras coisas à mente. No louvor em público, os *N* podem complementar as leituras bíblicas com outra literatura que pode até suplantá-la.

Os tipos *N* podem ser *NT* ou *NF*. Os *NT* (*INTP*, *INTJ*, *ENTP* e *ENTJ*) estão inclinados a achar que sua vida devocional será melhorada pelo questionamento teológico e, por isso, procuram desenvolver uma espiritualidade que recorre a razão como base do pensamento e da reflexão. Já os *NF* (*INFP*, *INFJ*, *ENFP* e *ENFJ*), gostam de uma espiritualidade que envolve e valoriza a pessoa inteira. Os *N* frequentemente têm períodos alternados de entusiasmo e repouso e o mesmo acontece particularmente com sua espiritualidade. Podem ter períodos de intenso *insight*, devoção e atividade, seguidos de períodos de calma e silêncio que também, por sua vez, podem ser bem variáveis.

Aprendem a não ficar excessivamente preocupados nos períodos em que produzem pouco. Como qualquer pessoa, obviamente, um *N* pode tornar-se autoindulgente, inconstante ou simplesmente “difícil”! Pode haver ocasiões em que não dê atenção suficiente para as coisas importantes da vida e, conseqüentemente, achar que seu desenvolvimento espiritual sofre. Claro que isso acontece não porque é um *N*, mas porque é humano. Entretanto, essa característica tende a ser mais intensa em pessoas com esse tipo psicológico.

Os *N* Extrovertidos estão inclinados a estar preocupados com as possíveis transformações do mundo; desejam fazer mudanças consideráveis no ambiente externo, sempre procurando novas possibilidades no mundo das ideias e outras formas de entender e cooperar com Deus. Os *N* Introvertidos, por outro lado, podem ter menos preocupação em fazer mudanças “fora”; estão mais interessados em revisar a maneira de observar as coisas e procurar novos ângulos para entender a vida. A oração do *N* Introvertido pode ser muito profunda e pessoas que dominaram esta forma de oração são frequentemente respeitadas como escritores e mestres espirituais. Os *N* vivem em um mundo provisório, cheio de possibilidades excitantes e tendem a ver as coisas em grande escala. A salvação do mundo lhes é mais atrativa do que a salvação de uma única alma. Para os *N* o Evangelho de João é mais atrativo porque é rico em imaginário e simbolismo. É bastante difícil encontrar hinos que claramente trazem uma abordagem *N*. Porém, embora raros, registramos este, citado por Goldsmith, que se destaca:

I danced in the morning when the world was begun  
And I danced in the moon and the stars and the sun.  
And I came down from heaven and I danced on the  
earth;  
At Bethlehem I had my birth.  
Dance then, wherever you may be;  
I am the Lord of the Dance, said he,  
And I'll lead you all, wherever you may be.  
And I'll lead you all in the dance, said he.  
They cut me down and I leap up high;  
I am the life that'll never, never die;  
I'll live in you if you'll live in me  
I am the Lord of the Dance, said he.  
Dance then ...

(Apud GOLDSMITH, 1997, p. 67-68)

E o credo de um *N* pode ser semelhante a este:

Creemos em Deus,  
cujo amor é fonte de toda a vida  
e o desejo de nossas vidas.  
Cujo amor teve uma face humana  
em Jesus de Nazaré.  
Cujo amor foi crucificado pelo mal  
que se escravizou por todos nós  
e cujo amor, derrotando até a morte,  
é a nossa promessa gloriosa de liberdade.  
Portanto, ainda que algumas vezes estejamos amedrontados  
e cheios de dúvida,  
em Deus confiamos;  
e em nome de Jesus Cristo, nós nos comprometemos:  
a servir amorosamente aos outros,  
a procurar a justiça  
e a viver em paz,  
para cuidar da terra e compartilhar  
o bem comum da bondade de Deus,  
para viver na liberdade de Deus,  
no poder do espírito do amor,  
na companhia da fé  
e então seremos igreja  
para a Glória de Deus. Amém.  
(in GOLDSMITH, 1997, p. 69 – tradução livre)

Para um *N*, portanto, uma declaração de fé (credo) assim pode ser bem mais agradável que o credo tradicional. Algumas pessoas reagirão a isto com entusiasmo e se abrirão a novas ideias e possibilidades, outras reagirão preocupadas e questionarão sobre qual o valor *real* de uma descrição assim.

Goldsmith afirma que tem estudado profundamente os perfis do tipo psicológico *S* e *N* porque julga o tema importantíssimo para as igrejas na atualidade. Sobretudo porque a maioria dos líderes das igrejas provavelmente seja *N* e a maioria das pessoas em geral provavelmente seja *S*. Mas especialmente porque, talvez, de modo geral, muitos debates e controvérsias teológicas contemporâneas, na verdade, não são propriamente sobre teologia, mas podem ter mais relação com o modo como as pessoas encaram a vida e seu *typus* psicológico. (GOLDSMITH, 1997, p. 70).

O incidente relatado no evangelho de Marcos 4.35-41 é, talvez, um bom exemplo disso. Jesus está dormindo num barco e uma tempestade assusta os discípulos que estão com Ele. Segundo Goldsmith trata-se de um cenário bastante claro para um *S*. O texto é direto e conta fatos. Um *S* facilmente “vê” a cena e se identifica com ela. Jesus reprime a tempestade de maneira miraculosa e isso é para ele sinal concreto do seu poder e divindade. Já para um *N*, é muito difícil considerar esse incidente isoladamente, sem fazer deduções e devaneios amplos e gerais. Um *N* imagina que o episódio deve ser parte de um todo e precisa ser visto a partir de um contexto mais amplo. Pode lembrar, por exemplo, que no mundo antigo com frequência a água representava o caos, e então conclui que essa história, simbolicamente, conta que Jesus é capaz de reprimir a força do caos. E é só aí, pensa, que essa história ganha importância e sentido.

Embora ambos (tanto os *S* e como os *N*) vejam o milagre e entendam que a história é sobre o poder de Deus manifesto em Jesus, ainda assim podem lidar com o mesmo texto de maneira bem diferente e conduzir seus argumentos para lados distintos e até mesmo opostos, podendo gerar conflitos, discórdias e divisões dentro da igreja. Um *S* poderia ser acusado de simplismo e literalismo e um *N*, de negar a verdade histórica da Escritura.

## III.2 Keirsej, fatores J/P, tradicionalismo religioso e a virtude cardeal da *prudentia*

### III.2.1 A volta do tradicionalismo religioso<sup>80</sup>

Dedicamos este t3pico 3 an3lise (em torno do par J/P) de um dos mais importantes problemas religiosos da atualidade crist3: a aboli33o da virtude cardeal da Prud3ncia.

A nova direita, o neoconservadorismo, volta – por vezes agressivamente – a mostrar a cara, junto com tradicionalismos religiosos, que hoje n3o t3m mais receio em aparecer como tais.

Juli3n Mar3as falava de um fator das transforma33es que ocorrem nas sociedades a cada 15 anos, quando uma nova gera33o se manifesta com seu repert3rio de *vigencias*. Os programadores da rede Globo parecem seguir essa teoria: ap3s 15 anos de “Zorra Total”, esgotaram-se as velhas *vigencias* de humor (piadinhas ordin3rias de duplo sentido, estere3tipos de homossexualismo etc.) e s3o substituídos pelo novo “Zorra”, com novas tend3ncias menos popularescas. Ap3s 15 anos, sai do ar “A Grande Fam3lia”; Bial deixa o comando do BBB etc. E tamb3m o *P3nico na Band* (junto com os anos de *P3nico na TV*) cumpriu seus 15 anos e no dia 24-12-17 foi sua 3ltima edi33o.

Claro que o protagonismo dessas novas tend3ncias – inimagin3vel h3 15 anos – n3o se deve creditar a uma (mera) mudan3a geracional, mas a diversos outros fatores como a organiza33o de “movimentos”, o fomento de um manique3smo cultural simplificador – que, por exemplo, nos epis3dios de 2017 da exposi33o do Santander em Porto Alegre e o da performance do MAM em S3o Paulo, reduziram complexas formas de express3o ao r3tulo de “pedof3lia” –, a forma33o de uma “tropa” fanatizada que atende a palavras de ordem, ao sabor do 3dio fomentado nas redes sociais; etc.

A nova direita e os neoconservadores v3o proclamando suas vis3es religiosas. Neste t3pico, pretendemos discutir – 3 luz dos fatores de David Keirsej e visando a Educa33o – um aspecto dessa conjun33o: como o tradicionalismo religioso est3 enfocando

---

<sup>80</sup> Neste t3pico e no pr3ximo recolho pesquisas que realizei em parceria com a Profa. Dra. Chie Hirose.

a virtude da *prudentia*. E privilegiaremos o relacionamento ao fator J, do par keirseiano J X P.

Claro que essa situação pode ser analisada por muitos ângulos, como por exemplo, o problema do estado laico: em um comício Jair Bolsonaro já avisou que seu slogan “Deus acima de todos!” significa que “Não tem essa historinha de Estado Laico, não!”<sup>81</sup>.

### III.2.2 A clássica virtude da *Prudentia* – a virtude da decisão certa

O particular recorte deste tópico – a consideração da clássica virtude da *prudentia* – poderia parecer, à primeira vista, uma bizantinice acadêmica. Na realidade, trata-se de exatamente o contrário: o modo de considerar a *prudentia* tem o dom de manifestar toda uma visão de mundo.

Para evidenciar isto, porém, é necessário recordar o que é a autêntica *prudentia* (precisamente devido à enormes mal-entendidos é que a grafamos em latim...). E para isto, é natural que nos permitamos, neste tópico, o constante recurso aos estudos do maior especialista brasileiro em Tomás de Aquino e sua doutrina de virtudes: o Prof. Jean Lauand, especialmente em seu estudo introdutório às traduções que fez de Santo Tomás (Lauand 2014).

Começemos pelo principal fator de desorientação: nossa palavra “prudência” hoje não tem nada que ver com a clássica *prudentia*.

Como mostra C. S. Lewis<sup>82</sup>, dá-se frequentemente, sobretudo no campo da ética, uma autêntica inversão de polaridade<sup>83</sup>: aquela palavra que originalmente designava uma qualidade positiva, esvazia-se de seu sentido inicial ou passa até a designar uma qualidade negativa. Foi o que aconteceu, entre outras, com as palavras “prudente” e “prudência”. Atingidas ao longo dos séculos pelo subjetivismo metafórico e pelo gosto do eufemismo<sup>84</sup>; “prudência” já não designa hoje a grande virtude, mas sim a conhecida cautela (um tanto oportunista, ambígua e egoísta) ao

---

<sup>81</sup> cf. <https://www.youtube.com/watch?v=Cs0ISzdzZF0>

<sup>82</sup> É o tema de fundo de seu clássico *Studies in Words*, Cambridge at the Univ. Press, 1960.

<sup>83</sup> “The remarkable tendency of adjectives which originally imputes great goodness, to become terms of disparagement” op. cit., p. 173.

<sup>84</sup> Ibidem, cap. I. Cfr. também COPLEY, J. *Shift of Meaning*, London, Oxford University Press, 1961.

tomar (**ou ao não tomar...**) decisões. (Lauand 2014, p. VIII-IX), grifo nosso.

Essa perversão semântica não pode ocorrer sem drásticas consequências para a sociedade e, sobretudo, para as igrejas cristãs. É conhecido o princípio (Josef Pieper) que afirma que uma realidade só pode se manter viva se dispuser de uma palavra viva que a nomeie (e vice-versa). Como os cristãos podem viver a *prudentia* se não dispomos sequer de uma palavra em nosso léxico vivo para ela? E isso se agrava muito quando temos em conta que não se trata aqui de uma virtude qualquer, mas de uma das quatro virtudes que, desde sempre, têm sido consideradas virtudes *cardeais*, isto é, os 4 gonzos, eixos, que permitem abrir a porta da vida.

Nesse mesmo sentido, Julián Marías (1999):

Há uma coisa que me preocupa, e já o disse muitas vezes. Que, enquanto o vocabulário de uma área particular, de um campo profissional técnico, de um ambiente específico, na agricultura, por exemplo, ou na pecuária — enquanto esses vocabulários específicos possuem uma riqueza enorme, tudo o que um homem pode sentir por outra pessoa resume-se — em todas as línguas que conheço — a meia dúzia de palavras. Algumas positivas, como "amizade", "amor", "ternura", "simpatia", "carinho", e outras tantas negativas. Parece-me muito restrito. Eu tenho quatro filhos, já adultos, e eu os amo de quatro maneiras diferentes. Há uma variedade imensa do amor, e a língua não reflete essa variedade. É uma limitação esquisita. Talvez devido a uma certa desatenção pelos sentimentos, pelos conteúdos anímicos, em contraste com a refinada atenção dedicada às técnicas da agricultura, da medicina... E às mil maneiras de dar um chute numa bola! E isso porque há um interesse especial. Muitas pessoas gostam de futebol e precisam distinguir os diferentes matizes dessa atividade. E, em contraste, o que uma pessoa sente por outra — e é algo mais difícil, sem dúvida — não desperta tanto interesse. Eu fico muito perplexo com este fato.

A problematidade atinge níveis alarmantes quando nos damos conta de que na Tradição cristã (**a verdadeira, no singular e com maiúscula: que os tradicionalistas insistem em ignorar!**) a virtude da *prudentia* é **a principal** das quatro virtudes cardeais: e isso não como primeira *inter pares*, mas em um plano superior: como diz Tomás de Aquino, ela é a mãe das virtudes, *genitrix virtutum* (*In III Sent.*, d 33, q 2, a 5, c) e piloto das virtudes, *auriga virtutum* (*In IV Sent.*, d 17, q 2, a 2, dco).

E não se trata só de tradição católica: a maior unanimidade entre os cristãos evangélicos, C. S. Lewis, precisamente no clássico em que trata do “denominador comum” de todos os cristãos, *Mere Christianity* (2015), dedica inteiramente a seção III.2 às quatro virtudes cardeais: Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança.

E para complicar ainda mais, não se trata somente de um “esvaziamento” semântico da palavra, nem da mera ausência da palavra, mas de uma **perversão**, na qual a nossa palavra passa a significar o oposto da original. É um fenômeno analisado também por C. S. Lewis (1960, verbete *Simple*), que fala da “notável tendência” à inversão do sentido original de palavras fundamentais, que as levam – no curso do tempo – ao oposto de seu significado autêntico: foi o que aconteceu com simples, prudência etc.

E mais:

Se hoje a palavra *prudência* tornou-se aquela egoísta cautela da indecisão “em cima do muro”; em Tomás, ao contrário, *prudentia* expressa exatamente o oposto da indecisão: é a arte de decidir-se corretamente, isto é, com base não em interesses oportunistas, não em sentimentos piegas, não em impulsos, não em temores, não em preconceitos etc., mas, unicamente, com base na *realidade*: em virtude do límpido conhecimento do ser. É este conhecimento do ser que é significado pela palavra *ratio* na definição de *prudentia*: *recta ratio agibilium*, “reta razão aplicada ao agir”, como repete, uma e outra vez, Tomás.

*Prudentia* é ver a realidade e, com base nessa visão, tomar a decisão certa. Por isso, como repete Tomás, não há nenhuma virtude moral sem a *prudentia*, e mais: “sem a *prudentia*, as demais virtudes, quanto maiores fossem, mais dano causariam” (*In III Sent.* d 33, q 2, a 5, sc 3). Com as alterações semânticas, porém, tornou-se intraduzível, para o homem de nosso tempo, uma sentença de Tomás como: “a *prudentia* é necessariamente corajosa e justa”<sup>85</sup>. (Lauand 2014, p. X).

A virtude da *prudentia* recebe uma definição precisa e enxuta: *recta ratio agibilium* (I-II, 56, 3, inter coetera): reta razão aplicada às possibilidades de ação. É interessante notar que a principalíssima das virtudes cardeais é uma virtude intelectual!! Claro que não se trata aqui da *raison raisonnante*, mas da razão que sabe abrir-se à realidade e captar nela o que é o bem para esta situação concreta, pois se trata de um discernimento que procede da inteligência do “coração” de um homem bom (“por que pensais mal em vossos

---

<sup>85</sup>. *Nec prudentia vera est quae iusta et fortis non est.* I-II, 65, 1.

corações” - Mt 12. 25), que tem o olho são (simples, prudente) (“Se o teu olho for são, todo teu corpo será luz - Mt 6. 22).

De novo Lauand (2014, p. XI)

Mas este ver a realidade é somente uma parte da *prudentia*; a outra parte, ainda mais decisiva (literalmente) é transformar a realidade vista em decisão de ação, em comando: de nada adianta saber o que é bom, se não há a decisão de realizar este bem...

O nosso tempo, que se esqueceu até do verdadeiro significado da clássica *prudentia*, atenta contra ela de diversos modos: em sua dimensão cognoscitiva (a capacidade de ver o real, por exemplo, aumentando o ruído – exterior e interior – que nos impede de “ouvir” a realidade) e em sua dimensão prescritiva, no ato de comandar: o medo de enfrentar o peso da decisão, que tende a paralisar os imprudentes (pois, insistamos, a *prudentia* toma corajosamente a decisão boa!).

A primazia da *prudentia* assenta-se, assim, sobre sua capacidade de ver o bem e tornar essa visão em decisão de ação. E com isto ainda não explicitamos as imensas dificuldades que o tradicionalismo religioso terá com essa virtude.

### III.2.3 O tradicionalismo religioso e a virtude da *Prudentia*

A *prudentia* torna-se problemática para as religiões, quando, avançando um pouco mais na doutrina clássica, consideramos mais concretamente as características dessa virtude. Porque ela versa sobre o bem no “**aqui e agora**”, nesta minha situação concreta, a *prudentia* foge ao controle externo e é necessariamente qualidade de cada homem, de cada fiel, sem que haja possibilidade de padres, pastores, bispos, gurus etc. terem protagonismo nesse processo de decisão, que compete tão somente ao homem prudente.

Vale a pena, pela clareza, uma citação mais longa:

O "Tratado da Prudência" é o reconhecimento de que a direção da vida é competência da pessoa, e o caráter dramático da *prudentia* se manifesta claramente quando Tomás mostra que não há "receitas" de bem agir, não há critérios comportamentais operacionalizáveis, porque - e esta é outra constante no *Tratado* - a *prudentia* versa sobre ações contingentes, situadas no "aqui e agora".

É que a *prudentia* é virtude da inteligência, mas da inteligência do concreto: a *prudentia* não é a inteligência que versa sobre teoremas ou princípios abstratos e genéricos. Não! Ela olha para o “tabuleiro de xadrez” da situação presente, sobre a qual se dão nossas decisões concretas, e sabe discernir o “lance” certo, moralmente bom. E o critério para esse discernimento do bem é: a realidade! (2014, p. XII)

Lauand explica, assim, que o problema está em saber discernir, no emaranhado de mil possibilidades que esta situação me apresenta (o que devo dizer a este aluno ou a essa pessoa que me procura querendo orientação ou aconselhamento?, compro ou não compro?, caso-me ou não?, devo responder a este *mail*? etc.), os bons meios concretos que me podem levar a um bom resultado, à plenitude da minha vida, minha realização enquanto homem. E para isto é necessário ver a realidade concretamente. De nada adiantam os bons princípios abstratos sem a *prudentia* que os aplica - como diz Tomás - ao "outro polo": o da realidade (o que significa "amar o próximo" nesta situação concreta?).

Embora haja um certo e um errado objetivos, um “*to be or not to be*” pendente de nossas decisões, a condição humana é tal que – muitas vezes – não dispomos de regras operacionais concretas para decidir. Lauand (2014, p. XII)

Tal como para o bom lance no xadrez, há até critérios gerais objetivos... mas não operacionais concretos!

Com isto viemos dar no fato incontornável de que é unicamente ao indivíduo, ao fiel – e não à Igreja, não aos ministros, não ao diretor espiritual – a quem cabe decidir sobre sua vida, sobre as mil situações que se lhe apresentam no cotidiano. E isto, convenhamos, é intolerável para pastores que têm a pretensão de dominar a consciência dos fiéis de sua igreja.

Qualquer atentado contra a *prudentia* tem como pressuposto a despersonalização, a falta de confiança na pessoa, considerada sempre "menor de idade" e incapaz de decidir e, portanto, devendo transferir a direção de sua vida para outra instância: a Igreja, o Estado etc. Em qualquer caso, isso é sempre muito perigoso... (Lauand, 2014, p. XVIII)

Daí que muitos ministros religiosos prefiram suprimir de seu discurso a virtude da *prudentia* ou promover sua neutralização semântica!

E nessa tarefa encontram, em muitos casos, uma inesperada cumplicidade: a do próprio fiel. E é que a *prudentia* envolve um lado dramático, muito pesado: o fardo de tomar decisões. A imprudência é, acima de tudo, medo de decidir e é muito forte a tentação de delegar essa responsabilidade para a Igreja. Ainda mais em uma sociedade na qual somos “educados” – tristemente também muitas vezes pela escola – para a reprodução automática e para o definhamento da criatividade.

É dessa dramática imprudência da indecisão, que tratam alguns clássicos da literatura: do “*to be or not to be...*” de *Hamlet* aos dilemas kafkianos (o remorso impõe-se a qualquer decisão), passando pelo “Grande Inquisidor” de Dostoiévski, que descreve “o homem esmagado sob essa carga terrível: a liberdade de escolher”<sup>86</sup> e apresenta a massa que abdicou da *prudentia* e se deixa escravizar, preferindo “até mesmo a morte à liberdade de discernir entre o bem e o mal”<sup>87</sup>. E, assim, os subjugados declaram de bom grado: “Reduzi-nos à servidão, contanto que nos alimenteis”<sup>88</sup>. Lauand (2014, p. XIII-XIV)

### III.2.4 As preferências: J x P

Neste caso, nem vale a pena indicar os significados das abreviações *J* e *P*, que poderiam desorientar o leitor. Baste-nos resumir dizendo que a preferência *J* é por situações bem ordenadas, com tempo, prazos, procedimentos, lugar etc. determinados; enquanto o *P* prefere situações abertas, com possibilidade de imprevisto e *easygoing*.

Para o par *J/P* na religião, também apoiar-nos-emos em Goldsmith.

Analisemos agora também – ainda que muito brevemente – os principais aspectos da espiritualidade dos tipos *P* e *J*. A primeira e mais importante consideração a fazer sobre os tipos psicológicos *P* e *J* é que é bastante difícil perceber quais são suas preferências. Não se pode afirmar dos *P* e dos *J* o que se afirma dos demais tipos. Os tipos *T* e *F*, por exemplo, são em si mesmos *processos de julgamento* e todo mundo tem uma preferência por um ou por outro e as preferências *S* e *N* são *processos de percepção* e todo mundo tem

---

<sup>86</sup>. DOSTOIÉVSKI, Fiódor M. *Os Irmãos Karamázovi* São Paulo, Ouro, s.d., p. 226.

<sup>87</sup>. Ibidem, p. 225.

<sup>88</sup>. Ibidem, p. 224.

uma preferência por um ou por outro. Porém, a respeito dos tipos psicológicos *P* e *J* é possível fazer apenas uma ou duas observações gerais.

Pessoas com preferência *P* são capazes de lidar bem com situações abertas e se abrem a diferentes caminhos; tentam rotas diferentes e podem conviver satisfatoriamente bem com uma quantidade considerável de ambiguidades. Uma das principais características desse temperamento é o gosto pela liberdade de ação. Por isso, pessoas com esse temperamento, são hábeis em situações de crise, que exigem ação improvisada. Evidentemente, os desdobramentos para a espiritualidade destas pessoas são muitos. Basta inferir que pessoas do tipo *P* desenvolvem sua espiritualidade voltada ao espírito ecumênico e ao acolhimento pacífico de novos e diferentes dogmas e se adaptam com agilidade às polifonias e polissemias da linguagem religiosa.

Os tipos psicológicos com preferência *J*, diferentemente dos *P*, são pessoas que gostam das coisas “certinhas”; buscam a estabilidade, tanto dentro da organização quanto fora dela, tendo uma imagem de responsabilidade social, institucional e familiar; não gostam de viver na ambiguidade. São atraídas para formas mais “definidas” na espiritualidade e tendem a estar menos abertas a explorar coisas novas. Quando encontram uma igreja *apropriada*, tendem a desenvolver grande lealdade e relutam fazer qualquer mudança. Quando feitas, as mudanças são bem pensadas e ordeiras. O risco para uma pessoa do tipo *J* é ser mais suscetível a cair em pista falsa e seguir um padrão de espiritualidade menos ajustado a ela. Já que não gosta de ambiguidades, deseja escolher rapidamente e depois seguir em frente mantendo a estabilidade. Essa característica tem sido sugerida, porém, afirma Goldsmith, não há evidências que a confirmem. (GOLDSMITH, 1997, p. 81)

A espiritualidade – como também em boa medida os demais âmbitos da vida humana – sofre da tentação de achar que melhor seria a exclusividade do seu jeito de ser, pensar, dizer e fazer as coisas; e de torcer o nariz para tudo o que não é o *seu* modo de ver as coisas. Por isso entendemos que a teoria keirseyan dos temperamentos pode ser um poderoso instrumento para iluminar o delicado problema do equilíbrio entre os diferentes tipos psicológicos, também para o campo religioso – e quem sabe um extraordinário recurso, particularmente para os líderes para lembrá-los que *in medio virtus* – onde o desejo mais profundo é o de compreensão... Como bem sintetizou DK: “*Please, understand me*”!

### III.2.5 Ainda os fatores J/P de Keirsey: a tomada de decisões e os tradicionalistas

Como sabemos, David Keirsey propôs sua psicologia da personalidade em uma tipologia que distingue 4 temperamentos e 16 tipos, baseados em combinações dos pares de distinções de preferências, que remontam à também famosa proposta de Myers-Briggs (que, por sua vez, remetem a Jung): E/I, S/N, F/T e J/P.

O problema de que nos ocupamos aqui, o da decisão, é precisamente o da distinção J/P. Como alguém se sente ante uma decisão tomada / situação aberta é, para Keirsey (1984, p. 22 e ss.) a base da distinção entre a preferência J (de *Judging*) e a preferência P (de *Perceiving*), indicando que aqueles preferem a conclusão e a resolução de um assunto; enquanto estes preferem manter opções abertas e fluidas.

Até mesmo em seu *Sorter*, Keirsey (1988, p. 6) na pergunta 28 vai direto ao ponto da distinção entre J e P:

28. Are you more comfortable  
\_(a) after a decision \_(b) before a decision

Certamente, as preferências, os temperamentos e os tipos, são rigorosamente neutros do ponto de vista ético (pode-se ser santo ou pecador sendo SP, SJ, NF ou NT; J ou P etc.). Mas isto não impede que – sempre mantendo a neutralidade ética de princípio – haja uma maior tendência para este ou aquele tipo em lideranças religiosas: se nos atemos, por exemplo, ao par E/I (extroversão / introversão), evidentemente haverá muitos mais ministros E do que I (sem que isto nos informe nada sobre a qualidade religiosa desses sujeitos).

Assim, parece-nos que haja uma maior tendência entre líderes religiosos tradicionalistas para a preferência J, das decisões tomadas, que melhor “conecta com um aspecto externo que prefere a arrumação e a ordem: horários, datas, planejamento etc. enquanto o P propende mais ao ‘deixa a vida me levar’” (Lauand 2018, p. 31).

O fator J é aquele que expressa a preferência por situações de decisão tomada, fechadas, que se sente incômodo com a indeterminação. Em uma surpreendente e felicíssima tirada, o famoso cineasta Michael Moore associou esse fator J ao voto republicano em Trump (e, claro, podemos aplicar esses argumentos ao tradicionalismo religioso). Pouco antes das eleições americanas, ele gravou um *stand up* – “Moore in Trumpland” – na cidadezinha de Wilmington, reduto republicano, com 90% de eleitores de Trump. Dirigindo-se a eles, disse:

You know, these Trump voters, my friends, are going to be up 5:00 in the morning on Election Day. They're up at 5:00 in the morning a lot. The only time we see 5:00 in the morning is when we've been up partying all night. That's—that's 5:00 in the morning. Yeah, right.

Come on, everybody in here has got a conservative in the family, right? Many of you brought that person with you here tonight—a brother, a father, an uncle, a brother-in-law (...). And they are the organized one in the family. They never lose their car keys. The conservative—they've got little hooks in the—by the back door, with a label on each hook. That's my beamer (BMW) key. That's my F-150 key. That's the key for the car Matthew McConaughey [Oscar 2014 hoax que apoiou Trump] drives. Our side, we're like—this is how we—this is how we sound. This is how we sound: "So, uh, where do you want to go eat tonight?" "I don't care. Where do you want to go?" "I don't know, wherever you want to go." "No, no, no, no, you picked last time." "No, I—seriously, wherever you want." This is like—this is like—the conservatives, they're like, "Get in the car! We're going to Outback! Get in there!" Decisive! Organized! Disciplined! You've got to admire that about them. (cit. em Lauand 2017, 30-31).

É evidente que, como temos insistido até aqui e o faremos até o final do presente estudo, em todos os tipos, mesmo naqueles em que há grandeza e inteligência, naturalmente, podem se destacar tanto virtudes como disfunções intoleráveis. “Decisive! Organized! Disciplined!” é não só o típico eleitor republicano de Trump, mas também o nosso pregador tradicionalista. É o que veremos ainda com outros exemplos em seguida.

### III.2.6 Ainda o par J/P: os tradicionalistas e a supressão da *prudentia*

A conexão entre o tradicionalismo religioso e a preferência J fica mais clara quando ponderamos com Lauand (2014, p. XI)

Uma das mais perigosas formas de renúncia a enfrentar a realidade (ou seja, a renúncia à *prudentia*) é trocar essa  **fina sensibilidade de discernir** o que, naquela situação concreta, a realidade exige por critérios operacionais rígidos, como num “Manual de escoteiro moral” ou, no campo do direito, num estreito legalismo à margem da justiça.

Seguindo esse raciocínio de Lauand, encontraremos características do radicalismo religioso. Tal como o "Ministério do Vício e da Virtude" do regime Taliban, algumas comunidades cristãs - em vez de afirmar o direito (e o dever) do fiel de discernir o que é bom em cada situação pessoal concreta - simplificam grosseiramente: em caso de dúvida, é pecado e pronto! Além de estabelecerem – por vezes, literalmente – milhares de preceitos em seus códigos, capazes de fazer inveja ao mais fanático dos fariseus.

Nesse sentido, vale recordar a triste figura do fundador dos Arautos do Evangelho, Mons. João Clá (em 2017, afastado – por escândalos – da direção da instituição...). Há cerca de 15 anos, em uma entrevista para o Fantástico,<sup>89</sup> comandando um duro “exercício militar” para seus jovens monges, no estilo do treinamento da “Tropa de Elite”, ele declarava:

Me encantou sobretudo o Regulamento Disciplinar do Exército, o RDE. É um... calhamaço [nesse ponto, o religioso fala com entusiasmo e emoção], cheio de regras e regras e regras e regras. (vídeo completo em <https://www.youtube.com/watch?v=qB7l5Uj1At4>)

Nesse mesmo vídeo, pode-se ver um dos Arautos, lendo o capítulo X do livro de Regras da ordem:

“Do modo de lavar as mãos.”

---

<sup>89</sup> Recentemente (19 de outubro de 2019) mais uma ampla reportagem foi ao ar e está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=vLFTW8CTXUo> O ministério público de São Paulo investiga a organização católica por denúncias de alienação parental, abuso sexual, racismo e maus tratos.

Molhar as mãos, impregnar de sabão a palma das mãos, friccionar as palmas e depois o dorso. Primeiro a mão direita sobre a esquerda; depois a esquerda sobre a direita, sucessivamente.

“Do modo de pentear-se”

Umedecer os cabelos e aplicar fixador, se precisar. [...]

Tudo isto aprovado solenemente pela Igreja Católica!!! Logo o Vaticano, que sempre primou pela seriedade...



Arautos e Arautas em desfile (religioso ou paramilitar?)

<https://www.youtube.com/watch?v=QR5PBvCe8Y>

Na mesma linha da supressão da *prudencia*, de não deixar nada ao discernimento do fiel, está a atuação da Cúria Romana, na elaboração do Catecismo da Igreja Católica. Como se sabe, a versão definitiva desse Catecismo (1997), foi feita só por membros da Cúria, presididos pelo então Cardeal Ratzinger (notadamente um acentuado J!). O texto base foi o Catecismo (provisório, de 1992) elaborado por uma comissão de cardeais e bispos, que receberam contribuições de milhares de bispos e teólogos de todo o mundo.

Emblemático nessa mudança promovida pelo Cardeal Ratzinger é o veto ao ponto 2532 (sobre a culpa no ato de masturbação) da versão provisória de 1992 (C-92):

Outro exemplo: nas edições espanholas, algumas mudanças de C-92 para CIC aparecem ainda mais acentuadas. Como no caso do ponto 2352, no qual C-92 indicava a necessidade de se levar em conta na avaliação moral da masturbação diversos fatores psíquicos ou sociais “*que reducen, e incluso anulan la culpabilidad moral*”; formulação que, em CIC, foi substituída por: “*que pueden atenuar o tal vez reducir al mínimo la culpabilidad moral*”.

Na substituição de “reduzem” por “podem atenuar”, a introdução do “podem” é de efeito psicológico, pois, uma vez que são subjetivos os fatores atenuantes (“imaturidade afetiva, força dos hábitos contraídos, o estado de angústia ou outros fatores psíquicos ou sociais”), sua função parece ser só a de manter a sensação de culpa (o fiel não pode excluir a culpa, auto-avaliando fatores subjetivos). Como também a substituição de “anulam a culpabilidade moral” por “talvez reduzir ao mínimo a culpabilidade moral”. Afinal, a própria existência do sacramento da confissão, em diálogo vivo entre penitente e confessor, pressupõe que a culpabilidade moral não é medida discretamente por pontos na carteira como nas infrações de trânsito, que vão desde as gravíssimas (7 pontos), passando pelas grave e média, até a leve, punida com os *mínimos* 3 pontos. A culpa moral, bem como seus atenuantes ou *excludentes*, pertencem ao delicado âmbito da consciência e não podem ser observadas com a operacionalidade de um radar que fotografa uma invasão de faixa de pedestres ou a de um bafômetro que indica a presença de álcool no sangue em índices superiores a 0,05 mg/litro. (Chadarevian 2015, p. 7)

Evidentemente, como sabemos, a forte tendência à supressão da *prudentia* nos fanatismos religiosos, não é nova. Talvez o caso mais antigo no cristianismo (e certamente um dos mais emblemáticos) seja o de Tertuliano<sup>90</sup> (a quem Santo Tomás chamou de *haereticus, Tertulianus nomine*). Josef Pieper (2010, 243), afirma que é com Tertuliano que se começa a notar a tendência de legislar sobre os atos externos, principalmente sobre os que têm relação com a castidade. Entre inúmeras outras regras, Tertuliano impôs aos fiéis dias de jejum e de abstinência, o véu às mulheres e às moças e a proibição de frequentar os espetáculos. Uma clara perversão da consciência individual na qual não se reconhece que a direção da vida é competência inalienável da pessoa.

### III.2.7 Considerações conclusivas sobre o par J/P

Como vimos, a supressão da virtude da *prudentia* em discursos religiosos contemporâneos parece estar ligada ao medo (o medo é sempre uma característica dos radicais religiosos...): o medo de deixar as decisões morais de sua vida ao discernimento do próprio fiel, sempre considerado um incapaz.

---

<sup>90</sup> Teólogo cristão que viveu em torno do ano 200, um dos patriarcas do cristianismo primitivo. À luz da teoria keirseyaniana certamente um pregador tradicionalista com forte preferência J.

Surgem então calhamaços de regras e proibições, no zeloso afã de impedir o pecado, ajudar os cristãos a garantir a salvação... Ou a usurpação da consciência pessoal, pela abusiva intromissão de pastores, padres etc. que se arrogam o direito de determinar o que o cristão deve fazer naquela sua situação concreta.

E quando, nas raras vezes em que se trata da prudência, não se fala de seu caráter dramático, do protagonismo da decisão pessoal, do peso da decisão, do caráter não determinado (ao menos operacionalmente) da *recta ratio* diante do *agibilium*. É o que faz o famoso Pe. Paulo Ricardo, em suas conferências sobre o tema ([youtube.com/watch?v=fKSAX18QNzk](https://www.youtube.com/watch?v=fKSAX18QNzk) e <https://padrepauloricardo.org/episodios/a-prudencia>): a prudência é vista sobretudo como afirmação (bem ratzengeriana) de uma verdade objetiva ante o deletério relativismo moral contemporâneo... Para nós, não há dúvidas: é simplesmente impossível viver sem riscos e se os educandos ou fiéis, mesmo apesar de todas as orientações, erram, pelo menos que aprendam com os erros e ganhem experiência – não podemos e nem queremos criar plantas de estufa.

Lembrando que o maior tomasiano de nosso tempo, Josef Pieper, negava a possibilidade de um “tomismo”, precisamente pela abertura do pensamento de Tomás e seu caráter “negativo” (“nenhum filósofo jamais chegará a compreender sequer o que é uma mosca”). E isso se confirma quando vemos que, na Igreja Católica são precisamente os conservadores “tomistas” os que se empenham em ignorar os ensinamentos do “*Doctor communis*” sobre a principal das virtudes cardeais.

### III.3 Keirsey, tradicionalismo religioso e o fator T (/F)

#### III.3.1 Os fatores T e F de Keirsey

No tópico anterior discutíamos alguma relação entre a preferência J, na tipologia keirseyana, e o conservadorismo religioso. Neste, discutiremos a possível relação entre este e o fator T, do par T x F, proposto por Keirsey.

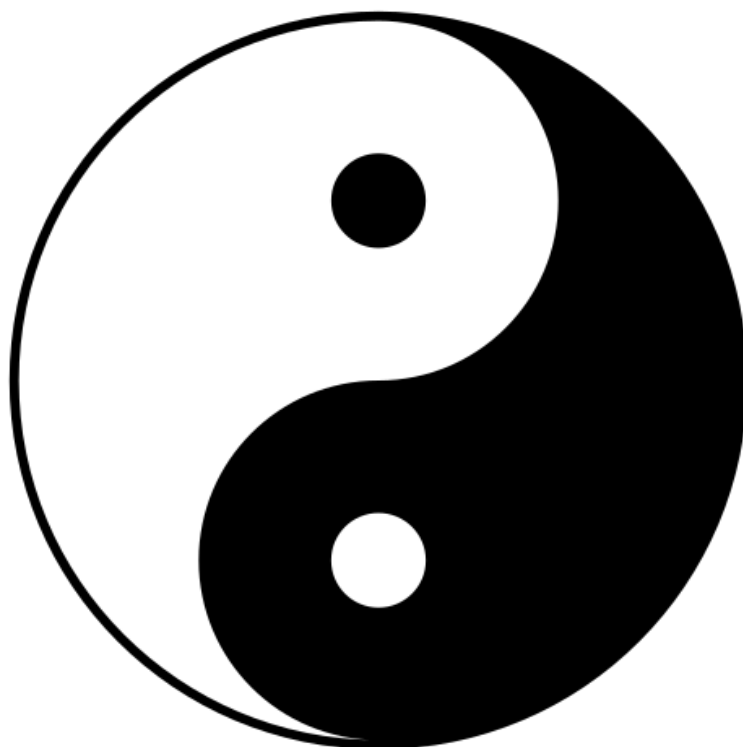
Comecemos por recolher a breve apresentação que desses fatores faz Lauand (2018, 27 e ss.)

As preferências F / T referem-se à instalação na vida (percepção, relacionamento, decisões etc.) a partir de uma perspectiva “pessoal” (F de *feeling*), valorizando as emoções, os sentimentos, a consideração das circunstâncias da pessoa, a abordagem emotiva e pessoal em contraposição a uma preferência T (de *thinking*), que valoriza a “objetividade” das coisas, a abordagem fria e impessoal: o que racionalmente deve ser feito. No limite, a oposição entre: o calor do coração e a frieza da razão. [...]

Evidentemente para a vida e para o convívio social em geral são necessárias as duas posturas (embora cada um seja tentado a achar que melhor seria a exclusividade de sua preferência...).

O delicado problema do equilíbrio entre os dois polos é lançado já no século XIII por Tomás de Aquino: sim, a justiça é a coluna vertebral que sustenta a sociedade, mas a fria justiça T necessita do contraponto F da misericórdia: “*Iustitia sine misericordia crudelitas est; misericordia sine iustitia, dissolutio*” (Cat. Aur. in Mt, cp5 lc 5): “a justiça sem misericórdia é crueldade; a misericórdia sem justiça é dissolução”.

Essa aguda colocação de Tomás – sobre a necessária complementação e harmonização entre fatores opostos – vem ao encontro da, também muito feliz, observação de Edgar Morin (2002, p. 53), a propósito do símbolo da doutrina de Lao Tsé:



Escolho esse símbolo porque ele exprime para mim o mais profundo, a impossibilidade de desunir duas ideias contrárias. [...] O que é interessante é que eles são não só complementares, mas que um *está* dentro do outro.

Morin lembra também Heráclito:

Reencontramos Heráclito que dizia: “Deus é dia e noite, inverno e verão, guerra e paz, abundância e fome”. Com efeito, Heráclito é o pensador típico da união dos contrários. (p. 54).

O que poderíamos, para a oposição de que nos ocupamos, complementar dizendo: “e também amor e justiça, fator F e fator T”. A verdadeira convivência humana se dá na harmonização dos contrários, também no importante âmbito dos temperamentos.

Voltemos às análises de Keirsey: para ele o par F x T é o único para o qual (Keirsey 1990, p. 23) se registra uma distinção de incidência em nossa sociedade: 60% dos homens têm a preferência T e 60% das mulheres a preferência F.

As pessoas que usam a preferência F como base de suas decisões manifestam por vezes que o grupo T são pessoas “sem coração”, “insensíveis”, “frias”, “inacessíveis”, “intelectos que carecem do leite da bondade humana”, “gente que tem gelo nas veias”. Por outro lado, os que se inclinam por decisões impessoais (T) por vezes comentam que o grupo F são pessoas “sem firmeza”, “demasiadamente emotivas”, “sem lógica”, “manteiga derretida” e “coração mole, de gelatina”.

### III.3.2 A religião e as preferências pessoais

Assim, genialmente, Tomás de Aquino fala da necessária complementaridade dos fatores T e F, e do perigo da absolutização de um deles.

A sentença há pouco citada de Tomás de Aquino já antecipa também as divisões de “preferências” religiosas (de “escolha” de uma religião ou de uma determinada corrente dentro de uma religião).

É perfeitamente natural e legítimo que uma pessoa tenha suas preferências religiosas: que seu modo de ser se ajuste melhor a esta ou àquela denominação e, mesmo dentro de uma mesma igreja, seja mais atraída por este ou por aquele aspecto: da doutrina, da liturgia, da pastoral, do modo como viver o amor ao próximo etc. Em recente estudo de nosso grupo de pesquisas (<http://www.hottopos.com/isle28/137-154EnioSylvioF.pdf>), víamos como na mesma igreja, São Francisco de Assis e São Bento de Núrcia, dois extraordinários expoentes do catolicismo tinham modos de ser (e de viver genuinamente a religião) totalmente diferentes: este um ISTJ cabal; aquele um ISFP irretocável. E os dois são grandes santos que a Igreja propõe como exemplos e modelos para seus fiéis. Como lembra o Prof. Lauand, quando Cristo diz “*Eu sou o caminho*”, a palavra semita para caminho (*derek* em hebraico, *táryq* em árabe) não se refere a um caminho de ferro como o dos trilhos do trem, literalmente bitolado, nem sequer a uma rodovia pavimentada, como a via Dutra, mas ao caminho que cada um faz a seu modo, imitando o Mestre:

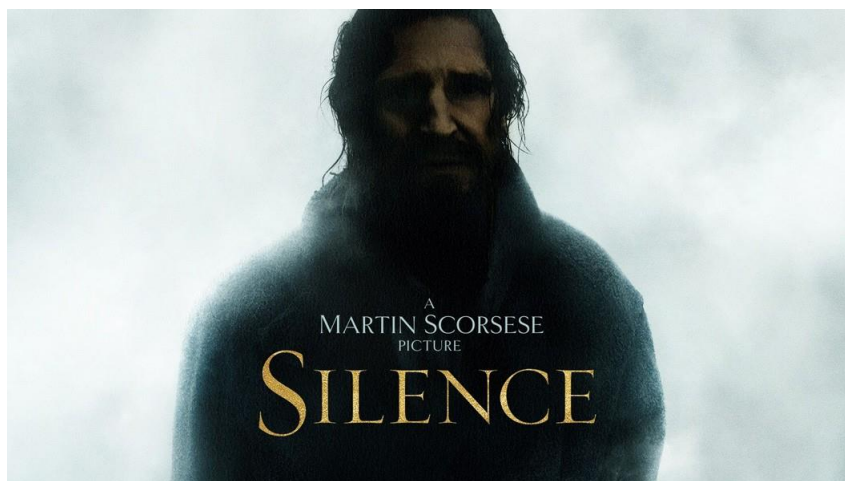
O Oxford English Dictionary (OED), indica em suas etimologias algumas palavras que estenderam seu sentido sob influência da Bíblia. É o caso do inglês *way*: o caminho (*derek*), que na perspectiva semita não está pré-determinado e não comporta uma tradução como a que temos que repetir nas missas: “Caminhamos pela estrada de Jesus!” Para aquele povo do Oriente, o caminho (e Jesus é o caminho - Jo 14,6) é o de cada um: não há rodovias no deserto... Não por acaso, *derek* significa também o jeito pessoal de cada um fazer as coisas: uma acumulação semântica que foi parar no inglês *way* (Lauand 2016, p. 150)

Dizíamos ser perfeitamente legítimo que cada um tenha suas preferências na religião. Mas, para nossa análise, é importante uma distinção feita por Marías (1995, p. 16) e que pode ajudar-nos a compreender possíveis desvirtuamentos da religião, também com base nas preferências keirseyanas.

Marías começa por lembrar o óbvio: o cristianismo é uma religião! E o problema de nosso tempo é que o “cristianismo tende a não funcionar primariamente como *religião*, mas como outras coisas que *também* é (ou pode ser): moral, ideologia, interpretação da realidade, princípio de convivência, fundamento de uma sociedade, instrumento de poder...”. Perde-se e desvirtua-se a perspectiva da fé: “(Deus) é tomado como ‘ponto de partida’ para ir a outras coisas, que são as que **verdadeiramente interessam**” (1995, p. 16, grifo nosso).

Esse desvirtuamento pode se dar de diversas formas: desde as aberrações “religiosas”, do tipo Ku Klux Klan ou Estado Islâmico, até a modos mais sutis e menos perceptíveis.

O recente filme “Silêncio” de Martin Scorsese,<sup>91</sup> baseado no romance de mesmo nome do escritor japonês católico Shūsaku Endō, publicado em 1966, que analisa aspectos da conversão (e martírio) dos japoneses no século XVII e discute a questão de se por trás da incrível coragem para o martírio naqueles neófitos há verdadeira fé ou antes um apego supersticioso a símbolos da fé: imagens, estátuas, crucifixos, rosários ou até aos próprios padres. É a “fé” que se dá no pântano, onde o cristianismo não pode criar raízes, como adverte o sádico Inquisidor Inoue ao jesuíta Rodrigues.



<https://www.b9.com.br/68389/assista-ao-trailer-de-silence-novo-filme-de-martin-scorsese/>

Será que todos aqueles que praticam “devoções”, pagam promessas, ou “idolotram” a Bíblia (ou pastores...) estão querendo viver verdadeiramente a religião cristã?

E há também outro aspecto (outro núcleo temático) tremendamente relevante apresentado no filme que é o que acontece com os padres. Eles mesmos são profundamente transformados no modo de ver, de sentir e de viver a transcendência. Alguém que tenha abandonado a igreja não necessariamente abandona Deus. Esse aspecto significativo é

---

<sup>91</sup> Considerado um dos grandes nomes da indústria cinematográfica americana e mundial. Responsável por grandes filmes, ganhou quatro Oscar, em muitos deles, traz o selo de sua devoção católica.

retratado não na questionável conversão do povo japonês pela pregação cristã, mas na extraordinária mudança (uma autêntica ‘conversão’) dos próprios padres missionários, mostrando que um homem pode perfeitamente ser um apóstata perante a igreja e continuar tendo o coração em Deus. Uma variação desta concepção de Deus que está não apenas *no meio* dos homens, mas na natureza, é a base – e o padre Ferreira lembra isso ao novato Rodrigues – do modo como o povo que a tanto custo os padres jesuítas tentaram converter no Japão entende a transcendência. A maior traição de Ferreira à igreja é precisamente a sua abertura a um entendimento diferente do que é a divindade. E esta pode não ser explicitamente uma posição contra a igreja – ainda que seja uma forma de subversão – pois certamente a compreende, mesmo que faça de conta que não. E esse sentido profundo é capturado, a meu ver, de modo extraordinário por Scorsese no prefácio do livro para a língua inglesa ao dizer que “*o Silêncio é a história de um homem que aprende – tão dolorosamente – que o amor divino é mais misterioso do que imagina: que Ele deixa muito mais aos caminhos humanos do que percebemos; e que Ele está sempre presente...mesmo em seu silêncio*”.<sup>92</sup>

### III.3.3 O fator F e o servir religioso (e uma possível disfunção)

Uma das distorções que envolve a disfunção do fator F é um caso tratado no livro *O Grande Abismo*, de C. S. Lewis.

Nele, algumas pessoas, que acabaram de morrer, são submetidas a um juízo para decidir seu destino eterno: se querem realmente ir para a união com Deus. No capítulo XI, apresenta-se o caso de Pamela, a mãe que tudo o que quer é rever seu filho, que morreu antes dela e já está com Deus. O anjo que dialoga com os recém-chegados tenta convencê-la de que é necessário amar a Deus. Ela se declara disposta a aceitar o que for necessário (“quanto antes, melhor”) para a única coisa que lhe importa: estar com seu filho. O anjo explica que assim não é possível: Deus não pode ser um meio para alcançar seu objetivo: ela teria que desejar a Deus por si mesmo. Ante essa intransponível dificuldade, a mãe

---

<sup>92</sup> Scorsese, Martin. *O silêncio*, 2011, p. 9.

termina por afirmar que seria perfeitamente feliz, mesmo no inferno, desde que pudesse estar com seu amado filho...

Sempre que se fala em tipos psicológicos é necessário relembrar que eles são em si “neutros” – como o são também a atração sexual, a lateralidade dominante (destra ou canhota) etc. –; não é superior (em termos de ética, dignidade etc.) este ou aquele tipo: a ética está nas escolhas do indivíduo.

É o que vemos no desenho russo dos estúdios Animaccord, Masha e o Urso, de imenso sucesso mundial (no youtube há episódios com bilhões de visualizações!). A genialidade do enredo está em vestir os personagens centrais (de um conto tradicional do folclore russo) como uma acentuada ESTP (a travessa menininha Masha) e seu amigo Urso, um ISFJ cabal.

Assim, o Urso ao longo das dezenas de episódios (transmitidos no Brasil pela TV Cultura, SBT, Boomerang e Cartoon Network) cumpre exemplarmente seu papel de protetor, educador, companheiro e, sobretudo, como cuidador (ISFJ).

Em distintos episódios, o Urso cria uma escolinha só para Masha, alimenta-a, pacientemente ensina-a a tocar piano, afasta-a dos perigos etc. Ambos são imensamente felizes nessa relação.



<https://www.youtube.com/watch?v=2iD71AhLDQM>

O episódio 52, episódio final da segunda temporada do desenho (<https://www.youtube.com/watch?v=2iD71AhLDQM>) – “Te vejo depois” – traz um dilema semelhante ao da Pamela de Lewis. Chegou a hora de Masha, já crescadinha, deixar o rincão siberiano para ir para Moscou com sua priminha. Há um jantar de despedida na casa do Urso e todos estão tristes pois Masha é (era...) a alegria da turminha. Ela fica para dormir na casa do amigão, mas o Urso, deprimido e insone, não consegue imaginar sua vida sem ter de cuidar da pequerrucha. Então, em um primeiro momento, sucumbe à tentação de sabotar a partida de Masha e chega a atrasar o despertador para que ela perca o trem. Mas, depois, dá-se conta de seu egoísmo e se penitencia, levando a menina, à toda velocidade, até o trem.



<https://www.youtube.com/watch?v=2iD71AhLDQM>



<https://www.youtube.com/watch?v=2iD71AhLDQM>

Tendo partido o trem, o Urso, após um momento de desconsolo, nota que a porquinha da Masha está precisando de seus cuidados e, um minuto depois, já está feliz novamente, brincando com sua nova “afilhada”.

Quando tudo corre bem, o fator F é responsável por maravilhosas iniciativas religiosas, como a incrível vocação de serviço de uma Madre Teresa de Calcutá, a grande santa ISFJ, de quem o Papa Francisco, na cerimônia de sua canonização, fez notar que (o português é uma rara língua na qual a acumulação semântica Mãe/Madre não funciona) o povo não a chama de Santa Teresa, mas *Madre*, mãe.

Ela mesma conta o caso, acentuadamente F, de profunda *sym-pathia* (compartilhar o sofrer), transcendendo os ódios entre hindus e muçulmanos na Índia:

Nunca esquecerei a noite em que um homem veio à nossa casa para contar-nos o caso de uma família hindu de oito filhos. Não comiam há vários dias. Pedia-nos que fizéssemos algo por eles, de modo que tomei um pouco de arroz e fui vê-los. Vi como brilhavam os olhos das crianças por causa da fome. A mãe tomou o arroz de minhas mãos dividiu-o em duas partes e saiu. Quando regressou, perguntei-lhe aonde tinha ido. Respondeu-me: "Eles também têm fome". Ela sabia que os vizinhos da porta ao lado, muçulmanos, tinham fome. Fiquei mais surpresa por ela saber do que pela ação em si mesma. Em geral, quando sofremos e quando nos encontramos em uma grave necessidade não pensamos nos demais. Aquela mulher, em seu terrível sofrimento físico, sabia que a família vizinha também estava com fome (Mother Teresa 1997, p. 337-8)

### **O fator T na religião: a “defesa da verdade”**

A citada sentença de Tomás de Aquino já antecipa as divisões de “preferências” religiosas (de “escolha” de uma religião ou de uma determinada corrente dentro de uma religião). Em outro artigo de nosso grupo de pesquisas, tipificávamos essas atitudes, nas emblemáticas figuras dos dois papas da atualidade:

Se o acentuado fator T de Thatcher a levou a ser apelidada de “Iron Lady”, pela mesma característica Joseph Ratzinger o foi de “Cardeal Panzer”, “Rotweiller de Deus” ou “*Cardinal No* (Cardeal Não)”. Não é de estranhar que sua preocupação maior fosse com a integridade doutrinal, a “verdade católica”, missão que desempenhou por vinte e

quatro anos como Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (sucessora do “Santo Ofício” e da Inquisição).

Se Bento XVI manifestava o fator T, Francisco (já na escolha do próprio nome) insiste no fator F, é o papa da compreensão e da bondade, da misericórdia – e neste Ano da Misericórdia abriu muitas possibilidades nesse sentido –, mas que sabe ser duro e intransigente no combate à corrupção e às disfunções da Cúria Romana, como quando lançou seu mote de reforma: “mais profecia e menos burocracia”. (<http://www.hottopos.com/isle28/137-154EnioSylvioF.pdf>).

Multiplicar-se-ão, *ad infinitum*, as discussões entre os T e os F, os embates entre Verdade e Justiça, de um lado; Misericórdia e Compreensão, do outro. Sempre na clave: “sim, mas...”: - O Evangelho diz: “*Quero misericórdia, não sacrificio...*” (Mt 9.13). - Sim, mas diz também: “*É a verdade que vos libertará*” (Jo 8.32). - “*Atire a primeira pedra...*” (Jo 8.7). - “*Não sairás do cárcere dali enquanto não pagares o último ceitel.*” (Mt 5.26). Etc. etc. etc. Em ambos os casos, trata-se de um reducionismo simplista, no qual se abdica da visão do todo e da complexidade própria da realidade cristã, instalando-se numa “cômoda” interpretação ao gosto de cada qual. Na contra mão do principal fator de sobrevivência do cristianismo: sua resiliência e capacidade de arraigar-se nas mais distintas culturas, épocas e tipos de personalidade.

Como na exaltada entrevista do pastor Silas Malafaia a Mônica Iozzi (<https://www.youtube.com/watch?v=-pwXJCotDCU>), sobre sua suposta homofobia:

Mônica – O senhor acha que os gays vão para o inferno?

Malafaia – Eu não acho eu tenho conceitos bíblicos! [...] Deixa eu falar uma coisa que você não sabe: a Bíblia que fala que Deus ama, é a mesma Bíblia que diz que vai botar o homem no inferno.

Mônica – Mas Ele também fala: “Ame ao outro como a si mesmo...”

Malafaia – O mesmo Deus que fala sobre amor, lança o homem no inferno.

Mônica – Preconceito é pecado.

Malafaia (cada vez mais agressivo) – [...] Eu não tenho preconceito, eu tenho conceito firmado.

“Conceitos”, “conceitos bíblicos”, essas expressões tão caras ao radicalismo T de um Malafaia, são contestadas em sua própria existência por Lauand (2016, 90-91), ao fazer lembrar que Cristo nunca estabeleceu nenhum conceito:

*Amthal* (parábolas, metáforas, provérbios etc.) são realidades humanas universais, mas têm especial força na comunicação oriental: se – falando tipicamente – o pensamento grego e ocidental “tem sua praia” no *logos*, na argumentação lógica; o *mathal* – sempre falando em tipos – é “a cara” do Oriente. Cristo não está preocupado em elaborações conceituais nem empreende requintados debates lógicos: dEle, o evangelho diz - Mt 13, 34-35 – que só falava em *mashalim*, parábolas: “E sem parábolas nada lhes falava, para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: ‘Abrirei a boca em parábolas; proclamarei coisas ocultas desde a fundação do mundo’”. E quando é perguntado pelo “próximo”, Cristo não procura estabelecer aristotelicamente uma conceituação teórica (“A diz-se próximo de B se, e somente se, tal e tal ...), mas simplesmente conta a parábola do bom samaritano...

Ainda nas disfunções de uma hipertrofia T ao conceber o cristianismo, diz Julián Marías (1998, p. 230-231):

A parálise que sobreveio à teologia católica desde o séc. XVII – o declínio de sua inspiração desde muito antes – é algo que por fim hoje se tornou muito evidente e se compreende que sua causa foi esse mesmo espírito inquisitorial, **a obsessão com o erro**, o quimérico empenho em fazer ciência sem se equivocar. O caminho já tinha sido preparado pela hipertrofia dogmática, pela consideração da religião como algo que se dirige primária e quase que exclusivamente à inteligência e que **se realiza em enunciados** – verdadeiros ou falsos. [...] A mentalidade jurídica, que tem dominado excessivamente a religião, tem deformado muitas coisas. A religião não é algo que se possa aplicar como um código [...] (grifos nossos)

Nesse contexto, a difícil missão da Educação é a de – entre um dos pais que “puxará” para seu lado T, enquanto o outro o fará para seu lado F; entre uma corrente da Igreja e outra que se digladiam na mesma falsa dicotomia – criar um ambiente de liberdade que permita a cada um, como diz Marías, **viver** o cristianismo, proporcionando o estar à vontade, de quem está em casa “livremente, na confiada e segura instalação amorosa dos filhos da casa” (*ibidem*, p. 230). E a magistral descrição do Prof. Lauand (2017), em uma das suas aulas:

Eu sonho um dia – é um sonho porque, lastimavelmente, isso nunca vai acontecer concretamente – com uma religião que tenha o mesmo espírito de um “estar à vontade” no ambiente acolhedor e amoroso da casa quando não tem visita; quando não tem aquelas regrinhas de “não tem que ficar assim”, “não tem que ficar assado”, “não pode sentar no chão” etc. Onde a criança brinca, corre, cai e se machuca. Uma igreja que fosse assim – embora nem de longe nós temos nada parecido – seria o lugar onde a gente pudesse dizer com naturalidade para a mãe: tô cheio disso e daquilo... e então ouvir a resposta suave e amorosa: “tá bom, meu filho...então vou fazer um queijo quente”! Um sonho assim dá vida à igreja...o que é praticamente impossível pela rigidez doutrinal, o sem número de picuinhas e os milhares de preceitos que acompanham e ainda acompanham as igrejas em geral. É necessário acreditar mais no fiel e deixa-lo solto para a livre e autêntica prática prudencial. Pena que nenhuma igreja tenha isso como princípio prático semelhante àquela criança da casa... (Anotações de aula em 16.11.17)

Nisso, como em tudo, a dificuldade da Educação – e ao mesmo tempo sua grande missão – é a de abrir-nos horizontes, que nos façam ver o valor humano para além de nossas próprias idiossincrasias, reconhecer o enriquecimento que é propiciado pelos valores que radicam no Outro, sem o empequenecimento de “*achar feio o que não é espelho*” e, sobretudo, que nos preservem contra qualquer predileção de um *typus* em detrimento de outro, pois cada um revela suas próprias funções e disfunções.

Ou como redondamente diz Morin:

Efetivamente, a complexidade não é somente o fato de que tudo está ligado, de que não se podem separar os diferentes aspectos de um mesmo fenômeno, de que, nós somos seres de desejo, seres econômicos, seres sociais, etc., de que tudo está ligado – aliás, a era planetária é aquela em que tudo está ligado – , mas é além do mais a ideia de que conceitos que se opõem não devem ser expulsos um pelo outro quando se chega a eles, por meios racionais. Isso faz parte da minha concepção da complexidade. Do universo e do homem” (MORIN, 2002, p. 58).

O extraordinário insight de Morin de que os “*conceitos que se opõem não devem ser expulsos um pelo outro quando se chega a eles por meios racionais*”, lembra com aguda percepção que qualquer fechamento de horizonte ao ser humano incapacita-o de captar as imensuráveis dimensões não objetiváveis da realidade. Afinal, até mesmo a graça de um simples sorriso não pode ser medida pelos mais refinados instrumentos dos

laboratórios científicos. A ideia de que o mundo se regula por leis imutáveis fecha o olhar para as circunstâncias temporais e se nega considerar o *Zeitgeist*. Esse hermetismo científico que tanto prejuízo já causou à humanidade é um grande problema, pois exclui qualquer um que se opõe à determinada lei. Pressupondo verdades inquestionáveis e saberes absolutos, desconsidera a permanente *sede de sentido*<sup>93</sup> que é perpassada por dimensões não racionais. Mas a complexidade da vida impede que o ser humano seja reduzido à sua racionalidade.

Embora seja um espantoso paradoxo, é desse mal que pode sofrer justamente a religião. Ou seja, aquele hermetismo científico ganha força e tem seus desdobramentos justamente nas vivências religiosas, em que há certa predileção por um “hermetismo comportamental” quando se estabelecem conceitos e mais conceitos regras e mais regras comportamentais e nada se deixa ao discernimento do fiel. Os recentes movimentos religiosos fundamentalistas, bem como todas as surpreendentes manifestações de *Ersatzreligion* podem ser uma reação justamente a uma ciência que desconhece a sua subjetividade e, quem sabe até, talvez, uma reação em face a concepção simplista do tipo “*ordem e progresso*” que supõe o progresso como consequência “natural” da ordem.

### III.4 Considerações intermediárias do capítulo III

Neste terceiro capítulo, sob o título DAVID KEIRSEY E A RELIGIÃO, aprofundamos a reflexão sobre alguns aspectos da(s) espiritualidade(s) à luz da tipologia keirseyana. Particularmente discorremos sobre os diferentes modos de as pessoas se aproximarem da espiritualidade e retomamos importantes sentidos daquilo que chamamos de espiritualidade. Vimos que, de um modo geral, as pessoas aceitam uma abertura para a dimensão mística ou espiritual da vida, mas que, no entanto, muitas não acham mais que as igrejas são os lugares onde podem encontrar essa dimensão. Que o que se tem visto é o surgimento de grupos religiosos “radicais” e grupos “alternativos” (*Ersatzreligion*), novos absolutos que oferecem às pessoas novos caminhos para o entendimento de sua experiência cotidiana de alegria e sofrimento, de angústia e busca de

---

<sup>93</sup> A religião é, antes de mais nada, *sede de sentido* - definição clássica do pensador Mircea Eliade.

sentido. Também ressaltamos que na atualidade há práticas religiosas para todos os gostos e que o cardápio é quase imensurável. Porém, que é curioso observar que nas próprias denominações há uma grande diversidade de formas de as pessoas entenderem um texto bíblico, uma oração, a adoração, a conversa sobre fé e testemunho. Que em todas há a expectativa de experimentar a presença de Deus, mas sempre na esperança de que seja *do seu jeito*. Por isso, chamamos a atenção para a essencial importância de compreender que tipo de abordagem as pessoas fazem ao se defrontarem com sua espiritualidade e de entender tais diferenças; que algumas pessoas precisam de uma base racional, outras de uma base emocional; umas precisam do estímulo de símbolos, outras, de estímulo visual e assim por diante.

Um destaque fundamental deste capítulo é que a falta de compreensão de "por que funcionamos como funcionamos?", e "por que somos tão diferentes?", pode ser fator de grande perda para a espiritualidade em geral. E que a grande maioria dos religiosos não está preparada para perceber o valor das distinções tipológicas e a falta desse conhecimento pode estar destruindo o trabalho de muitos. Vimos que o modo como as pessoas preferem se aproximar da sua espiritualidade revela não somente a sua mundividência, seu quadro geral de mundo (*Weltbild*), mas também seu retrato tipológico; que a falta da compreensão dos diferentes *typus* pode levar, por vezes, a troca de anátemas e mútuas acusações entre as religiões e mesmo dentro dos próprios grupos religiosos, um grande mal para o convívio entre lideranças e famílias religiosas em geral. Nesse aspecto particular podemos inferir que muitos fiéis trocam de grupo religioso com frequência, possivelmente, muito mais buscando encontrar um líder mais adequado ao seu perfil psicológico.

Apresentamos também a virtude da prudência – a verdadeira *prudencia* – como um dos antídotos para um dos grandes males que facilmente pode atingir o líder religioso: o de querer dominar e controlar a consciência dos fiéis. Trata-se claramente de um rebaixamento espiritual, um estreitamento de visão pensar que a responsabilidade de decidir, diante das infinitas possibilidades de ação no cotidiano, não seja do próprio fiel, mas do “especialista”. Apontamos também para o fato de que, em muitos casos, há uma inesperada cumplicidade do próprio fiel por causa do fardo de tomar decisões. Por isso também é imprudência (a supressão da prudência – sobretudo nos fanatismos religiosos) o medo de decidir e uma abominável tentação delegar essa responsabilidade a outro – o que

não passa de uma grosseira simplificação. Apresentamos, igualmente, as preferências: E x I; S x N; J x P e ainda os fatores T e F de Keirsey na religião com exemplos de como se apresentam na vida.

Reafirmamos que a teoria keirsejana dos temperamentos pode ser um poderoso instrumento para iluminar o delicado problema do equilíbrio entre os diferentes tipos psicológicos, também para o campo religioso – e quem sabe um extraordinário recurso, particularmente para os líderes para lembrá-los que *in medio virtus* – onde o desejo mais profundo é o de compreensão. É nossa esperança que seja uma importante contribuição para reconhecer os valores que radicam no Outro, sem o empequenecimento de “achar feio o que não é espelho”.

## CAPÍTULO IV: A COMPREENSÃO DO RELIGIOSO, DO LÍDER E DA RELIGIÃO

Neste quarto e último capítulo passaremos em revista alguns dos 16 tipos de Keirsey completando, assim, o mosaico dos tipos keirseyanos na interface com perfis religiosos, e preparando o leitor para as reflexões finais.

### IV.1 Religião em alguns dos 16 tipos de Keirsey – os 4 tipos NF

#### IV.1.1 Religião nos tipos

Como vimos, cada um dos 4 temperamentos – SJ, SP, NF e NT – pode se concretizar em 4 diferentes formas e, assim, temos os 16 tipos keirseyanos:

ESFJ, ESTJ, ISFJ, ISTJ

ESFP, ESTP, ISFP, ISTP

ENFJ, ENFP, INFP, ENFP

ENTJ, ENTP, INTJ, INTP

No site oficial de Keirse ( <https://keirse.com> ) junto com o perfil de cada um desses 16 tipos, são propostos 10 personagens “típicos do tipo”, alguns deles de mais interesse para os estudos de religião.

Apresentaremos a seguir algumas análises (breves ou não) de figuras religiosas (que constam como exemplos no site de DK ou não) junto ao perfil de seu tipo, traduzido do próprio site oficial de DK (in LAUAND, 2018). Por sua importância para a temática da religião (segundo um importante estudo um em cada dois líderes religiosos – pelo menos no mundo protestante, é NF)<sup>94</sup>, dedicaremos importante parte deste capítulo aos NF, analisando com mais detalhe o caso do INFP João Evangelista.

Começemos por analisar precisamente este aspecto que chama muito a atenção. Se um a cada dois líderes religiosos no mundo protestante é NF,<sup>95</sup> é notadamente um índice extremamente alto, considerando que – como também já sabemos – apenas em torno de 12 a 15% da população em geral é NF. Naturalmente, os NFs figuram em todos os grupos religiosos e, em todas as religiões pelo mundo afora, são grandes mestres espirituais que com naturalidade são atraídos para papéis de ajuda e para lidar com o sofrimento humano. Como os NTs, os NFs também se orientam pelo futuro, mas perseguem uma “busca sem fim” de si mesmos (*self*) e não pensam nas razões e nos princípios lógicos, como fazem os NTs. NFs são os mais românticos e idealistas de todos os tipos e têm a esperança e o amor como as virtudes teológicas preferidas. E de todos os tipos N, os NFs são os que têm a transcendência em grau mais elevado e os que melhor trabalham com o “lado misterioso da vida”. Estão sempre em busca do numinoso, querendo alcançar pelo menos um breve clarão do invisível. Estão menos preocupados com a verdade da fé (como os NTs), e mais em compreender a religião como comportamento humano. Para isso dispõem da intuição vital (*Einfühlung*).<sup>96</sup> Como essa é sua habilidade mais desenvolvida, sempre vislumbram e sonham com um futuro perfeito

---

<sup>94</sup> OSWALD, Roy; KROEGER, Otto. *Personality Type and Religious Leadership*, 1988, p. 82.

<sup>95</sup> Essa acentuada preferência se confirmou também numa pergunta informal que fizemos a pastores luteranos reunidos em convenção (abril de 2017 – Florianópolis, SC). À pergunta simples: “Você prefere pregar sobre o evangelho de Marcos ou sobre o de João?”, a grande maioria (surpreendentemente em torno de 70%) respondeu que preferia pregar sobre João. Como veremos no quarto capítulo deste trabalho, Marcos é acentuadamente S e João, N.

<sup>96</sup> Também no sentido do termo empatia – que nos vem com mais força da língua alemã – *Einfühlung*.

e promissor. Também desenvolvem grande habilidade de falar (especialmente NFs extrovertidos), ao mesmo tempo que são capazes de ouvir empaticamente (sobretudo NFs introvertidos). Os NFs introvertidos são místicos naturais. Não é surpresa que muitos acabem tomando o caminho espiritual para encontrar seu *eu* mais profundo, como é o caso do apóstolo João, um autêntico INFP – idealista entre os idealistas. Como são profundamente altruístas, costumam ter problemas de consciência por pensarem que “*é um crime que eu seja pago para fazer aquilo que eu quero e desejo ser*”! Percebem o mundo como pura possibilidade e querem traduzir essa possibilidade intra e interpessoalmente. De fato, não é por acaso que uma alta porcentagem de líderes religiosos seja NF. Eles tendem a amar seus estudos. Diferentemente dos NTs, que gostam do ambiente intelectual como lugar para ganhar competência, os NFs veem seus estudos como lugar para serem transformados em seres de profunda religiosidade e de preparação para o ideal de servir aos outros, interagindo com eles. Contribuem muito para tornar os ambientes calorosos, amorosos onde o encontro real com autênticos seres humanos sempre é tido como possível. Por isso, sentir-se parte da comunidade, ou ter sentimento de pertença e de segurança – tão apreciado por um SJ – tem significado diferente para os NFs. Veem o pertencimento apenas como meio para encontrar um eu mais autêntico. Se para um SJ o pertencimento é um fim em si mesmo – uma afirmação fundamental –, para os NFs isso pode ser mais transitório. Por esse motivo, tendem a ser peregrinos que, de modo geral, não param numa comunidade por longos períodos. Ainda que em geral NFs sejam líderes fiéis, só o são enquanto sentirem que estão crescendo em autorrealização. Mas podem ter problemas com autoridades, pois costumam respeitar somente aquelas idealizadas internamente. Esse pode ser um conflito comum para um NF. Mesmo assim, é o tipo mais flexível e adaptável de todos os temperamentos na atividade religiosa e o mais capaz de atingir a máxima paulina do “*fiz-me como fraco para os fracos, para ganhar os fracos. Fiz-me tudo para todos, para por todos os meios chegar a salvar alguns*” (1Co 9.22). O lado negativo é que líderes religiosos NF necessitam agradar todo mundo. Uma pessoa racional – como um NT, mas também como o SP e o SJ – diria que agradar a maioria das pessoas já é bom o suficiente. No entanto, o líder NF deseja todo mundo feliz ao seu redor, por isso gasta muita energia tentando ser o que idealizou que os outros querem dele. Frequentemente vive um paradoxo, querendo, ao mesmo tempo, manter a autenticidade como seu mais alto ideal e abdicar dele para agradar os outros. Quando ensinam, os NFs são convincentes porque acreditam

firmemente no que ensinam ou pregam. Desejam inspirar seus alunos ou ouvintes para grandes atos de bondade e de amor e buscam inteireza. Através de histórias reconfortantes, fina articulação e palavras inspiradoras, encorajam seus fiéis a entregar suas vidas completamente a Deus.<sup>97</sup> Como pregadores, apresentam uma visão profética, já que compartilham com os NTs uma orientação para o futuro. No entanto, suas profecias tenderão a seguir o padrão de um profeta como Oseias – cuja mensagem tem por tema fundamental o amor de Javé desprezado por seu povo – ao invés de outros profetas do Antigo Testamento. Esperam que seus fiéis respondam “*como isso fará diferença na maneira como me relaciono comigo mesmo e com os outros*”? A principal crítica aos NFs é que eles são muito idealistas e, por consequência, ingênuos – tendem a imaginar que um simples “*sorria e mude o mundo*” vai realmente resolver todos os problemas mundiais. De alguma forma, isso pode ser motivo para acusar um líder religioso NF de não ser sincero e ser considerado como alguém que vive no “mundo da lua”. No entanto, costumam ser professores e mestres excepcionais; são altamente articulados e hábeis em convencer, seduzir e tocar profundamente os corações dos seus alunos e ouvintes. Oswald e Kroeger fazem notar que um dos mais conhecidos líderes religiosos protestantes NF da história recente foi Billy Graham. E provavelmente também pertencem à categoria NF líderes como Jim Jones, Joana D’Arc, Martinho Lutero, o Papa João XXIII, Jürgen Moltmann – o maior expoente da chamada teologia da esperança (*Hoffnungstheologie*) –, Dietrich Bonhoeffer, entre outros. São exemplos de líderes religiosos que acreditaram fervorosamente no que estavam dizendo. Tal é o poder e a possibilidade de um líder NF que, quando plenamente desenvolvido, tem extraordinária competência interpessoal podendo influenciar um exército de seguidores. Claro, tanto para o bem como para o mal!

O NF tem a capacidade de intuir o que outras pessoas estão passando. Essa alta capacidade de empatia e aguçada sensibilidade, faz dele um líder muito eficiente no cuidado religioso. Pode capturar a dor pessoal como um radar capta a presença de navios ou aviões. Mas esse extraordinário dom, também pode ser fonte de stress porque nunca sabe dizer “não” aos que estão à sua volta. Sempre atento às dores e às necessidades pessoais dos seus fiéis (também da sua família), dificilmente sabe estabelecer limites

---

<sup>97</sup> Disponível em: <http://www.hottopos.com/isle28/137-154EnioSylvioF.pdf>

para si mesmo, podendo ir à exaustão e ficar fisicamente doente. Pode desanimar, especialmente quando sente que nem todo mundo compartilha da mesma intensidade de sua visão. Não por acaso, DK afirma que os NFs são os menos compreendidos de todos os tipos. Os outros três temperamentos realmente têm dificuldades de compreender os NFs porque estão continuamente tentando “transformar o mundo”. O estilo gerencial do líder religioso NF é marcado por carisma e comprometimento pessoal com quem lidera. Gosta e sente-se mais confortável em encontros não-estruturados que facilitam os processos de tomada de decisão em grupo. Tende a ser otimista sobre o futuro e esse otimismo é contagioso, por isso lida bem com os desapontados e desanimados e é excelente no aconselhamento. Envolve-se rapidamente e se torna empático. Como está em constante busca de autenticidade, é capaz de responder com incrível facilidade sobre situações abstratas, mas é menos competente quando alguém precisa de ajuda prática. E sempre tentará concentrar sua atenção para questões mais profundas, pois será um conselheiro melhor quando tratar de valores, emoções e problemas interpessoais. É tão naturalmente conselheiro que poderá ter dificuldade de ir para qualquer lugar, mesmo a uma festa, sem que as pessoas lhe queiram contar seus problemas. E, embora seja bom nisso, muito de sua energia é consumida.

Como toda força implica em uma fraqueza, ser muito bom em certas funções geralmente implica em não ser bom em outras. Assim, as funções menos ou não desenvolvidas (portanto, as disfunções) num líder NF são: "*Sensing*" e "*Thinking*" (S e T). Os líderes NF terão menos motivação ou sentirão maior incapacidade de administrar detalhes, lidar com especificidades práticas, produzir textos lógicos, lineares. Até podem fazer isso, alguns melhor que outros, mas ser-lhes-á uma tarefa lenta, pesada e difícil. Os líderes religiosos NF podem necessitar de ajuda, por exemplo, em atividades administrativas/burocráticas, pois podem ficar irritados quando são tratados impessoalmente, meramente como parte de um sistema na comunidade religiosa ou se tiverem que ficar preenchendo papel o tempo todo; não gostam de estrutura, prazos ou detalhes. Tendem a irritar também os outros por privilegiarem alguns e tornar todas as situações muito emocionais, como uma simples saudação de chegada ou de despedida, ou então por considerar que os outros são “coração de pedra” e antipáticos. Como têm grande habilidade de empatia com todos, os NFs dão a impressão muitas vezes de que concordam com tudo. Mas isso está longe da verdade. Eles simplesmente seguem em frente, energizados por um futuro “paz e amor” sonhado, para evitar conflitos. Têm

grande dificuldade de dizer “não”, pois sua maior dificuldade é estabelecer limites pessoais claros. Esperam que as pessoas captem sua linguagem corporal e sejam capazes de ajudá-los a estabelecer o “não”. Portanto, necessitarão de apoio para firmar padrões necessários para sua própria saúde pessoal, familiar e espiritual. Quando buscam seguir as últimas novidades – e as últimas novidades possam ajudá-los a descobrir quem realmente são na sua “busca sem fim” pelo self –, essa forte inclinação pode ser fatal para o seu trabalho. Especialmente porque pode parecer infidelidade ou espírito aventureiro para a instituição a que pertencem (que, pelo menos nos postos mais elevados, são administrados pelos tipos S). Como muitas vezes seguem simplesmente a recomendação do “ *siga seu coração* ”, os NFs podem necessitar de ajuda para não “pular de galho em galho”, toda vez que surgir um movimento espiritual novo. Porém, a facilidade de juntar-se ao último movimento ou o desejo de saber das novidades pode ter o lado bom de mantê-los atualizados.

NFs também poderão precisar de ajuda e orientação quando necessitarem exageradamente de elogios e carinho. Como dos quatro temperamentos o NF é o que tem maior necessidade da aprovação dos outros, nenhum ou poucos elogios tornam esses líderes religiosos abatidos, desencorajados e desanimados. Quando não são elogiados, facilmente mudam de comunidade, ou começam a privilegiar aqueles fiéis que são mais generosos e os que mais elogiam. Sentem necessidade de muito apoio nesse aspecto. E necessitarão de orientação quando não quiserem enfrentar conflitos. É absolutamente normal que qualquer líder religioso não goste de enfrentar conflitos, e é natural que poucas pessoas em geral gostem de lidar com eles, ainda que alguns tenham mais habilidade de lidar que outros. Mas, sobretudo os NFs não se dão nada bem com momentos conflituos e discordâncias. Eles têm dificuldade em ver o lado útil do conflito ou de compreender essa incontornável realidade da convivência humana. Sempre que aparece algum conflito um líder NF descobre uma maneira de evitá-la porque acha que diferenças podem destruir a maravilhosa e harmoniosa comunhão que foi construída com tanta dificuldade. Porém, um líder NF, com bom treinamento de gerenciamento de conflitos, pode desenvolver melhor as habilidades de lidar com eles do que a média dos outros temperamentos. Como é um expert na relação interpessoal, o INFP, “*curador*” (*healer*), em geral consegue mais sucesso do que os outros temperamentos.

NFs também precisarão de ajuda e orientação quando estão muito dependentes dos relacionamentos. Como são naturalmente empáticos, cordiais e afetivos, NFs tendem a atrair como ímã os tipos carentes. Apesar de terem consciência que isso pode ser um problema, líderes religiosos NFs muitas vezes estão mergulhados nisso. Tendem a tornar-se muito ligados às pessoas e podem ter enorme dificuldade de desapegar-se delas. Despedir-se é uma das tarefas mais difíceis para os líderes religiosos NF.

A “*busca sem fim*” por encontrar a si mesmo, também pode levar os líderes religiosos NFs à inquietante falta de paz e alegria. Não conseguem ligar a enorme fenda construída por eles mesmos entre “quem sou agora” e “quem posso me tornar depois”. Por isso também nunca se rendem às intermináveis tarefas, quase impossíveis, que se impõem. Num constante devir, reconhecem esse espaço como uma questão espiritual que os acompanhará até que possam experimentar algum grau de paz. Como tão bem descreveu o mais famoso NF da história, Agostinho de Hipona: “*O nosso coração anda inquieto enquanto não descansar em ti*”. Todos os NFs, também líderes religiosos, podem entrar numa espécie de “*montanha russa emocional*” vacilando com frequência entre a euforia e a depressão. Sendo naturalmente idealistas, podem desanimar facilmente quando as pessoas não “compram” logo as suas ideias. Relacionar-se com alguém com esse tipo de “*montanha russa*” emocional pode se tornar problemático para os outros temperamentos. Por outro lado, NFs estão numa constante “caça ao tesouro” para encontrar o significado oculto em tudo. Como têm fome e sede naturais pelo espiritual, são os tipos que mais apreciam a transcendência, especialmente a autotranscendência – *Selbstüberschreitung*<sup>98</sup> – porque, sem crescimento e desenvolvimento espiritual, eles mesmos podem murchar como planta sem água.

---

<sup>98</sup> Nos NFs nada é mais necessário que conceber a sua transcendência como seu estado natural. Para eles, o objeto de desejo humano é mergulhar no SER, captar a sua sintonia com a totalidade; é sentir que é chamado ao SER PLENO e, ainda que em acentuada incompletude, também tem ligação profunda com o mundo. Para os NFs este é o verdadeiro significado do filosofar – tornar o homem consciente da incompletude do seu ser. Algo semelhante ao que – embora em outro contexto – comenta Wald: *Es ist die Leistung wahrhaften Philosophierens, dem Menschen die Unabgeschlossenheit seines Wesens gegenwärtig zu halten, den Noch-nicht-Character, die Hoffnungsstruktur seines Daseins - und dies inmitten all der, Gekontheit und all der Perfektion des Ausbildungswissens, das den Herrn und Eigentümer der Natur kennzeichnet - und das ihn notwendigerweise in die Gefahr bringt, sich selber und die Welt im tiefsten zu verkennen.* Walt, Bertold. Wahrheit und Selbstüberschreitung, p. 107.

Assim, não é à toa que a maior parte dos líderes religiosos seja NF! Como já mencionamos, NFs dão grandes mestres espirituais, pois, tomando apenas o cristianismo como referência, durante séculos de sua história, é provável que a maioria dos santos canonizados seja de temperamento NF. Possivelmente porque, como o mais incompreendido dos tipos, só recebe o devido reconhecimento muitas gerações depois.

#### IV.1.2 Agostinho de Hipona, o padroeiro dos NF

Como vimos, os NF buscam “o humano”, o significado e o sentido do humano e do self. Esta é sua preocupação fundamental, daí que predominem tipos NF entre os grandes inspiradores religiosos. E essa busca se dá sobretudo na interação, no encontro com o outro, no fervilhar de emoções que o NF quer observar, mas, para isso, terá que abdicar de vivê-las: a caça tem de estar inadvertida; o caçador, extremamente atento – o problema do NF é que ele é caçador e caça ao mesmo tempo. Esse paradoxo, terrível para os NF, foi genialmente descrito na canção de Milton Nascimento, composta por Sérgio Magrão e Luiz Carlos Sá, o hino dos NF:

#### **Caçador de Mim**

Por tanto amor, por tanta emoção

A vida me fez assim

Doce ou atroz, manso ou feroz

Eu, caçador de mim

Preso a canções

Entregue a paixões

Que nunca tiveram fim

Vou me encontrar

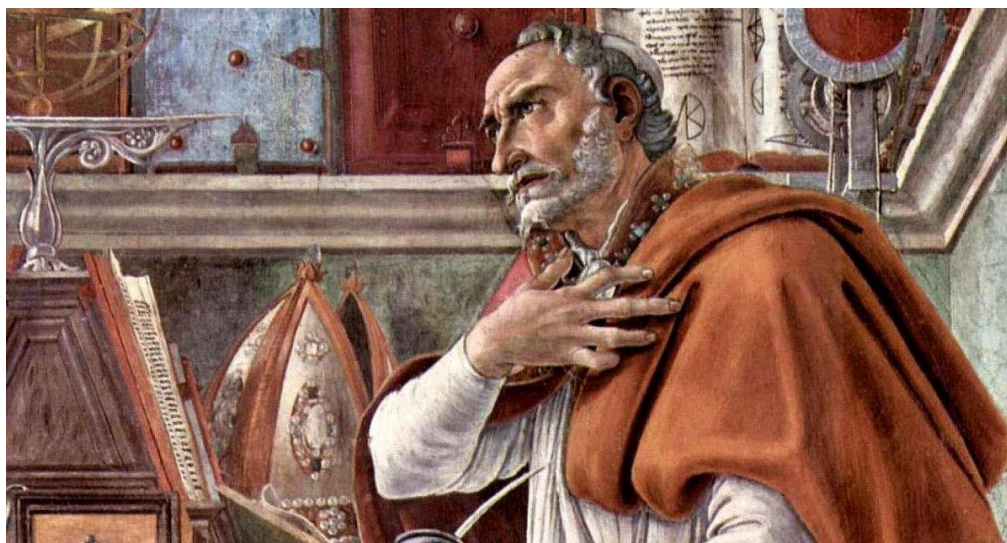
longe do meu lugar  
Eu, caçador de mim  
Nada a temer  
Senão o correr da luta  
Nada a fazer  
Senão esquecer o medo  
Abrir o peito à força  
Numa procura  
Fugir às armadilhas da mata escura  
Longe se vai sonhando demais  
Mas onde se chega assim  
Vou descobrir o que me faz sentir  
Eu, caçador de mim

Agostinho, NF inflamado em paixão, é autor de memoráveis sentenças de amor, como das seguintes, famosas extraídas das Confissões. E é também o descobridor da intimidade.

Não por acaso, a iconografia o representa em ansiosa busca de si (no sentido nobre, é claro) e com o coração em chamas.



<https://deniseludwig.blogspot.com/2013/08/arte-em-pinturas-de-santo-agostinho.html>



<https://pt.aleteia.org/2019/01/18/10-coisas-que-santo-agostinho-responderia-hoje-a-nova-era/>

Fizeste-nos, Senhor, para ti...

"Grande és, Senhor, e imensamente louvável (Sl 144,3); grande teu poder e incomensurável tua Sabedoria (Sl 146,5)". E pretende o homem, pequena parte de Tua criação, louvar-Te? Logo o homem, revestido de sua mortalidade, revestido do testemunho de seu pecado e do testemunho de que resistes ao soberbo (I Pe. 5,5)? E apesar de tudo isso quer louvar-te o homem, pequena parte de Tua criação. Tu mesmo o moves a isso, fazendo com que se deleite em louvar-Te, pois fizeste-nos, Senhor, para Ti e nosso coração está inquieto até que descansa em Ti. (*Fecisti nos domine ad te et inquietum est cor nostrum donec requiescat in te*) (I,1).

Quem me dera repousar em Ti!

Quem me dera repousar em Ti! Quem me dará que venhas a meu coração e o embriagues, para que esqueça meus males e me abrace a Ti, meu único bem? Que és tu para mim? Apieda-te de mim e ajuda-me para que eu To possa dizer. Que sou eu para Ti, para que ordenes que Te ame, senão Te aborreces e me ameaças com grandes misérias? Acaso já não é a maior desgraça o próprio fato de não amar-Te? Ai de mim! Dize, pelas tuas misericórdias, Senhor meu Deus, o que és para mim? Dize a minha alma: "Eu sou a tua salvação" (Ps. 34, 3). Fala assim, Senhor, de modo que eu ouça. Vê, os ouvidos de meu coração estão diante de Ti, abre-os e dize a minha alma: "Eu sou a tua salvação". Que eu corra atrás dessa voz e possa Te alcançar. Não escondas de mim o Teu rosto. Que eu morra para que viva eternamente para ver tua face. Estreita é a casa de minha alma para que venhas a ela: dilata-a Tu! Está despedaçada: refaze-a Tu! (I,5).

A busca de Deus no interior da alma:

E perguntei à terra e ela me disse: "Não sou eu" e todas as coisas que nela há confessaram-me o mesmo. Interroguei o mar e os abismos e os répteis que me responderam: "Não somos teu Deus, busca-o acima de nós". Perguntei ao céu, ao sol, à lua e às estrelas: "Nós tampouco somos o Deus que procuras", responderam-me. Interpelei então a todas as coisas que estão fora de minha carne: "Dizei-me algo sobre o meu Deus que vós não sois". E exclamaram todas em alta voz: "Ele nos fez". A minha pergunta era meu olhar; a resposta delas, sua beleza. Então voltei-me para mim mesmo e disse: "Tu quem és?" E respondi: "Um homem". E, certamente, é melhor perguntar ao interior do homem, que julga todas as impressões e notícias do céu e da terra que dizem: "Não somos Deus" e "Ele nos criou" (X,6).

Tarde te amei...

Tarde Te amei, ó formosura tão antiga e tão nova, tarde te amei! (*Sero te amavi, pulchritudo tam antiqua et tam nova, sero te amavi!*). E eis que estavas dentro de mim e eu fora, (*Et ecce intus eras et ego foris*) e fora te buscava, errante pelas coisas tão belas que fizeste. Estavas comigo, mas eu não contigo. (*Mecum eras et tecum non eram*). Distraíam-me de Ti as coisas, que não têm ser senão em Ti. Chamaste e clamaste, e rompestes a minha surdez; brilhaste, refulgiste e afugentaste minha cegueira; exalaste Teu perfume e respirei e anseio por Ti; saboreei-Te e tenho fome e sede; tocaste-me e abrasei-me na Tua paz. (X,27)

Nosso descanso, nosso lugar. (*Requies nostra, locus noster*). O corpo, por seu peso, tende a seu lugar. O peso não arrasta só para baixo, mas para o seu lugar: o fogo tende para cima; a pedra, para baixo. O peso move, dirigindo a seu lugar. O óleo derramado na água fica sobre ela; a água derramada no óleo se situa por baixo: cada um movido por seu peso tende a seu lugar. O que está fora de lugar está inquieto; dirige-se a seu lugar e aquieta-se... Meu peso, meu amor (*Pondus meum, amor meus*); aonde quer que eu vá, por ele sou levado (XIII,9).

Agostinho é também o descobridor da intimidade. Como explica Julián Marías (2001 <http://www.hottopos.com/harvard3/jmagost.htm>.)

Essa atitude visceral de súplica é, em Santo Agostinho, fundamental. É ela que o faz descobrir, e é afinal a grande descoberta de Santo Agostinho: a intimidade (o homem grego mal conhecia a intimidade; é claro que houve o oráculo de Delfos, que disse *gnothi s' auton* “conhece-te a ti mesmo”, isso estará em Sócrates, e aparecerá também em Platão e em Aristóteles; sim, mas não era ainda... inclusive, os gregos raramente diziam *eu*; diziam *nós*). A grande descoberta, a maior, de Santo Agostinho é a **intimidade**. E quando ele se questiona, diz: *Deum et animam scire cupio* – quero conhecer a Deus e à alma. *Nihil aliud*, nada mais, absolutamente nada mais. É uma sentença que um grego jamais poderia empregar. A alma é, em última análise, a grande descoberta de Agostinho, a alma entendida como intimidade. E fala justamente do espiritual. Espiritual não quer dizer não-material; há uma tendência muito frequente de entender o espiritual como aquilo que não é material; e não é disso que se trata, mas de algo muito importante: espiritual é aquela realidade que é capaz de entrar em si mesma, o poder entrar em si mesmo é o que dá a condição de espiritual, não a não-materialidade. A insistência no imaterial ocultou o que é essencial, que é precisamente a capacidade de entrar em si mesmo. Por isso Santo Agostinho dirá: não vá fora, entra em ti mesmo: no homem interior habita a verdade: *Noli foras ire, in teipsum redi: in interiore homine habitat veritas*. Essas palavras são de uma enorme relevância, são até de um extraordinário valor literário. É disso que se trata: do homem interior. A descoberta é a interioridade, a intimidade do homem. E é justamente Santo Agostinho quem vai perceber que quando o homem fica apenas nas coisas exteriores, esvazia-se de si mesmo. Quando entra em si mesmo, quando se recolhe a sua intimidade, quando penetra precisamente naquilo que é o homem interior, o mundo interior – naturalmente existe um mundo exterior também, mas o decisivo é o mundo interior –, é justamente aí que Deus se encontra. É aí que se pode encontrá-Lo, e não nas coisas, não imediatamente nas

coisas. Primariamente, por experiência, em algo que é justamente sua imagem. Para Santo Agostinho é preciso levar a sério que o homem é *imago Dei*, imagem de Deus. É evidente que para encontrar a Deus, o primeiro passo, e o mais adequado, será buscar sua imagem, que é o homem como intimidade, o homem interior. Isso é o principal. E toda sua obra terá esse caráter. Um dos livros capitais é *As confissões*, que num certo sentido é o mais importante. Então, o que são essas *Confissões*? É um livro que não existe no mundo antigo, não há nada equivalente. Se os senhores quiserem algo que poderia ter uma remota semelhança, seriam as *Meditações* ou *Reflexões*, de Marco Aurélio. Mas não é um livro de intimidade, é um livro de recordações, um livro de gratidão, ele diz o que deve aos antepassados, aos professores... Essa entrada na intimidade, no mais profundo de si mesmo, em confissão – a palavra é confissão – é uma autobiografia. Esse é precisamente o pensamento de Santo Agostinho: consiste primariamente em mostrar, em descobrir sua própria intimidade. Ele exterioriza em seu livro, em uma manifestação oral, o homem interior, sua própria intimidade. Essa é a grande descoberta, que começa com ele, e naturalmente depois será uma aquisição da humanidade. É interessante ver como a humanidade vai adquirindo coisas. Já vimos que adquirimos tantas coisas com os gregos. Com o Santo Agostinho a humanidade adquire o sentido da intimidade, o sentido do que é o homem interior, a possibilidade de entrar em si mesmo e aí buscar precisamente a Deus.

Antes de prosseguir na análise dos demais tipos NF – o fazemos aqui propositadamente por se tratar de Agostinho, um NF muito especial, – reafirmamos, reiteramos e insistimos que todas as descrições tipológicas são caricatas e não expressam qualquer pretensão de precisão; não são nem sequer aproximadamente um espelho da realidade. Trata-se, sim, de uma tentativa de interpretar aspectos, traços daquilo que é mais saliente, numa instituição ou numa pessoa, como é o caso também do personagem de Agostinho que acabamos de descrever. Voltamos a afirmar que não há como enquadrar gigantes do espírito – sobretudo um gigante como Agostinho – numa espécie de “alinhamento tipológico”. Buscamos apenas ratificar nosso objetivo medular que é o de compreender melhor o outro (o seu modo de ser – “*ser no mundo*”) com a principal finalidade de evitar discussões ou conflitos desnecessários. Esse é, a nosso ver, um espaço primoroso que se abre com o estudo das características temperamentais das pessoas e das instituições. Um exercício de profunda *admiração*, no sentido etimológico da palavra de *ad-mirar* que é fundamentalmente a capacidade de mirar/enxergar de outro modo, de olhar de outro jeito. Aliás, no caso de Agostinho, estamos tratando de uma personalidade que

reúne aspectos de vida que seguramente nos permitem fazer esse exercício de *admiração*. Nele aparecem zonas limítrofes (e híbridas) entre um e outro temperamento. Assim, embora acentuadamente NF, em Agostinho misturam-se diferentes modos de ser, sobretudo quando recordamos as diferentes fases da sua vida pessoal e vocacional. Talvez a vida juvenil de Agostinho, descompromissada, *easygoing*, não afeto a regras e com forte ímpeto para desfrutar da “boa vida”, possa descrevê-lo como um típico SP; o fato de tornar-se bispo e ter que administrar uma diocese – função que também exerceu com maestria – pode conferir-lhe a caricatura de um SJ (ele próprio foi o organizador da Ordem Agostiniana); e, como também exerceu a função de julgar situações da vida civil, bem como foi professor de retórica e desenvolveu extraordinária capacidade racional, com uma dialética que revela sua grande eficiência de raciocinar e de pensar – herança que recebeu especialmente de Plotino – é possível caracterizá-lo também como um tipo NT.<sup>99</sup>

Seja como for, com estas ponderações apenas queremos dizer novamente que, em última análise, *individuum est ineffabile*;<sup>100</sup> que a classificação rigorosa dos tipos é simplesmente impossível e que a análise do tipo ideal nunca cobre toda a realidade, nem dá conta dos aspectos temporais das diferentes fases de uma vida, suas circunstâncias ou exigências. Dessa forma, também o exercício de admirar é parte do compreender, do apreender no conjunto, e tem justamente esse importante papel de permitir ampliar significativamente a percepção da pluralidade das dimensões vivenciais também no âmbito dos tipos religiosos. E tem por finalidade fundante a humanização da realidade, pois no ato de compreender a questão humana é central (compreendemos o humano porque nós somos humanos – porque cada um tem suas características e carrega em si mesmo um *typus* com virtudes e deficiências). Ajuda a perceber que o sentido da vida ultrapassa o limite da existência e se projeta no *ex-sistir* (*no ser para fora de si mesmo*), ou seja, na abertura humana para o mundo. Assim, compreender (*verstehen*) é também

---

<sup>99</sup> As referências a algumas das características pessoais de Santo Agostinho estão especialmente descritas na obra de Étienne Gilson “Introdução ao estudo de Santo Agostinho, Ed. Paulus, 2006

<sup>100</sup> Conhecida expressão filosófica atribuída à Aristóteles – “o indivíduo é inefável” – que, sinteticamente, afirma que “o indivíduo não pode ser conceitualmente apreendido”. Como é sabido, é consenso científico que conceitos capturam apenas o geral, ou seja, se, em princípio, conceitos não são capazes de capturar nenhum objeto individual concreto, então ontologicamente não é possível o conhecimento do indivíduo. Consequentemente, não pode haver “ciência do indivíduo”.

um ato de admirar, de perceber e acolher outras formas de conceber, de ver e de pensar o mundo do outro; de soltar as amarras do enquadramento e do engessamento do próprio discurso; de abrir-se na autêntica postura para o diálogo com o outro; e, sobretudo, de repudiar o espírito tipicamente “missioneiro” de demonizar o diferente e de apegar-se ao projeto Pigmaleão, aquele desejo de sempre querer tornar o outro uma cópia perfeita de mim mesmo.

#### IV.1.3 O ENFP

O perfil do ENFP segundo o site de DK (in Lauand 2018, p.57)

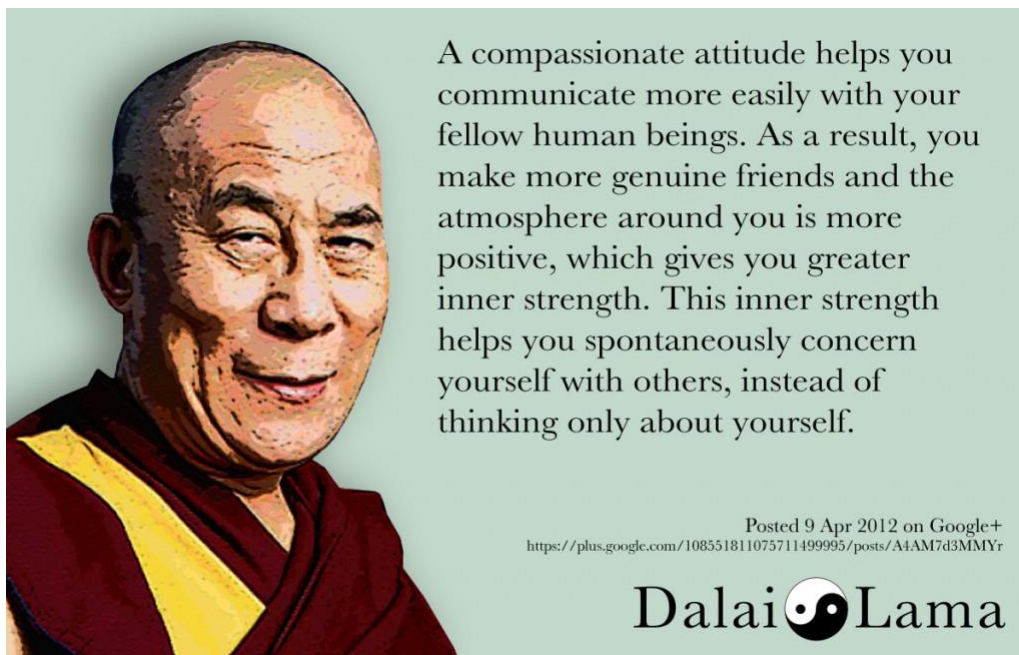
Como outros Idealistas, os ENFP são muito raros, pode-se dizer de três a quatro por cento da população, mas, ainda mais do que os outros, eles consideram as experiências emocionais intensas como sendo essenciais para uma vida plena. Os ENFP possuem um amplo e variado conjunto de emoções e uma grande paixão pela novidade. Eles veem a vida como um emocionante teatro, que cria possibilidades tanto para o bem como para o mal, e querem experimentar todos os acontecimentos significativos e pessoas fascinantes do mundo. Os mais extrovertidos dos Idealistas, os ENFP muitas vezes não conseguem esperar para contar aos outros sobre suas experiências marcantes. Os ENFP podem ser incansáveis ao falar com outras pessoas, sendo como fontes borbulhantes que derramam suas próprias palavras ao se expressarem. E geralmente, isso não é um simples contar de histórias, os ENFP muitas vezes falam (ou escrevem), na esperança de revelarem alguma verdade sobre a experiência humana, ou de motivar os outros com suas firmes convicções. Seu forte impulso para falar sobre questões e fatos, além de seu entusiasmo sem limites e talento natural com a linguagem, os tornam os mais vivazes e inspiradores de todos os tipos.

Ousadamente individualistas, os ENFP lutam por uma autenticidade pessoal, e essa vontade de serem eles mesmos é, geralmente, algo cativante aos outros. Ademais, os ENFP têm uma notável força intuitiva e podem dizer o que está acontecendo com as outras pessoas, lendo as emoções implícitas e dando especial importância às palavras e ações. Na verdade, os

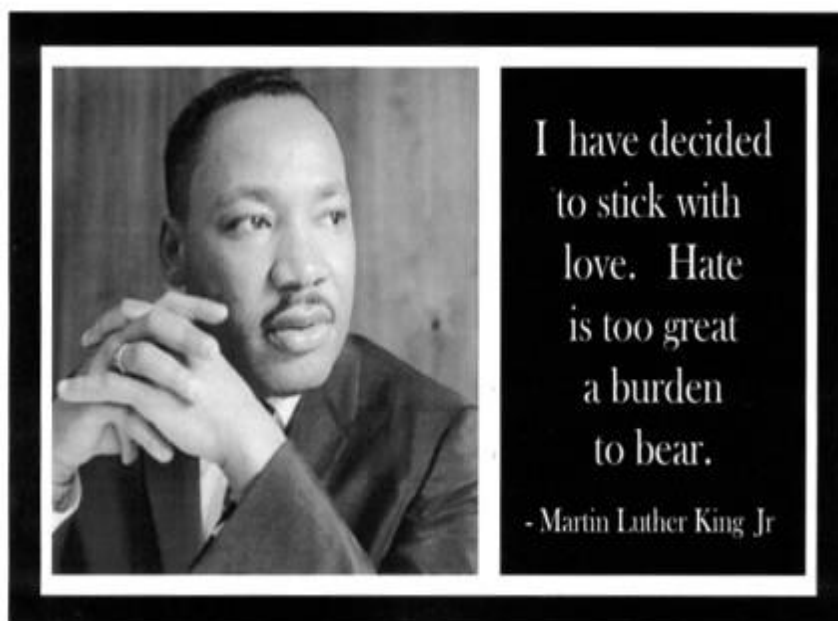
ENFP estão sempre analisando o ambiente social, e nenhum aspecto intrigante, ou impulso silencioso está propenso a escapar de sua atenção. Muito mais que os demais Idealistas, os ENFP são interessados, sondam e observam as pessoas ao seu redor e são capazes de se concentrarem intensamente em outro indivíduo. Sua atenção raramente é passiva ou casual. Ao contrário, os ENFP tendem a serem mais sensíveis e alertas; sempre prontos para situações de emergência, além de atentos a possíveis acontecimentos.

Os ENFP são bons com pessoas e normalmente, têm uma série de relacionamentos pessoais. Eles são acolhedores e esbanjam energia com seus amigos. Eles são simpáticos e ficam à vontade com seus colegas, além de terem grande habilidade para lidarem com funcionários ou alunos. Eles são bons para falarem em público e ao telefone, e por serem tão espontâneos e extrovertidos, as pessoas apreciam estar na companhia deles. Os ENFP são pessoas positivas e exuberantes; sua confiança no que há de bom na vida e na natureza humana geralmente faz com que coisas boas aconteçam.

Muitos líderes e inspiradores religiosos são ENFP. O site de DK indica, entre outros, Dalai Lama (e sua pregação toda centrada na compaixão), Martin Luther King Jr. (para quem o *point* da luta não era pela igualdade, nem pelos direitos civis, mas porque o racismo provocava a corrosão da alma de quem o pratica!), Nelson Mandela, a personificação do *ubuntu*.



<https://www.pinterest.co.uk/pin/192177109072909161/>



<http://www.liverpoolmuseums.org.uk/onlineshop/venues/ism/martin-luther-king-card.aspx>

O conceito de *ubuntu* se tornou conhecido no mundo todo, precisamente por meio de Nelson Mandela, considerado a personificação de *ubuntu*. Continuo aqui, seguindo um artigo inédito de Jean Lauand:

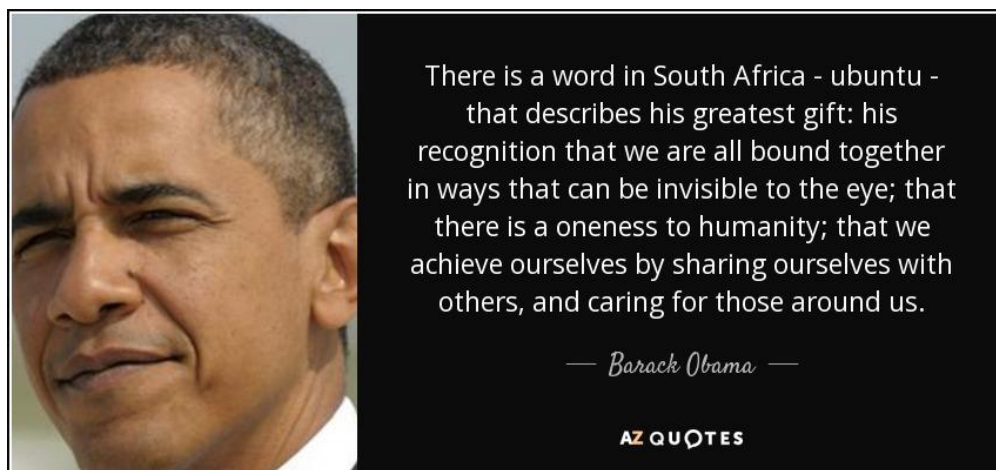
A palavra *ubuntu* vem da cultura Xhosa/Zulu, a comunidade na qual Nelson Mandela nasceu e se resume na frase “Umuntu ngumuntu ngabantu” (...) “uma pessoa é pessoa por meio de outras pessoas” ou “Eu sou porque nós somos” (cit. por Mberia 2015, p. 105).

Na famosa entrevista de 2006 ao jornalista sul africano Tim Modise (cf. p. ex. <https://www.youtube.com/watch?v=HED4h00xPPA>), o próprio Mandela fala sobre o significado de *ubuntu*:

Nos velhos tempos, quando éramos jovens, alguém que viajasse por nosso país e parasse em uma aldeia, ele não teria que pedir comida ou água. Bastava ele parar e as pessoas lhe dariam comida e estariam com ele. Esse é um dos aspectos de Ubuntu, mas Ubuntu tem vários aspectos [Respeito, solicitude, compartilhar, cuidar, confiar, abertura para o outro: uma palavra poder significar tanto: este é o espírito do ubuntu]. Ubuntu não significa que as pessoas não devem enriquecer. Mas a questão, na verdade, é: você vai agir assim pensando em habilitar a comunidade a seu redor para que ela seja capaz de melhorar? Essas são as coisas importantes na vida, e se uma pessoa pode agir assim, terá feito algo muito importante e que será apreciado.

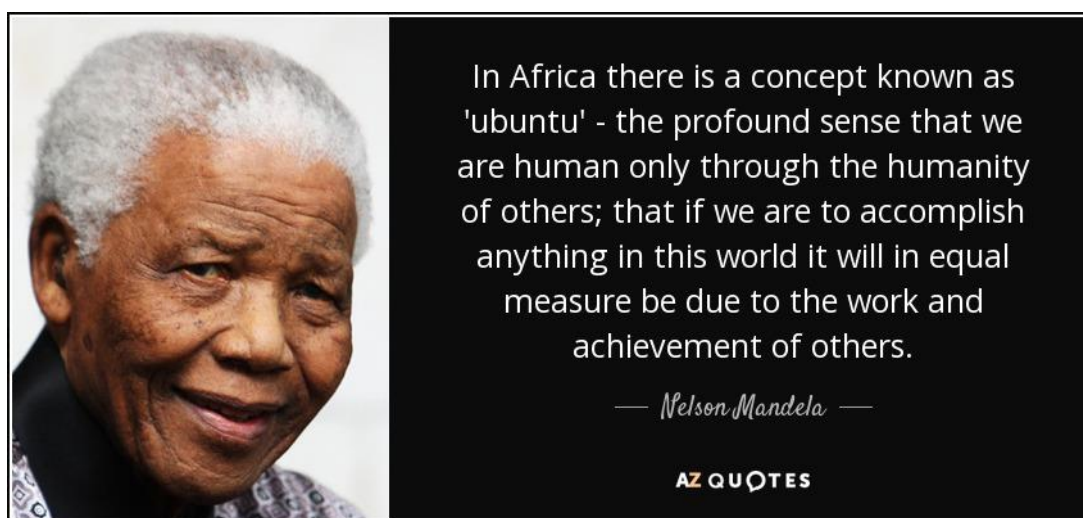
E o presidente Obama, assim se expressou no funeral de Mandela:

Finalmente, Mandela compreendeu os laços que ligam o espírito humano. Há uma palavra na África do Sul – ‘ubuntu’ – que descreve o seu maior presente: seu reconhecimento de que todos nós estamos unidos em maneiras que podem ser invisíveis a olho nu, que há uma unidade para a humanidade para que nós sejamos nós mesmos, compartilhando-nos com outros, e cuidando dos que nos rodeiam. Nunca podemos saber o quanto disso foi natural dele, ou quanto foi moldado e polido em uma cela escura, solitária. Mas lembrem-se de seus gestos, grandes e pequenos – apresentando seus carcereiros como honrados convidados em sua posse; transformando desgosto de sua família em uma oportunidade para combater o HIV/Aids – fato que revelou a profundidade de sua empatia e compreensão.



<https://www.youtube.com/watch?v=HED4h00xPPA>

Ele não apenas encarnou o 'ubuntu', ele ensinou milhões a encontrar a verdade dentro de si. Foi necessário um homem como Madiba para libertar não apenas o preso, mas o carcereiro, bem como para mostrar que vocês devem confiar nos outros para que eles possam confiar em vocês, para ensinar que a reconciliação não é uma questão de ignorar um passado cruel, mas um meio de confrontá-la com a inclusão, generosidade e verdade.



<http://www.saserj.org.br/uploads/2016/06/14/downloads/os-caminhos-de-mandela.pdf>

#### IV.1.4 O ENFJ

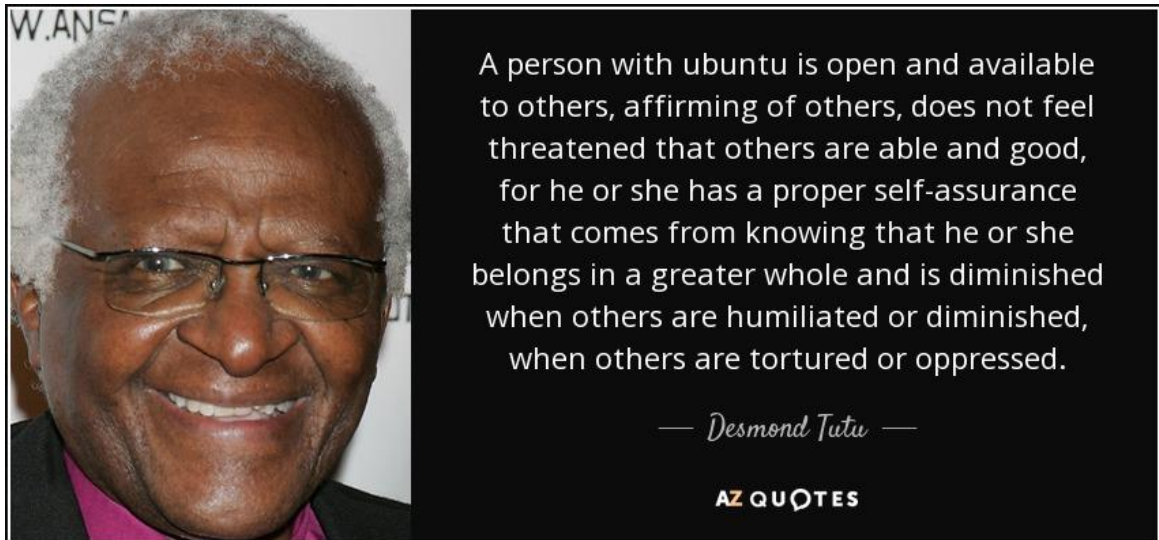
O perfil do ENFJ segundo o site de DK (in Lauand 2018, p.54):

Mais que os outros idealistas, os ENFJ têm um talento natural para conduzir alunos ou estagiários à aprendizagem, ou como os Idealistas gostam de pensar, eles são capazes de colocar cada aluno diante das próprias potencialidades. Os ENFJ (cerca de dois por cento da população) podem sem esforço, ao que parece, e quase que indefinidamente, elaborar atividades de aprendizagens fascinantes para engajarem os alunos nisso. Em alguns ENFJ, essa capacidade de inflamar a imaginação pode ser comparada a uma espécie de genialidade que os outros tipos acham difícil reproduzir. Mas talvez, a maior força deles encontra-se na crença que eles possuem nos alunos. Os ENFJ procuram o melhor em seus alunos e deixam claro que cada um tem um potencial incalculável, e essa confiança pode inspirar os alunos a crescerem e desenvolverem mais do que eles possam imaginar que seja possível.

Qualquer que seja o campo escolhido por eles, os ENFJ consideram as pessoas a maior prioridade, e instintivamente eles transmitem uma preocupação pessoal e disposição para se envolverem. Calorosamente extrovertidos e talvez, os mais expressivos de todos os tipos, os ENFJ são extraordinariamente bons na comunicação de um discurso, face a face. E eles não hesitam ao falar e demonstrar seus sentimentos. Transbordando entusiasmo, os ENFJ irão expressar suas paixões com dramaticidade, e podem, com a prática, se tornar palestrantes carismáticos. Essa habilidade verbal dá aos ENFJ uma boa dose de influência em atividades coletivas, e eles são frequentemente convidados a assumir um papel de liderança. Os ENFJ gostam de organização e irão agendar seu horário de trabalho e compromissos sociais bem antes do tempo, por causa disso, eles são absolutamente confiáveis para honrarem esses compromissos. Por valorizarem a cooperação interpessoal e as relações harmoniosas, os ENFJ são extremamente tolerantes com os outros, são fáceis de conviver e são, geralmente, populares onde quer que estejam. Os ENFJ são bastante compassivos aos outros, o que significa dizer que a intuição deles tende a ser bem desenvolvida. Certamente a visão deles sobre si e sobre os outros é incomparável. Sem dúvida, eles sabem o que está acontecendo dentro deles mesmos e eles podem ler outras pessoas com uma precisão fantástica. Os

ENFJ facilmente se conectam aos outros, e efetivamente, captam as características, emoções e crenças daqueles que os cercam. Porque eles, quase que inconscientemente, conseguem se colocar no lugar do outro, e dessa forma, os ENFJ sentem-se estreitamente ligados às pessoas ao seu redor, e demonstram um sincero interesse pelas alegrias e problemas de seus funcionários, colegas, estudantes, clientes e entes queridos.

O site de DK indica como ENFJs o Papa João Paulo II, Tolstói e o bispo Desmond Tutu, que sistematizou em uma teologia o tema tão caro aos NF, *ubuntu*.



<https://www.azquotes.com/quote/357042>



[https://www.azquotes.com/author/11414-Pope John Paul II](https://www.azquotes.com/author/11414-Pope_John_Paul_II)

Só por nos referirmos a esses dois grandes líderes religiosos como sendo de temperamento ENFJ já indica que estamos falando de pessoas com grande capacidade de estarem abertas aos outros, que não se sentem ameaçadas ao valorizarem os dons e as capacidades dos outros. Desejam estar ao lado dos outros sempre de modo intenso, não importando as circunstâncias. Trata-se de líderes extremamente cativantes com carisma extraordinário. Sua expressividade é tão contagiosa que podem elevar o nível de excitação e de aprendizagem de qualquer grupo em que se envolvem. Por isso, segundo Keirsey, são os que mais se aproximam do perfil de professor, ou talvez, melhor dizendo, daquelas características que mais esperamos e idealizamos em um professor. “...*Calorosamente extrovertidos e talvez, os mais expressivos de todos os tipos, os ENFJ são extraordinariamente bons na comunicação de um discurso, face a face...*”.<sup>101</sup> Para eles, ser humano é ser com os outros e ser com os outros é ser tudo; ter respeito básico com os outros; compaixão, partilha, empatia; é praticar o mais autêntico espírito ubuntu – o espírito caridoso, misericordioso de se importar mesmo com as pessoas. São os que mais

---

<sup>101</sup> <https://keirsey.com/temperament/idealist-teacher/>

apreciam e defendem a filosofia do “*nenhum de nós é tão bom quanto todos nós juntos*” ou do “*sou quem sou porque somos todos nós*”. Têm facilidade incrível de enxergar gente e de se conectar com gente. Como são carismáticos extremamente expressivos (gostam e se energizam na companhia de gente), os ENFJ sempre estão dispostos a encontrar formas de iluminar os que estão ao seu redor. Usam da sua empatia natural para compreender e se fazer compreendidos. Como são intuitivos sempre encontram as palavras certas para cada pessoa e para cada ocasião. Assim como os demais idealistas, os ENFJ são visionários e sonhadores, pois possuem imaginação tão extraordinária que seus sentimentos e pensamentos lhes podem parecer mais reais que os próprios sentidos físicos. Por isso anseiam pelo ideal em todas as circunstâncias. Gostam e preferem as coisas estruturadas e valorizam a integridade dos seus valores fundamentais. Vivem de acordo com as suas convicções e são fiéis ao que acreditam.

Claro, – como reiteradas vezes insistimos – sempre estamos falando de modo caricato, naquele preciso sentido também do termo italiano *caricare* de “*carregar, de aumentar algo em proporção, de exagerar as características de uma pessoa no que se refere aos aspectos físicos, psicológicos ou comportamentais*”.<sup>102</sup> Portanto, nesse perfil (ENFJ), como em todos os demais, buscamos salientar, destacar e exagerar para poder descrever. E, como no presente trabalho buscamos fazer a interface dos perfis psicológicos keirseyanos com a religião, precisamos ainda mais frisar que é esse o olhar que estamos dando e favorecendo um possível novo olhar sobre a questão.

#### IV.1.5 O INFP – João, o discípulo amado.

Analisarei agora mais detidamente o caso do INFP, na figura do apóstolo João. Os grandes santos vivem a santidade a seu modo, em seu temperamento, em seu tipo. Se Pedro era claramente um SP impulsivo; se Bento de Núrsia era nitidamente um ISTJ – em oposição a um Francisco de Assis, protótipo do ISFP, como mostra Lauand (2018, pp.); o evangelista João aparece-nos como um INFP.

---

<sup>102</sup> <https://brasilescola.uol.com.br/o-que-e/portugues/o-que-e-caricatura.htm>

O site de DK aponta também como INFP: Albert Schweitzer, Karen Armstrong, Fyodor Dostoyevsky, entre outros.

Como em outros tópicos, recolhemos aqui o perfil do INFP, de acordo com o site oficial de DK, traduzido em (LAUAND 2018):

#### IV.1.6 O INFP no site de DK

##### **INFP (*Healer*)**

Os INFP apresentam um semblante calmo e sereno para o mundo, e podem parecer tímidos e distantes. Mas na verdade, em seu interior não são nada serenos e possuem uma capacidade pessoal de cuidar das pessoas que, raramente é encontrada nos demais tipos. Os INFP se preocupam profundamente com a vida interior de algumas poucas pessoas em especial, ou com uma causa mundial em geral. E a grande paixão deles é cuidar dos conflitos que afligem os indivíduos, ou separam grupos, e assim, trazer integridade, ou uma via saudável para si mesmos, para seus entes queridos e para a comunidade.

Os INFP têm um profundo senso de idealismo que vem de uma forte percepção do que é certo e errado. Eles interpretam o mundo como um lugar de ética e honra; repleto de ótimas possibilidades e grande potencial. Na verdade, para entendermos os INFP precisamos compreender que seu engajamento com o que é positivo e bom é quase altruísta e ilimitado, e isso os inspira a inimagináveis sacrifícios por alguém ou algo no qual acreditam. Ao se manterem longe do resto da humanidade, os INFP podem se sentir ainda mais isolados pela pureza de seu idealismo.

Além disso, por serem muitas vezes incompreendidos na infância, os INFP tendem a ter uma sensação de separação. Os INFP vivem uma infância de fantasia e imaginação, eles são como príncipes ou princesas dos contos de fadas, fato que é, infelizmente, muitas vezes motivo de desaprovação ou até mesmo punição por parte de muitos pais. Como os pais querem manter as mentes deles fora das nuvens, os INFP passam a acreditar que são ruins por

serem tão fantasiosos e sonhadores, e começam a ser sentir como patinhos feios. Na verdade, estão bem do jeito que são; apenas diferentes da maioria – cisnes criados em uma família de patos.

No trabalho, os INFP são pessoas bem adaptáveis, receptivas às novas ideias e informações, são pacientes ao lidarem com situações complicadas, porém, são impacientes com detalhes de rotina. Os INFP têm plena consciência das pessoas e de seus sentimentos, e se relacionam bem com os outros. No entanto, por serem reservados, podem se sentir felizes ao trabalharem sozinhos. Ao tomarem decisões, os INFP seguem o coração ao invés da razão, o que significa que eles podem cometer erros em relação ao fato, porém raramente em relação ao sentimento. Eles têm um interesse natural para atividades acadêmicas, e como os outros idealistas, têm uma notável facilidade com a linguagem. Eles têm dom para interpretar histórias, assim como para criá-las, dessa forma, muitas vezes escrevem em forma poética. Frequentemente estão à disposição para sair pelo mundo a ajudar aos outros quando são chamados, mesmo que para isso precisem sacrificar seu próprio conforto.

#### IV.1.7 João como INFP

O "discípulo amado" (em grego: ὁ ἐφίλει ὁ Ἰησοῦς - expressão utilizada cinco vezes no Evangelho de João) era o mais jovem membro da família do seu pai e também o mais jovem do grupo dos apóstolos.

Aproximou-se de Jesus com aproximadamente vinte e quatro anos. O traço mais forte de seu caráter era a confiabilidade; sempre disposto, era corajoso, fiel e devotado. Sua fraqueza era a vaidade. Homem de poucas palavras, exceto quando de ânimo exaltado. Esteve muito ligado a Pedro nas atividades iniciais do movimento cristão, tornando-se um dos principais sustentáculos da igreja de Jerusalém.<sup>103</sup>

---

<sup>103</sup> “Os doze apóstolos”. Disponível em: <http://www.urantia.org/pt/o-livro-de-urantia/documento-139-os-doze-apostolos> Acesso em: 04.05.2017.

O maior desejo de João era resolver os conflitos internos e externos das comunidades sob sua liderança. A comunidade joanina em geral era composta por pessoas com pensamentos de cunho gnóstico, antecipando o gnosticismo no segundo século, cuja influência marcou a história dos dois milênios do cristianismo. João tinha apreço por “retirar-se do mundo” com suas comunidades. Apoiava a visão de que a coisa boa é o conhecimento e a coisa ruim é o comer; o que se come é o conhecimento (Cap. 13.32-34...). Talvez por isso também trabalhou frequentemente com conceitos dualistas, como: baixo/alto, luz/trevas, dia/noite, o mundo do ser humano e o mundo de Deus, aquilo que se vê e aquilo que verdadeiramente existe etc.

Garcia afirma que, ao que tudo indica, o evangelho de João tem um forte elemento de “mortificação do corpo” e constante contraste entre materialidade e espiritualidade; que vários textos dificultam enxergar os ritos regulares da igreja primitiva.<sup>104</sup> De fato, a linguagem que João emprega, a constante linguagem figurada, simbólica, ou de duplo sentido, é uma das características mais marcantes de seu evangelho. É o espírito que dá a vida. A carne não vale nada (6.63). João usa a palavra espírito, por oposição a carne e sua interpretação é figurada, por oposição a interpretação literal: “*As palavras que vos falei são espírito e vida*”, têm sentido figurado profundo e vital.<sup>105</sup>

Parece seguro inferir, a partir do gênero literário do QE (Quarto Evangelho), que João sacrifica práticas como a comensalidade (ainda que a substitua pelo rito do lava-pés – que é uma prática de esvaziamento), para não perder a identidade de pertença. Abre mão daquilo que valoriza, e, para não se indispor com a comunidade, tolera. João deseja pertencer à comunidade e, mesmo que possivelmente não conhecesse as cartas paulinas, sua atitude revela ter adotado um interessante princípio paulino: “*Fiz-me tudo para com todos, com o fim de, por todos os modos, salvar alguns*” (1 Co 9.22).

Portanto, inferimos que, pelo seu “jeito de ser” (seu perfil psicológico) e pela forma de escrever João levou a comunidade joanina a supervalorizar os aspectos puramente espirituais! Nascimento lembra que “*por trás desse Evangelho está uma comunidade que*

---

<sup>104</sup> Garcia, Paulo Roberto. Referência em aula do Curso de Religião, sociedade e mundo bíblico – maio de 2017, PPGCR – UMESP.

<sup>105</sup> PRADO, José Luiz Gonzaga. A Eucaristia no IV Evangelho: significante e significado. In: [http://www.vidapastoral.com.br/artigos/sacramentos/a-eucaristia-no-iv-evangelho-significante-e-significado/#\\_ftn5](http://www.vidapastoral.com.br/artigos/sacramentos/a-eucaristia-no-iv-evangelho-significante-e-significado/#_ftn5) Acesso em: 01/05/17.

*nasceu de modo simples, foi crescendo e adquirindo um jeito próprio de ser e de agir, profundo na sua reflexão e criativo na sua forma literária*” (2010, p. 22). Como grupos sempre gravitam em torno de um líder e nunca são completamente impessoais e acéfalos, suspeitamos que o Discípulo Amado influenciou profundamente o “*modus vivendi*” das comunidades que liderou.

Para essa releitura, sem dúvida, é preciso abandonar convicções pré-estabelecidas, talvez presas à leituras fixadas por grupos e líderes cristãos da igreja oficial a partir do segundo século. Este, a nosso ver, é um importante aspecto a ser levantado, pois a comunidade joanina era a menos institucional e a mais desestruturada do Novo Testamento – seguindo exatamente o perfil psicológico do seu líder. E talvez, precisamente por essa razão, a comunidade joanina tenha sido absorvida pela igreja oficial, cuja liderança era inspirada por Pedro, certamente não um “desorganizado” NF.

Mas então, qual é, segundo DK, o perfil do temperamento INFP?

No INFP encontramos idealismo, empatia e amorosidade. Indivíduos com esse perfil são pessoas compreensivas, discretas e sensíveis, capazes de identificar facilmente as necessidades dos outros. Graças ao seu talento em ajudar e “curar” os demais em suas dores e problemas, o INFP é chamado por DK de “*healer*”. As heranças deixadas nos escritos de João e, mais tarde, os diversos registros literários sobre João, permitem intuir que ele seria um tipo imaginativo nas suas comparações e simbolismos – recorde-se por exemplo o festival de símbolos do Apocalipse –, pensativo e introspectivo nas suas dissertações e pouco falante como discípulo. Sua autoridade não era imposta, mas se firmou por ser admirado.

O INFP vive intensamente em um rico mundo interior. Presta atenção a essências e sua atração natural está longe do mundo, voltado para a abstração e o ideal. A realidade é simplesmente um ponto de apoio para a imaginação aflorar. Daí a ênfase ao “*bem-aventurados os que não viram e creram*” (Jo 20.29). E tudo o que recolhe no capítulo 9 do QE sobre ver e não ver, cegos que veem e pessoas que veem, mas são cegas, a que Pieper (2000) dedicou a magistral conferência “A experiência com a cegueira”:

[No cap. 9 de João] se descreve uma experiência. Uma experiência que, aliás, não pode ser repetida por todo mundo. Mas, talvez, esse "todo mundo" reconheça que pode muito bem ocorrer uma repetição em qualquer época, de modo igual ou semelhante. Trata-se de uma experiência com a

cegueira; um dos protagonistas é um homem cego. Ao final, ficará evidente que também um olho que vê pode ser cego. Aliás, esse tipo especial de cegueira é bem o tema de nossa história.

Os INFPs, super idealistas, estão sempre procurando o bem, mesmo nas piores pessoas e eventos; sempre buscando caminhos para tornar tudo melhor. Porém, ainda que sejam introvertidos e aparentemente calmos, os INFPs vivem paixão intensa. Somam cerca de 4% da população, por isso o risco de serem incompreendidos é alto, mas quando encontram pessoas parecidas, a harmonia que sentem será grande fonte de alegria e inspiração. INFPs têm a capacidade de ver o bem em quase qualquer um ou qualquer coisa, por isso também são conhecidos como “mediadores” ou diplomáticos.

Os INFPs podem se perder na busca do bem e negligenciar a rotina (e a organização) que a vida demanda. Muitas vezes se perdem em pensamentos, gostando de contemplar o hipotético e o filosófico, mais do que qualquer outro tipo psicológico. Tendem a perder o contato, retirando-se como eremitas e têm dificuldade de voltar para o mundo real. Sonham em resolver todos os problemas do mundo.

Quando necessitam tomar decisões, de modo geral, os INFPs olharão para a honra, a beleza, a moralidade e a virtude – são guiados pela pureza de suas intenções e não por gratificações e punições. É interessante lembrar que João se orgulha do fato de ser “*o discípulo amado*”. INFPs sentem orgulho dessa qualidade (da pureza de suas intenções), porém, de modo geral, as pessoas ao seu redor não compreendem o motivo por trás desses sentimentos, o que pode leva-los ao isolamento. Com relação a João, neste aspecto, basta observar que tinha fortes inclinações místicas e havia sido discípulo de João Batista – um essênio.

Sentimentos de extrema profundidade podem permanecer escondidos por longo tempo nos INFPs, até que as circunstâncias evoquem uma resposta apaixonada. Não foi por acaso que João, juntamente com o discípulo Thiago, quando viu comprometida a reputação do Mestre que não foi recebido pelos samaritanos, pergunte: “*Senhor, queres que mandemos descer fogo do céu para os consumir*”? (Lc 9.54). Curiosamente esse episódio não é relatado no evangelho joanino.

Outra característica dos INFPs é que, embora também estejam inclinados a descrever o lado obscuro da vida, acreditam que o bem finalmente triunfa. Essas qualidades permitem que se comuniquem profundamente com os outros, falando com

facilidade por metáforas e parábolas, entendendo e criando símbolos para compartilhar suas ideias. A força dessa comunicação intuitiva é útil para trabalhos criativos, e não é surpresa que muitos INFPs sejam poetas, atores, escritores e mestres espirituais.

Vejamos alguns textos que evocam o perfil INFP no evangelho joanino.

É interessante notar que, embora na primeira divisão do livro (1.19 – 12.50) – que é dedicada ao que se convencionou chamar de “sinais” (semeïon) que descrevem situações concretas – João dê também a estes um sentido simbólico, revelando a forte perspectiva espiritual da obra inteira. A linguagem figurada, simbólica, ou de duplo sentido, é uma das características mais marcantes do evangelho joanino, a ponto de Cullmann<sup>106</sup> tê-la como sua chave interpretativa.

Também é interessantíssimo perceber que, para deixar o leitor mais atento ao sentido figurado e espiritual das palavras de Jesus, o autor do QE usa um curioso artifício: Um personagem (ou um grupo) entende literalmente o que Jesus diz e faz uma pergunta tola, ridícula, interpretando suas palavras do modo mais grosseiro possível.

Três textos em particular chamam a atenção para isso:

1. No capítulo 3, Nicodemos pergunta se será preciso entrar outra vez no ventre da mãe para “nascer de novo”.
2. No capítulo 4, a mulher samaritana pede que Jesus lhe dê da água que vira fonte permanente para que ela não precise mais buscar água.
3. E no capítulo 6 são os judeus que fazem a pergunta tola: “Como é que este homem vai nos dar a sua carne para comer”?

Portanto, como dizíamos, também a primeira divisão do livro (conhecido como o “livro dos sinais” ou “dos milagres”) remete constantemente ao sentido simbólico e o estilo poético se encontra espalhado pelo livro inteiro. Vejamos:

1. As bodas de Caná (2.1-12) – a finalidade do cenário concreto tem o propósito figurado de “manifestar a glória de Jesus” (vs 11), ou, como no capítulo 4.23: “adorar em espírito e em verdade”.

---

<sup>106</sup> CULLMANN, Oscar – Cristologia do Novo Testamento. Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbmxyZWdpc3Ryb2NpZW50aWZpY298Z3g6M2U4MDQ1ZGQ0MjM4MWNhNg> Acesso em: 05/05/2017.

2. A cura do filho de um oficial do rei (4.43-54) – João chama a atenção novamente para o que é mais importante: *o crer sem ver* – “se não virdes sinais e prodígios, de modo nenhum creereis” (vs 48).
3. A cura do paralítico (5.1-47) – “Meu Pai trabalha até agora e eu trabalho também” (vs. 17)
4. A multiplicação dos pães (6.1-15) – “Vendo, pois, os homens o sinal que Jesus fizera, disseram: Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo” (vs 14)
5. O caminhar sobre as águas (6.16-70) – “Sou eu, não temais”! (vs 20) – chama a atenção para o que aquela figura andando sobre as águas representa para eles.
6. A cura do cego de nascença (9.1-41) – “Enquanto estou no mundo, sou a luz do mundo” (vs. 5)
7. A ressurreição de Lázaro (11.1-54) – “Não te disse eu que se creres verás a glória de Deus” (vs. 40)

Na segunda divisão do livro, chamado de “o livro da glorificação”, a linguagem é completa e explicitamente simbólica e enigmática o que, a nosso ver, retrata ainda melhor o “jeito de ser” do autor. E, à luz das três epístolas e do Apocalipse de João, arriscamos dizer que, na literatura joanina, a linguagem simbólica/metafórica é sua marca registrada, o espaço em que realmente se encontra à vontade. Alguns textos nos ajudam a perceber isso.

1. Jesus lava os pés dos discípulos (13) – “...tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao fim” (vs. 1b); “Quem já se banhou não necessita de lavar senão os pés; quanto ao mais está todo limpo. Ora, vós estais limpos, mas não todos” (vs.10); “Para onde eu vou, não me podes seguir agora; mais tarde, porém me seguirás” (vs. 37).
2. Jesus conforta os discípulos (14) – “eu sou o caminho, a verdade e a vida; ninguém vem ao pai senão por mim” (vs. 6).
3. A videira e o ramos (15) – “Eu sou a videira verdadeira e o meu pai é o agricultor... eu sou a videira, vós os ramos...” (vs.8);
4. A missão do Consolador (16) – “Um pouco, e não mais me vereis; outra vez um pouco, e ver-me-eis; “Vim do pai e entrei no mundo; todavia deixo o mundo e vou para o pai” (vs. 28)
5. A oração sacerdotal (17) – “E a vida eterna é essa: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (vs.3); “...a fim de que todos

- sejam um; e como és tu, ó pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós” (vs. 21);
6. Jesus diante de Pilatos (18) – “Jesus respondeu: O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus servos teriam lutado para eu não ser entregue aos judeus. Mas agora meu reino não é daqui” (vs. 36)
  7. A morte de Jesus (19) – “Quando, pois, Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o *espírito*” (vs.21).
  8. Jesus aparece novamente aos discípulos – (20) “Porque me viste, creste? Bem-aventurados os que não viram e creram”! (vs. 29).

Parece que o *crer sem ver* era mesmo a grande ênfase na comunidade joanina. Para João – e, de modo geral, para a comunidade joanina – a ideia de um elemento superior a tudo o que era material e corpóreo, sempre esteve presente. Como sabemos, a comunidade joanina foi se configurando pela convivência com pessoas de origens culturais diversas e, conseqüentemente, de crenças também. Era composta de discípulos de João Batista, judeus, galileus, samaritanos, judeus helenistas e gregos. Isso suscitou muitas controvérsias e conflitos frequentes diante dos quais seu líder tinha que se posicionar. Como líder de perfil INFP, João consegue transitar bem nesse ambiente de grande diversidade cultural e religiosa. Sua psicologia pastoral (ou cuidado pastoral) reflete grande maleabilidade e tolerância. E, ainda que fosse seu desejo fazer a reunião/união dos diferentes pensamentos, é seu espírito conciliador e mediador que prevalece. A ausência da comensalidade na comunidade joanina pode ter esse pano de fundo, ou seja, que o seu líder, por ter um perfil psicológico conciliador, permitiu/tolerou que a comunidade se “alimentasse” apenas do conhecimento e estabelecesse o lava-pés e outros elementos identitários como ritos de pertença em substituição ao ato eucarístico.

Concluimos esta breve análise do perfil INFP do apóstolo João reiterando a limitação própria das análises tipológicas; especialmente no caso desse gigante do espírito que transcende qualquer enquadramento. De qualquer modo, a aplicação da teoria keirseyaniana a um líder religioso como o Discípulo Amado, permite uma leitura que ajuda a compreender (*verstehen*) o seu estilo pessoal.

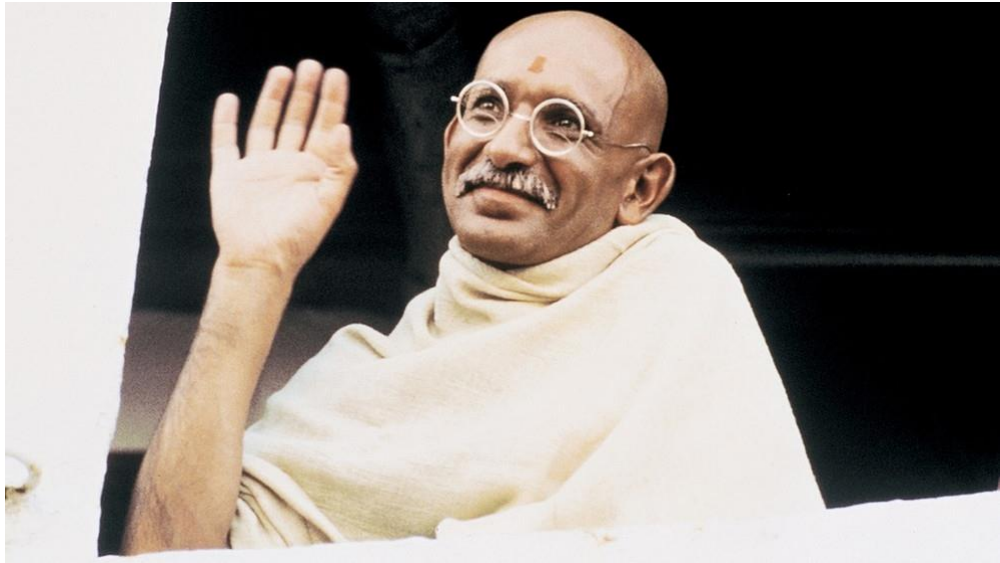
#### IV.1.8 Os INFJ

Como sempre no temperamento NF, grandes líderes espirituais. O site de DK aponta, entre outros, Gandhi, C.S. Lewis e T. E. Lawrence (Lawrence da Árabia). No presente tópico apresentaremos, muito brevemente, os perfis de Gandhi, C. S. Lewis e Martin Lutero.

O perfil nos é dado em tradução in Lauand (2018)

Os INFJ têm um desejo excepcionalmente forte para contribuir com o bem estar dos outros, e encontram grande satisfação pessoal em interagir com as pessoas, estimulam o desenvolvimento pessoal, orientando-as a perceber o potencial humano que elas possuem. Embora sejam felizes trabalhando em posições (tais como a de escritor) que requer solidão e muita atenção, os INFJ trabalham muito bem com pessoas ou com grupos de pessoas, desde que as interações pessoais não sejam superficiais e que, de vez em quando eles encontrem um tempo pessoal para recarregar as baterias. Os INFJ são tanto gentis como positivos ao lidarem com os outros; eles são ótimos ouvintes e parecem naturalmente interessados em ajudar as pessoas com problemas pessoais. Geralmente, os INFJ não demonstram a liderança, e preferem trabalhar com pessoas próximas a eles, especialmente em bases individualizadas, exercendo a sua influência nos bastidores.

Os INFJ são minoria, pouco mais de três por cento da população, e pode ser difícil reconhecê-los, uma vez que eles tendem a não compartilhar seus pensamentos mais íntimos ou reações emocionais fortes, exceto com seus entes queridos. Eles são pessoas muito reservadas, com uma vida interior extraordinariamente rica e complexa. Amigos ou colegas, que os conhecem por anos, podem se surpreender ao se depararem com um lado desconhecido dele.



<https://www.br.de/radio/bayern2/mahatma-gandhi-nur-ein-indisches-maskottchen-102.html>

Não que os INFJ sejam volúveis ou dispersos, eles realmente valorizam sua integridade, mas têm personalidade misteriosa, primorosamente tecida, que às vezes confundem até eles mesmos.

Os INFJ tendem a trabalhar de forma eficaz em organizações. Eles valorizam a harmonia da equipe, e não medem esforços para ajudar uma organização a funcionar perfeitamente. Eles compreendem e utilizam recursos humanos criativamente, são bons em consultar e cooperar com os outros. Como empregado ou empregador, os INFJ são preocupados com os sentimentos das pessoas, e são capazes de agir como um barômetro dos sentimentos dentro da organização.

Abençoados com uma imaginação vívida, os INFJ são vistos muitas vezes como os mais poéticos de todos os tipos, e de fato eles usam muitas imagens poéticas em sua linguagem cotidiana. Seu grande talento para a linguagem – tanto escrita como falada – normalmente é direcionada para se comunicar com pessoas de uma forma personalizada.



<https://www.nsa.edu/lecture-series-fiction-c-s-lewis/>

Os INFJ são altamente intuitivos e podem reconhecer as emoções e intenções do outro – boas ou más – mesmo antes que a pessoa esteja ciente delas. Os próprios INFJ dificilmente podem dizer como chegaram a ler os sentimentos dos outros tão profundamente. Essa extrema sensibilidade para outros pode muito bem ser a base da notável capacidade do “Conselheiro” (INFJ) de experimentar toda uma gama de fenômenos psíquicos.

Também figura ao lado dos grandes líderes NF Martinho Lutero (1483-1546), o precursor da Reforma Protestante, no século XVI. Embora seja difícil apontar com precisão o seu perfil à luz da teoria keirseyan, segundo Roy Oswald e Otto Kroeger, Lutero foi claramente um NF.<sup>107</sup> Ainda que a sua permanente busca por competência e conhecimento, necessidade pela explicação e exposição das ideias e sua valorização da justiça e teorias justas – sobretudo quando pensamos na sua mais fundamental posição (“luterana”) sobre a *justificação pela fé* – pudessem apontá-lo como um NT, como legítimo monge agostiniano, Lutero assemelha-se mais ao perfil de Santo Agostinho – um NF.

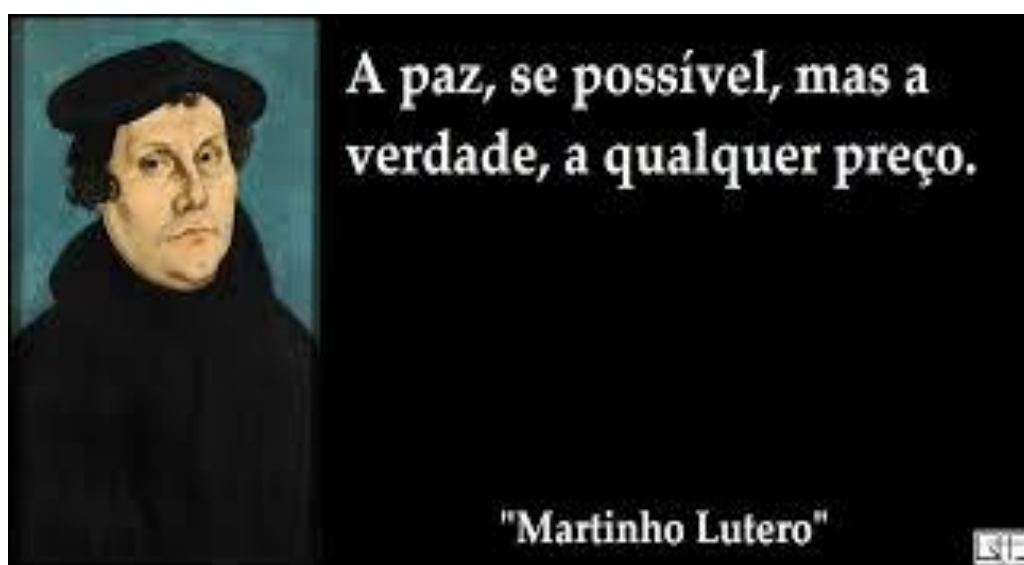
A idealização de mundo e a busca constante pelo *self*<sup>108</sup> não deixam dúvida de que se trata mesmo de um NF. Seus hinos e escritos têm profundo apelo penitencial e

---

<sup>107</sup> “Take a look at the persons we believe belong in the NF category on this score: Jim Jones, Ronald Reagan, Adolf Hitler, Abraham Lincoln, Joan of Arc, Martin Luther, and Pope John XXIII.” Cf. OSWALD, Roy; KROEGER, Otto. *Personality Type and Religious Leadership*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 1988, p.90

<sup>108</sup> Esta constatação é possível inferir por conta de suas orações matinais, sua devoção e os casos de

existencial e revelam introspecção e, ao mesmo tempo, a sua piedade revela que era introspectivo, um traço fortemente presente na sua *teologia da cruz*.<sup>109</sup> Mas, apesar da introversão, há em Lutero uma identidade J muito ativo e pouco contido que o impulsionava ao questionamento e ao confronto, tendo ofendido o próprio pai, tido enfrentamentos com a esposa, Catarina, e desafiado a liderança da igreja. Do mesmo modo, seu compromisso com o sacerdócio e seu permanente ímpeto por mudança estrutural no cristianismo, a sua coragem e ousadia de publicar um veemente protesto afixando 95 teses contra o Papa, são todos aspectos reveladores do seu lado J.<sup>110</sup>



<https://www.pensador.com/frase/MzE4MTAx/>

Portanto, o perfil completo de Martinho Lutero era INFJ e, como tal, deixou um legado para muitos outros INFJs servindo-lhes como inspiração para o desenvolvimento dos seus próprios traços temperamentais.

---

alucinação da visitação do demônio. McGRATH, Alister E. *Luther's Theology of the Cross: Martin Luther's Theological Breakthrough*, 1990, p. 57.

<sup>109</sup> Para Lutero, não é possível ao cristão ser cristão enquanto não encontrar na centralidade da cruz o seu escândalo mais desafiador; algo como o *thaumazein* — o espanto — da filosofia grega. *Crux sola est nostra theologia*, “somente a cruz é a nossa teologia”. WESTHELLE, Vitor. *O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz*, 2008, p. 49.

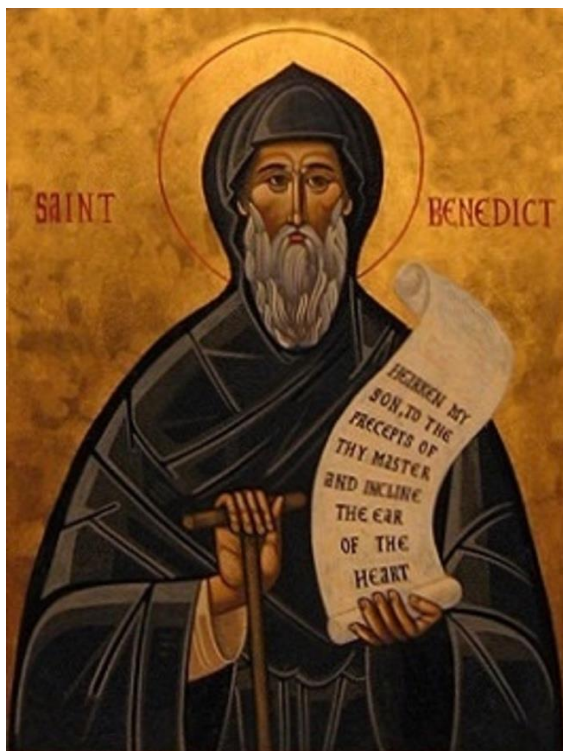
<sup>110</sup> EBELING, Gerhard. *O pensamento de Lutero*, p. 180.

A análise dos tipos NF, como vimos, nos permite dizer que são os tipos que apresentam mais facilidade em compreender e ler os sentimentos dos outros com maior profundidade. São também os tipos temperamentais mais afetivos. Não por acaso, relembramos, o tipo NF é chamado por Keirsey e Eduard Spränger de *tipo religioso*. Voltado para o futuro e sempre essencialmente idealista, o tipo NF é o que mais nutre o sentimento de unidade e busca uma experiência única e una com o mundo sagrado. Essa sede especial por unidade do perfil idealista proporciona as experiências fundantes para a convivência comunitária, sobretudo a convivência religiosa. Porém, como afirmamos, isso não significa que os tipos NF têm exclusividade no âmbito da religião. Apenas que, sob alguns aspectos da vida religiosa, os NF levam certa “vantagem” uma vez que seu temperamento tem predileção para os ideais preconizados pelo discurso religioso. No entanto, como já vimos e veremos a seguir (especialmente em alguns SP e SJ), a vida religiosa e a liderança religiosa estão presentes em todos os demais tipos psicológicos que também podem praticá-las com grande profundidade e sentido.

## IV.2 Religião em outros tipos de Keirsey: ISTJ x ISFP

Neste tópico recolherei, com cortes, as análises de Jean Lauand sobre a oposição entre dois grandes da Igreja Católica: o ISTJ do espírito beneditino (Bento) x ISFP (Francisco). Tive a oportunidade de colaborar minimamente com esse estudo e até assiná-lo como coautor (mais por conta de outra parte do artigo). Mas como é uma obra prima e peça importante no mosaico que estamos montando, pareceu-me adequado, mesmo sendo uma citação longa, apresentá-la aqui.

Mas comecemos com os perfis ISTJ e ISFP do site de DK. Devo advertir que, neste caso concreto, atrevo-me a discordar do site de DK quando este diz que Bento XVI é ISFJ, pois trata-se claramente de um ISTJ (como o doce ISFJ poderia receber alcunhas como as de Ratzinger: “Cardeal Panzer”, “Rotweiller de Deus” ou “Cardinal *No* (Cardeal Não)”?).



São Bento: a Regra.

<http://colegiosaobentosalvador.com.br/11-de-julho-dia-de-sao-bento/>

Como sempre a tradução está em Lauand 2018 (p.44)

#### IV.2.1 ISTJ

Superresponsáveis, superconfiáveis. Em casa ou no trabalho são extraordinariamente perseverantes e cientes do dever, especialmente em “estar de olho” para assegurar que nada falhe nas pessoas e produtos que dele dependem. Com seu jeito quieto (cinza), estão vigilantes para que as regras se cumpram, as leis sejam respeitadas e os padrões mantidos. São eles os verdadeiros guardiães (SJ) das instituições. São pacientes no trabalho e com as rotinas da instituição, mas nem sempre o são com comportamento não autorizado de alguns colegas / subordinados. Os ISTJ gostam quando as

peças estão cientes de seus deveres e seguem as normas e cumprem os prazos. E gostariam que todos fossem responsáveis como ele. Podem ser intransigentes quanto às regras da empresa e não hesitar em reportar irregularidades aos canais competentes; daí que frequentemente são considerados duros e insensíveis e mal interpretados quanto às suas boas intenções. Esse seu zelo pelos padrões e normas é exercido discretamente (o ISTJ é o discreto) e sua dedicação pode passar despercebida e não valorizada. Embora não comunicativos como os ESTJ, os ISTJ são muito sociáveis e se envolvem em associações de serviço da comunidade, como escola dominical, escoteiros etc., que transmitem valores tradicionais aos jovens. Como todos os SJ, prezam as cerimônias sociais da família, bodas, aniversários etc. embora tendam a um retraimento se o evento se estende por muito tempo ou com muita gente. Não se sentem bem com espalhafatos; sua fala tende a ser sóbria e pés no chão, sem exuberâncias ou floreios; seu modo de vestir, simples e sóbrio (e não da última moda); sua casa e escritório limpos, em ordem e tradicional, sem ostentações. Suas coisas – carro, pasta de dente etc. – são standard. Gostam de clássicos e antiguidades e preferem o antigo à última onda.



#### IV.2.1 ISFP

Mais do que os outros SP, os ISFP estão em sintonia com em seus sentidos e especialmente ligados em todos os tipos de obra de arte. Enquanto outros SP têm habilidades com ferramentas, pessoas e entretenimento, os ISFP têm uma excepcional capacidade inata para lidar com sutis diferenças de cor ou de tom, textura, aroma ou sabor. Dedicando longas horas solitárias à sua arte, são tão impulsivos como os demais SP. Não esperam, agem, no aqui e agora, com pouco ou nenhum planejamento. Estão dominados pela composição, como se fossem arrebatados por um furacão. Os ISFP pintam ou esculpem; dançam ou fazem skate, compõem melodias ou receitas de pratos, ou seja lá o que for, como um imperativo. Essa capacidade de se perder na ação conta para os resultados espetaculares individuais de alguns ISFP e em seu lado social mostram uma gentileza incomparável. ISFP são especialmente sensíveis à dor e ao sofrimento dos outros e solidarizam-se com os que sofrem. Alguns têm notável jeito para lidar com crianças pequenas, com um natural vínculo de compreensão e confiança com elas. Alguns têm esses laços até com animais, mesmo animais selvagens. Muitos ISFP sentem um instintivo desejo da natureza, mesmo da inexplorada. Os ISFP são muito difíceis de serem observados e são mal interpretados. A dificuldade geralmente procede de sua tendência a não se expressarem verbalmente, mas por meio de sua arte. Em geral, não se interessam por desenvolver capacidade de falar em público ou mesmo na arte da conversação; preferem sentir o pulsar da vida pelo toque, músculos, pelos olhos, ouvidos etc. Sim, querem partilhar sua visão de mundo, desde que achem algum meio não verbal, artístico e só aí, então, revelam seu caráter.

## IV.2.2 Um caso antológico de ISTJ x ISFP: Bento de Núrsia e Francisco de Assis

Seguem-se as análises de Lauand (Lauand, Starosky 2018, p.) abaixo:

### IV.2.3 O beneditino, ISTJ – evocação de um sábio monge.

Evoco a sua figura [D. João Mehlmann, protótipo do monge beneditino e do sábio beneditino; ISTJ] pois é muito melhor do ponto de vista didático nos atermos ao concreto – não por acaso *enseñar* em espanhol significa também mostrar – no caso, uma figura emblemática do ideal de São Bento, com a qual tive o privilégio de frequente convívio ao longo de seis anos (ele veio a falecer em 30-12-1988), com longas conversas ao menos uma vez por mês, além de inúmeras consultas telefônicas. Para as recordações que se seguem, recorrerei ao artigo em homenagem a Dom João, que publiquei no Estadão (Lauand 1988) e a entrevista que concedi a Roberto Castro (2009).

Dom João, monge exemplar, era além do mais um erudito incomparável, especializado em Padres da Igreja e Sagrada Escritura, com domínio absoluto das línguas e uma imensa bagagem de leituras em sua memória prodigiosa; conhecimentos generosamente ao dispor dos amigos que frequentavam sua cela no mosteiro. Com uma perna amputada, preso a uma cadeira de rodas, dedicava-se em tempo integral ao estudo e a um incrível “banco de dados” pessoal (naquele tempo não havia internet e nem PCs) com milhares e milhares de fichas.

Na verdade, em certos aspectos, D. João superava o Google. Lembro-me que um dia telefonei para ele porque queria saber quem era o autor do hino medieval *Ave verum*. Dom João respondeu: “Qual dos *Ave verum*?” Eu, que nem sabia que havia outros, precisei: “*Ave verum corpus natum*”. Ele disse que não sabia. Eu estranhei muito: como ele não sabe, se ele sabe tudo? Ele continuou: “Ninguém sabe. O primeiro manuscrito, do século XIV, é anônimo; outro manuscrito...”. E me falou a relação completa dos manuscritos do *Ave verum corpus natum*. [...]

A história da educação e da cultura medievais, confunde-se, em boa medida, com a da Ordem e 529, o ano de fundação do mosteiro de Monte Cassino, é considerado por muitos historiadores (como Pieper) o início da Idade Média, e o período que vai até o século XI é chamado de “era beneditina”.

Em todos os semestres, até seu falecimento, “aproveitando-me” do fato de sua condição de cadeirante, para que as turmas (de 60 alunos) pudessem ter uma conferência com o especialista, em vez de levar Dom João para a USP, eu levava os alunos ao São Bento (o Colégio, ao lado do Mosteiro) e eles tinham a oportunidade de ter acesso a – mais do que aos conhecimentos do palestrante na conferência, mero pretexto – um autêntico monge medieval, ao puro espírito de São Bento. A aula terminava pouco antes dos Offícios de Vésperas e os alunos que quisessem dirigiam-se à Igreja de São Bento para acompanhar a Liturgia das Horas em latim e com canto gregoriano. Todo um laboratório de cultura medieval, especialmente o monge.

O que mais impressionava aquelas jovens alunas era o monge em seu *contemptus mundi*, imerso em São Jerônimo e Orígenes e totalmente alheio às incidências mundanas do mundo moderno. Um dia, levei para ele revisar os originais de um livro que tinha escrito. Como sempre, buscava aproximar a filosofia e a educação medieval da cultura contemporânea e mencionei um verso de Caetano: “Por isso uma força me leva a cantar” (da então, ainda recente, canção “Força Estranha”). Dom João leu, disse que estava bom, mas fez uma ressalva: “Caetano nunca disse isso”. Estranhei e perguntei a qual Caetano ele se referia. Ele respondeu: “O cardeal Caetano, do século XVI, ora. Que outro Caetano há”? Do alto dos 1500 anos de sua Ordem, um dia explicou por que não se dedicava a aprofundar no marxismo. Ele disse: “Quando eu era jovem, Pio XI disse que o marxismo era errado. Se está errado, pensei, não vai durar mais que 300 ou 400 anos. Não vale a pena estudar”.

Dom João, como bom SJ, prezava as distinções institucionais da Ordem, como a utilização do “Dom” – privilégio de bispos – por monges beneditinos. Uma vez, nossa conversa em sua cela foi interrompida por um monge que lhe trouxe a bandeja do almoço. “– Obrigado Valdisnei [nome “aproximado”]”.

Quando o confrade saiu, ele confidenciou-me em voz baixa: “Antigamente, entravam para a Ordem e se tornavam Dom – Dom Clemente, Dom Basílio, Dom Irineu – mas *agora* eles continuam Valdisnei mesmo”. O seu “agora” resumia as recentes mudanças na Igreja e na Ordem, com a – a seu ver – consequente decadência. O rigor do estilo da Ordem teria o poder de transformar “eles” (os menos dotados social e intelectualmente) e elevá-los a uma maior estatura. Claro que, para Dom João, o “agora” incluía novas teologias que, no fundo – em seu acentuado lado S – simplesmente escondiam desordenados desejos carnisais.

São Bento e os SJ: a Regra, os horários (entre tantas outras contribuições, S. Bento “inventou” horários, sagrados para seus monges), o eterno (em oposição ao efêmero), o voto de *stabilitas loci* (o monge beneditino, via de Regra, deve permanecer em seu mosteiro) etc. Uma vez perguntei a Dom João por que o Mosteiro de São Bento está em um dos pontos mais centrais e ruidosos da cidade, quando o previsto é o ermo e o silêncio. “- Nós estamos aqui desde o século XVI; o barulho veio depois...”.

Se tinha momentos de humor e divertia-se com piadas, no entanto, ele mantinha o rigor. Pouco antes de ele morrer, fui visitá-lo no mosteiro e ele me mostrou uma foto que tirara para o obituário, com aspecto muito grave. Comentei que a foto não combinava com seu bom humor. E ele justificou o semblante grave na foto assim: “Eu sou um monge”. Dom João, muito inteligente, sabia ser flexível em coisas de menor importância: certa vez acompanhou-me à Biblioteca do Mosteiro, próxima à sua cela, para emprestar-me um livro (o que não era permitido) raro de Boécio e quando eu apanhei o grosso volume e já ia empurrar sua cadeira de rodas de volta para a cela, ele falou-me energicamente: “- Ô, camufla!”. “- !!??”. Ele apontou-me o vazio deixado pelo Boécio na estante e fez o gesto de ajuntar os livros remanescentes...

Não esqueçamos que S. Bento fundou sua Ordem em tempos difíceis: o Império Romano no Ocidente foi extinto e assolado por bárbaros (em um primeiro momento ainda não convertidos ao cristianismo e ao catolicismo) e a ideia era a de preservar valores espirituais no espaço sagrado do mosteiro,

que mesmo os bárbaros, em geral, respeitavam – daí que, em inglês, até hoje, o espaço inviolável (de asilo político ou reserva ecológica) seja *sanctuary*.

Em tempos de “novos bárbaros” e considerando-se fiador da verdade, não é de estranhar que o (acentuadamente) ISTJ Joseph Ratzinger, tenha elegido para si o nome de Bento XVI, inspirando-se em Bento (padroeiro da Europa e, para Ratzinger, até mesmo fundador da Europa), em seu projeto de reconversão do continente.



"Dondequiera que estalle un aplauso en la liturgia por algún logro humano, es un signo seguro de que la esencia de la liturgia ha desaparecido totalmente..."

Benedicto XVI

<http://abc-apologetica.blogspot.com.br/2012/08/estamos-con-el-papa-y-en-la-liturgia.html>

"Dondequiera que estalle un aplauso en la liturgia por algún logro humano, es un signo seguro de que la esencia de la liturgia ha desaparecido totalmente y de que ha sido reemplazada por algún tipo de entretenimiento religioso. Tal atracción se desvanece rápidamente; no puede competir en el mercado de la búsqueda de ocio, incorporando, tal como lo hace cada vez más, varias formas de excitación religiosa." (Pg 198 de la edición en inglés: *The Spirit of the Liturgy*, San Francisco: Ignatius Press, 2000.)

#### IV.2.4 São Bento de Núrsia

*Queridos irmãos e irmãs!*

Gostaria hoje de falar de São Bento, Fundador do monaquismo ocidental, e também Padroeiro do meu pontificado. (...)

São Bento de Núrsia com a sua vida e a sua obra exerceu uma influência fundamental sobre o desenvolvimento da civilização e da cultura europeia. (...) O contexto geral do seu tempo: entre os séculos V e VI o mundo estava envolvido por uma tremenda crise de valores e de instituições, causada pela queda do Império Romano, pela invasão dos novos povos e pela decadência dos costumes. Com a apresentação de São Bento como "astro luminoso", [seu biógrafo e quase contemporâneo, o papa] Gregório queria indicar nesta situação atormentada, precisamente aqui nesta cidade de Roma, a saída da "noite escura da história" (cf. João Paulo II, *Insegnamenti*, II/1, 1979, p. 1158). De facto, a obra do Santo e, de modo particular, a sua *Regra* revelaram-se portadoras de um autêntico fermento espiritual, que mudou no decorrer dos séculos, muito além dos confins da sua Pátria e do seu tempo, o rosto da Europa, suscitando depois da queda da unidade política criada pelo império romano uma nova unidade espiritual e cultural, a da fé cristã partilhada pelos povos do continente. Surgiu precisamente assim a realidade à qual nós chamamos "Europa". (...) Na prática da obediência realizada com uma fé animada pelo amor (Regra 5, 2), o monge conquista a humildade (5, 1), à qual a Regra dedica um capítulo inteiro (7). Desta forma o homem torna-se cada vez mais conforme com Cristo e alcança a verdadeira auto-realização como criatura à imagem e semelhança de Deus. (...) Paulo VI, proclamando a 24 de Outubro de 1964 São Bento Padroeiro da Europa, pretendeu reconhecer a obra maravilhosa desempenhada pelo Santo mediante a *Regra* para a formação da civilização e da cultura europeia. Hoje a Europa que acabou de sair de um século profundamente ferido por duas guerras mundiais e depois do desmoronamento das grandes ideologias que se revelaram como trágicas utopias está em busca da própria identidade. Para criar uma unidade nova e duradoura, são sem dúvida importantes os instrumentos políticos, económicos e jurídicos, mas é preciso também suscitar uma renovação ética e espiritual que se inspire nas raízes cristãs do Continente, porque de outra forma não se pode reconstruir a Europa. (...) Procurando o verdadeiro progresso, ouvimos também hoje a *Regra* de São

Bento como uma luz para o nosso caminho. O grande monge permanece um verdadeiro mestre em cuja escola podemos aprender a arte de viver o humanismo verdadeiro.” (Bento XVI, 2008)

O que ressalta é a afinidade dos SJ – e particularmente dos ISTJ – com o carisma beneditino. Keirsey diz que os ISTJ são “os guardiões das instituições tradicionais” (1990, p. 216), ficam “muito inquietos com a ideia de que as instituições estão em perigo de ruir” (1990, p. 216), “transmitem uma mensagem de formalidade e estabilidade” (1990, p. 217), primam “pela paciência em seu trabalho” (1990, p. 217), são os mais sérios e detalhistas em inspecionar se está tudo em ordem na instituição (1988, p. 107), especialmente “preocupados com moralidade” (1988, p. 107), são confiáveis, voltados para o passado, prezam autoridade e *belonging* (1988, p. 107), “tendem a se envolver em organizações de serviço à comunidade que transmitam valores tradicionais aos jovens, tais como Escola Dominical, Escoteiros etc. (1988, p. 108). Etc.

É, tipicamente, a oposição entre o ISTJ, o beneditino da Regra e, digamos, o NF do jardim das almas, com suas rosas e florezinhas campestres de uma carmelita como Santa Teresinha. Aliás, quem procurar no Google “mística carmelita” ou “poesia carmelita” verá que os resultados superam em muito os inexpressivos “mística beneditina” / “poesia beneditina”. Já “beneditino” é, na linguagem popular, campeão em paciência (“paciência beneditina”), que Houaiss dicionariza: “aquele que se devota incansavelmente a trabalho metuculoso”.

#### IV.2.5 Francisco de Assis, o ISFP, e os franciscanos.

O SP, embora compartilhe com o SJ o fator S, é-lhe notadamente oposto.

Se o SJ é tipicamente voltado para o dever, a seriedade e a responsabilidade; preza a ordem, a hierarquia, as instituições e a organização; o SP é voltado para a ação impulsiva, preza a liberdade, a independência, a alegria e o lúdico

e não liga muito para hierarquias e instituições. Tipicamente, se o SP queixa-se da quadradice do SJ (o chato de galocha); o SJ queixa-se do SP, como uma vez ouvi em um diálogo desses dois S: “Pôxa, parece que para você as regras e leis foram feitas para serem infringidas...”

O realismo do SJ, sua experiência, pode tender ao pessimismo, como, retomando o que já apontamos, em *Os Lusíadas* o Velho do Restelo, “c'um saber só de experiências feito” (IV, 94), maldizendo e denunciando as escusas motivações da expedição; enquanto o SP Vasco da Gama, movido por impulso de aventura (o famoso “navegar é preciso” refere-se precisamente ao imperioso impulso dos SP), ordena o embarque sem despedidas, sem olhar para o choro das mães e esposas na praia: “por não mudarmos do propósito firme começado” (IV, 93).

Keirsey coloca São Francisco de Assis como claramente ISFP (Keirsey 1990, p. 235) e efetivamente as características desse tipo realizam-se no *Poverello*.

“Embora todos os SP sejam artesãos por natureza, não praticam sua habilidade com a mesma devoção à graça e ao adorno como o ISFP. Por alguma razão o ISFP parece mais inclinado às ‘belas artes’ do que os outros SP” (Keirsey 1990, p. 233). “São tão hedonistas e impulsivos como os demais SP (...) não planejam nem preparam. Submersão na sua arte não é preparação para algo que farão mais tarde; é antes o experimentar intensamente esse momento. Os ISFP não esperam, porque esperar é ver seu impulso murchar e morrer” (1990, p. 234).

Pela sua ligação com o concreto específico (cor, no caso do pintor; som, no do músico; etc.) o ISFP é quem está mais fortemente ligado à realidade (no caso do ISTP, temos a mediação de algum instrumento ou ferramenta). Sendo “de longe o mais amável e gentil de todos os tipos, sem competidores próximos” (1990, p. 235), o ISFP é o tipo mais sensível à dor e ao sofrimento alheio. Há um parágrafo de Keirsey (1990, p. 236) que é obrigatório, por evidenciar o temperamento de São Francisco:

“Podemos hallar en muchos ISFP un deseo instintivo por la naturaleza, lo pastoral y lo bucólico. Se sienten en casa cuando se encuentran en medio de la naturaleza y esta parece darles la bienvenida. Algunos saben tratar de un modo especial a los animales, incluso a los animales salvajes. Parece como si hubiera un lazo común de mutua simpatía y confianza. En algunos casos, ese mismo lazo aparece entre los ISFP y los niños pequeños de un modo instantáneo sin planearse.”

O que vimos sobre os SP e, em particular, sobre o ISFP, relaciona-se com São Francisco. Se o SJ São Bento foi glorioso pela sua Regra; São Francisco, por não querer regra nenhuma, mas a espontaneidade da liberdade. Se São Bento prescreveu leituras e, muito cedo – a partir de Cassiodoro e seu mosteiro *Vivarium* – seus monges se dedicaram ao *scriptorium*: à cópia, ao estudo e ao ensino; Francisco prefere a vida à intelectualização. Sua compaixão é para com os pobres e doentes; seu senso artístico-pastoral do concreto, que o leva a inventar o presépio e o amor à natureza e aos animais. Se o SJ Bento é o Padroeiro da Europa, São Francisco é o personagem mais querido do mundo, amado por cristãos e não cristãos, artífice da paz, padroeiro dos animais, da ecologia e de milhões de carinhosamente apelidados de Chico, Paco, Quico, Pancho, Ciccio, Fran, Cisco, Kiko etc. pelo mundo. Além de dar nome a dezenas de municípios pelo Brasil afora.

No confronto Francisco x Bento, este conquista Ratzinger; aquele, Bergoglio. E o *Poverello* ganha de goleada no sem número de pessoas que o têm como santo onomástico. Daí que, para individualizar um determinado Chico o povo recorra a determinações adicionais, por origem – como na clássica “Chico Mineiro” (canção que em 1946 consagrou Tônico e Tinoco e, 50 anos depois, sucesso na voz de Sérgio Reis) – ou por outras características (Chico Vesgo, Chico da Rosinha, Chico Valentão etc.); ou ainda explicitando o sobrenome, como na narrativa de Caymmi na maravilhosa canção praieira “A jangada voltou só”, na qual é preciso dar o sobrenome do protagonista Francisco (pois, em qualquer aldeia, são muitos), mas não o do (raro) Bento: “A jangada saiu / Com Chico Ferreira e Bento / A jangada voltou só”

[...] Não é por acaso que quando o imaginário popular quer um religioso para romper as barreiras da burocracia e do legalismo, é na família franciscana que pensamos, como no caso de Frei Lourenço de *Romeu e Julieta* ou nos frades que ajudam o Zorro (ou no “franciscanizado” frei Tuck de Robin Hood).

Ou a oposição entre o nominalismo franciscano e a ortodoxia beneditina que se dá em *O Nome da Rosa*.

Na vida de Francisco encontramos um famosíssimo gesto impulsivo (típico de SP): para expressar seu desprendimento dos bens materiais, ficou nu em praça pública, afrontando as ameaças do pai, rico comerciante de tecidos. Algumas más línguas eclesiásticas (confidencialmente, é claro) admitem a hipótese de que o antigo emblema dos franciscanos, com dois braços em cruz, seria na verdade o gesto, em versão estilizada, “*dell’ombrello*” (dobrar o braço com a mão fechada, apoiada no cotovelo), que em Portugal, segundo Câmara Cascudo (2012, verb. “Dar Banana!”) se chama eufemisticamente: “apresentar as armas de São Francisco”! Essa teria sido a resposta gestual de Francisco à pergunta do pai sobre que destino dar – já que o filho não se interessava – a seus ricos tecidos.... Não sabemos como realmente as coisas se passaram, mas o gesto não é simplesmente impensável para nosso SP (mesmo que santo). Naturalmente, os mais “devotos” sempre preferirão a interpretação pia.

## IV.3 Ainda outros tipos de Keirsej: ESTP e ISFJ

### IV.3.1 A Vocação de Serviço: Madre Teresa – ISFJ

Concluimos nossas análises com os tipos ISFJ e ESTP. O ISFJ é um caso frequentíssimo entre religiosas e religiosos: uma vocação de servir. A ISFJ cabal é Madre Teresa de Calcutá, de quem na recente cerimônia de canonização, o Papa Francisco fazia notar de que, na boca do povo, dificilmente ela iria ser “Santa Teresa de Calcutá”, mas

*Madre* Teresa – jogando com o fato de que em italiano (e em todas as línguas, exceto o português) *madre* é além da religiosa, mãe, o amor maternal da ISFJ.

Vejamos o perfil ISFJ no site de Keirsey (in Lauand 2018, p. 47)

#### IV.3.2 ISFJ (Protector)

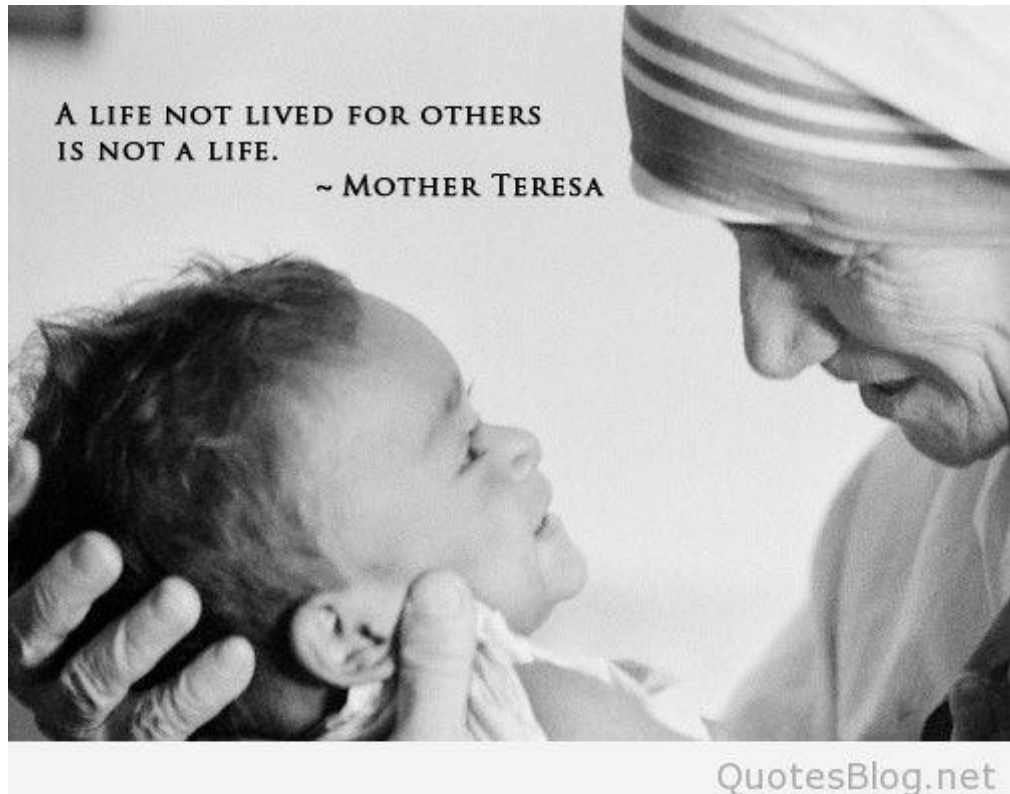
Sorte nossa que os ISFJ atingem cerca de 10% da população, pois seu interesse principal é a segurança e a proteção daqueles de quem eles se ocupam – sua família, alunos, amigos, pacientes, chefe, colegas ou empregados. Os Protetores têm um extraordinário sentido de lealdade e responsabilidade e se sentem realizados ao proporcionarem escudos contra os perigos e sujeiras do mundo. Não são dados a teorias ou a testar coisas novas, preferindo valer-se de produtos e procedimentos consagrados pelo tempo em vez de mudar para coisas novas. No trabalho, sentem-se desconfortáveis em situações nas quais as regras estão constantemente mudando e nos quais os procedimentos estabelecidos pelos anos não são respeitados. Valorizam a tradição na cultura e em suas famílias. Acreditam profundamente na hierarquia conferida por nascimento, títulos, cargos e credenciais. Prezam a história da família e gostam de cuidar das propriedades da família. Gostam de estar ao serviço dos outros e são excelentes em assistir necessitados, deficientes e oprimidos.



[https://www.google.com.br/search?q=fotos+de+irm%C3%A3+Dulce&sxsrf=ACYBGNR1932DCZFxR3MniuqSDskBH6smbA:1568644622521&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=YYf\\_8lzyWlaZOM%253A%252CNd3iD2BORD\\_yoM%252C\\_&vet=1&usg=AI4\\_-kSQ00ofrzT1\\_PbdNkzWbeogWitQrO&sa=X&ved=2ahUKEwib\\_IPMyNXkAhWLKlkGHSGjCjUQ9QEwCHoECAcQFA#imgrc=HFa3FkWcO8qsFM:&vet=1](https://www.google.com.br/search?q=fotos+de+irm%C3%A3+Dulce&sxsrf=ACYBGNR1932DCZFxR3MniuqSDskBH6smbA:1568644622521&tbm=isch&source=iu&ictx=1&fir=YYf_8lzyWlaZOM%253A%252CNd3iD2BORD_yoM%252C_&vet=1&usg=AI4_-kSQ00ofrzT1_PbdNkzWbeogWitQrO&sa=X&ved=2ahUKEwib_IPMyNXkAhWLKlkGHSGjCjUQ9QEwCHoECAcQFA#imgrc=HFa3FkWcO8qsFM:&vet=1)

Não são extrovertidos como os ESFJ e sua timidez pode ser erradamente interpretada como dureza ou frieza, quando na verdade são acolhedores e compreensivos, dedicando-se de bom grado aos necessitados. Na verdade, sua reserva deve ser vista como expressão de sua sinceridade e seriedade. O mais dedicado de todos os tipos, os ISFJ gostam de trabalhar dura e longamente e naqueles trabalhos que ninguém reconhece e todos evitam.

Frequentemente gostam de trabalhar sozinhos; se são chefes podem fazer o trabalho eles mesmos em vez de encarregar outros. Sóbrios e discretos. Se assumem uma tarefa entregam-se totalmente a ela. Valorizam cada real e detestam o desperdício de dinheiro. Sabem o valor de poupar e de dispor de reservas para emergências.



<http://quotesblog.net/wp-content/uploads/2015/10/f8df811c6f698f0a26a6fef369c0e370.jpg>

Frequentemente estão sobrecarregados de trabalho, sem reconhecimento por parte dos outros. Suas contribuições são dadas por assente e raramente recebem a gratidão que merecem.

#### IV.3.3 Dois ESTP antípodas: Donald Trump e Sérgio Vieira de Mello

Desde o começo deste trabalho temos insistido no fato de que o temperamento é eticamente neutro. Embora os dois personagens contemplados neste tópico não sejam religiosos, interessa-nos a atitude (radicalmente oposta) de ambos em relação à paz, à diplomacia e à concórdia. E isto sendo cada um ESTP cabalmente. Sérgio Vieira de Mello, um dos maiores diplomatas de todos os tempos, favorito para o Nobel da Paz (não fosse sua trágica morte), negociador incomparável (qualidade típica de ESTP), vale a pena recordar alguns pontos da carreira desse grande brasileiro.

[...] Sérgio Vieira de Melo em dezembro de 1985 conclui o Doutorado de Estado em Letras e Ciências Humanas, na Sorbone, com a tese Civitas Máxima. Durante os anos seguintes, foi Chefe de Gabinete do Alto Comissariado, foi Secretário Geral do Comitê Executivo e Diretor do Departamento da Ásia e Diretor de Assuntos Externos.

Sérgio Vieira de Melo é enviado, em 1991, para o Cambodja, onde em 1993, cerca de 370 mil refugiados cambojanos voltam para sua pátria. Ainda neste ano participa de uma operação de manutenção da paz na Bósnia, onde se torna Diretor Político da United Nations Protection (UNPROFOR), na capital Saraievo. [único diplomata do mundo a conseguir dialogar e negociar com o Kmer Vermelho!!].

Em 1996, é nomeado Assistente da ACENUR e enviado para a região dos Grandes Lagos Africanos, onde realizou a função de coordenador humanitário. Em 1998, é enviado para Nova York, como Sub-Secretário Geral e Coordenador de Assuntos humanitários. Assumiu temporariamente a posição do Representante Especial do Secretário Geral em Kosovo e serviu também como o Administrador Transicional da ONU no Timor Leste [com incríveis resultados pacificadores!!]. Em 12 de setembro de 2002 foi nomeado pelo secretário geral Kofi Annan, para o cargo de Alto Comissário de Direitos Humanos, com sede em Genebra, onde ficou até 2003.

Em maio de 2003, foi nomeado pelo Secretário Geral para assumir o cargo de Representante Especial do Secretário Geral durante quatro meses no Iraque. E nesta função ficou até o dia 19 de agosto de 2003, quando faleceu atingido pelo trágico atentado à sede da ONU, em Bagdá, ataque que foi atribuído ao grupo Al Qaeda.

[https://www.ebiografia.com/sergio\\_vieira\\_mello/](https://www.ebiografia.com/sergio_vieira_mello/)

Em resumo, Vieira de Melo usou seu perfil ESTP para realizar “missões impossíveis” para a diplomacia e a paz, no sentido oposto da arrogância e da prepotência de seu “colega de tipo” ESTP: Donald Trump.



<https://www.snopes.com/news/2016/07/28/donald-trump-criticized-for-mocking-disabled-reporter/>

Em uma de suas tantas bravatas de campanha: debochando de um repórter deficiente

Mas, vejamos o perfil ESTP no site de Keirse (in Lauand 2018, p. 52)

#### IV.3.4 ESTP

Gente de ação, a vida nunca está parada ao redor deles. Quando o ESTP está presente, as coisas começam a acontecer: as luzes se acendem, a música toca, o jogo começa. Cheios de vida e divertidos, mesmo as situações mais banais parecem excitantes. Sempre buscam novas atividades e desafios.



20.mai.2002 – O presidente eleito do Timor Leste, Xanana Gusmão (à direita), recebe a chave simbólica do país das mãos do diplomata brasileiro Sérgio Vieira de Mello, então chefe da administração transitória da ONU no país. <https://www.gettyimages.com/detail/news-photo/sergio-vieira-de-mello-left-head-of-the-united-nations-news-photo/540019645#/sergio-vieira-de-mello-left-head-of-the-united-nations-transitional-picture-id540019645>

Ousados e otimistas assumem grandes riscos para obter o que querem. São os melhores administradores de problemas de emergência, grandes negociadores e podem ser grandes empreendedores de iniciativas.

Os ESTP têm também um forte apetite pelas coisas finas da vida: a melhor comida, o melhor vinho, carros caros e roupas de grife. São sofisticados nos círculos sociais e conhecem muitíssimas pessoas pelo nome e sabem dizer a coisa certa para todos que encontram. Charmosos e populares, fazem a delícia dos amigos com seu infinito repertório de piadas e casos. Mas, ao mesmo tempo, são um certo mistério para os outros. Vivendo para o momento e para o imprevisto, raramente deixam alguém ganhar intimidade. Têm baixa tolerância para autoridade e compromisso e tendem a abandonar situações quando chega a hora de se enquadrar ou tocar o segundo violino. Os ESFP sabem que o mais veloz fica sozinho, embora sua solidão não tenda a durar

muito, pois sua ousadia e gosto por aventura tornam-no muito atraente para muitas pessoas.

#### IV.4 Os tipos básicos de DK (SJ, SP, NT e NF) e os 4 evangelhos

Desde o início deste trabalho repetimos que a teoria keirsejana dos temperamentos tem extraordinária e surpreendente aplicação no campo religioso. Textos religiosos em geral (não só da tradição greco-romana, mas também da judaico-cristã), particularmente os que se referem à liderança religiosa, podem ser examinados com maior profundidade quando lidos à luz dessa teoria tipológica. No âmbito da tradição judaica, um nos vem de Deuterônomo e outro, do Profeta Ezequiel.

O registro do profeta Ezequiel (que escreveu o livro que faz parte do cânone do AT por volta do ano 590 a.C) chama a atenção porque descreve a humanidade formada por quatro seres viventes. De acordo com Ezequiel 1. 5, 6 e 10 um ser vivente tem o rosto de um homem, o outro o rosto de um leão, o outro o rosto de um boi e o outro, de uma águia. João, autor de Apocalipse, parece repetir esse mesmo esquema no capítulo 4.7 ao dizer que, arrebatado pelo Espírito, viu no trono do céu quatro animais: “o primeiro animal era semelhante a um leão, e o segundo animal semelhante a um bezerro, e o terceiro animal tinha o rosto como de homem, e o quarto animal era semelhante a uma águia voando”.

O outro texto, a nosso ver o mais impressionante, nos vem do antigo Decálogo, registrado em Deuterônomo 6.5.<sup>111</sup> O mesmo texto foi retomado e registrado pelo médico Lucas, autor de um dos evangelhos da Bíblia: “Amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua *alma*, com todas as tuas *forças* e com toda a tua *mente*” (Lucas 10.27).

---

<sup>111</sup> O texto veterotestamentário não inclui “com toda mente” (o tipo NT). Parece ter sido um acréscimo de Jesus (que – na visão cristã – reúne perfeitamente o equilíbrio dos quatro temperamentos). E, Lucas, que provavelmente conhecia a mais antiga teoria tipológica que se tem conhecimento, de Hipócrates – seu colega de profissão –, fez o registro no seu evangelho sem hesitar.

É inevitável não estabelecer um imediato paralelo com a teoria keirseynana: “Com todo o teu coração” – remete ao tipo SP; “com toda a tua alma”, ao NF; “com todas as tuas forças”, ao SJ; e “com toda a tua mente”, ao NT.

Não menos surpreendente – ao lado do já mencionado texto do antigo Decálogo – é o fato de também serem 4 os grupos religiosos em torno dos quais gravitou o povo judeu, sobretudo nos tempos de Jesus. Os quatro grupos religiosos que tinham como propósito cuidar da preservação da religião de Abraão, Isaque e Jacó: os fariseus, os saduceus, os essênios e os zelotes.

Porém, neste tópico o nosso objetivo é trazer, de modo especial e sucintamente, a correlação da teoria com os 4 evangelhos e as características tipicamente keirseynanas dos seus autores.

#### IV.4.1 Keirsey e os 4 evangelhos

Nota prévia: a primeira e mais importante divisão dos tipos na teoria dos temperamentos de DK – repetimos aqui apenas para lembrar – é o par S/N. A importância da clareza dessa distinção é especialmente significativa no estudo dos 4 evangelhos. Mateus e Marcos são claramente S – voltados predominantemente ao passado, ao Jesus histórico, da fé que se apega às coisas que já aconteceram. Trabalham mais com a “lembrança presente das coisas passadas”. Lucas e João são claramente N – voltados predominantemente para o futuro, para o Jesus da esperança e do amor. Trabalham mais com a “esperança presente das coisas futuras”. Como veremos, a indicação relativamente simples de que Mateus e Marcos sejam, respectivamente, SJ e SP (Guardião e Artesão), não encontra discordância nos poucos pesquisadores sobre o assunto. No entanto, com relação aos evangelhos de Lucas e João, não há unanimidade. Uma breve observação do próprio DK no final do seu “Please, Understand Me II”,<sup>112</sup> indica que Lucas é NT e que João é um típico NF. E essa foi a posição adotada também por mim na presente pesquisa no item *João como INFP*. No entanto, Bersagel<sup>113</sup> e Oswald e Kroeger<sup>114</sup> adotam o posicionamento de que Lucas seja um NF e que João seja um NT. Visto que – como sempre insistimos – não existem tipos puros, mas caricatos, meramente aproximativos e que,

---

<sup>112</sup> Keirsey, 1998, p. 332.

<sup>113</sup> Bersagel, 2019, p. 73.

<sup>114</sup> Oswald & Kroeger, 1988, p.87.

principalmente esses gigantes do espírito, escapam a qualquer enquadramento tipológico, mantereí a posição de que Lucas seja um N com forte inclinação T e que João, um N com forte inclinação F, conforme já apresentado. Contudo, para ampliar a reflexão, também apresentarei a seguir Lucas como NF e João como NT, com base nesses autores.

A noção de que a humanidade tem quatro faces (tão frequentemente notada ao longo da história, como já vimos no primeiro capítulo), de fato, também parece estar em evidência no mais importante conjunto de livros do Novo Testamento, os quatro evangelhos, Mateus, Marcos, Lucas e João. Acreditamos que não é por acaso que sejam *quatro* livros, escritos em *quatro* estilos diferentes, apresentados por *quatro* personalidades muito diferentes. Por que a Igreja primitiva incluiu *quatro* evangelhos separados no Novo Testamento? Esta é uma questão que tem sido debatida por estudiosos da Bíblia por quase dois mil anos (e, a despeito da especificidade da exegese, já ilustramos no primeiro capítulo a força simbólica do número quatro no mundo antigo grego e romano). Por que os pais da igreja não integraram os vários relatos de Jesus em uma única narrativa? É provável que nunca saberemos ao certo, mas Irineu, Bispo de Lyon, baseou sua explicação (em 185 d.C.) sobre o que parece ser a suposição mais comum na teologia cristã: uma vez que “*a criatura viva é quadriforme... O Evangelho também é quadriforme*” (Adversus Haereses, iii, II, 8). Estudiosos do assunto respondem a essa questão de diferentes maneiras. Um deles, J. David Bersagel,<sup>115</sup> afirma que cada evangelho surgiu de um dos centros da fé dos primeiros anos da fundação da igreja: Antioquia, Alexandria e Jerusalém; que cada um dos diferentes evangelhos representava uma escola de pensamento sobre Jesus e que diferentes narrativas dariam mais confiabilidade, autoridade e autenticidade. Deixar de fora um evangelho poderia abrir espaço para desconfiança, mas incluir os quatro seria uma forma de unificar as comunidades cristãs. Bersagel aponta também<sup>116</sup> justamente para o fato de que em cada evangelho encontramos pistas sobre a natureza ou o caráter do público para o qual foi escrito. Mas houve também quem achasse quatro evangelhos um exagero. Por exemplo,

---

<sup>115</sup> Autor do livro *Why four Gospels – Gospel Temperament and Preaching*, obra recém publicada (2019) nos EUA.

<sup>116</sup> Destaco a felicíssima coincidência da publicação de *Why four Gospels – Gospel Temperament and Preaching* – justamente no início deste ano 2019, na qual J. David Bersagel também faz a correlação entre a teoria keirseyaniana dos temperamentos e os quatro evangelhos.

o discípulo de Justino Mártir, Taciano, um antigo apologista e asceta cristão, procurou combinar todo o material textual sobre Jesus que encontrou nos evangelhos em uma única narrativa.<sup>117</sup> E pelo menos uma parte da igreja siríaca usou essa harmonização dos evangelhos no século V. Porém, tal harmonia dos evangelhos mostrou-se assustadora e suspeita para a maioria da igreja e na maior parte do mundo cristão, as comunidades escolheram preservar e usar os quatro evangelhos.

Então, o que há de especial nessas quatro testemunhas de Jesus que levaram a igreja a continuar a reivindicá-las como verdadeiras e sagradas histórias da história de Jesus? A motivação foi apenas apostólica, foi a localização geográfica, seu ponto de vista teológico, seu contexto? Ou há algo mais que justifique que quatro evangelhos sejam incluídos no cânone do Novo Testamento?

À luz da teoria keirsejana dos temperamentos isso parece apontar para uma motivação bem distinta e especial. Cada um dos escritores dos evangelhos incorpora e reflete um dos temperamentos ao contar a história de Jesus. Portanto, quando a igreja incluiu os quatro evangelhos no cânone isso parece que não teve relação com a geografia do evangelho, ou com autoridade apostólica, mas com o tipo de pessoas a quem essas narrativas foram dirigidas. Ao incluir os quatro evangelhos a igreja estava simplesmente acolhendo todas as pessoas. O caráter absolutamente inclusivo estava presente. A seleção dos quatro evangelhos evidenciou que a comunidade cristã desejava acolher a todos.

O que isso pode significar para a liderança religiosa – especialmente para os que pregam e ensinam? Entre outras coisas, que os textos precisam ser pregados e ensinados sem aquelas fixações de preferências de alguns textos em detrimento de outros. Esse risco é enorme, pois é muito comum (e, de certo modo, natural) que líderes tenham as suas histórias preferidas. Talvez por isso já a igreja antiga tenha organizado um Lecionário que a cada quatro anos conta todas as histórias dos quatro evangelhos nas leituras dominicais. Isso exige que os pregadores e professores considerem com seriedade o fato de os evangelhos terem uma perspectiva diferente, uma voz diferente – a voz do próprio escritor do evangelho. Isso significa que a cada quatro anos as pessoas de

---

<sup>117</sup> A tentativa de resolver a crise lecionária que enquadrou a vida de Jesus numa única narrativa contínua dividida em 55 capítulos ficou conhecida como *DIATESSERON*. Um lecionário que coincide com o número de semanas do ano mais algumas para o Natal e a Páscoa. <http://www.igrejasiriansantamaria.org.br/leccionario.htm> - Acesso em: 29. 05. 2019

cada temperamento têm a oportunidade de ouvir o evangelho em sua própria “língua”, na linguagem que é mais parecida com a “clave” na qual eles se encontram – de acordo com as suas próprias “chaves temperamentais de leitura de vida”. Essa é outra grande contribuição do conhecimento da teoria dos temperamentos para os que pregam e ensinam: a de levar muito a sério as vozes dos escritores dos evangelhos e não ceder a tentação de falar no seu próprio tom. Uma abordagem que considerar esses aspectos provavelmente estará mais propensa a alcançar mais pessoas e com maior autenticidade o evangelho. Claro que tal abordagem exige que o pregador ou o professor não tenha em mente o seu próprio temperamento, mas que deixe falar o temperamento do evangelista. E isso pode mudar muito a forma de contar e até de interpretar as histórias dos diferentes evangelhos.

#### IV.4.2 Os evangelhos S – Mateus e Marcos

##### IV.4.2.1 O evangelho SJ – Mateus



<https://br.pinterest.com/pin/474777985706549554/?autologin=true>

O evangelho segundo Mateus é um relato histórico ou tradicional de Jesus. Na tradição cristã é simbolizado por um homem – por iniciar sua narrativa com uma longa genealogia e dar enfoque especial à humanidade de Jesus. É provavelmente a palavra de um Guardiã (Mateus era um oficial da alfândega e coletor de impostos, um estudante da Lei Hebraica e da tradição dos escribas) e, portanto, o mais organizado dos quatro Evangelhos. O Sermão da Montanha contém vários “deves” do tipo SJ. Jesus é apresentado como o cumprimento das profecias do Antigo Testamento e não como

alguém que apresenta uma nova religião. Se refere a Jesus como “Mestre” doze vezes e registra cinco longos sermões. O Antigo Testamento é mais citado que nos outros três Evangelhos em conjunto. Mateus se deleita em mostrar como Jesus recapitula a experiência de Israel em sua própria vida. É apresentado como o novo Moisés, o novo Davi, o novo Salomão, o profeta por Excelência, o novo Israel. Curiosamente também somente o Jesus de Mateus fala de *ekklesia*. E é o único Evangelista interessado na fundação da Igreja de Cristo. Os doze apóstolos são reverenciados como líderes hierárquicos da igreja, sendo Pedro o principal líder.

Como já sabemos, o temperamento SJ é o mais numeroso no mundo. De acordo com DK os guardiães são cerca de 45% da população mundial. Portanto, sempre tiveram um lugar de destaque na experiência humana. É chamado de Guardiã porque, desde os tempos remotos da história da humanidade, é o tipo que mais protege sua família. Como a mãe de Moisés que o colocou nos juncos do Rio Nilo para protegê-lo; um Bento XVI, preocupado em preservar a tradição da doutrina religiosa ou como boa parte dos juízes da Suprema Corte da maioria dos países na atualidade. São guardiães que buscam “trazer o passado para o presente”. Para o Guardiã, Shakespeare está certo quando diz que "o passado é um prólogo ..." (Bersagel, 2019, p. 811). Valoriza a tradição, o senso comum, a história, crenças moralmente corretas e está sempre atento às necessidades dos outros.

Keirse cita Meyers com uma série de palavras para descrever esses Guardiães: "*Conservador, meticuloso, confiável, detalhista, factual, trabalhador, paciente, perseverante, rotineiro, sensato, estável, não-impulsivo.*" Os Guardiães podem ser comparados aos castores que constroem meticulosamente uma estrutura e estão dispostos a defender essa estrutura contra qualquer um que tente destruí-la. A inclinação do Guardiã é se conectar com o passado. E o que observamos no evangelho de Mateus? Uma conexão constante com ênfase na tradição e no passado. Não é por acaso que ele comece sua história colocando-a no contexto da tradição judaica. A genealogia começa com Abraão para mostrar que Jesus não caiu de repente do céu, mas sua vinda teve uma preparação profunda, pois para Mateus a autoridade e autenticidade da testemunha encontram-se em conexão com o passado. Jesus não traz algo novo em suas palavras e ações, mas é um cumprimento do passado. Essa conexão o credencia como o Messias de Deus. Se Marcos repete muitas vezes a palavra "de repente", Mateus repete frases como "para que se cumprisse o que foi escrito" ou "como está escrito". São citações da Lei e

dos Profetas que ligam Jesus à história do povo de Deus do Antigo Testamento. Se para Marcos é importante falar do passado-presente, do aqui e do agora, para Mateus importante é falar do presente-passado – daquilo que agora remete ou tem raiz no passado. Ou seja, ainda que Marcos e Mateus sejam do tipo S, Marcos enfatiza a necessidade de quebrar o vínculo com o passado, enquanto Mateus demonstra que é necessário prolongá-lo, pois Deus está cumprindo suas promessas que têm raízes no passado. A ênfase de Mateus é clara: *“Jesus não veio para abolir a lei e os profetas, mas para cumpri-los”* (5:17).

O público de Mateus é provavelmente uma mistura de judeus e gentios - uma mistura do velho com o novo. Arrancar as raízes (o velho) prematuramente é destrutivo para um Guardiã. Após a prisão de João Batista, a mensagem de Jesus em Mateus é resumida com as próprias palavras de João: *“Arrependei-vos, porque o reino dos céus está próximo”* (4:18). O evangelista quer ressaltar que o ministério de Jesus está fundamentado no que veio antes, nas palavras de João Batista. O reino de Deus é, antes de mais nada, presença. Uma presença que se coloca no meio do povo escolhido no passado. Mateus abre seu evangelho dizendo que o nome da criança deve ser Emanuel – Deus Conosco. E termina com as palavras de Jesus: "Eu estarei convosco todos os dias até o fim dos tempos". Durante toda sua narrativa Mateus está querendo dizer “Deus está presente, Deus sempre foi, é e será”. Em Jesus, o passado é trazido para o presente. Em Jesus, a presença da história é trazida para o presente. Quando Jesus morre na cruz, Mateus é o único a contar que naquele momento *“muitas pessoas do povo de Deus (os santos) que haviam morrido saíram dos túmulos”* (27.53,54), para testemunhar o que Deus estava fazendo no mundo.

É muito interessante observar que Mateus com frequência insiste em trazer o passado para o presente, precisamente como o Guardiã que sempre está preocupado em fazer a coisa certa. Um guardião sempre está preocupado em *“cumprir toda justiça”* (2.13-17). E narra com zeloso cuidado a coisa certa a fazer quando Maria fica grávida, ressaltando que em sonho José foi orientado por um anjo a não abandonar sua noiva. E novamente cita a profecia de que *“tudo isso aconteceu para se cumprir o que o Senhor tinha dito por meio do profeta...”* (1.18-25).

Um tema que se estende ao longo deste evangelho é a pergunta: "O que significa ser justo"? A palavra é *tsedekah* – *justiça* – é recorrente. A ênfase é fazer o que deve ser

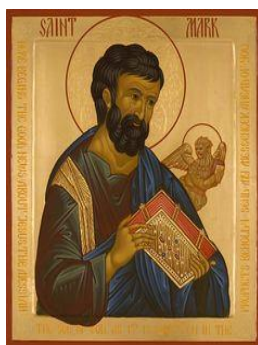
feito e da maneira como deve ser feito. Isso fica mais claro nas parábolas do fim dos tempos no capítulo 25. Neste trecho do evangelho são feitos juízos sobre quem prova ser o justo, que agiu corretamente, respeitosamente. Aos bons, aos que agiram com retidão, vem o elogio: “*Muito bem, servo bom e fiel ...*” (25.31,33). Aos maus, vem a sentença: “*E irão estes para o castigo eterno*” (25.46).

Mateus também sinaliza um tipo diferente de justiça em ação em Jesus. O Sermão da Montanha inclui uma lista de advertências para estar ciente dos perigos de viver a fé cristã. Especialmente o perigo dos exemplos de líderes religiosos como os fariseus. Mateus alerta para a prática da piedade diante dos outros; para a forma de julgar os outros; contra os falsos profetas; contra a tentação de acumular dinheiro ou bens. Essas e outras advertências são dirigidas por Mateus a uma comunidade composta de Judeus e gentios o que demonstra a preocupação típica de um Guardião atento às necessidades (pelo menos na visão dele) dos outros. A linguagem é sempre muito concreta. Mesmo nas parábolas não há uso de metáforas, mas de símiles. “*O reino de Deus é como...*” – símiles são extraídos do mundo cotidiano, de coisas do dia a dia que as pessoas conhecem. Várias parábolas simplesmente sugerem que o reino, a presença de Deus já está no mundo à espera de ser encontrado. Essa presença está disponível para quem procura. Aí, como regra áurea, diz Mateus: “*Pedi, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei, e abrir-se-lhe-á*” (7.7) A presença de Deus está oculta, mas ao mesmo tempo, disponível. Possuir, conhecer a presença de Deus é o maior bem e torna-se a verdadeira justiça. Assim também no capítulo 24 quando fala sobre a vinda do ‘Filho do Homem’, Mateus apresenta imagens da vida cotidiana para advertir contra o descuido de não estar preparado no dia do juízo. A meta é a fidelidade. “*Quem é, pois, o servo fiel e prudente, ao qual o seu senhor confiou a direção de sua casa, para que, a tempo, dê a todos o sustento? Feliz aquele servo a quem o seu senhor, quando vier, achar assim fazendo*” (24.45,46). Como sabemos, para o Guardião o maior bem e satisfação é cumprir o dever. Para ele fazer o que alguém foi orientado a fazer agrada a Deus e cuidar das responsabilidades de alguém é ser justo.

A ênfase de Mateus na retidão, na construção da tradição, formou a vida de muitas igrejas cristãs. Se observarmos, por exemplo, a estrutura da igreja que católicos romanos construíram na qual a tradição de fazer a coisa certa veremos que ela desempenha um papel significativo: sucessão apostólica, o papa ocupando o trono de

Pedro, a lei canônica delineando deveres e responsabilidades dos fiéis, etc. A ênfase no dever de participar e de preservar a tradição aponta nessa mesma direção. Isto também é válido para outros grupos religiosos para as quais são importantes a tradição, os regimentos fortes e detalhados e regras escritas para a vida em conjunto. As estruturas de Mateus, a construção da tradição e a descrição concreta do ser justo fazem de Mateus o evangelho que mais apreciam. São aspectos que refletem o estilo da liderança SJ: ser o guardião da genialidade criativa do passado. Os outros temperamentos podem censurar os SJs pelo seu tradicionalismo e sua inflexibilidade. Porém, sem os seus esforços, sem o seu amor “*com todas as suas forças*” qualquer instituição religiosa dificilmente sobreviveria.

#### IV.4.2.2 O evangelho SP - Marcos



<https://br.pinterest.com/pin/474777985706549554/?autologin=true>

O Evangelho segundo Marcos é a versão de uma testemunha ocular da história de Jesus. De linguagem simples e direta, é o mais curto dos evangelhos (Mateus tem 28 capítulos, Lucas 24, João 21 enquanto Marcos tem apenas 16). É pouco organizado, cheio de detalhes vivos e de ação física, escrito por alguém de caráter impulsivo (o Leão era o símbolo de Marcos na arte medieval). Remete a alguém que ama “*com todo o seu coração*” – “tipicamente” o tipo keirseano SP.

Como veremos, o temperamento SP – artesão – aplica-se ao evangelho de Marcos por várias razões. A chave para compreender o estilo de Marcos parece ser a parábola do semeador. A impetuosidade do semeador e o excesso de recursos é a surpresa dessa história. Está em jogo, sobretudo, as grandes transformações que as sementes causam na vida das pessoas e no mundo. A semente produz frutos porque há um poder dentro dela

que transforma tudo ao redor, uma das características principais dos artesãos. E Marcos “incorpora” exatamente este temperamento. Os artesãos são ativos. Quando olhamos a narrativa do batismo de Jesus neste evangelho, tudo na história é ação e não reflexão. O temperamento SP olha o passado por causa do presente e busca mudar o presente. No rio Jordão, Jesus vê os céus “se rasgarem” e o poder de Deus é apresentado como livre, solto no mundo. E, uma vez livre, é um poder que não pode ser aprisionado, mas continuará a operar no mundo de maneira selvagem e até mesmo de forma desajeitada. Quando um jovem rico vem a Jesus procurando e lhe pergunta o que é preciso para herdar a vida eterna, Marcos narra claramente que Jesus não está preocupado com uma fé abstrata, mas com o que fé faz concretamente na ação cotidiana. Há uma ordem inequívoca sobre o que fazer: *“Vá vender tudo o que você tem e dê aos pobres; então venha, siga-me.”* Para a narrativa do evangelista Marcos a história de Jesus tem esse filtro temperamental cuja característica mais importante é a ação, a urgência, a impulsividade. Os artesãos vivem no agora. A ênfase no batismo de Jesus são as palavras de autoridade naquele instante, naquele momento, não as que falavam no passado (Marcos 1:27, 2:12, 4:41, 5:20, 5:42, 6: 2, 6:31, etc.) Essas palavras transformam as pessoas, mudam sua experiência de vida, colocam-nas em uma nova situação.

É interessante observar que logo no início do seu evangelho, Marcos apresenta as palavras de Jesus que *“ninguém costura um pedaço de tecido novo em um manto velho e que ninguém põe vinho novo em odres velhos”* (Mc 2.21.22). São declarações que atestam a compreensão do autor no valor do imediatismo e da novidade do modo como Deus atua no mundo. Também vale destacar o fato de neste evangelho Jesus começar seu ministério com o anúncio: *“O tempo se cumpriu e o reino de Deus está perto; arrependam-se e creiam no evangelho”*. Reino é poder. Por isso também o imediato relato do batismo de Jesus soa como prólogo de todas as ações de Jesus que serão narradas em seguida. Esse poder não chegará num futuro distante, mas é apresentado como o tempo que já se cumpre agora. O poder de Deus está em ação agora. A mensagem de Jesus se torna o poder de Deus que está solto no mundo e que traz tanto mudança quanto fé. Por isso também não surpreende que a palavra, “imediatamente” apareça com frequência. Conforme 1:14, 18, 42; 2:13; 3: 6 – para citar apenas alguns textos – é sinal de que Marcos está mais interessado no “agora”. Nem o passado nem o futuro. E não há qualquer menção da ascendência de Jesus – como acontece em Mateus e em Lucas. Jesus simplesmente chega cheio de poder e age no mundo. Essa

característica também é muito clara no final do evangelho. Marcos anuncia a ressurreição de Jesus e termina com as mulheres aterrorizadas e com medo [os versos 9 a 20 do último capítulo são acrescentados posteriormente]. Portanto, o interesse de Marcos não está nas aparições da ressurreição, nem em pensamentos especulativos sobre ressurreição, ou em teologização abstrata. Ele simplesmente anuncia a ressurreição e pede àqueles que ouvem a história uma resposta a esta Boa Nova.

Outra característica dos artesãos é o uso de palavras concretas em vez de abstratas. Obviamente que nas parábolas esse aspecto é exceção. Porém, a presença de narrativas em forma de parábolas em Marcos é bem pequena. Parece que intencionalmente o autor “foge” das narrativas que contenham metáforas e figuras de linguagem que remetam à abstração. Com frequência aparecem histórias que acentuam a poderosa palavra de Jesus que é capaz de mudar concretamente a vida das pessoas. Há várias histórias de cura em Marcos e a linguagem é simples e direta. Alguns exemplos: Para o leproso – “Quero, fica limpo” (1:41). Para o paralítico - “Levante-te, toma o teu leito e vai para a tua casa” (2:11). Para o homem com uma mão ressequida – “Estenda a mão” (3.5). Para o vento e o mar “Cala-te, emudece” (4:39). Para a filha do líder da sinagoga – “Menina, eu te digo: levanta-te” (5.41). Para o homem surdo – “Efatá” (7.34). Para o cego Bartimeu - “Vai, a tua fé te curou.” (10:52). Cada uma dessas declarações fala por si mesma. Uma palavra simples e concreta que traz mudanças de vida. A predileção de Marcos pelo concreto aparece até mesmo quando ele conta a história da ressurreição. Enquanto Mateus e Lucas colocam anjos no sepulcro, Marcos notará apenas que um “jovem” tem uma mensagem para as mulheres. Ele não é descrito como um anjo ou ser celestial. Ele é um ser humano concreto e real. Ele traz uma mensagem muito concreta: “Jesus não está no túmulo... Ele vai adiante vós para a Galileia” (16.7). Essa preferência para o concreto também significa que Marcos não idealiza aqueles que seguem a Jesus. Ao longo do evangelho, os discípulos não entendem a importância do que está acontecendo. Tendo experimentado o anúncio da ressurreição, as mulheres ficam maravilhadas e com medo. São pessoas reais que reagem de maneiras humanas ao que experimentam.

O artesão (SP) também gosta de usar as mãos para fazer as coisas e vemos isso na narrativa de Marcos. Várias vezes Jesus faz uso das mãos. Em Betsaida, os amigos de um cego pedem que Jesus o toque. Jesus toca os olhos do homem com saliva e ele vê;

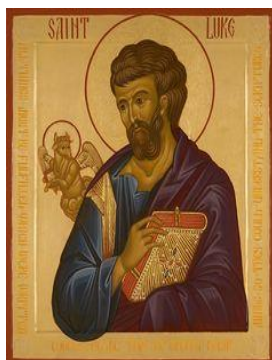
Jesus pega a mão da filha do líder da sinagoga e dá a vida a ela; os dedos de Jesus tocam pessoas surdas e elas ouvem; com uma palavra, Jesus expulsa o jovem, mas quando o menino exorcizado aparece morto, Jesus o pega pela mão (14.20-29); pelas suas mãos o pão se torna seu corpo e o vinho se torna seu sangue. Jesus usa não apenas palavras, mas ações também.

Mais uma característica dos artesãos (SP) que aparece no evangelho de Marcos é que eles estão dispostos a correr riscos. Todos os tipos de riscos. Não só uma, mas várias vezes Marcos diz que Jesus come com "pecadores". O Jesus de Marcos ignora as tradições e os costumes para abrir caminho para uma nova maneira de estar no mundo, por exemplo, quando rejeita sua família biológica e quando cruza as fronteiras para Tiro, Sidon e Decápolis. Ele está pronto e disposto a assumir riscos para salvar o mundo. Essa sensação de viver a vida ao máximo, vivendo de maneira prática, vem no início do evangelho. Sua pouca consideração pelas tradições também aparece quando seus discípulos colhem um pouco de cereal para se alimentar no sábado. Os anciãos dizem que estão quebrando as leis. Jesus é categórico ao dizer que "o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado" (2:27). As regras e regulamentos em torno do sábado não têm precedência sobre as necessidades das pessoas.

O que fica evidente é que os melhores ouvintes dessa narrativa são aqueles tipos que, assim como o próprio autor, apreciam a ação, o poder, a cura dos males concretos da vida, coisas que querem disponíveis imediatamente. Não no futuro nem no passado, mas no presente. O evangelho de Marcos foi escrito para pessoas com características de SP, para as que vivem no agora e estão dispostas a correr o risco de viver o presente, o momento. Esses tipos encontrarão no relato de Marcos maior inspiração e mais ânimo para viver.

### IV.4.3 Os evangelhos N – Lucas e João

#### IV.4.3.1 O evangelho NF – Lucas



<https://br.pinterest.com/pin/474777985706549554/?autologin=true>

O Evangelho segundo Lucas é, desde a igreja antiga, simbolizado com a imagem de um Touro que lembra o sacrifício – que, por sua vez, nos remete ao profundo amor de Deus pelo mundo a ponto de entregar seu filho à morte, ato vicário, compassivo e perdoador em favor de todos. Por isso, Lucas é o evangelista NF que ama a Deus “*com toda a sua alma*”.

Para estudiosos da Bíblia, a fonte literária de Lucas é a narrativa de Marcos. Logo, uma análise acerca dos evangelhos que a partir da teoria keirseyan dos temperamentos, deve registrar o fato de que encontraremos resquícios, ecos do temperamento “artesanal” de Marcos em Lucas. Esses ecos são bem perceptíveis, mas a narrativa de Lucas é uma releitura com características fortemente idealistas. Seu temperamento idealista (NF) é evidente, como veremos. Meyers descreveu os NFs como *criativos, entusiastas, humanitários, imaginativos, perspicazes, profundamente religiosos, subjetivos e compreensivos*. Lucas incorpora e fala com temperamento idealista e se dirige a todos os que com ele partilham o mesmo jeito de compreender a história de Jesus.

Uma característica marcante do temperamento dos idealistas é a reduzida preocupação consigo mesmos e a busca permanente de compreender os outros. Não se preocupam com seu próprio conforto ou felicidade, mas desejam compreender e ajudar os outros. Essas características já aparecem nos primeiros versículos de Lucas. A finalidade de escrever uma história sobre Jesus é ajudar Teófilo, seu endereçado, a aprofundar sua compreensão sobre Jesus. Embora nesse ponto também possamos verificar um forte lado T, sobretudo quando aponta que *“depois de haver investigado tudo cuidadosamente desde o começo, pareceu-me bem, ó excelentíssimo Teófilo, dar-te por escrito uma narração por escrito para que conheças a verdade das coisas em que foste instruído”* (1.2-4). De qualquer modo, a ênfase maior é a preocupação com os outros. A narrativa de Lucas tem como foco principal realçar qual é a *missão* de Jesus. Por isso, cita o profeta Isaías e encontra nele a expressão mais importante que acompanhará sua narrativa do começo ao fim: *“O Espírito do Senhor”*. E vê que a missão mais importante de Jesus é *“anunciar as boas novas aos pobres, proclamar libertação aos cativos, restaurar a vista aos cegos, pôr em liberdade os oprimidos e proclamar o ano aceitável do Senhor”* (4.18,19). Também escreve como idealista e, por consequência, também encontra os ouvidos mais atentos dos idealistas quando os discípulos de João Batista perguntam se Jesus é quem deveria vir, Lucas registra a resposta de Jesus que declara sua missão: *“Ide contar a João o que vistes e ouvistes: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, aos pobres anuncia-se-lhes o evangelho”* (7.22). Claro que os demais evangelhos também falam do propósito da presença e da obra de Jesus, mas em Lucas há uma tendência maior para a benevolência e a compaixão, assim como em Mateus, há ênfase maior para o julgamento. Em Lucas o retrato de Jesus é a bondade, em Mateus, o ser justo. O reino de Lucas é de misericórdia, de possibilidades, repleto das promessas de Deus – uma imagem que retrata o sonho de um temperamento “tipicamente” idealista.

Isso é ainda mais acentuado nas parábolas do Bom Samaritano e do Filho Pródigo. A profunda generosidade e o especial cuidado, compaixão e amor nessas histórias são colocadas em máximo relevo. Também chama a atenção o aspecto do inesperado – a permanente esperança de um absoluto *novum* acompanha a narrativa de Lucas. Parece também querer reafirmar constantemente a firme esperança de que o novo dia de Deus transformará completamente o presente estado de coisas – esse dia será de cheio misericórdia e compaixão. Lucas parece que está escolhendo aquele modo de

narrar histórias que vai atingir o ouvinte de temperamento idealista que tende a valorizar o lado o místico e espiritual. Para Lucas, o Espírito de Deus está intensamente em ação no mundo. Lucas e Atos dos Apóstolos podem ser chamados de “Atos do Espírito”. Diferentemente de Mateus, Lucas narra a ascendência de Jesus como sendo, acima de tudo, o Filho de Deus (para Lucas o mais importante não é se Jesus é filho de Abraão, de Isaque ou de Davi). Jesus é universal e não particular – não é “paroquial” (4.23-38). Para Lucas o que deve ser sublinhado é que Jesus é Deus e homem e tem como missão um ministério espiritual no mundo. Essa predileção pelo espiritual e místico também se faz notar nas histórias de experiências místicas com anjos que são mais frequentemente narradas por Lucas que nos demais evangelhos. Um anjo visita Zacarias e depois Maria; anjos aparecem para pastores; na sepultura dois homens aparecem com roupas reluzentes. Essas experiências místicas e espirituais dão autenticidade à narrativa. Outro aspecto que desempenha um papel significativo em Lucas e que nos remete ao temperamento idealista é o exercício espiritual da oração. Eventos significativos na vida de Jesus acontecem quando Jesus está orando. O Espírito de Deus vem sobre Jesus no batismo enquanto ele está orando e, na cruz, das sete palavras de Jesus, três (a primeira, a terceira e a sétima) são registradas como oração ao Pai: *“Perdoa-lhes porque não sabem o que fazem”*, *“Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste”* e *“em tuas mãos entrego o meu espírito”*.

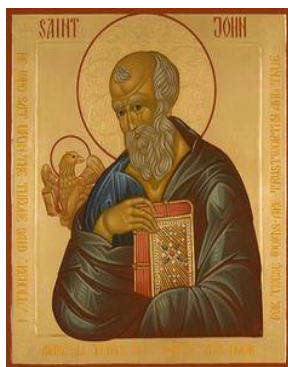
Assim como todo idealista sonha com um futuro melhor e perfeito e luta por isso, Lucas também retrata esse ideal em seu evangelho. Sua narrativa parece desaproveitar o olhar para o passado e estimular o olhar para o futuro, pois Deus prometeu o céu. Daí também o destaque para o *“será grande a vossa recompensa no céu”* (6.35). Em outras palavras, não olhe para o passado, não fique tão preso ao presente, mas olhe para o futuro, pois no tempo certo Deus dará a todos um futuro glorioso. Lucas, como todo idealista, abraça e defende a inclusividade. Retrata Jesus como aquele que vem para todos. Seus relatos enfatizam isso. Em 4.24-30, dá relevo a esse aspecto quando cita que Elias é um enviado não às viúvas em Judá, mas a uma viúva em Sarepta, de Sidom e Naamã, o sírio, portanto, para estrangeiros. E é em Lucas que encontramos a história do ladrão na cruz (o fato também é registrado pelos demais evangelistas, mas somente Lucas registra a resposta de Jesus ao ladrão). Embora seus crimes o condenem, ainda assim Jesus lhe perdoa: *“Hoje, você estará comigo no paraíso”!* (23.42). Lucas também registra a gratidão do samaritano, o único dos 10 leprosos curados que volta para

agradecer pelo bem recebido; e a palavra do centurião quando Jesus cura a filha dele: *“Eu lhes digo, nem em Israel que eu encontrei tamanha fé”* (7. 9). Não há dúvida de que quando Jesus faz de um samaritano um herói ele está expandindo a identidade do povo de Deus – está querendo dizer que Deus se preocupa [algo ratificado pelo filtro temperamental do autor] com o caráter universal e inclusivo do seu amor. A linguagem, a preferida dos idealistas, é mais abstrata do que concreta. Embora faça o jogo linguístico entre o abstrato e o concreto (entre metáfora e símile), como em 8.10, Lucas parece querer prender o leitor deixando sua mente em dúvida para provocá-lo à reflexão. Isso se percebe na expressão “os mistérios do reino de Deus”, bastante comum em Lucas. Diferentemente de Mateus que usa símiles, as parábolas em Lucas são abstratas e frequentemente metafóricas. A mensagem das parábolas em Lucas preserva certa ambiguidade, quer surpreender o leitor e sempre leva a reflexões que remetem a um sentido mais profundo. As parábolas provocam desconcertantes perguntas e reflexões sobre qual é realmente a natureza e a finalidade desse reino “misterioso” que se instalou no mundo. Ao preservar certa obscuridade e ambiguidade, o discurso abstrato não está disponível para todos. Algumas histórias em particular neste evangelho podem fazer os outros *tipos* de leitores (os SJs, SPs e em menor grau também os NTs) a coçar a cabeça. Exemplo disso é a história do Rico e Lázaro (16.19-31) e a do Administrador Infiel (16.1-12). Há aspectos desconcertantes nessas histórias que fogem ao raciocínio comum. São profundamente mentais e levam a pensar – puro deleite para o tipo idealista (NF). Não são como as fábulas de Esopo com sua moral fácil. São histórias abstratas, alucinantes e mentais que envolvem e desafiam os seguidores de Jesus. Com profunda simpatia pela compaixão, o idealista Lucas está preocupado com a reconciliação e o perdão. Por isso dedica o capítulo 15 inteiro aos “perdidos” – a ovelha perdida, a moeda perdida, o filho perdido. O caráter festivo e a felicidade se sobressaem. Também fica em evidência que nem ovelha, nem moeda, nem filho são castigados por se perderem, mas a alegria do perdão e da reconciliação supera tudo. Perdão e reconciliação, aliás, são palavras-chave para compreender este evangelho. As palavras na cruz *“Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que estão fazendo”* (23:34) e a resposta de Jesus ao malfeitor: *“Em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso”* – especialmente esta última – são demonstrações inequívocas desse amor grandiosamente perdoador. E a palavra ao malfeitor apresenta-se como a definitiva reconciliação final entre Deus e os homens, pois

a alma do idealista se compadece dos desfavorecidos. Para ele, esta é realmente a mais importante missão de Jesus.

Uma reflexão que merece registro é a de que o evangelho de Lucas provavelmente seja mais atraente para grupos pentecostais por causa da sua ênfase no Espírito. Esta consideração de Bersagel merece, evidentemente, uma pesquisa à parte. No entanto, é de se considerar com atenção visto que estes grupos religiosos têm especial apreço pelos “atos do espírito” e vibram com a compaixão e a misericórdia. Este interessante posicionamento é corroborado pela já mencionada informação de que um em cada dois líderes protestantes é NF.

#### IV.4.3.2 O evangelho NT – João



<https://br.pinterest.com/pin/474777985706549554/?autologin=true>

Por último, apresentamos o Evangelho segundo João – citado anteriormente neste trabalho como um típico INFP, porém aqui analisado como NT (como dissemos, uma pessoa pode compartilhar fatores complementares, no caso F/T), uma narrativa racional da história de Jesus. O símbolo de João é uma águia, porque penetra com o olhar preciso de uma águia a profundidade dos mistérios de Deus. É o tipo que olha o horizonte e vê longe (*porro videns*). É o que ama a Deus “com toda a sua mente”. Voltado para o futuro e preocupado com a verdade e o sentido profundo das coisas.

Para qualquer estudioso dos evangelhos bíblicos, o evangelho de João é único. Os quatro escritores formam uma espécie de “quarteto à capela”, pois, ainda que todos cantem a mesma música, cada um acrescenta sua própria e única voz – com tonalidade,

timbre e sonoridade diferentes. O propósito declarado e direto de João é que seu evangelho foi escrito *"para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome"* (20. 30-31). João apresenta a história da vida de Jesus com interesse de investigar a pessoa única e misteriosa de Jesus. Por isso é conhecido como o "evangelho teológico" ou "evangelho espiritual". O aspecto investigativo e especulativo em João dá a este evangelho sua intensa característica racional. Naturalmente cético e de fácil convívio com dúvidas sobre suas próprias conclusões, o temperamento racional, segundo Meyers, é reconhecido como sendo composto por pessoas com os seguintes atributos: "abstratas", "analíticas", "competentes", "complexas", "curiosas", "eficientes", "exigentes", "impessoais", "intelectuais", independentes, "inventivos", "científicos", "teóricos", "orientados para o futuro" e "sistemáticos". É o temperamento que procura o que está por trás dos fatos – veem o que os outros não conseguem ver. Pessoas com esse perfil, se sentem confortáveis com inúmeras abstrações, têm interesse em como as coisas se encaixam com o todo e aceitam o paradoxo se os dados se apresentarem dessa maneira. Os racionais trabalham resolutamente em direção aos seus objetivos e fazem isso da maneira muito eficiente. Essas características podem ser facilmente observadas no evangelho de João. Até podemos ouvir a narrativa joanina de maneira superficial, olhando apenas o que está aparente nas histórias, mas certamente, nesse caso, estaremos perdendo as muitas camadas de significado mais profundo que esse evangelho oferece. O que Jesus realiza nas histórias ou o que as pessoas experimentam ou sentem não é tão importante quanto aquilo que apontam: a identidade de Deus e o propósito de Deus no mundo. Exemplo disso temos na história da ressurreição de Lázaro. O fato do milagre não é importante (como o é nos evangelhos S de Mateus e Marcos), mas para *"que acreditem que tu me enviaste"* (11.42). O milagre não é o ponto destacado por João, mas o que de abstrato se pode concluir dele. O uso metafórico – que por definição é linguagem abstrata – é constante em João. A expressão *"Eu sou"* usada com frequência é exemplo dessa abstração. Jesus diz: *"Eu sou ... o pão da vida ... a luz do mundo ... o portão para as ovelhas ... o bom pastor ... a ressurreição e a vida ... o caminho, a verdade e a vida ... a videira verdadeira"*. Jesus não diz que ele *é como* esses objetos, mas que ele *é* essas coisas. É a metáfora mais pura. Uma linguagem que pede para ser *"descompactada"*. Já no primeiro capítulo é óbvio que o autor está usando a metáfora de que Jesus é a Palavra, o Logos. Ele é o Logos que estava com Deus e era Deus desde o princípio. Este Logos é

uma luz que dá vida. É a metáfora que fala sobre o que Deus está fazendo no mundo e como está fazendo isso.

Segundo Bersagel, “*at the center of this gospel is Jesus healing of a blind man. This story perhaps more than any other traces the path of Faith that John espouses...*”.<sup>118</sup> Portanto, para João trata-se, sim, da história de um milagre, da cura da visão física, mas isso é o aparente sinal de uma visão espiritual que é muito mais importante. O que importa é a visão espiritual. Para João, Jesus faz esse milagre apenas como metáfora para que as pessoas acreditem. A transformação espiritual está como que escondida no milagre da visão. Depois de cada milagre, somos informados de que as pessoas começam a ver, isto é, começam a acreditar, começam a ter fé. Esse chamado para ver está sempre presente e ressoa em todo o evangelho. No início, no chamado para o discipulado com as palavras “*Vem e vê*” (1.46), mas também nas aparições da ressurreição em que o Cristo ressuscitado convida Tomé para ver os sinais em suas mãos e a ferida em seu lado. Ver é acreditar e, paradoxalmente, *não ver é uma bênção* (curiosamente o episódio da incredulidade de Tomé só é narrado por João). João também faz questão de narrar o episódio com Nicodemos. Esse uso da linguagem abstrata complica a conversa de Jesus com Nicodemos no capítulo 3 e enfatiza que este não entende o sentido metafórico de sua mensagem; que não entende quando Jesus diz que é preciso “*nascer de novo*” (3.3). No capítulo seguinte, algo semelhante acontece com a mulher samaritana quando Jesus oferece “*água viva*” (4.14). O uso desse tipo de metáfora é mais uma exclusividade do evangelho de João que nos convida a olhar para o que está por trás das ações de Jesus e descobrir as profundezas que podem estar escondidas nelas.

Outro aspecto do evangelho racional de João é uma noção completamente diferente de temporalidade. O tempo em João é visto como *Kairos* e não como *Chronos*. Nos versículos iniciais do evangelho, o Logos é atemporal e a narrativa dos capítulos seguintes, os eventos na vida de Jesus saltam de um lado para o outro entre a Galileia e Jerusalém. João não se preocupa com a geografia e a linha do tempo – que para ele não têm importância –, mas com a maneira como iluminam a presença de Deus no mundo. Dezoito vezes Jesus diz que “*minha hora não chegou*”. João está enfatizando o tempo de mudança de vida ou da transformação da vida. A referência é o momento *kairos* – o

---

<sup>118</sup> Bersagel, 2019, p. 73

momento em que a vida abundante chega. No capítulo 17.1 João narra a palavra de Jesus: *"Pai, é chegada a hora"* para dizer que a presença transformadora de Deus no mundo cria este momento *kairos* na temporalidade – *chronos*. O objetivo final chegou, o que, para os racionais é a coisa mais importante. Nunca é surpresa, pois esperam alcançá-lo, como minuciosamente planejado. João também deixa claro no capítulo 13.1, quando escreve: *"Sabendo Jesus que era chegada a sua hora de passar deste mundo..."*, Jesus sabia que havia chegado a sua hora de partir deste mundo e ir para o Pai. E na cruz João também destaca que a meta de Jesus foi alcançada. Em 19.20 *"...sabendo Jesus que tudo já estava consumado..."* o evangelista novamente demonstra que sua linha de raciocínio cruza a linha de chegada. Sua narrativa expressa que Jesus seguiu resolutamente o curso estabelecido para ele. Em João, Jesus deliberadamente escolhe o caminho, inclusive para a morte. Enquanto em Mateus, Marcos e Lucas essa morte é descrita como um terrível equívoco da justiça, em João, a cruz é descrita como seu trono real. Um trono que Jesus escolhe. Na cruz, Jesus não é vítima de injustiça, mas está no comando. Ele está sendo executado, mas também está executando ordens. João narra que Jesus ordena uma adoção entre sua mãe e o discípulo a quem Jesus amava e ordena que lhe deem uma bebida. Ele sabe o que está fazendo e esse saber é enfático em João. João narra que Jesus sabe o que veio fazer e o que está atrás das suas ações. Veio cumprir a missão que lhe foi dada e sabia que tinha que realizar, que aceitou e terminou. Como já dissemos, os racionais estão dispostos a celebrar paradoxos e nesse evangelho, uma variedade de paradoxos são reconhecidos e não apenas reconhecidos, mas também são celebrados. Jesus é Deus vivo em toda a eternidade, mas também é carne viva entre a humanidade; Jesus proclama unidade com o Pai, mas também tem unidade com a humanidade. A cruz é uma morte vergonhosa, mas, ao mesmo tempo, é o trono do mundo. No evangelho de João, a realidade tem duas esferas que são mantidas em tensão. Não que uma seja real e a outra seja produto da fantasia ou imaginação. Ambas são reais e continuam até além da morte. A própria força de Jesus além da cruz e do sepulcro demonstram existência de outro reino que não é deste mundo, mas tão real quanto este. Os racionais procuram o que é profundo e aparentemente superficial. Procuram aquela informação que está disponível para poucos e veem o que os outros não conseguem ver. Essa é a essência de um visionário. E é o que o escritor do evangelho de João faz. Procura narrar o sentido mais profundo, e às vezes oculto, das ações e das palavras de Jesus.

Portanto, o evangelho NT de João conta a notícia da presença e obra de Jesus a partir da sua perspectiva racional e permite vários níveis de compreensão para aqueles que, como ele, têm capacidade de ver a variedade de significados dessas histórias. Os Racionais (NT) estarão abertos para ouvir essas histórias em diferentes níveis. Compartilhamos com Bersagel a suposição de que há fortes indícios que, de modo geral, evangélicos tem João como seu evangelho favorito, especialmente com ênfase nas pessoas que *"chegam à fé"*.<sup>119</sup> Para outros, a ênfase de João não encontra a mesma aceitação (ou predileção), especialmente os que não enfatizam a vida moral e disciplinada. Os episcopais parecem enfatizar com frequência o caráter “encarnacional” de João e celebrar as alegrias da vida humana. Grupos religiosos mais progressistas parecem abraçar a vida eterna ou a vida em abundância como uma maneira de abordar com maior facilidade a atual geração dando significado espiritual para este mundo e para esta vida. E aqueles que têm maior tendência filosófica encontrarão muito para refletir no evangelho de João, sobretudo em como enfrentar os desafios da existência humana. Estes acharão em João o evangelho de Jesus que mais se adequa ao seu estilo de viver e de pensar a vida.



---

<sup>119</sup> Bersagel, 2019, p.78

A sabedoria da igreja antiga em manter 4 evangelhos tem profundo alcance na psicologia pastoral/cuidado pastoral. Busca acolher os diferentes estilos pessoais, tanto da liderança como dos cristãos em geral. A sede de compreensão atinge a todos de modo distinto e os diferentes evangelhos à luz da teoria keirseyanos nos levam a afirmar que “tem para todos os gostos”, justamente naquele sentido que todos queremos que “*o outro compreenda o meu jeito de ser, de sentir, de pensar, de perceber e de ver o mundo que me cerca*”. Comunidades religiosas, no caso as cristãs, podem incluir pessoas com esses quatro temperamentos básicos e a igreja antiga, sem qualquer conhecimento da teoria dos tipos, acolheu e canonizou quatro narrativas permitindo que cada temperamento pudesse ouvir uma versão diferente da história de Jesus e sentir-se movido por uma narrativa em particular. Como é evidente, trata-se aqui de um exercício imaginativo. No entanto, nesse particular, seguimos Kant, para quem a imaginação é tomada como uma faculdade intermediária entre a sensibilidade e o entendimento, e irreduzível àquela ou a este. Aristóteles, Tolkien e C. S. Lewis pensavam do mesmo modo. Seguindo esses pensadores, parece razoável admitir que a composição do conjunto dos quatro livros sagrados tenha tido esse propósito.

## IV.5 Considerações intermediárias do capítulo 4

Neste quarto e último capítulo analisamos à luz da compreensão do religioso, ainda outros líderes religiosos em alguns dos 16 tipos keirseyanos. Sobretudo nos dois tipos centrais de Keirsey, ou seja, nos tipos S e N. Dos tipos NF mais destacados, apresentamos Agostinho de Hipona, o padroeiro dos NF e João, o discípulo amado. Particularmente a respeito deste, ressaltamos (o que já fizemos desde o início deste trabalho): a radical impossibilidade de pureza tipológica. Razão porque, embora aparentemente contraditório, não deve parecer estranho termos apresentado o evangelista João tanto como NF como também um tipo NT. Isso apenas corrobora mais uma vez o argumento de que a estrutura tipológica keirseyanos que começa justamente pela oposição S ou N e que neles encontramos apenas *tipos ideais*. João, de qualquer modo, é N cujas

características fundamentais permanecem sendo as desse tipo, como descritas ao longo do trabalho.

Ainda nos tipos NF – que em geral dão grandes líderes espirituais – apresentamos os perfis de Gandhi, C. S. Lewis e Martinho Lutero. Nestes três, apontamos os principais traços temperamentais, em especial seu grande comprometimento em perseguir ideais, o ímpeto por mudança estrutural no mundo, talento para a linguagem e coragem pensar de modo diferente.

A interface entre tipologia e religião também foi exposta em outros tipos de Keirsey. Entre os exemplos, apresentamos um caso antológico de ISTJ x ISFP: Bento de Núrsia e Francisco de Assis que evidencia as grandes diferenças entre os tipos guardiães e artesãos. Aqueles (SJ), que prezam as distinções institucionais da Ordem, gostam quando as pessoas estão cientes de seus deveres, seguem as normas e cumprem prazos; enquanto estes (SP), mais soltos, não apegados às regras e ordenamentos e mais preocupados com a dor dos outros. Para ressaltar ainda mais as grandes e expressivas diferenças de leitura de vida e de mundo desses dois tipos, dissertamos sobre o grande contraste entre Ratzinger X Bergoglio. Já a própria adoção dos nomes – que é pressuposto para o desempenho do ofício – (Bento e Francisco), evidencia determinadas afinidades temperamentais. Bento XVI, claramente um ISTJ, afeto ao rigor beneditino da Regra, preocupado com a ideia de que as instituições estão em perigo de ruir, voltado para o dever, a seriedade e a responsabilidade. E Bergoglio, que, ao adotar o nome Francisco também revela muito sobre seu temperamento. Prefere a vida à intelectualização; de longe o mais amável e gentil dos tipos S, que exala espontaneidade e desapego às regras. Nessa mesma linha, apresentamos o tipo ISFJ (não por acaso chamado de *Protector* por Keirsey) na vocação de serviço de Madre Tereza. Ressaltamos a sua sobriedade e discrição, seu espírito acolhedor e compreensivo, seu extraordinário senso de lealdade, o mais dedicado de todos os tipos, apesar da aparente expressão de seriedade.

Por fim, para compreender ainda melhor a estrutura tipológica keirseiana na sua possível aplicação ao campo religioso – sobretudo para a tarefa do reconhecimento do outro em sua individualidade, aceitação do seu modo particular de ser e compreensão do seu estilo de leitura vida e mundo – apresentamos os quatro evangelhos correlacionando-os com os quatro tipos básicos de DK (SJ, SP, NT e NF). Afirmamos que o que há de

especial nas quatro narrativas e a provável motivação para preservar as quatro narrativas não é a geografia, o contexto, a autoridade apostólica ou o ponto de vista teológico, mas a possível relação com o fato de que cada evangelho incorpora um dos quatro *typus*. Sublinhamos e realçamos, igualmente, que essa possibilidade pode ter profundo alcance no cuidado pastoral, pois incide no seu princípio medular de acolher, aceitar e compreender a todos incondicionalmente. Também apontamos (embora tenha sido mera alusão) a não menos surpreendente conexão possível entre amar a Deus com *coração, alma, forças e entendimento* e os quatro temperamentos keirseyanos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS:

### “POR FAVOR, COMPREENDEI-VOS”

Ao final deste trabalho, brilha com nova luz o título das duas obras fundamentais de Keirsey: *“Por favor compreenda-me”*. Se esse lema já é de per si fundamental na convivência humana, ele é tanto mais imperativo no âmbito das religiões, onde o amor e a compreensão são imperativos!

A luz nova – e esse pode ser um dos saborosos frutos desta tese – é dar a dimensão concreta da realização dessa compreensão. Para além dos genéricos “amai-vos” ou “compreendei-vos”, buscamos oferecer – na perspectiva do âmbito das religiões - uma base concreta para essa aceitação do outro (e, em perspectiva mais otimista: apreciação do outro) e valorização do diferente.

Procuramos disponibilizar ferramentas keirseyanas que permitem visualizar as diferenças: preferências do extrovertido (E), necessariamente, divergem das do introvertido I. E vimos como isso ocorre nas práticas devocionais e na espiritualidade. O mesmo se diga para os pares SxN; FxT e JxP. Ai das igrejas, ai dos pastores que privilegiem um dos polos dessas dicotomias em detrimento do outro. Tipicamente (caricatamente) construirão uma igreja facciosa que absolutiza a justiça (T) e sufoca a caridade (F); ou que favorece o rigor da lei (SJ) em detrimento da legítima criatividade

(SP); que impõe misticismos intimistas (NF) a uma maioria de fiéis que busca apenas a orientação para o prosaico cotidiano (S) etc. Sem falar nas particularidades mais detalhadas dos dezesseis tipos desenhados por Keirsey.

É um alerta sobretudo para os líderes e ministros de cada comunidade, sempre tentados a criar uma igreja à sua imagem e semelhança.

A grande e consoladora verdade – que, ao final deste trabalho, esperamos ter ajudado a esclarecer – é que as legítimas diferenças de temperamento e modos de ser somente enriquecem a igreja e a consciência desse fato afasta o perigo de uniformização e da exclusão: Deus nos pede a unidade, o que é muito distinto da uniformidade...

Quando há essa compreensão (nos dois sentidos: o do entendimento e o do acolhimento do próximo), confirma-se que – voltando a lembrar I Co. 1.1 – a diversidade dos membros é que formam a integridade do corpo: e se há grandeza pessoal em cada membro, produz-se uma convivência maravilhosa: na qual a comunidade se beneficia tanto do pensamento sistemático do NT, quanto dos ideais humanísticos do NF, do serviço devotado de um ISFJ, da alegria esufiante de um ESFP, da segura administração de um ESTJ etc.

O problema sempre está no narcisismo e na mesquinhez daqueles que se erigem – a si e a seus valores – em padrão e pensam que podem prescindir dos demais. E quando essa mentalidade (consciente ou mesmo inconsciente) vem reforçada por um “absoluto” tomado da religião, os resultados são desastrosos.

Por favor, compreenda-me! Tão simples, tão antigo e, ao mesmo tempo, tão contemporâneo! A psicologia da compreensão de David Keirsey vem dar numa autêntica e importante filosofia de vida. Saber viver bem consigo mesmo e conviver bem com o outro na dimensão própria do seu ser. Um convite para enxergar uma outra face do mundo humano (*andere Weltgesicht*) possibilitando novos horizontes.

Um importante horizonte é o do resgate necessário do diálogo inter-religioso, das diferentes formas de pensar dogmas e doutrinas. Reabilitar o olhar não condenatório, não julgador (o líder, o cuidador, o conselheiro religioso é justamente aquele que encontra maior dificuldade em não condenar) e restabelecer um importante aspecto do *homo hermeneuticus* – o esforço consciente de compreender, de levar seriamente em consideração a situação do outro e o modo peculiar como também ele vê e interpreta o

mundo. Compreender corresponde à ordem divina de interpretar tudo da melhor maneira. É profundamente sugestivo o fato de Jesus não ter ordenado que necessariamente nos entendêssemos, mas que nos amássemos uns aos outros, pois compreender implica em estar desnudo, desarmado, exposto, aberto a ouvir, sentir e compartilhar as dores do outro. Compreender é concórdia, *con-cordar*; estar junto do coração do outro e considerar que sempre há um modo diferente de ver as coisas. É, portanto, uma face essencial do amor porque entende e aceita que tanto o pensar, como o sentir e o querer dependem da forma como cada um organiza suas funções psicológicas. Só haverá verdadeiro diálogo na medida que houver a compreensão de que as pessoas têm modos distintos de perceber a realidade e de reagir a ela. Compreender pode ser o melhor tempero da vida. Pode trazer mais leveza, maior disposição e alegria no enfrentamento das agruras e infortúnios, pois é muito mais fácil suportar as próprias fraquezas e das outras pessoas. Compreender corresponde ao projeto divino da possibilidade de concretizar o amor ao próximo e a si mesmo.

Nesse sentido é também interessante e profundamente sugestivo lembrar que a comédia (que na antiguidade tinha outro significado) tenha sido uma descoberta da cristandade. A ideia de comédia que se dá em Dante, parece-me indispensável no convívio em geral e no convívio religioso. O mundo grego é trágico porque termina com a morte. As religiões, de modo geral – também na atualidade –, propõem uma vida que ultrapassa essa medida da morte (e seu caráter indelével/indeletável) e, precisamente por isso, na visão de Dante, o mundo ganha uma dimensão de comédia, de *divina comédia*, uma vez que tudo está pré-determinado e no outro mundo (de acordo com a visão de Dante) terá inferno, purgatório ou céu. O mesmo parece acontecer em Michelangelo, na pintura da criação do homem na Capela Sistina. Deus aparece entregando o mundo à Adão e as faces de ambos refletem serenidade e tranquilidade. Não há traços trágicos nesse ato divino de entregar o governo do mundo à criatura, mas alegre convite para que efetive o governo e o domínio sobre a criação.

Na atualidade experimentamos uma espécie de “explosão da seta do tempo”, um presente eterno, no qual as relações humanas deixam de ser presenciais e os lugares transformam-se em redes, fluxos ou nuvens; tudo e todos não passam de dados; somos apenas parte de um *Big Data*; a convivência é reduzida à mercado numa desenfreada relação de produção e consumo; mundo no qual há desinteligências completas para as

quais questões humanas ainda continuam sendo resolvidas pela violência e pelas armas. Como seres pensantes, sempre deveria haver a possibilidade de diálogo. A psicologia da compreensão se apresenta como um poderoso antídoto para este grande mal que aflige a atualidade. Compreender pressupõe admitir a identidade do outro, a diferença do outro. Ora, o grande desafio é precisamente o de viver nesse mundo profundamente diversificado. Mas viver essas diferenças, essa diversificação ainda não sabemos. É preciso o diálogo humorado, a conversa (*con-versar* é o mútuo verter-se), que traz consigo a necessária consideração pelo diferente. O desafio de ver, de sentir, de perceber e de pensar com os olhos do outro. Pois o afastamento e até a eliminação do outro pode ocorrer quando não se conhece com quais filtros temperamentais o outro se instala no mundo. Na história temos inúmeros exemplos dessa predisposição de se afastar e até de eliminar o outro sem dialogar. Os gregos chamavam de bárbaros aqueles *que falavam outra língua* porque com uma linguagem que “*eu não conheço*” em geral não interessava dialogar.

Precisamos fomentar um autêntico despertar para o diálogo entre diferentes em todos os âmbitos – indivíduos entre si, famílias religiosas umas com as outras e mesmo entre nações. Acreditamos que uma das mais importantes condições para que esse processo aconteça é compreendermos o outro no seu estilo temperamental de ser. Essa compreensão – que corresponde ao mais profundo apelo evangélico do amor incondicional de Deus – é, sobretudo, uma atitude de profundo respeito e de admiração pelo outro – aceitando que seja quem é. Que tenha o seu próprio gosto. Gosto que, aliás, na atualidade, entre tantas coisas, também está completamente terceirizado por uma força midiática tão forte que raríssimas vezes conseguimos ser o que realmente somos. Até pagamos caro para que alguém nos escute só para dizermos como nos sentimos ou pensamos.

Não seria o caso de popularizar a psicologia da compreensão que se mostra profundamente “psicanalítica” – ou seja, que passemos todos (líderes religiosos, religiosos e pessoas em geral), a ouvir atentamente o que o outro tem a dizer? O diálogo tem um poder terapêutico e psicanalítico de causar o profundo bem de curar. Afinal, todos temos alguns pontos cegos que os outros podem ajudar a iluminar. Quanto de cura, de profundo bem poderia ser feito ao convívio social se todos conhecessem e reconhecessem as suas diferenças temperamentais, se estivessem atentos ao seu próprio

modo de ser? Quanto bem poderia criar o reconhecimento de que cada um tem seu estilo e seu próprio *typus*, que cada um carrega consigo a capacidade de abrir-se em diálogo e de não impor autoridade absoluta? De sentir-se confortável quando encontra pessoas que pensam de modo diferente, de conversar com os diferentes, de entrar efetivamente naquela sinfonia pitagórica de que são as vozes diversas que têm a extraordinária força de criar a sinfonia universal? Quanto bem estaríamos trazendo à convivência e aos relacionamentos pessoais se os debates e as boas conversas com posições divergentes não recaíssem na velha visão dicotômica de ortodoxia X heresia? Quanto bem fariam os líderes religiosos se o ato pastoral sempre fosse o de ajudar as pessoas a fazerem escolhas melhores sem impor o que devem fazer? Sem a pretensão de transformá-las em cópias de si mesmos e deixando a direção da vida ser da responsabilidade de cada um? Quem sabe, – sem aceitar tendências obscurantistas e anti-intelectuais – seja possível adotar aquela linguagem entre o pai e o filho bebê, pobre em conteúdo, mas rica em sentido? Uma linguagem que, embora não sejamos capazes de analisar gramaticalmente o intercâmbio desse balbuciar fora do tom dos dicionários e da gramática, desenvolve perfeitamente a confiança mútua; que favorece o diálogo sem medo, sem receio de ser incompreendido e fomenta um convívio amoroso, uma hospitalidade radical, apesar do vocabulário limitado e sintaxe inexistente. Sabemos que os sussurros dos pais transformam os gritos infantis em sons de esperança e, ainda que os amantes, os poetas e os santos a usem com frequência, infelizmente a maioria esquece a força e a importância dessa linguagem no convívio entre as pessoas.

Também acreditamos que a teoria keirsejana dos temperamentos estimula a pensar novos significados de pessoas, grupos sociais e particularmente de grupos e líderes religiosos. Abre caminho para a sabedoria prática, pois elimina alguns conceitos, fundamentos equivocados, distorcidos e pervertidos até. Cria a possibilidade de um *novum*, de outro *modus vivendi* nas relações de convívio projetando maior harmonia na medida em que reconhece e celebra as diferenças individuais. É o que também defende Souza (2017, 412) seguindo o pensamento de Ricoeur, ao afirmar que “o direito de igualdade é garantido pela tarefa do reconhecimento [da compreensão] do outro na sua individualidade”.

Do mesmo modo, outro aspecto de relevante importância para a compreensão da individualidade na religião está no exercício do cuidado pastoral. Essa compreensão é

tanto mais necessária quando se considera, entre outras razões, que a religião é – também do ponto de vista do temperamento – universal, para todos e que cada líder tem seu tipo específico. E que, especialmente para o líder religioso – sobretudo por ser um agente da promoção da vida – é muito necessário evitar o preconceito psicológico de que seu tipo é o “correto” no que diz respeito à religião e seus valores. Conhecer o próprio estilo é uma base segura para exercer uma boa liderança, pois permite compreender, apreciar e valorizar todos os outros tipos que ocorrem entre seus liderados.

A teoria keirsejana dos temperamentos pode ainda, por exemplo, ser muito útil para ajudar a erradicar uma velha crença de que o clero deve ser competente em tudo. De fato, são os líderes religiosos que mais têm dificuldade de contornar um grande paradoxo das relações humanas de que, embora admitam que cada pessoa seja única e exclusiva, almejam, ao mesmo tempo, que todas as pessoas das suas comunidades religiosas pensem, ajam, sintam e percebam a vida e o mundo como eles mesmos. A teoria dos tipos também convida a que a igreja e as organizações religiosas em geral repensem as expectativas para suas lideranças e façam um trabalho mais profundo de identificação das habilidades pessoais dos seus líderes. Que considerem a teoria dos tipos uma importante ferramenta para essa identificação. Com o ensino, aceitação e aplicação dessa teoria será menos provável que fiquem tentando ser tudo para todas as pessoas, reconheçam seus pontos fortes e suas limitações e não sejam tentados a colocar em prática o Projeto Pigmaleão de transformar liderados em imagem e semelhança de si mesmos. Uma possível classificação da preferência tipológica para cada uma das habilidades pastorais mais comuns, conforme Oswald & Kroeger (1988, 56), já aponta para o fato de que não se pode esperar que ninguém seja bom em tudo. A preferência por profundidade espiritual estaria mais presente nos tipos INFP / INFJ / INTJ / INTP; a pregação forte ou mais entusiasmada estaria na preferência dos ENFJ ou ENTJ. Um ministério juvenil mais presente nos ESFP e ENFP. Um conselheiro pastoral, mais presente nos INFJ / ENFP / INFP. Um líder eficaz, nos ENTJ / INTJ / INFJ / ENFJ e um administrador paroquial, na preferência dos tipos ESTJ / ISTJ. Só isso já nos deveria lembrar da absoluta impossibilidade de os líderes religiosos serem igualmente capazes em todas as áreas do seu trabalho. A altíssima expectativa pode ser a causa de muitos colapsos físicos e emocionais, de stress e desgaste (seria a causa também dos altos índices de outros males terríveis como alcoolismo, perversões - talvez o caso emblemático do rabino Henry Sobel que teve um surto de cleptomania... não seria um

caso de hiper expectativa?), embora não haja nenhum livro sagrado que imponha aos líderes a exigência de serem bons em tudo, nem é razoável que assim seja.

Outra sugestão depois desse mosaico que montamos a partir da análise da *tipologia na compreensão de perfis religiosos* – através do qual defendemos que, sim, é possível compreender melhor não apenas o outro, mas, também, o papel da religião pelo estudo da tipologia keirsejana – é que se deva provocar uma inquietação pastoral, pelo menos naquele sentido da feliz expressão francesa: a *disponibilité d'esprit*<sup>120</sup> (disponibilidade de espírito). Disponibilidade que se abre para novas descobertas (e, ao mesmo tempo, não esquece sábias recomendações pastorais antigas, como é o caso da sapientíssima orientação sesquimilenar de São Gregório Magno, como também apontamos nesta pesquisa); que não cede à “cognição dogmática”, tão tentadora no campo religioso (e mais vulnerável à alguns tipos keirsejanos); que considera que o futuro será muito mais que um prolongamento do presente e que é possível compreender com maior profundidade as pessoas que se tem a grande responsabilidade de pastorear com atenção individual e pessoal. O conhecimento da teoria keirsejana dos temperamentos pode ajudar significativamente a que pastores e líderes religiosos – usando uma analogia da ciência médica – não sejam tanto *cirurgiões* que procuram “reparar o órgão”, mas mais *clínicos* que *compreendam* seus liderados em autêntica atitude de *pastoral personalizada*. Recomendo, por isso, não o saber do anatomista, do cirurgião – que busca separar peças, seccionar e remontar os cortes e recortes temperamentais dos 16 tipos – ainda que isso não seja um mal em si –, mas o saber do clínico geral que pensa em levar em conta e em iluminar a heterogeneidade, a singularidade e a individualidade de cada tipo. Uma personalidade integral, pois, como sabemos, inteireza e santidade andam de mãos dadas. Esteja certo, porém, que sempre haverá um determinado grau de desilusão que fará o importante papel de preservar a evidência das limitações intrínsecas de qualquer análise tipológica e de romper com qualquer ambição desmedida de aprisionar as pessoas nos limites inexoráveis das funções que lhe são atribuídas a partir dessa análise que, ademais, nunca deixará de ser uma tradução e uma interpretação.<sup>121</sup> Portanto, a busca por objetividade na compreensão

---

<sup>120</sup> MORIN, Edgar, 2010, p. 507.

<sup>121</sup> No sentido do conceito de Antony Giddens que chama de *dupla hermenêutica* as ciências humanas que devem levar em conta as representações das ações pelos próprios atores das mesmas... [por isso] devem se

será eternamente incompleta e permanecerá sempre em estado de rascunho e de provisoriedade. Como na brilhante intuição paulina, em 1Co 13.12, de que *“o que agora vemos é como uma imagem imperfeita num espelho embaçado, mas depois veremos face a face. Agora o conhecimento é imperfeito; depois conheceremos perfeitamente.”*

Por fim, mesmo sabendo que as últimas palavras de um pesquisador devem ser as suas e as mais significativas, eu não poderia encerrar o presente trabalho sem referi-me à magistral e profunda percepção de C. S. Lewis no seu livro *“O problema do sofrimento”* (1986, p. 88) – na maior parte já apresentada ao leitor em epígrafe –, que ratifica nosso objetivo. Lewis afirma que a *ratio* de todas as coisas está nas dessemelhanças, e acena precisamente para o que é imperativo sobretudo no âmbito das religiões, ou seja, a compreensão do outro e a aceitação do diferente:

...ou para o que mais foram os indivíduos criados, senão para que Deus, amando infinitamente a todos, pudesse amar a cada um de maneira diferente? E esta diferença, longe de prejudicar, enche de significado o amor de todas as criaturas abençoadas umas pelas outras, a comunhão dos santos. Se todos tivessem experiência de Deus da mesma forma e o adorassem de maneira idêntica, o cântico da Igreja triunfante não teria sinfonia, seria como uma orquestra em que todos os instrumentos tocassem a mesma nota. Aristóteles nos informou que uma cidade é uma união de dessemelhanças, e São Paulo disse que um corpo é uma unidade de membros diferentes. O céu é uma cidade, e um Corpo, porque os benditos permanecem eternamente diferentes: uma sociedade, porque cada um tem o que contar a todos os demais – notícias frescas e sempre frescas do “Meu Deus” que cada um encontra naquele que todos louvam como o “Nosso Deus”. Pois sem dúvida a tentativa continuamente vitoriosa, todavia jamais completada, pelas almas individuais no sentido de comunicar sua visão ímpar a todas as outras (e isso através de meios dos quais a arte e a filosofia terrenas não passam de grosseiras imitações), acha-se também entre os propósitos para os quais o indivíduo foi criado. A união existe apenas entre os dessemelhantes; e, talvez, deste ponto de vista, tenhamos um vislumbre momentâneo do significado de todas as coisas.

## REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

### Livros

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência: introdução ao jogo e suas regras*. 7ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

ALVES, Rubem. *O que é religião?* 5ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

ALVES, Rubem, *O enigma da religião*, 2a.ed., Petrópolis: Vozes, 1979.

ARANTES, Claudia Quintana. *A morte é um dia que vale a pena viver*. Rio de Janeiro: Sextante, 2019.

BARBOSA, Carlos Antonio. *O Deus sensual*. São Paulo : Editora Reflexão, 2013.

BARON, Renee. *Que Tipo Eu sou?* Tradução Vera Lucia Leitão Magyar. Madras Editora LTDA, São Paulo, 2001.

BERSAGEL, J. David. *Why Four Gospels: Gospel Temperament and Preaching*. Bentgrass Court, Onalaska: Kindle Edition, Wisconsin, EUA, 2019.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Ed. Revista e Corrigida, SBB, 1978.

BRÉAL, Michel, BAILLY, Anatole. *Dictionnaire étymologique Latin*. Paris: Librairie Hachette et Cie, 1914.

BULTMANN, Rudolf. *Crer e compreender*. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

CALCUTA, Mother Teresa. *The joy in loving*. New York: Viking/Penguin, 1997.

CALEGARI, Maria da Luz; GEMIGNANI, Orlando. *Temperamento e carreira*. São Paulo, Summus, 2006.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução a fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2004.

CROCE, Benedetto. *Teoria e storia della storiografia*, Bari: Laterza & Figli, 1943. In: Lucien FEBVRE, *Combates pela História*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

DAMASIO, António. *O Erro de Descartes = emoção, razão e cérebro humano*. Tradução Dora Vicente e Georgina Segurado. 3ª ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

DESROCHE, Henri. *O homem e suas religiões – Ciências humanas e experiências religiosas*. Tradução Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Ed. Paulinas, 1985.

DREHER, Luís H. *O Método Teológico de Friedrich Schleiermacher*. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2003.

DILTHEY, W. *A construção do mundo histórico nas ciências humanas*. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

DILTHEY, W. *Essência da Filosofia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

DILTHEY, W. *Ideias Sobre Uma Psicologia Descritiva e Analítica*. Rio de Janeiro: Via Verita, 2013.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália*; Tradução Paulo Neves – São Paulo : Martins Fontes, 1996.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1988.

ELIADE, Mircea, *Tratado de história das religiões*, Lisboa: Cosmos, 1977.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2006.

ELIADE, Mircea. *O mito do eterno retorno*. Lisboa: Edições 70. 1969. 174p. (Perspectivas do homem; v. 32).

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

ELLISON, Gregory C. II, *Fearless Dialogues: a new movement for justice*. First Edition, Louiswille, KV Westminster, John Knox Press, 2017.

ENDO, Shusaku. *O silêncio*. Prefácio de Martim Scorsese. Tradução do inglês Mario Vilela. – São Paulo : Editora Planeta do Brasil, 2011.

FEBVRE, Lucien Paul Victor *Combates pela História*. São Paulo: Ed. UNESP, 1992.

FILORAMO, Giovanni & PRANDI, Carlo. *As ciências das religiões*. São Paulo: Paulus, 1999.

FONTES, I., *Psicanálise do sensível, Aparecida. Idéias e Letras*, 2010.

FORELL, George W. *Fé ativa no amor*. Tradução de Geraldo Korndörfer. Augsburg Publishing House, Minnesota: 1959.

FRANKL, Victor. *Em busca de sentido*. Rio de Janeiro: Vozes. 2009.

FRANKL, Victor E. & LAPIDE, Pinchas. *A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido : um diálogo*. Tradução de Márcia Neumann, 2<sup>a</sup> ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FREUD, Ernst; MENG, Heinrich (Orgs.). *Cartas entre Freud e Pfister (1909 – 1939) – Um diálogo entre a psicanálise e a fe cristã*. Tradução: Karin H. Junge Viçosa: Ultimato, 1998.

GILSON, Étienne. *Introdução ao estudo de Santo Agostinho*. Tradução Cristiane Negreiros Abbub Ayoub. Editora Paulus, 2006.

GOLDSMITH, Goldsmith, Malcolm. *Knowing me, knowing God*. Nashville: Abingdon Press, 1997.

GUARDINI, Romano. *The World and the Person*. Washington: Henry Regnery Publishing, 1965.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Lisboa: Centauro, 2006.

HALL, Calvin & Nordby Vernon. *Introdução à psicologia junguiana*. Tradução de Heloysa de Lima Dantas – São Paulo : Cultriz, 2014.

HARARI, Yuval Noah. *Sapiens: uma breve história da humanidade*. Tradução Janaina Marcoantonio – Porto Alegre, RS: L&PM, 2018.

HINNELLS, John R. (Ed.). Dicionário das Religiões. Tradução: Octávio Mendes Cajado. Ed. Cultrix, 1984.

HUME, David. *Diálogos sobre a religião natural*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

HUME, David. *História natural da religião*. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

IDE, Pascal. *A arte de pensar*. 2ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JANKOWSKI, Jaroslaw. 16 tipos de personalidade de forma breve. Traducción del idioma polaco: Angel López Pombero, Lingua Lab, Editor: Logos Media, 2018. eBook.

JOSGRILBERG, Rui, Hermenêutica de textos religiosos, Separata da Revista Internacional d'Humanitats, São Paulo, 2017.

JUNG, C. G. Tipos Psicológicos. São Paulo: Zahar, 3a. ed. 1976.

JUNG, C. G. O livro vermelho. Liber Novus – Edição sem ilustrações. Edição e Introdução de Sonu Shamdasani. Prefácio de Ulrich Hoerni. Tradução Wlater Boechat, 4ª ed. Petrópolis, RJ : Vozes, 2015.

JUNG. C. G. Espiritualidade e Transcendência. Seleção e edição de Brigitte Dorst; tradução da introdução de Nélío Schneider – Petrópolis, RJ : Vozes, 2018.

JUNG, C. G. Memórias, Sonhos e Reflexões. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro: 1963.

JUNG, C.G. Fundamentos de psicologia analítica. Petrópolis: Vozes, 1972.

JUNG, Ema. Animus e anima. Tradução Dante Pignatari – São Paulo : Cultrix, 2006.

JUNG, C. G. O homem e seus sonhos. Tradução de Maria Lúcia Pinho – 3ª Ed. especial – Rio de Janeiro : HarperCollins Brasil, 2016.

JUNG, C. G. Arquétipos do inconsciente coletivo. Obras completas. Vol. 9/1. Petrópolis, Vozes, 2011.

JUNG, C. G. Psicologia e religião ocidental e oriental. Tradução do Pe. Dom Mateus Ramalho Rocha; revisão técnica de Dora Ferreira da Silva. 11ª ed. Petrópolis, Vozes, 2012.

JUNG, C. G. O Homem e seus Símbolos. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro: 1964.

JUNG, C. G. Memórias, Sonhos e Reflexões. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro: 1963.

KANT, Immanuel. *A Religião nos limites da simples razão*. Lisboa: Edições 70, 1992.

KEIRSEY, David. *Brains and Careers: The Story of Personology*. Del Mar: Prometheus Nemesis Book Company, 2008.

KEIRSEY, David. *Personology*. Del Mar: Prometheus Nemesis Book Company, 2010.

KEIRSEY, David; BATES, Marilyn. *Please Understand me*. Del Mar: Prometheus Nemesis Book Company, 1984.

KEIRSEY, David. *Please Understand me II – Temperament, Character, Intelligence*. Del Mar: Prometheus Nemesis Book Company, 1998.

KEIRSEY, David & BATES, Marylin. *Por favor, compreendeme*. Tipos de caracter y temperamento. Traducción: Modesto M. Diaz. Del Mar: Prometheus Nemesis Book Company, 1990.

KEIRSEY, David. *Portraits of Temperament*. Del Mar: Prometheus Nemesis Book Company, 1987.

KLOPPENBURG, Frei Boaventura. **O cristão secularizado**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1970.

LAKATOS, Eva Maria, MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2000. 289p.

LALANDE, André. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LAUAND, Jean. *Revelando a linguagem*. São Paulo: Factash, 2016.

LAUAND, Jean. (org.) *Uma introdução à tipologia de David Keirsey*. São Paulo: Factash, 2018.

LAUAND, Jean; HIROSE, C.; STAROSKY, E.; LAUAND, João Sérgio; SOUZA, V. C.; HORTA, Sylvio Roque de Guimarães; VIANNA, N. . Sobre a tipologia de David Keirsey: psicologia, religião e educação. 1. ed. Santo André: Kapenke, 2019. v. 1. 153p.

LAUAND, Jean. Uma introdução à tipologia de David Keirsey. 1. ed. São Paulo: Factash - CemorocFeusp, 2018. v. 1. 101p.

LAUAND, Jean (Org.) Sobre a tipologia de David Keirsey: psicologia, religião e educação; Santo André: Kapenke, 2019.

LAUAND, Jean; JOSGRILBERG, R. S. (Org.). Estudos em antropologia, religião e educação. 1. ed. São Paulo: Factash / CemorocFeusp, 2015. v. 1. 132p .

LAUAND, João Sérgio. *Personagens ficcionais, tipos de David Keirsey e a educação*. Um estudo da sitcom “Everybody loves Raymond”. São Paulo: Factash, 2014.

LE BRETON, D., *Antropologia dos sentidos*, Petrópolis, Vozes, 2016.

LE BRETON, D., *Sociologia do corpo*, Petrópolis, Vozes, 2014.

LEWIS, C. S.. *O problema do sofrimento*. Tradução de Neyd Siqueira, 2ª Edição, – São Paulo : Editora Vida, 1986.

MACHON, Henryk. O cristianismo de C. G. Jung – fundamentos filosóficos, premissas psicológicas e consequências para a prática terapêutica. Tradução de Markus A. Hediger – Petrópolis, RJ : Vozes, 2016.

MARÍAS, Julián. *Problemas del cristianismo*. Planeta-DeAgostini: Madrid, 1995.

MARÍAS, Julián. *Sobre el cristianismo*. Planeta: Madrid, 1998.

MAY, Rollo. A Arte do aconselhamento psicológico. Tradução de Wayne Tobelem dos Santos e Hipólito Martendal. Petrópolis, Vozes, 1982.

MLODINOW, Leonard. O andar do bêbado: como o acaso determina nossas vidas. Tradução Digo Alfaro, 1ª Ed. – Rio de Janeiro, Zahar, 2009.

MLODINOW, Leonard. Subliminar: como o inconsciente influencia nossas vidas. Tradução Cláudio Carina. 1º Ed – Rio de Janeiro, Zahar, 2014.

MLODINOW, Leonard. Elástico: como o pensamento flexível pode mudar nossas vidas. Tradução Claudio Carina, 1ª Ed. – Rio de Janeiro, Zahar, 2018.

MÖLLENBECK, Thomas; WALD, Berthold (Org.). Wahrheit und Selbstüberschreitung. C. S. Lewis und Josef Pieper über den Menschen. Hertellung: Ferdinand Schöningh, Paderborn, Deutschland, 2011.

MÖLLENBECK, Thomas; WALD, Berthold (Org.). Liebe und Glück – Annäherungen mit C. S. Lewis und Josef Pieper. Hertellung: Ferdinand Schöningh, Paderborn, Deutschland, 2012.

MOLTMANN, Jurgen. Paixão pela vida. São Paulo: Aste, 1978.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de Filosofia*. 4ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001, 741p.

MORENTE, Manuel Garcia. Fundamentos de Filosofia. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1967.

MORIN, E. *A religião dos saberes: o desafio do século XXI*. Tradução e notas Flavia Nascimento, 9ª Edição - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MORIN, Edgar & MOIGNE, J-L. A inteligência da complexidade. Ed. Peirópolis, (cap. 4. pp. 199-213)

MORIN Edgar. *Ninguém sabe o dia que nascerá*. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

MYERS, Isabel Briggs. *Introdução à teoria dos tipos psicológicos*. São Paulo: Coaching, 1995.

MYERS, Isabel Briggs. *Ser humano é ser diferente : valorizando as pessoas por seus dons especiais*; tradução Eliana Rocha, Ilda Schulter – São Paulo : Editora Gente, 1997.

MYERS, Isabel Briggs; NAYERS, Peter B. *Gifts Differing: Understanding Personality Type*. Mountain View, CA: Davies-Black Publishing, 1995.

NOGUEIRA, Paulo. A. S. (org.), *Linguagens da Religião: Desafios, métodos e conceitos centrais*. São Paulo: Paulinas, 2011.

OSWALD, Roy; KROEGER, Otto. *Personality Type and Religious Leadership*. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers, 1988.

OTTO, Rudolf, *O sagrado*, São Bernardo do Campo: Metodista, 1985.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2007.

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Porto: Edições 70, 1969.

PASSOS, Décio; USARSKI, Frank (Orgs.). *Compêndio de Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013.

PIEPER, J. Werke CD-ROM zum Gesamtwerk (B. Wald editor). Hamburg: Felix Meiner Verlag, 2008.

PIEPER, J. Virtudes fundamentales. Madrid: Rialp, 1976.

PIEPER, J. Filosofía Medieval y Mundo Moderno Madrid: Rialp, 1973.

PIEPER, Josef. Virtudes fundamentais. Tradução de Narino e Silva e Beckert da Assumpção. Lisboa: Áster, 1960.

PIEPER, Josef. O que é Filosofar? Edições Loyola, São Paulo: Brasil, 2007.

PINTO, Ênio Brito. Elementos de uma compreensão diagnóstica em psicoterapia. O ciclo de contato e os modos de ser. São Paulo : Summus, 2015.

QUINTANEIRO, Tania; et al. Um toque de clássicos : Marx, Durkheim, Weber. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

RESENDE, Joffre M. À sombra do Plátano – Crônicas de História da Medicina. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

RICOEUR, Paul. O Conflito das Interpretações. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

RICOEUR, P. O si-mesmo como um outro, Campinas, Papyrus Editora, 1991.

RICOEUR, Paul. *A Crítica e a Convicção*. Conversas com François Azouvi e Mard de Launay. Lisboa: Edições 70, 2009.

RICKMAN, H.P. *Dilthey Selected Writings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

SANTO AGOSTINHO. As Confissões. São Paulo: Paulus, 2002.

SANTO TOMÁS DE AQUINO. A Prudência – a virtude da decisão certa. Tradução, introdução e notas Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

SANTOS, Mario Ferreira dos, Filosofia e cosmovisão 1ª ed. – São Paulo: É Realizações, 2018.

SCHELER, Max. *A Posição do Homem no Cosmos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Hermenêutica: arte e técnica da interpretação*. Trad. Celso Reni Braida. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Sobre a religião: discursos a seus menosprezadores eruditos*. São Paulo: Novo Século, 2000. 176p.

SHAW, George Bernard. *Pigmaleão*. Tradução de Millôr Fernandes, Porto Alegre: L&M, 2011.

SILVA, M. L. R. *Personalidade e Escolha Profissional – subsídios de Keirsey e Bates para a orientação Vocacional*, São Paulo: EPU, 1992.

SOUZA, Vitor Chaves. *A dobra da religião em Paul Ricoeur ; Santo André: Kapenke*, 2017.

STACCONI, Giuseppe. *Filosofia da Religião. O pensamento do homem ocidental e o problema de Deus*. 2ª ed. Petrópolis : Vozes, 1991.

STARK, Rodney. *Why God?: Explaining religious phenomena*. First Edition, West Conshohocken : Templeton Press, 2017.

STEIN, Murry. *Jung: O mapa da alma : uma introdução*. Tradução Álvaro Cabral. 5ª ed. – São Paulo, Cultrix, 2006.

STRATTON, Peter & HAYES, Nicky. *Dicionário de Psicologia*. Tradução de Esmeria Rovai. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

TALEB, Nassim Nicholas. A lógica do Cisne Negro – o impacto do altamente improvável. Tradução Marcelo Schild. 15ª ed. – Rio de Janeiro: BestBusiness, 2018.

TOURNIER, Paul. A Missão da mulher. A mulher e o sentido da pessoa. Tradução de Maria Stela Gonçalves, São Paulo: Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1988.

UNGARETTI, Giuseppe. *A alegria / L'allegria*. Trad. de Sérgio Wax. Edição bilíngüe. Belém: Edições Cejup, 1992.

ZILLES, Urbano. *Filosofia da religião*. São Paulo: Paulus, 1991, 195p.

WESTHELLE, Vítor. O Deus escandaloso: o uso e abuso da cruz. Tradução de Geraldo Korndörfer – São Leopoldo: Sinodal/EST; 2008.

## Artigos

ANASTACIO, Silvia Maria Guerra & Silva, Célia Nunes. O efeito Pigmalão : Bernard Shaw e as releitura de os simpsons. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v1n33p287>

BARRETO, Maria Cristina Rocha A Sociologia em Max Weber Mossoró: DCS/URRN, 1999. <https://dokumen.tips/documents/leituras-de-sociologia-3-weber.html>

BRANDT, Hermann. “As ciências da religião numa perspectiva intercultural. A percepção oposta da fenomenologia da religião no Brasil e na Alemanha”, In: *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 46, n. 1, p. 122-151, 2006.

BORCHERT, Nicole. Individuum est ineffabile. Verallgemeinerung und konkretisierung in der philosophie. Technische Universität Darmstadt Institut für Philosophie Prosimenar Aristoteles: Die Kategorienschrift. Wintersemester 2009/10.

CARVALHAES, Cláudio. Uma Crítica das Teologias Pós-Modernas à Teologia Ontológica de Paul Tillich. Revista Correlatio, No. 3, 2003, São Bernardo do Campo. Disponível em: <http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio03/uma-critica-das->

[teologias-pos-modernas-a-teologia-ontologica-de-paul-tillich/](#) Acessado em: Agosto de 2016.

CASTRO, Aldemario Araujo “Uma análise crítica acerca da idéia de serviço consagrada na súmula vinculante 21 do STF” Revista da PGFN, ano 1 número 1, jan/jun. 2011. <http://www.sinprofaz.org.br/2014/artigos/uma-analise-critica-acerca-da-ideia-deservico-consagrada-na-sumula-vinculante-21-do-stf>

CORDONEANU, Ion. Experience and hermeneutics in the history of religions – a hypothesis on Mircea Eliade’s work. pp. 40-46. Journal for the Study of Religions and Ideologies. JSRI No. 16, Spring 2007. Edited by S.C.I.R.I. & S.A.C.R.I. ISSN: 1583-0039. Disponível em: [http://www.jsri.ro/new/?download=jsri\\_16.pdf](http://www.jsri.ro/new/?download=jsri_16.pdf) Acessado em Fevereiro de 2017.

HIROSE, Chie; LAUAND, J. . Tipos de David Keirse - Identificando algumas características. INTERNATIONAL STUDIES ON LAW AND EDUCATION, v. 33, p. 143-154, 2019; Meio de divulgação: Vários. Homepage: <http://www.hottopos.com/isle33/143-154JeanChie.pdf>; Série: 1; ISSN/ISBN: 15166821.

HIROSE, Chie. Um encontro com a tradição japonesa ? Chado e pedagogia japonesa: uma experiência no Colégio Luterano São Paulo. CONVENIT INTERNACIONAL (USP), v. 30, p. 29-36, 2019; Meio de divulgação: Vários. Homepage: <http://www.hottopos.com/convenit30/29-36ChieCha.pdf>; Série: 1; ISSN/ISBN: 15176975.

HIROSE, Chie; STAROSKY, Enio . Keirse, tradicionalismo religioso e educação ? o fator T. NOTANDUM (USP), v. 48, p. 143-150, 2018; Meio de divulgação: Vários. Homepage: <http://www.hottopos.com/notand48/143-150ChieEnioDK.pdf>; ISSN/ISBN: 15165477.

HIROSE, Chie; STAROSKY, Enio . Keirse, tradicionalismo religioso e educação - a prudentia. REVISTA INTERNACIONAL D'HUMANITATS, v. 43, p. 121-130, 2018; Meio de divulgação: Vários. Homepage: <http://www.hottopos.com/rih43/121-130ChieKeirse.pdf>; ISSN/ISBN: 15165485.

LAUAND, J. S.. As diferentes formas de liderar. Convenit Internacional (USP), v. 10, p. 49-52, 2012; Homepage: <http://www.hottopos.com/convenit10/49-52jlsau.pdf>

LAUAND, J. S.. O NF de Keirse: busca de sentido e sensibilidade o personagem Robert Barone. Notandum (USP), v. 25, p. 27-38, 2011

Homepage: <http://www.hottopos.com/notand25/27-38Jslau.pdf>

LAUAND, J. S.. Culpa e educação em Everybody loves Raymond. Notandum (USP), v. 26, p. 39-50, 2011. Homepage: <http://www.hottopos.com/notand26/N-39-50JSLau.pdf>

LAUAND, J. S.. Educação e escola em Everybody loves Raymond. International Studies on Law and Education, v. 7, p. 25-36, 2011;  
Homepage: <http://www.hottopos.com/isle7/25-36Jslau.pdf>

LAUAND, J. S.. ESFJ e controle da família em Everybody loves Raymond. International Studies on Law and Education, v. 8, p. 71-80, 2011;  
Homepage: <http://www.hottopos.com/isle8/71-80JSLau.pdf>

LAUAND, J. S.. São Gregório Magno e as origens do Ensino Personalizado da Consperio aos Temperament Types. Mirandum (USP), v. 21, p. 9-16, 2010;  
Homepage: <http://www.hottopos.com/mirand21/jsergio.pdf>

LAUAND, J. S.. David Keirse e a TV o caso de Raymond. International Studies on Law and Education, v. 5, p. 73-78, 2010;  
Homepage: <http://www.hottopos.com/isle5/93JSLau.pdf>

LAUAND, J. S.. Keirse e a TV o caso de Frank. International Studies on Law and Education, v. 6, p. 41-45, 2010; Homepage: <http://www.hottopos.com/isle6/8JSLau.pdf>

LAUAND, J. S.. David Keirse e a SJ Marie Barone. Notandum (USP), v. 23, p. 21-32, 2010. Homepage: <http://www.hottopos.com/notand23/P21a32.pdf>

LAUAND, J. S.. Debra Barone à Luz de Keirse. Revista Internacional d'Humanitats, v. 21, p. 21-32, 2010. Homepage: <http://www.hottopos.com/notand23/P21a32.pdf>

LAUAND, J. S.. Robert Barone: o SJ que é também NF. Revista Internacional d'Humanitats, v. 21, p. 51-58, 2010;  
Homepage: <http://www.hottopos.com/rih21/P51a58.pdf>

LAUAND, Jean; TACIRO, J. “Reflexões sobre o teste de Keirse: traduzir ou comentar?” In: *Convenit Internacional* 11, 2013,  
<http://www.hottopos.com/convenit11/15-30JeanAffonso.pdf> Acessado em 04-08-16.

LAUAND, Jean; HIROSE, Chie. “Sociedade, vigencias e educação - corintianos no Japão”. Disponível em: Notandum 31, 2013, <http://www.hottopos.com/notand31/41-46ChieJean.pdf> Acessado em 21-03-2017.

LAUAND, Jean. “A expressividade do brasileiro”. In: *Revista Internacional d'Humanitats* 28, 2013, <http://www.hottopos.com/rih28/05-30JeanFlb.pdf> Acessado em 30-06-16.

LAUAND, Jean *et al.* “Reflexões sobre o teste de Keirsey”. In: *Convenit* 11. São Paulo: Cemoroc-Feusp, 2013, disp. em: <http://hottopos.com/convenit11/15-30JeanAffonso.pdf> Acessado em 13-04-16.

LAUAND, Jean. “Vigência e Educação – a Ditadura da Extroversão”. In: *Videtur*, n.26, pp. 5-20, 2004. <http://hottopos.com/videtur26/jean.htm> Acesso em 17-03-16.

LAUAND, Jean; HIROSE, C. . Tipos de David Keirsey - Identificando algumas características. *INTERNATIONAL STUDIES ON LAW AND EDUCATION*, v. 33, p. 143-154, 2019; Homepage: <http://www.hottopos.com/isle33/143-154JeanChie.pdf>; Série: 1; ISSN/ISBN: 15166821.

LAUAND, Jean; STAROSKY, E. . Tipos de David Keirsey - identificando algumas características II. *REVISTA INTERNACIONAL D'HUMANITATS*, v. 45, p. 123-136, 2019; Homepage: <http://www.hottopos.com/rih45/123-136JeanEnioKeirsey.pdf>; Série: 1; ISSN/ISBN: 15165485

LAUAND, Jean; LAUAND, João Sérgio ; STAROSKY, E. . Tipos de David Keirsey - i identificando algumas características III. *REVISTA INTERNACIONAL D'HUMANITATS*, v. 46-47, p. 113-128, 2019; Homepage: <http://www.hottopos.com/rih46/113-128JeanEnioJSg.pdf>; Série: 1; ISSN/ISBN: 15165485.

LAUAND, Jean. Tipos de David Keirsey - i identificando algumas características IV. *CONVENIT INTERNACIONAL (USP)*, v. 29, p. 115-124, 2019. Homepage: <http://www.hottopos.com/convenit29/115-124JeanNT.pdf>; Série: 1; ISSN/ISBN: 15176975.

LAUAND, Jean. Escrever um artigo científico - ideias para iniciantes (ou não). *CONVENIT INTERNACIONAL USP*, v. 30, p. 17-28, 2019; Homepage: <http://www.hottopos.com/convenit30/17-28jeanConf.pdf>; Série: 1; ISSN/ISBN: 15176975

LAUAND, Jean; STAROSKY, E. ; HORTA, Sylvio Roque de Guimarães . Análise keirseiana de clássicos cristãos e chineses. *INTERNATIONAL STUDIES ON LAW AND EDUCATION*, v. 28, p. 137-154, 2018. Homepage: <http://www.hottopos.com/isle28/137-154EnioSylvioF.pdf>; ISSN/ISBN: 15166821.

LAUAND, Jean; STAROSKY, E. . A tipologia de David Keirsey e preferências religiosas. REVISTA INTERNACIONAL D'HUMANITATS, v. 38, p. 75-86, 2016.  
Homepage: <http://hottopos.com/rih38/75-86EnioJl.pdf>; ISSN/ISBN: 15165485.

LAUAND, Jean. Método e Linguagem no pensamento de Josef Pieper. Educação & Linguagem (Online), v. 18, p. 143-168, 2015; Meio de divulgação: Digital.  
Homepage: <http://https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/EL/issue/view/378>; Série: 1; ISSN/ISBN: 21761043.

LAUAND, Jean; STAROSKY, E. . A tipologia de David Keirsey e preferências religiosas. REVISTA INTERNACIONAL D'HUMANITATS, v. 38, p. 75-86, 2016.  
Homepage: <http://hottopos.com/rih38/75-86EnioJl.pdf>; ISSN/ISBN: 15165485.

LAUAND, Jean. Método e Linguagem no pensamento de Josef Pieper. Educação & Linguagem (Online), v. 18, p. 143-168, 2015; Meio de divulgação: Digital.  
Homepage: <http://https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/EL/issue/view/378>; Série: 1; ISSN/ISBN: 21761043.

LAUAND, Jean; STAROSKY, E. . Josef Pieper e C. S. Lewis: metodologia, linguagem e amor. *Convenit Internacional (USP)*, v. 12, p. 15-34, 2013.  
Homepage: <http://www.hottopos.com/convenit12/>; ISSN/ISBN: 15176975.

LUCKNER, Rita de Cassia Scocca. “Identificando os tipos NF de Keirsey”. In: *Convenit Internacional* 21, 2016, <http://www.hottopos.com/convenit21/45-50Rita.pdf> Acessado em 05-02-17.

SILVA, Maria de Lourdes Ramos da. “O Referencial de Keirsey e Bates como um dos Fundamentos da Ação Docente”, In: *Revista Mirandum*, São Paulo, CEMOrOc-Feusp / IJI-Univ do Porto, 2003, N. 14. <http://www.hottopos.com/mirand14/malu.htm> Acesso em 19-03-16.

SILVA, Maria de Lourdes Ramos da. Perfil Psicológico e opção vocacional: subsídios de Keirsey e Bates. Disponível em: <http://www.periodicos.usp.br/rfe/article/view/33554>

SILVA, Maria de Lourdes Ramos da. “Perfil psicológico e desenvolvimento profissional” In: *International Studies on Law and Education* 19, <http://www.hottopos.com/isle19/91-98Malu.pdf> Acesso em 21-04-16.

SILVA, M. L. R.. O referencial de Keirsey e Bates como um dos fundamentos da ação docente. *Revista Mirandum*, v. 14, p. 41-50, 2003. Disponível em: <http://www.hottopos.com/mirand14/malu.htm> Acesso em: 19 dez 2017.

SMITH, Wolfgang. A praga do cientificismo. Disponível em: <http://avidaintelectual.blogspot.com.br/2008/01/praga-do-cientificismo.html>. Acesso em: 15 de maio 2018.

STAROSKY et al. “Estudos sobre Keirsey nas revistas do Cemoroc” In: *International Studies on Law and Education* 25/26 jan-ago 2017. São Paulo: Cemoroc-Feusp, 2017, pp. 85-90. Disponível em <http://www.hottopos.com/isle25/85-90JSLauKeirseyF.pdf> Acesso em 10-04-2018

STAROSKY, Enio; LAUAND, Jean. “A tipologia de David Keirsey e preferências religiosas”. In: *Revista Internacional d’Humanitats* 36, 2016, [www.hottopos.com/rih38/75-86EnioJl.pdf](http://www.hottopos.com/rih38/75-86EnioJl.pdf) Acessado em 11-12-17.

VIANNA, Nadia. “A Decisão Participativa na Escola: estudo fundamentado em perfis de Keirsey”. In: *Revista Internacional d’Humanitats* 37, 2016 <http://www.hottopos.com/rih37/49-58Nadia.pdf> Acessado em 12-05-17.

VIANNA, Nadia. “A tomada de decisões estratégicas na escola: uma análise à luz dos perfis de Keirsey”. In: *Notandum* 40, 2016, <http://www.hottopos.com/notand40/81-88Nadia.pdf> Acessado em 13-05-16.

## Dissertações e Teses

CLARO, Cristina Fátima. Um estudo de caso sobre o modelo de temperamento de Keirseley. Disponível em: <http://tede.mackenzie.br/jspui/bitstream/tede/3589/5/CRISTINA%20F%20C3%81TIMA%20CLARO.pdf>

GARCIA, André Luis Muniz. Metáforas do corpo: reflexões sobre o estatuto da linguagem na filosofia do jovem Nietzsche / André Luis Muniz Garcia. - - Campinas, SP : [s. n.], 2008. Disponível em: [http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/279165/1/Garcia\\_AndreLuisMuniz\\_M.pdf](http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/279165/1/Garcia_AndreLuisMuniz_M.pdf)

KURI, Nídia Pavan. Tipos de personalidade e estilos de aprendizagem: proposições para o ensino de engenharia. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/3332/TeseNPK.pdf?sequence=1>

LAUAND, João Sérgio. Personagens ficcionais, tipos de David keirseley e a educação: um estudo da sitcom “Everybody Loves Raymond”. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-05072011-131255/en.php>

PAULA, Blanches de. Corpos enlutados: Por um cuidado espiritual terapêutico em situações de luto. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/522/1/Blanches%20de%20Paula.pdf>

SCARRONE, Flávio. A contribuição do conceito de sujeito em Franz Hinkelammert para o estudo da religião. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/256/1/Flavio%20Scarrone%2025-04-2013.pdf>

## ANEXO 1

Nota: Como expressamos ao longo da tese, preferimos propiciar o reconhecimento de cada tipo em uma abordagem discursiva, descritiva, com ênfase no método *Verstehen*. O ***Keirsey Temperament Sorter*** não nos parece o meio mais adequado para identificação dos tipos: o teste apresenta vários pontos fracos e, a nosso ver, um em especial: a formulação de questões que identifiquem o fator N, no par S / N (Sensible x iNtuition), tanto mais que a oposição S / N é a central para a definição dos 4 temperamentos: SJ, SP, NF e NT. Na verdade, não se trata só de uma dificuldade do questionário, mas da dificuldade de compreensão da preferência N. Enquanto os fatores I/E; J/P e F/T são de relativa fácil compreensão, o par S/N pode levar a equívocos e sendo o primeiro passo para a caracterização dos tipos, pode comprometer toda a análise. Para exemplificar: qual o brasileiro, por mais S (sensato, realista) que seja, também não se considera “intuitivo”? Não se trata só de tradução, mas o próprio teste de Keirsey nem sempre é claro: o que significa, por exemplo, a questão 31 do Sorter?

Children often do not:

- (a) Make themselves useful enough
- (b) Exercise their fantasy enough

Ou ao ser perguntado na questão 65:

In stories do you prefer

- (a) action and adventure
- (b) fantasy and heroism

O entrevistado pode muito bem considerar “ação e aventura” como não incompatíveis com “heroísmo”. De qualquer modo, apenas para conhecimento, apresentamos o teste a seguir conforme o original que aparece no Site Oficial de David Keirsey – [www.keirsey.com](http://www.keirsey.com)

## KIERSEY TEMPERAMENT SORTER QUESTIONNAIRE

(COMPLETE ALL 70 QUESTIONS TO GET YOUR ONLINE RESULTS)

Please note: this interactive questionnaire works with the following browsers only:

Safari, Chrome & Firefox. Internet explorer is not currently supported.

---

### **1. At a party do you**

- (a) interact with many, including strangers
- (b) interact with a few, known to you

### **2. Are you more**

- (a) realistic than speculative
- (b) speculative than realistic

### **3. Is it worse to**

- (a) have your "head in the clouds"
- (b) be "in a rut"

### **4. Are you more impressed by**

- (a) principles
- (b) emoticons

### **5. Are you more drawn towards the**

- (a) convincing
- (b) touching

### **6. Do you prefer to work**

- (a) to deadlines
- (b) just "whenever"

### **7. Do you tend to choose**

- (a) rather carefully
- (b) somewhat impulsively

**8. At parties do you**

- (a) stay late, with increasing energy
- (b) leave early, with decreased energy

**9. Are you more attracted to**

- (a) sensible people
- (b) imaginative people

**10. Are you more interested in**

- (a) what is actual
- (b) what is possible

**11. In judging others are you more swayed by**

- (a) laws than circumstances
- (b) circumstances than laws

**12. In approaching others is your inclination to be somewhat**

- (a) objective
- (b) personal

**13. Are you more**

- (a) punctual
- (b) leisurely

**14. Does it bother you more having things**

- (a) incomplete
- (b) completed

**15. In your social groups do you**

- (a) keep abreast of other's happenings
- (b) get behind on the News

**16. In doing ordinary things are you more likely to**

- (a) do it the usual way
- (b) do it your own way

**17. Writers should**

- (a) "say what they mean and mean what they say"
- (b) express things more by use of analogy

**18. Which appeals to you more**

- (a) consistency of thought
- (b) harmonious human relationships

**19. Are you more comfortable in making**

- (a) logical judgements
- (b) value judgements

**20. Do you want things**

- (a) settled and decided
- (b) unsettled and undecided

**21. Would you say you are more**

- (a) serious and determined
- (b) easy-going

**22. In phoning do you**

- (a) rarely question that it will all be said
- (b) rehearse what you'll say

**23. Facts**

- (a) "speak for themselves"
- (b) illustrate principles

**24. Are visionaries**

- (a) somewhat annoying
- (b) rather fascinating

**25. Are you more often**

- (a) a cool-headed person
- (b) a warm-hearted person

**26. Is it worse to be**

- (a) unjust
- (b) merciless

**27. Should one usually let events occur**

- (a) by careful selection and choice
- (b) randomly and by chance

**28. Do you feel better about**

- (a) having purchased
- (b) having the option to buy

**29. In company do you**

- (a) initiate conversation
- (b) wait to be approached

**30. Common sense is**

- (a) rarely questionable
- (b) frequently questionable

**31. Children often do not**

- (a) make themselves useful enough
- (b) exercise their fantasy enough

**32. In making decisions do you feel more comfortable with**

- (a) standards
- (b) feelings

**33. Are you more**

- (a) firm than gentle
- (b) gentle than firm

**34. Which is more admirable**

- (a) the ability to organise and be methodical
- (b) the ability to adapt and make do

**35. Do you put more value on the**

- (a) definite
- (b) open-ended

**36. Does new and non-routine interaction with others**

- (a) stimulate and energise you
- (b) tax your reserves

**37. Are you more frequently**

- (a) a practical sort of person
- (b) a fanciful sort of person

**38. Are you more likely to**

- (a) see how others are useful
- (b) see how others see

**39. Which is more satisfying:**

- (a) to discuss an issue thoroughly
- (b) to arrive at agreement on an issue

**40. Which rules you more:**

- (a) your head
- (b) your heart

**41. Are you more comfortable with work that is**

- (a) contracted
- (b) done on a casual basis

**42. Do you tend to look for**

- (a) the orderly
- (b) whatever turns up

**43. Do you prefer**

- (a) many friends with brief contact
- (b) a few friends with more lengthy contact

**44. Do you go more by**

- (a) facts
- (b) principles

**45. Are you more interested in**

- (a) production and distribution
- (b) design and research

**46. Which is more of a compliment**

- (a) "There is a very logical person."
- (b) "There is a very sentimental person."

**47. Do you value in yourself more that you are**

- (a) unwavering
- (b) devoted

**48. Do you more often prefer the**

- (a) final and unalterable statement
- (b) tentative and preliminary statement

**49. Are you more comfortable**

- (a) after a decision
- (b) before a decision

**50. Do you**

- (a) speak easily and at length with strangers
- (b) find little to say to strangers

**51. Are you more likely to trust your**

- (a) experience
- (b) hunch

**52. Do you feel**

- (a) more practical than ingenious
- (b) more ingenious than practical

**53. Which person is more to be complimented: one of**

- (a) clear reason
- (b) strong feeling

**54. Are you inclined more to be**

- (a) fair-minded
- (b) sympathetic

**55. Is it preferable mostly to**

- (a) make sure things are arranged
- (b) just let things happen

**56. In relationships should most things be**

- (a) renegotiable
- (b) random and circumstantial

**57. When the phone rings do you**

- (a) hasten to get it first
- (b) hope someone else will answer it

**58. Do you prize more in yourself**

- (a) a strong sense of reality
- (b) a vivid imagination

**59. Are you drawn more to**

- (a) fundamentals
- (b) overtones

**60. Which seems the greater error:**

- (a) to be too passionate
- (b) to be too objective

**61. Do you see yourself as basically**

- (a) hard-headed
- (b) soft-hearted

**62. Which situation appeals to you more**

- (a) the structured and scheduled
- (b) the unstructured and unscheduled

**63. Are you a person that is more**

- (a) routinised than whimsical
- (b) whimsical than routinised

**64. Are you inclined to be**

- (a) easy to approach
- (b) somewhat reserved

**65. In writings do you prefer**

- (a) the more literal
- (b) the more figurative

**66. Is it harder for you to**

- (a) identify with others
- (b) utilise others

**67. Which do you wish more for yourself:**

- (a) clarity of reason
- (b) strength of compassion

**68. Which is the greater fault:**

- (a) being indiscriminate
- (b) being critical

**69. Do you prefer the**

- (a) planned event
- (b) unplanned event

**70. Do you tend to be more**

- (a) deliberate than spontaneous
- (b) spontaneous than deliberate

Results

**E     I     S     N     T     F     J     P**

Your type is:

**E/I     S/N     T/F     J/P**

N.B. If you have an X then it means you have equal results for both members of a pair

---

If you score an X on one or more of your pairs of characteristics, then please apply the default which is as follows:

An X in the E and I boxes defaults to an 'I'

An X in the S and N boxes defaults to an 'N'

An X in the T and F boxes defaults to an 'F'

An X in the J and P boxes defaults to a 'P'

### Answer Sheet

Enter a check for each answer in the column for a or b.

Answer Sheet																				
Enter a check for each answer in the column for a or b																				
	a	b		a	b		a	b		a	b		a	b		a	b			
1			2			3			4			5			6			7		
8			9			10			11			12			13			14		
15			16			17			18			19			20			21		
22			23			24			25			26			27			28		
29			30			31			32			33			34			35		
36			37			38			39			40			41			42		
43			44			45			46			47			48			49		
50			51			52			53			54			55			56		
57			58			59			60			61			62			63		
64			65			66			67			68			69			70		
	1	2		3	4		3	4		5	6		5	6		7	8		7	8
							3	4					5	6					7	8
	1	2					3	4					5	6					7	8
	<b>E</b>	<b>I</b>					<b>S</b>	<b>N</b>					<b>T</b>	<b>F</b>					<b>J</b>	<b>P</b>

Directions for scoring

1. Add down so that the total number of “a” answers is written in the box at the bottom of each column (see next page for illustration). Do the same for the “b” answers you have checked. Each of the 14 boxes should have a number in it.

2. Transfer the number in box No. 1 of the answer sheet to box No. 1 below the answer sheet. Do this for box No. 2 as well. Note, however, that you must have two numbers for boxes 3 through 8. Bring down the first number for each box beneath the second, as indicated by arrows. Now add all the pairs of numbers and enter the total in the boxes below the answer sheet, so each box has only one number.

3. Now you have four pairs of numbers. Circle the letter below the larger of each pair. You have now identified your “type.” It should be one of the following:

INFP	ISFP	INTP	ISTP
ENFP	ESFP	ENTP	ESTP
INFJ	ISFJ	INTJ	ISTJ
ENFJ	ESFJ	ENTJ	ESTJ

## ANEXO 2

### **Descrição completa dos 16 tipos**

(em <http://www.keirsey.com/> tradução: Jean Lauand)

#### 1. Os quatro tipos SJ

1.1 ESTJ (Supervisor) ≥ 10 % da população. Altamente ligado em instituições que estruturam a vida social e da comunidade: muitos ESTJ assumem cargos de responsabilidade na escola, igreja, associações de bairro, profissionais, cívicas... São generosos com seu tempo e energias e frequentemente pertencem a (e lideram) clubes de serviço, associações de ex-alunos etc. Valorizam hierarquias e cooperam com os superiores (e esperam cooperação dos subordinados); a hierarquia tem seus deveres (e também seus privilégios). Sentem-se à vontade em organizar esquemas, agendas, inventários de dados (às quais SP são avessos) e preferem fazer o Reasonable, aqui, obviamente, não no sentido de medianos, mas como quando se fala em “chefe razoável”, “sargento razoável” ou “nutricionista razoável”, que se pauta pelo razoável (não esqueçamos que Keirsey dá aos NT o nome rationals) as coisas pelo “caminho das pedras”, por modos já avalizados pela experiência em vez de arriscar novos modos ou improvisação: são pés no chão, arroz-feijão, “time que está ganhando, não mexe”... e também esperam isso dos que estão sob sua “supervisão”: empregados, alunos, cônjuge, filhos. Sentem-se à vontade como avaliadores e, ao avaliar, tendem a julgar em termos do envolvimento da pessoa com os padrões e procedimentos estabelecidos. Têm uma enorme capacidade de trabalho, já manifesta desde a infância (na escola, por ex.) e respeitam os pais como figuras de autoridade. Desde crianças, costumam ser os alunos modelo, responsáveis para com os professores, fazem todo o dever de casa pontualmente. Certinhos, fazem o que se espera deles, raramente questionam os professores, métodos de ensino, padrões e autoridades. E também na vida adulta com o trabalho e a família. Os ESTJ enfocam as relações humanas em bases tradicionais.

Casamento e paternidade são sagrados, tendem a ter um amplo e duradouro círculo de amigos. Reuniões e cerimônias sociais têm muito significado para eles e aguardam com expectativa formaturas, casamentos e bodas, reuniões anuais da turma etc. Em situações sociais, sentem-se à vontade e conversam facilmente com todos, embora tenham uma certa tendência a formalismos. São o que são (“normais”) e as pessoas facilmente os identificam como tais.

1.2 ISTJ (Inspector)  $\leq 10\%$  da população. Superresponsáveis, superconfiáveis. Em casa ou no trabalho são extraordinariamente perseverantes e cientes do dever, especialmente em “estar de olho” para assegurar que nada falhe nas pessoas e produtos que dele dependem. Com seu jeito quieto (cinza), estão vigilantes para que as regras se cumpram, as leis sejam respeitadas e os padrões mantidos. São eles os verdadeiros guardiães (SJ) das instituições. São pacientes no trabalho e com as rotinas da instituição, mas nem sempre o são com comportamento não autorizado de alguns colegas / subordinados. Os ISTJ gostam quando as pessoas estão cientes de seus deveres e seguem as normas e cumprem os prazos. E gostariam que todos fossem responsáveis como ele. Podem ser intransigentes quanto às regras da empresa e não hesitar em reportar irregularidades aos canais competentes; daí que frequentemente são considerados duros e insensíveis e mal interpretados quanto às suas boas intenções. Esse seu zelo pelos padrões e normas é exercido discretamente (o ISTJ é o discreto) e sua dedicação pode passar despercebida e não valorizada. Embora não comunicativos como os ESTJ, os ISTJ são muito sociáveis e se envolvem em associações de serviço da comunidade, como escola dominical, escoteiros etc., que transmitem valores tradicionais aos jovens. Como todos os SJ, prezam as cerimônias sociais da família, bodas, aniversários etc. embora tendam a um retraimento se o evento se estende por muito tempo ou com muita gente. Não se sentem bem com espalhafatos; sua fala tende a ser sóbria e pés no chão, sem exuberâncias ou floreios; seu modo de vestir, simples e sóbrio (e não da última moda); sua casa e escritório limpos, em ordem e tradicional, sem ostentações. Suas coisas – carro, pasta de dente etc. – são standard. Gostam de clássicos e antiguidades e preferem o antigo à última onda.

1.3 ESFJ (Provider)  $\geq 10\%$  da população. Tomam sobre si a responsabilidade pela saúde e bem-estar daqueles de quem cuidam, mas são também os mais sociáveis dos

SJ: são eles que fomentam e mantêm instituições sociais como igrejas, clubes sociais, grupos cívicos etc. Aonde quer que vá, não poupa tempo e energias para que as necessidades dos outros estejam atendidas e aquelas funções sociais exerçam seu papel. São talentosos em fazer que seus ajudantes trabalhem em equipe e são incansáveis em sua atenção para detalhes em proporcionar bens e serviços. São grandes organizadores de bailes, banquetes, reuniões da turma, em grangear fundos para caridade etc. Incomparáveis mestres de cerimônia, falam em público com desembaraço. Notáveis como anfitriões, sabem o nome de cada convidado e o que cada um anda fazendo; e busca que todos estejam envolvidos e bem atendidos. Sociáveis, podem sentir-se incômodos quando estão sozinhos. A amizade é muito importante para os ESFJ e as conversas com os amigos frequentemente voltase para recordar os bons tempos do passado. Tradições de família são sagradas e preparam com cuidado aniversários, bodas etc. São fascinados por saber novidades dos amigos e vizinhos: se v. quiser saber o que anda acontecendo na comunidade local (escola, paróquia etc.) eles darão todos os detalhes. São extremamente sensíveis aos sentimentos dos outros (o ESFJ é talvez o tipo mais empático) e também muito susceptíveis ao que os outros pensam deles. Sendo amáveis e afetivos, precisam ser amados e considerados pelos demais. Podem ser esmagados pelas críticas; mas são extremamente felizes quando são apreciados pessoalmente e pelo incansável serviço que prestam aos demais.

1.4 ISFJ (Protector) ≤ 10 % da população. Sorte nossa que os Protetores atingem cerca de 10% da população, pois seu interesse principal é a segurança e a proteção daqueles de quem eles se ocupam – sua família, alunos, amigos, pacientes, chefe, colegas ou empregados. Os Protetores têm um extraordinário sentido de lealdade e responsabilidade e se sentem realizados ao proporcionarem escudos contra os perigos e sujeiras do mundo. Não são dados a teorias ou a testar coisas novas, preferindo valer-se de produtos e procedimentos consagrados pelo tempo em vez de mudar para coisas novas. No trabalho, sentem-se desconfortáveis em situações nas quais as regras estão constantemente mudando e nos quais os procedimentos estabelecidos pelos anos não são respeitados. Valorizam a tradição na cultura e em suas famílias. Acreditam profundamente na hierarquia conferida por nascimento, títulos, cargos e credenciais. Prezam a história da família e gostam de cuidar das propriedades da família. Gostam

de estar ao serviço dos outros e são excelentes em assistir necessitados, deficientes e oprimidos. Não são extrovertidos como os ESFJ e sua timidez pode ser erradamente interpretada como dureza ou frieza, quando na verdade são acolhedores e compreensivos, dedicando-se de bom grado aos necessitados. Na verdade, sua reserva deve ser vista como expressão de sua sinceridade e seriedade. O mais dedicado de todos os tipos, os ISFJ gostam de trabalhar dura e longamente e naqueles trabalhos que ninguém reconhece e todos evitam. Frequentemente gostam de trabalhar sozinhos; se são chefes podem fazer o trabalho eles mesmos em vez de encarregar outros. Sóbrios e discretos. Se assumem uma tarefa entregam-se totalmente a ela. Valorizam cada real e detestam o desperdício de dinheiro. Sabem o valor de poupar e de dispor de reservas para emergências. Frequentemente estão sobrecarregados de trabalho, sem reconhecimento por parte dos outros. Suas contribuições são dadas por assente e raramente recebem a gratidão que merecem.

## 2. Os quatro tipos SP

(em <http://www.keirsey.com/> trad. Jean Lauand)

2.1 ESFP (Performer) -  $\geq 10\%$  da população. Performers têm a especial capacidade (mesmo entre os SP) de encantar o ambiente com seu calor, bom humor e com sua (frequentemente extraordinária) habilidade em música, piadas, imitações, interpretação teatral. No trabalho, com amigos, em família, os ESFP são excitantes e muito engraçados e seu interesse social é proporcionar aos outros um break nas preocupações e trabalho e se animarem e desfrutar da vida. São fonte de alegria e prazer para os demais. A eles se pode aplicar a sentença de Shakespeare: “o mundo todo é um palco”; são entertainers natos, amam a excitação de estar diante de uma “plateia”: quando chegam, em poucos minutos, tornam-se o centro das atenções. Sofrem se estão sozinhos e procuram (e, obviamente, acham) companhia. São agradáveis, falantes e espirituosos; sabem sempre as últimas piadas, trocadilhos, sacadas etc. Para os ESFP, a vida deve ser vivida intensamente e estão sempre ligados na moda, comida, bebida e música. Vívidos e desinibidos são “a alma da festa”, sempre tentando criar um

ambiente de alegria, comer e beber... O talento do ESFP para gozar a vida é saudável na maior parte das vezes, mas também o faz mais sujeito a tentações do que os outros tipos. O prazer é um fim em si mesmo e a variedade é o tempero da vida: estão abertos a experimentar quase tudo que ofereça “a good time”, nem sempre avaliando bem as consequências. Como os outros SP, são otimistas incorrigíveis, sempre olhando para o lado bom e tentando ignorar, tanto quanto possível, problemas, aborrecimentos e preocupações, São os mais generosos de todos os tipos e em segundo lugar (o 1º. é o ISFP) em gentileza (kindness). O que é deles é seu também e não têm sentido de poupar: dão o que têm sem expectativa de retribuição. Veem a vida como uma permanente cornucópia, da qual vão brotando, inesgotavelmente, prazeres.

2.2 ISTP (Crafters) -  $\leq 10\%$  da população. A natureza dos ISTPs se mostra mais em seu exímio domínio de ferramentas, equipamentos, máquinas e instrumentos de todo tipo. Desde pequenos são atraídos magneticamente por ferramentas: elas vêm às suas mãos pedindo para serem usadas. Como todos os SP, ISTPs amam a ação, e intuem instintivamente que ela será mais agradável e eficaz se feita por impulso, espontaneamente, sem estar sujeita a esquemas ou padrões pré-estabelecidos. Em certo sentido, os ISTP não trabalham com suas ferramentas, mas brincam com elas, quando bate o impulso. Também buscam diversão e jogos no impulso, procurando ocasião de usar seus “brinquedos”, que podem ser carros, motos, rifles de caça, apetrechos de pesca, e mergulho etc. Buscam excitação, especialmente em corridas de carro, esqui aquático, surfe etc. Destemidos nesse seu “brincar”, expõem-se ao perigo uma e outra vez, apesar dos frequentes ferimentos. Não é fácil conhecer os ISTPs: talvez porque tendam a se comunicar com ação e não se interessem por desenvolver habilidades verbais. Essa falta de comunicação pode deixá-los isolados na escola ou no trabalho e mesmo que se enturmem com os de seu tipo, sua conversa é escassa. Podem ser muito generosos e leais aos amigos e colegas, abdicando de seus fins de semana e tempo livre para consertos e projetos, trabalhando em carros e botes. Por outro lado, podem ser ousadamente insubordinados para com a autoridade, desprezando regras e regulamentos, que, para ele, são uma complicação desnecessária. Não que se insurjam abertamente contra os regulamentos, simplesmente os ignoram. Mais do que tudo, prezam a liberdade para sua ação e sentem-se orgulhosos dessa sua capacidade “artística”.

2.3 ISFP (Composer) -  $\leq 10\%$  da população. Mais do que os outros SP, os ISFP estão em sintonia com em seus sentidos e especialmente ligados em todos os tipos de obra de arte. Enquanto outros SP têm habilidades com ferramentas, pessoas e entretenimento, os ISFP têm uma excepcional capacidade inata para lidar com sutis diferenças de cor ou de tom, textura, aroma ou sabor. Dedicando longas horas solitárias à sua arte, são tão impulsivos como os demais SP. Não esperam, agem, no aqui e agora, com pouco ou nenhum planejamento. Estão dominados pela composição, como se fossem arrebatados por um furacão. Os ISFP pintam ou esculpem; dançam ou fazem skate, compõem melodias ou receitas de pratos, ou seja lá o que for como um imperativo. Essa capacidade de se perder na ação conta para os resultados espetaculares individuais de alguns ISFP e em seu lado social mostram uma gentileza incomparável. Os ISFP são especialmente sensíveis à dor e ao sofrimento dos outros e solidarizam-se com os que sofrem. Alguns têm notável jeito para lidar com crianças pequenas, com um natural vínculo de compreensão e confiança com elas. Alguns têm esses laços até com animais, mesmo animais selvagens. Muitos ISFP sentem um instintivo desejo da natureza, mesmo da inexplorada. Os ISFP são muito difíceis de serem observados e são mal interpretados. A dificuldade geralmente procede de sua tendência a não se expressarem verbalmente, mas por meio de sua arte. Em geral, não se interessam por desenvolver capacidade de falar em público ou mesmo na arte da conversação; preferem sentir o pulsar da vida pelo toque, músculos, pelos olhos, ouvidos etc. Sim, querem partilhar sua visão de mundo, desde que achem algum meio não verbal, artístico e só aí, então, revelam seu caráter.

2.4 ESTP (Promoters) -  $\geq 10\%$  da população. Gente de ação, a vida nunca está parada ao redor deles. Quando o ESTP está presente, as coisas começam a acontecer: as luzes se acendem, a música toca, o jogo começa. Cheios de vida e divertidos, mesmo as situações mais banais parecem excitantes. Sempre buscam novas atividades e desafios. Ousados e otimistas assumem grandes riscos para obter o que querem. São os melhores administradores de problemas de emergência, grandes negociadores e podem ser grandes empreendedores de iniciativas. Os ESTP têm também um forte apetite pelas coisas finas da vida: a melhor comida, o melhor vinho, carros caros e roupas de grife. São sofisticados nos círculos sociais e conhecem muitíssimas pessoas pelo nome

e sabem dizer a coisa certa para todos que encontram. Charmosos e populares, fazem a delícia dos amigos com seu infinito repertório de piadas e casos. Mas, ao mesmo tempo, são um certo mistério para os outros. Vivendo para o momento e para o imprevisto, raramente deixam alguém ganhar intimidade. Têm baixa tolerância para autoridade e compromisso e tendem a abandonar situações quando chega a hora de se enquadrar ou tocar o segundo violino. Os ESFP sabem que o mais veloz fica sozinho, embora sua solidão não tenda a durar muito, pois sua ousadia e gosto por aventura tornam-no muito atraente para muitas pessoas.

### 3. Os quatro tipos NF

(em <http://www.keirsey.com/> trad. Rita de Cassia Scocca Luckner)

3.1 ENFJ (Teacher). Mais que os outros idealistas, os ENFJ tem um talento natural para conduzir alunos ou estagiários à aprendizagem, ou como os Idealistas gostam de pensar, eles são capazes de colocar cada aluno diante das próprias potencialidades. Os ENFJ (cerca de dois por cento da população) podem sem esforço, ao que parece, e quase que indefinidamente, elaborar atividades de aprendizagens fascinantes para engajarem os alunos nisso. Em alguns ENFJ, essa capacidade de inflamar a imaginação pode ser comparada a uma espécie de genialidade que os outros tipos acham difícil reproduzir. Mas talvez, a maior força deles encontra-se na crença que eles possuem nos alunos. Os ENFJ procuram o melhor em seus alunos e deixam claro que cada um tem um potencial incalculável, e essa confiança pode inspirar os alunos a crescerem e desenvolverem mais do que eles possam imaginar que seja possível. Qualquer que seja o campo escolhido por eles, os ENFJ consideram as pessoas a maior prioridade, e instintivamente eles transmitem uma preocupação pessoal e disposição para se envolverem. Calorosamente extrovertidos e talvez, os mais expressivos de todos os tipos, os ENFJ são extraordinariamente bons na comunicação de um discurso, face a face. E eles não hesitam ao falar e demonstrar seus sentimentos. Transbordando entusiasmo, os ENFJ irão expressar suas paixões com dramaticidade, e podem, com a prática, se tornarem palestrantes carismáticos. Essa habilidade verbal dá aos ENFJ uma boa dose de influência em atividades coletivas, e eles são frequentemente convidados a assumir um papel de liderança. Os ENFJ gostam de organização e irão agendar seu

horário de trabalho e compromissos sociais bem antes do tempo, por causa disso, eles são absolutamente confiáveis para honrarem esses compromissos. Por valorizarem a cooperação interpessoal e as relações harmoniosas, os ENFJ são extremamente tolerantes com os outros, são fáceis de conviver e são, geralmente, populares onde quer que estejam. Os ENFJ são bastante compassivos aos outros, o que significa dizer que a intuição deles tende a ser bem desenvolvida. Certamente a visão deles sobre si e sobre os outros é incomparável. Sem dúvida, eles sabem o que está acontecendo dentro deles mesmos e eles podem ler outras pessoas com uma precisão fantástica. Os ENFJ facilmente se conectam aos outros, e efetivamente, captam as características, emoções e crenças daqueles que os cercam. Porque eles, quase que inconscientemente, conseguem se colocar no lugar do outro, e dessa forma, os ENFJ sentem-se estreitamente ligados às pessoas ao seu redor, e demonstram um sincero interesse pelas alegrias e problemas de seus funcionários, colegas, estudantes, clientes e entes queridos.

3.2 INFJ (Counselor) Os INFJ têm um desejo excepcionalmente forte para contribuir com o bem estar dos outros, e encontram grande satisfação pessoal em interagir com as pessoas, estimulam o desenvolvimento pessoal, orientando-as a perceber o potencial humano que elas possuem. Embora sejam felizes trabalhando em posições (tais como a de escritor) que requer solidão e muita atenção, os INFJ trabalham muito bem com pessoas ou com grupos de pessoas, desde que as interações pessoais não sejam superficiais e que, de vez em quando eles encontrem um tempo pessoal para recarregar as baterias. Os INFJ são tanto gentis como positivos ao lidarem com os outros; eles são ótimos ouvintes e parecem naturalmente interessados em ajudar as pessoas com problemas pessoais. Geralmente, os INFJ não demonstram a liderança, e preferem trabalhar com pessoas próximas a eles, especialmente em bases individualizadas, exercendo a sua influência nos bastidores. Os INFJ são minoria, pouco mais de três por cento da população, e pode ser difícil reconhecê-los, uma vez que eles tendem a não compartilhar seus pensamentos mais íntimos ou reações emocionais fortes, exceto com seus entes queridos. Eles são pessoas muito reservadas, com uma vida interior extraordinariamente rica e complexa. Amigos ou colegas, que os conhecem por anos, podem se surpreender ao se depararem com um lado desconhecido dele. Não que os INFJ sejam volúveis ou dispersos, eles realmente valorizam sua integridade, mas têm

personalidade misteriosa, primorosamente tecida, que às vezes confundem até mesmo eles. Os INFJ tendem a trabalhar de forma eficaz em organizações. Eles valorizam a harmonia da equipe, e não medem esforços para ajudar uma organização a funcionar perfeitamente. Eles compreendem e utilizam recursos humanos criativamente, são bons em consultar e cooperar com os outros. Como empregado ou empregador, os INFJ são preocupados com os sentimentos das pessoas, e são capazes de agir como um barômetro dos sentimentos dentro da organização. Abençoados com uma imaginação vívida, os INFJ são vistos muitas vezes como os mais poéticos de todos os tipos, e de fato eles usam muitas imagens poéticas em sua linguagem cotidiana. Seu grande talento para a linguagem – tanto escrita como falada – normalmente é direcionada para se comunicar com pessoas de uma forma personalizada. Os INFJ são altamente intuitivos e podem reconhecer as emoções e intenções do outro – boas ou más – mesmo antes que a pessoa esteja ciente delas. Os próprios INFJ dificilmente podem dizer como chegaram a ler os sentimentos dos outros tão profundamente. Essa extrema sensibilidade para outros pode muito bem ser a base da notável capacidade do Conselheiro de experimentar toda uma gama de fenômenos psíquicos.

3.3 ENFP (Champion) Como outros Idealistas, os ENFP são muito raros, pode-se dizer de três a quatro por cento da população, mas, ainda mais do que os outros, eles consideram as experiências emocionais intensas como sendo essenciais para uma vida plena. Os ENFP possuem um amplo e variado conjunto de emoções e uma grande paixão pela novidade. Eles veem a vida como um emocionante teatro, que cria possibilidades tanto para o bem como para o mal, e querem experimentar todos os acontecimentos significativos e pessoas fascinantes do mundo. Os mais extrovertidos dos Idealistas, os ENFP muitas vezes não conseguem esperar para contar aos outros sobre suas experiências marcantes. Os ENFP podem ser incansáveis ao falar com outras pessoas, sendo como fontes borbulhantes que derramam suas próprias palavras ao se expressarem. E geralmente, isso não é um simples contar de histórias, os ENFP muitas vezes falam (ou escrevem), na esperança de revelarem alguma verdade sobre a experiência humana, ou de motivar os outros com suas firmes convicções. Seu forte impulso para falar sobre questões e fatos, além de seu entusiasmo sem limites e talento natural com a linguagem, os tornam os mais vivazes e inspiradores de todos os tipos. Ousadamente individualistas, os ENFP lutam por uma autenticidade pessoal, e essa

vontade de serem eles mesmos é, geralmente, algo cativante aos outros. Ademais, os ENFP têm uma notável força intuitiva e podem dizer o que está acontecendo com as outras pessoas, lendo as emoções implícitas e dando especial importância às palavras e ações. Na verdade, os ENFP estão sempre analisando o ambiente social, e nenhum aspecto intrigante, ou impulso silencioso está propenso a escapar de sua atenção. Muito mais que os demais idealistas, os ENFP são interessados, sondam e observam as pessoas ao seu redor e são capazes de se concentrarem intensamente em outro indivíduo. Sua atenção raramente é passiva ou casual. Ao contrário, os ENFP tendem a serem mais sensíveis e alertas; sempre prontos para situações de emergência, além de atentos a possíveis acontecimentos. Os ENFP são bons com pessoas e normalmente, têm uma série de relacionamentos pessoais. Eles são acolhedores e esbanjam energia com seus amigos. Eles são simpáticos e ficam à vontade com seus colegas, além de terem grande habilidade para lidarem com funcionários ou alunos. Eles são bons para falarem em público e ao telefone, e por serem tão espontâneos e extrovertidos, as pessoas apreciam estar na companhia deles. Os ENFP são pessoas positivas e exuberantes; sua confiança no que há de bom na vida e na natureza humana geralmente faz com que coisas boas aconteçam.

3.4 INFP (Healer) Os INFP apresentam um semblante calmo e sereno para o mundo, e podem parecer tímidos e distantes. Mas na verdade, em seu interior não são nada serenos e possuem uma capacidade pessoal de cuidar das pessoas que, raramente é encontrada nos demais tipos. Os INFP se preocupam profundamente com a vida interior de algumas poucas pessoas em especial, ou com uma causa mundial em geral. E a grande paixão deles é cuidar dos conflitos que afligem os indivíduos, ou separar grupos, e assim, trazer integridade, ou uma via saudável para si mesmos, para seus entes queridos e para a comunidade. Os INFP têm um profundo senso de idealismo que vem de uma forte percepção do que é certo e errado. Eles interpretam o mundo como um lugar de ética e honra; repleto de ótimas possibilidades e grande potencial. Na verdade, para entendermos os INFP precisamos compreender que seu engajamento com o que é positivo e bom é quase altruísta e ilimitado, e isso os inspira a inimagináveis sacrifícios por alguém ou algo do qual acreditam. Ao se manterem longe do resto da humanidade, os INFP podem se sentir ainda mais isolados pela pureza de seu idealismo. Além disso, por serem muitas vezes incompreendidos na infância, os

INFP tendem a ter uma sensação de separação. Os INFP vivem uma infância de fantasia e imaginação, eles são como príncipes ou princesas dos contos de fadas, fato que é, infelizmente, muitas vezes motivo de desaprovação ou até mesmo punição por parte de muitos pais. Como os pais querem manter as mentes deles fora das nuvens, os INFP passam a acreditar que são ruins por serem tão fantasiosos e sonhadores, e começam a ser sentir como patinhos feios. Na verdade, estão bem do jeito que são; apenas diferentes da maioria – cisnes criados em uma família de patos. No trabalho, os INFP são pessoas bem adaptáveis, receptivas às novas ideias e informações, são pacientes ao lidarem com situações complicadas, porém, são impacientes com detalhes de rotina. Os INFP têm plena consciência das pessoas e de seus sentimentos, e se relacionam bem com os outros. No entanto, por serem reservados, podem se sentir felizes ao trabalharem sozinhos. Ao tomarem decisões, os INFP seguem o coração ao invés da razão, o que significa que eles podem cometer erros em relação ao fato, porém raramente em relação ao sentimento. Eles têm um interesse natural para atividades acadêmicas, e como os outros idealistas, têm uma notável facilidade com a linguagem. Eles têm dom para interpretar histórias, assim como para criá-las, dessa forma, muitas vezes escrevem em forma poética. Frequentemente estão à disposição para sair pelo mundo a ajudar aos outros quando são chamados, mesmo que para isso precisem sacrificar seu próprio conforto.

#### 4. Os quatro tipos NT

(em <http://www.keirseey.com/> trad. Ariadne Guimarães Dias)

4.1 INTP (Architect) Os INTPs não precisam ser identificados como unicamente interessados em plantas para prédios, estradas ou pontes. Eles são mestres do design de todos os tipos de sistemas teóricos, incluindo currículos escolares, estratégias corporativas e novas tecnologias. Para eles, o mundo existe primariamente para ser analisado, entendido, explicado e re-projetado. A realidade externa em si não é importante, é mais matéria prima a ser organizada em modelos estruturais. O que é importante para os INTPs é a captar princípios fundamentais e leis naturais, e que seus designs sejam elegantes, eficientes e coerentes. Os INTPs são raros – cerca de 1% da

população – e, mais do que qualquer outro tipo, manifestam a maior precisão em pensamento e fala. Tendem a perceber distinções e inconsistências instantaneamente e podem detectar contradições não importa quando ou onde elas ocorram. É difícil para um INTP ouvir coisas sem sentido, mesmo em uma conversa casual, sem apontar o erro do interlocutor. E em uma discussão séria ou debate são devastadores, sua habilidade em enquadrar os argumentos lhes proporciona uma vantagem enorme. INTPs consideram todas as discussões como uma busca de entendimento, e acreditam que sua função seja eliminar inconsistências, o que pode tornar a comunicação com eles uma experiência desconfortável para muitos. Pragmatismo impiedoso sobre ideias e curiosidade insaciável levam os INTPs a encontrar os meios mais eficientes para atingir seus fins e eles apreenderão de todas as maneiras e níveis que eles puderem. Ouvirão amadores se suas ideias foram úteis, e vão ignorar especialistas se não o forem. Autoridade derivada de ofício, credenciais ou celebridade não os impressionam. INTPs são interessados somente no que faz sentido e, portanto, somente afirmações consistentes e coerentes são dignas de atenção. INTPs muitas vezes são difíceis de conhecer. Eles tendem a ser tímidos, exceto com os amigos íntimos, e sua reserva é difícil de vencer. Com uma habilidade para a concentração maior que do qualquer outro tipo, eles preferem trabalhar em silêncio em seus computadores ou pranchetas, e geralmente sozinhos. Também tornam-se obcecados com a análise, e isso pode blindá-los do mundo. Uma vez capturado pelo pensamento, fecha-se e persevera até compreender a questão em sua complexidade. Eles valorizam a inteligência e, em seu grande desejo de compreender a estrutura do universo, podem parecer arrogantes e revelar alguma impaciência com os outros, menos habilitados ou interessados nesse propósito.

4.2 ENTP (Inventor) ENTPs começam a construir engenhocas e mecanismos ainda na infância, e nunca param de fato, embora, como adultos, transformem sua inventividade em muitos tipos de organizações, tanto sociais quanto mecânicas. Não existem muitos ENTPs, digamos 2% da população apenas, mas eles têm grande impacto em nosso cotidiano. Com suas inovações, espírito empreendedor, estão sempre à procura de uma solução melhor, sempre de olho em novos projetos, empreendimentos, processos. Sempre desejando construir “o novo pulo do gato”. São profundamente pragmáticos e geralmente se transformam em especialistas em encontrar modos mais eficazes de

atingir seus objetivos. De todos os tipos são os que mais relutam em fazer coisas de um modo particular, somente porque este é o modo como as coisas têm sido feitas. Como resultado, eles muitas vezes trazem novas abordagens para seus trabalhos e afazeres. ENTPs são intensamente curiosos e continuamente sondam possibilidades, especialmente quando tentam resolver problemas complexos. São repletos de ideias, mas valorizam as ideias somente quando eles tornam possíveis ações e objetos possíveis. Assim, eles vêem o design do produto não como um fim em si, mas como um meio, um caminho de elaboração do protótipo que funciona e que pode ser trazido a mercado. ENTPs são confiantes em seu pragmatismo, contam com suas habilidades para encontrar formas e métodos eficazes, quando eles são necessários, ao invés de fazer um plano detalhado com antecedência. Uma ideia geral é tudo que eles precisam para se sentir pronto para entrar em ação. Costumam ter um animado círculo de amigos e são interessados em suas ideias e atividades. São geralmente fáceis de lidar, raramente críticos ou implicantes. ENTPs podem ser conversadores animados, capazes de expressar suas ideias complexas e de seguir as ideias de outros. Quando questionam, no entanto, podem deliberadamente empregar suas habilidades de debate para superar notoriamente seus oponentes. Geralmente não são conformistas em seu local de trabalho e podem ser bem sucedidos em muitas áreas contanto que o emprego não envolva uma rotina monótona. Eles são bons líderes em projetos-piloto que testam sua engenhosidade. São hábeis na engenharia das relações e sistemas humanos, captam rapidamente a política das instituições e sempre querem entender as pessoas dentro do sistema, em vez de lhes dizer o que fazer. Não importa que posição ocupem, porém, revelam um talento extraordinário para se alçar às demandas mesmo nas mais impossíveis situações. “Isto não dá para ser feito” é um desafio para o ENTP e provoca nele a reação “Sim, eu posso”.

4.3 INTJ (Mastermind) Todos NTs são bons em planejar operações, mas os INTJs estão muito acima de todos no planejamento de contingências. Operações complexas envolvem muitos passos e estágios, um depois do outro em uma progressão necessária, e os INTJs são naturalmente habilitados a compreender como cada um leva ao próximo, e a preparar alternativas para as dificuldades que podem aparecer a qualquer passo do caminho. Tentando antecipar todas as contingências, nunca iniciam seu projeto atual sem um Plano A definido em mente, mas eles sempre estão preparados

para trocá-lo para o Plano B ou C ou D - se necessário. INTJs são raros, compreendem não mais que um ou dois por cento da população, e são raramente encontrados fora dos escritórios, fábricas, escolas ou laboratórios. Embora sejam altamente capazes de liderar, não desejam tomar o comando, preferindo permanecer nos bastidores enquanto outros demonstram suas inabilidades em liderar. Uma vez que eles assumam, no entanto, eles são pragmáticos minuciosos. INTJs têm certeza de que a eficiência é indispensável numa organização bem-sucedida, e se eles encontram ineficiência – e qualquer desperdício de recursos humanos ou materiais – são rápidos em realinhar as operações e designar novas pessoas. Não se sentem atados por regras e procedimentos estabelecidos, e autoridades tradicionais não os impressionam, assim como slogans ou frases feitas. Somente ideias que fazem sentido para eles são adotadas; as que não fazem sentido, não o são, independentemente de quem as tenha tido. Lembre-se, seu objetivo é sempre o máximo de eficiência. Em suas carreiras, usualmente os INTJs despontam em posições de responsabilidade, porque trabalham duro, por longo tempo, e se dedicam a perseguir seus objetivos, não poupando nem seu tempo, nem esforço, nem o de seus colegas e empregados. Resolver problemas é altamente estimulante para eles, que amam trabalhar com sistemas complexos que demandam cuidadosa análise. Geralmente, verbalizam o positivo e evitam comentários de natureza negativa. São mais interessados em levar uma organização adiante do que deter-se diante dos erros do passado. INTJs tendem a ser mais definitivos e autoconfiantes que os outros NTs, tendo uma forte determinação. As decisões são fáceis para eles; de fato, eles mal podem descansar até que tenham tudo definido e resolvido. Mas antes que decidam qualquer coisa, eles precisam fazer pesquisa. São altamente teóricos, mas insistem em examinar todos os dados disponíveis antes de abraçar uma ideia, e desconfiam de qualquer declaração baseada em uma pesquisa de má qualidade, ou que não foi checada em confronto com a realidade.

4.4 ENTJ (Fieldmarshal). Dentre os quatro aspectos da definição e análise estratégicas é o papel de comando, organização situacional que alcança o seu ápice e maior desenvolvimento no ENTJ. E como o desempenho desse papel demanda gerenciamento sob contingência, a segunda característica do intelecto deste tipo é divisar planos de contingência. A engenharia estrutural e funcional, embora praticada em algum grau ao longo das operações organizacionais, tendem a não ser bem

desenvolvidas e logo são ultrapassadas com o rápido crescimento de habilidades em organização. Mas é preciso dizer que qualquer tipo de exercício estratégico tende a trazer maior força à engenharia, bem como habilidades de organização. Cerca de 2% da população, os ENTJs são voltados a liderar outras pessoas, e desde crianças podem ser observados assumindo o comando de grupos. Em alguns casos, eles simplesmente encontram-se no comando de grupos, e ficam intrigados sobre como isso aconteceu. Mas a razão é que eles têm um forte desejo natural para dar estrutura e direção onde quer que estejam - para aproveitar as pessoas disponíveis e encaminhá-las para alcançar objetivos distantes. Assemelham-se aos ESTJ em sua tendência para estabelecer planos para uma tarefa, empresa, ou organização, mas ENTJs procuram mais por políticas e objetivos do que regulamentos e procedimentos. É impossível para eles não construir organizações, e não podem deixar de impelir para implementar seus objetivos. Quando no comando de uma organização, seja no serviço militar, negócios, educação, ou no governo, mais do que qualquer outro tipo, desejam (e geralmente têm a capacidade) de visualizar para onde a organização está indo, e eles parecem ser capazes de comunicar essa visão para outros. Suas habilidades organizacionais e de coordenação tende a ser altamente desenvolvidas, o que significa que é de esperar que sejam bons em sistematizar, ordenar prioridades, generalizar, resumir, articular argumentos e demonstrar suas ideias. Sua capacidade de organizar, no entanto, pode ser mais desenvolvida do que a sua capacidade de analisar, e o líder ENTJ pode precisar de recorrer a um ENTP ou INTP para fornecer esse tipo de contribuição. ENTJ s geralmente vão subir para posições de responsabilidade e gostam de ser executivos. Eles são incansáveis no devotamento a seu trabalho e podem facilmente bloquear outras áreas da vida por causa da profissão. Administradores excelentes em qualquer campo - medicina, direito, negócios, educação, governo, militares - organizam suas unidades como sistemas que funcionam bem, planejando com antecedência e mantendo os objetivos de curto prazo e de longo alcance bem em mente. Para o ENTJ deve haver sempre uma razão direcionada para fazer qualquer coisa, e os sentimentos das pessoas geralmente não são razão suficiente. Eles preferem que as decisões sejam baseadas em dados impessoais, querem trabalhar em planos bem pensados, gostam de usar operações de engenharia - e esperam o mesmo dos outros. Eles estão sempre com a intenção de reduzir a papelada da burocracia, redundância de tarefas e confusões no local de trabalho, e estão dispostos a demitir funcionários que

não sintonizem com o programa e não contribuam para sua eficiência. Embora sejam tolerantes com os procedimentos estabelecidos, eles podem e irão abandonar qualquer procedimento que se revelar ineficaz no cumprimento dos objetivos. ENTJs rejeitam e eliminam a ineficácia e ineficiência, e são impacientes com a repetição de erros.

## **Glossário de Siglas utilizadas por David Keirsey**

*Nota prévia:* utilizamos as siglas do próprio Keirsey. Para nós, essas siglas são duplamente úteis, pois além de abreviarem, elas ocultam o – por vezes infeliz e desorientador – significado original do termo. É o caso, por exemplo, dos fatores J e P, que abreviam *Judgement* (Julgamento) e *Perception* (Percepção) e que, na realidade, nada têm que ver com o que o leitor entende por julgamento e percepção e só lhe trariam confusão. Preferimos, portanto, dar uma breve explicação informal do significado **real** que cada sigla tem em nosso trabalho (afinal, ninguém precisa “decifrar” os acrônimos Fifa e Conmebol: basta saber que são as Confederações mundial e sul americana de futebol).

### **Os 4 pares de fatores keirseyanos:**

**E** – Extroversão.

**I** – Introversão.

**J** – Preferência por situações “fechadas”, já com a decisão tomada

**P** – Preferência por situações “abertas”, com a decisão ainda por tomar

**F** (Feeling) – preferência pela abordagem pessoal das situações, valorizando sentimentos e emoções.

**T** (Thinking) – preferência pela abordagem “fria, objetiva e racional” das situações.

**S** (Sensible) – o realismo de “pés no chão”, fatos são fatos e a pessoa se atém aos fatos.

**N** (iNtuition) – pessoa intuitiva, imaginativa; valoriza as possibilidades e está voltada para o futuro.

### **Os 4 temperamentos básicos (SJ; SP; NF e NT):**

**SJ** (Guardião) – voltado para o dever, a responsabilidade, a lei, as normas e organizações da sociedade.

**SP** (Artesão) – voltado para a ação, a liberdade, a impulsividade; na disfunção: a irresponsabilidade.

**NF** (Idealista) – voltado para o significado e o desenvolvimento do self, do “humano”.

**NT** (Racional) – voltado para a compreensão racional e domínio dos problemas da natureza e da sociedade.

**Os 16 tipos: Formam-se complementando cada um dos 4 temperamentos com os 2 fatores faltantes.**

**ESFJ, ESTJ, ISFJ, ISTJ**

**ESFP, ESTP, ISFP, ISTP**

**ENFJ, ENFP, INFJ, ENFP**

**ENTJ, ENTP, INTJ, INTP**